

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLER

DELIA OWENS

LÁ, ONDE O VENTO CHORA

«Dolorosamente bonito. Uma história de crescimento e solidão que é também um mistério e ainda uma celebração da Natureza.»

THE NEW YORK TIMES REVIEW





DELIA OWENS

é coautora de três livros de não ficção, sucessos de vendas internacionalmente reconhecidos, sobre a sua experiência como cientista da vida selvagem, em África. Zoóloga formada pela Universidade da Geórgia, tem ainda um doutoramento em comportamento animal pela Universidade da Califórnia. Venceu o John Burroughs Award para artigos sobre Natureza. Foi publicada em várias revistas de referência na área da ecologia e da vida selvagem.

Delia Owens vive em Idaho. *Lá, onde o vento chora* é o seu primeiro romance.

Lá, onde o vento chora

Delia Owens

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Where the Crawdads Sing

Copyright © 2018 by Delia Owens

Published by arrangement with G. P. Putnam's Sons, an imprint of
Penguin Publishing Group, a division of Penguin Random House LLC.

Tradução: Leonor Bizarro Marques

Design da capa: Na Kim

Imagens da capa: Baseada numa fotografia original de Andrew Geiger
(pessoa numa canoa); John & Lisa Meril/Getty Images (imagens de
fundo).

Adaptação da capa para a versão portuguesa: NOR 267

1.^a edição em papel: julho de 2019

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67851-5

Outros títulos de Delia Owens

Secrets of the Savanna

They Eye of the Elephant

Cry of the Kalahari

Para Amanda, Margaret e Barbara

Brindo à vossa saúde.
Pois se nunca vos tivesse visto,
jamais vos teria conhecido.

Mas vi-vos.
Conheci-vos
E sempre vos amei

Parte 1

O Pantanal

Prólogo

1969

Um pantanal não é um pântano. Um pantanal é um espaço de luz, onde a erva cresce na água e a água flui para o céu, um espaço de riachos errantes e lentos, que transportam até ao mar a própria orbe do sol, onde aves de pernas longas levantam voo com inesperada elegância – como se não fossem originalmente concebidas para voar – sob o estrépito de milhares de gansos das neves.

É dentro do próprio pantanal que surge o verdadeiro pântano – aqui e ali – em baixios lodacentos, escondidos em florestas húmidas. As águas do pântano são paradas e escuras e a sua garganta lamacenta parece devorar a luz. Até os vermes noturnos são diurnos ali. Ouvem-se sons, claro, mas em comparação com o pantanal, o pântano é um local silencioso, porque a decomposição é uma tarefa celular. A vida apodrece, fede e regressa à lama pútrida, ressurgindo desse grito pungente de morte.

Na manhã de 30 de outubro, de 1969, o corpo de Chase Andrews jazia no pântano, que poderia tê-lo absorvido silenciosamente, dia após dia, ocultando-o para sempre. Um pântano sabe tudo acerca da morte e não a entende, necessariamente, como uma tragédia, muito menos como um pecado. Mas naquela manhã, dois rapazes da aldeia foram de bicicleta até à velha torre de vigia e viram o blusão de ganga de Chase, do terceiro lanço de escadas.

1

Mãe

1952

O sol estava tão quente naquela manhã de agosto, que os carvalhos e os pinheiros pareciam sufocados na neblina húmida do pantanal. Tirando o lento e suave bater de asas das garças que levantavam voo da lagoa, os campos de palmitos estavam invulgarmente silenciosos. Foi então que Kya – na altura, apenas com seis anos – ouviu a porta de rede bater. Parou de raspar restos de papas de aveia de dentro da panela, de pé em cima do banco, e mergulhou-a dentro da bacia com água suja, já quase sem espuma. Agora já só ouvia a sua própria respiração. Quem teria saído da cabana? A mãe não fora, com certeza, pois nunca deixava a porta bater.

Mas quando Kya correu para o alpendre, viu a mãe percorrer o caminho de areia, de saia comprida castanha e saltos altos, sacudindo com os pés as pregas que lhe batiam nos tornozelos. Os sapatos de biqueira larga, em imitação de pele de crocodilo, eram o único par de sapatos que ela tinha para sair. Kya queria chamá-la, mas sabia que era melhor não acordar o pai, por isso abriu a porta e ficou ao cimo dos degraus de tijolo e madeira. Foi então que viu que a mãe levava uma maleta azul na mão. Com a confiança habitual de uma cria, Kya sabia que a mãe voltaria com um pedaço de carne embrulhado num papel gordurento castanho ou com uma galinha de cabeça pendurada para baixo. O certo é que nunca a vira sair de sapatos de crocodilo e maleta.

Sempre que chegava à estrada, ao fundo do caminho de areia, a mãe costumava olhar para trás, de braço no ar, e acenar-lhe com a palma da mão branca, antes de virar para o trilho sinuoso que a levaria à cidade, por entre lagoas de taboas e floresta pantanosa, se a maré o permitisse. Hoje, porém,

continuara a caminhar vacilantemente, sem se virar, tentando a custo equilibrar-se pelos sulcos do caminho. A sua figura alta surgia, de vez em quando, por entre as aberturas da floresta, até já só se distinguirem clarões fugazes do seu lenço branco, por entre as folhas. Kya correu para o sítio onde sabia que a estrada começava, convencida de que a mãe iria acenar-lhe de lá, mas já só chegou a tempo de ver desaparecer a maleta azul, cuja cor nada tinha a ver com os bosques. Uma dor densa como lama de algodão negro pesava-lhe no peito, ao voltar para junto dos degraus, para esperar por ela.

Kya era a mais nova de cinco irmãos, todos eles muito mais velhos, mas de cujas idades não conseguiria lembrar-se mais tarde. Viviam com a mãe e o pai, espremidos uns contra os outros, como coelhos engaiolados, naquela cabana tosca, com um alpendre protegido por rede, de olhos arregalados para a floresta, sob as copas dos carvalhos.

Jodie, o irmão a seguir a Kya, mais ainda assim, sete anos mais velho do que ela, saiu de dentro de casa e ficou atrás dela. Tinha os mesmos olhos escuros e o mesmo cabelo negro, e ensinara-lhe cantos de aves, nomes de estrelas e como conduzir um barco por entre os juncos.

– A mãe vai voltar – disse ele.

– Não sei. Ela calçou os sapatos de crocodilo.

– Uma mãe não abandona os filhos. Não está na sua natureza.

– Tu falaste-me de uma raposa que abandonou as crias.

– Sim, mas essa raposa tinha uma perna toda esfacelada. Morreria à fome se tentasse alimentar-se a si e às crias. Era preferível abandoná-las, curar-se e voltar a ter uma ninhada, quando se sentisse capaz de cuidar convenientemente dela. Mas a mãe não está a morrer à fome, por isso vai voltar. – Jodie não estava tão seguro disso como estava a dar a entender, mas disse-o para animar Kya.

Ela sussurrou-lhe com um nó na garganta:

– Mas ela levava aquela maleta azul como se fosse para uma grande

cidade.

A cabana erguia-se por trás dos palmitos, que se estendiam por planícies de areia, rodeadas por uma série de lagoas verdes e, mais além, pelo pantanal – quilómetros e quilómetros de juncos tão resistentes, que cresciam em água salgada, interrompidos apenas por árvores tão vergadas que já tinham a forma do vento. Em redor das restantes paredes da cabana havia florestas de carvalhos. Aí ficava também a lagoa mais próxima, cujas águas fervilhantes de vida pareciam redemoinhar à superfície. A brisa salgada do mar pairava por entre as árvores, trazendo consigo o canto das gaivotas.

A ocupação de territórios não se alterara muito desde 1500 e as explorações dispersas pelo pantanal não estavam legalmente documentadas. Os renegados socorriam-se da própria natureza para as demarcar – um riacho aqui, um carvalho morto acolá... Nenhum homem constrói uma cabana num pântano, no meio de palmitos, a menos que ande a fugir de alguém ou tenha chegado ao fim da linha.

O pantanal estava protegido por uma linha costeira acidentada, a que os primeiros exploradores chamaram «O Cemitério do Atlântico» devido às suas correntes de retorno, baixios e ventos alterosos, que destruíam barcos como cascas de noz, semeando destroços ao longo da área costeira, que viria a denominar-se mais tarde, costa da Carolina do Norte. No diário de um marinheiro podia ler-se: «...contornámos a costa... mas não conseguíamos ver nenhuma Entrada. Fomos atingidos por uma violenta Tempestade, que nos obrigou a voltar para o Largo, para nos protegermos, mas fomos Rapidamente arrastados por uma Forte Corrente...».

«Em terra não vimos senão terrenos alagados e Pântanos, por isso regressámos ao Barco... O desânimo apossar-se-ia, certamente, de todos, se nos instalássemos por estas Partes.»

Os que procuravam terra decente seguiam em frente e o infame pantanal

converteu-se numa rede em cujas malhas foi caindo uma amálgama de marinheiros amotinados, párias, devedores e gente em fuga de guerras, impostos ou leis que não cumpriam. Os que escaparam à malária e não foram engolidos pelo pântano, deram origem a uma tribo de lenhadores, de diferentes raças e culturas, todos eles capazes de derrubar uma pequena floresta, a golpes de machado, e percorrer quilómetros com um veado às costas. Cada um tinha o seu território, como as ratazanas do rio, mas tinham de se integrar naquela comunidade marginal, de contrário acabariam simplesmente por desaparecer no pântano, mais tarde ou mais cedo. Duzentos anos mais tarde, a comunidade passou a contar com escravos fugitivos, que se escapavam para o pantanal – os chamados *maroons* – e escravos alforriados – gente atormentada, sem um tostão, que se dispersava pelas terras alagadas, por falta de alternativas.

Talvez fosse uma terra hostil, mas nada tinha de estéril. Camadas de vida amontoavam-se sobre a terra – caranguejos de areia, lagostins, aves marinhas, peixe, camarões, ostras e até veados e gansos anafados. Um homem que não se importasse de procurar comida, jamais passaria fome.

Estávamos agora em 1952. Há quatro séculos que as ocupações estavam a ser feitas por uma série de pessoas sem ligação umas com as outras, sobre as quais não havia qualquer registo, e quase todas eram anteriores à Guerra Civil. Mas havia quem se tivesse instalado na terra mais recentemente, sobretudo depois das duas guerras mundiais, na altura em que os homens regressavam, falidos e despedaçados. O pantanal não os limitava, mas definia-os, e tal como qualquer solo sagrado, mantinha os seus segredos bem guardados. Ninguém se importava que eles ocupassem a terra, porque mais ninguém a queria. Afinal de contas, não passava de um pântano desolado.

À semelhança do uísque, os habitantes do pantanal contrabandeavam também as suas leis. Não eram leis gravadas a fogo na pedra nem inscritas em documentos, mas sim algo de mais profundo, gravado nos próprios genes.

Leis ancestrais, naturais, como as dos falcões ou dos pombos. Quando encurralado, desesperado ou isolado, o homem reverte rapidamente a um estado instintivo, no propósito único de sobreviver. Esses instintos serão sempre o seu trunfo, pois são mais frequentemente transmitidos de geração em geração do que outros inscritos em genes mais delicados. Não se trata de moralidade, mas de simples matemática. Os pombos lutam tanto entre si como os falcões.

A mãe não voltou nesse dia, mas ninguém falou no assunto, muito menos o pai.

– O que é o jantar? – perguntou ele, batendo com as tampas das panelas. Fedia a peixe e a aguardente do barril.

Os irmãos e as suas irmãs encolheram os ombros de olhos no chão. O pai praguejou, saiu a coxear e voltou para os bosques. Já antes tinha havido discussões. A mãe chegara mesmo a sair de casa umas duas vezes, mas voltava sempre, puxando para o colo quem precisasse de mimo.

As duas irmãs mais velhas cozinharam feijão vermelho com pão de milho para o jantar, mas ninguém se sentou à mesa para comer como teriam feito se a mãe lá estivesse. Cada um serviu-se de feijão da panela, colocou-lhe um pedaço de pão de milho em cima e foi comer para o colchão que tinha no chão ou para o sofá desbotado.

Kya não conseguiu comer e foi sentar-se nos degraus do alpendre a olhar para o caminho. Magra e alta demais para idade, Kya era muito morena e tinha um cabelo liso, negro e forte como as asas de um corvo.

O anoitecer pôs fim à sua vigília. O coaxar dos sapos abafaria o som de passos. Ainda assim, deitou-se na sua cama do alpendre, à escuta. Ainda nessa manhã acordara com os estalidos do toucinho na frigideira de ferro e o aroma dos biscoitos a alourar no forno de lenha. Puxara as alças das jardineiras para cima e correria para a cozinha, para tirar os pratos e os garfos

e catar o gorgulho dos grãos de aveia. Quase todas as manhãs ao nascer do sol, a mãe abraçava-a e dizia-lhe com um grande sorriso:

– Bom dia, como vai a minha menina mais querida? – E iniciavam juntas as tarefas do dia, numa espécie de dança. Por vezes, a mãe cantava música *folk* e recitava quadras infantis:

– Este porquinho foi ao mercado.

Outras vezes dançava *jitterbug*¹ com Kya e batiam ambas com os pés no soalho de contraplacado, até abafarem a música do rádio a pilhas, como se este cantasse sozinho, no fundo de um barril. Noutros dias, a mãe falava de coisas de adultos que Kya não entendia, mas ela bebia as suas palavras, enquanto punha lenha no fogão, acenando-lhe com a cabeça como se as entendesse, pois sabia que a mãe precisava de lhes dar algum destino.

Depois, vinha a azáfama de acordar e alimentar toda a gente. O pai não estava lá. Ele tinha duas formas de estar – em silêncio ou aos gritos – por isso era ótimo quando se deixava dormir ou não vinha sequer para casa.

Mas naquela manhã a mãe estivera muito calada; o seu sorriso desaparecera e estava com os olhos vermelhos. Amarrara um lenço branco até meio da testa, à pirata, mas este não cobria totalmente a nódoa negra amarela e roxa que lá tinha, e logo a seguir ao pequeno-almoço, antes mesmo de a loiça estar lavada, a mãe colocara alguns dos seus pertences na maleta, e descera até à estrada, pelo caminho de areia.

Na manhã seguinte, Kya voltou a ocupar o seu posto de vigia nos degraus. Os seus olhos negros perscrutavam o caminho, expectantes, como um túnel à espera de um comboio. Mais além, no pantanal velado pela cerração, a bruma estava tão baixa, que a sua base fofa assentava literalmente sobre a lama. Kya tamborilou com os dedos dos pés descalços nos degraus, atirou pés de erva aos bichos-de-conta, mas uma criança de seis anos não consegue ficar sentada muito tempo, e depressa deu consigo a correr pela margem da lagoa,

sentindo a areia empapada a sugar-lhe os dedos dos pés. Depois, agachou-se à beira da lagoa de água cristalina e ficou a ver os vairões nadarem velozmente por entre sombras e poças de sol.

Jodie chamou-a dos palmitos e ela olhou para ele – talvez ele viesse trazer-lhe notícias. Mas ao vê-lo aproximar-se, por entre as palmeiras de folhas aguçadas, Kya percebeu, pela forma descontraída como se movia, que a mãe não voltara para casa.

– Queres brincar aos exploradores? – perguntou ele.

– Tu disseste que estavas demasiado crescido para brincar aos *‘xploradores*.

– Disse isso por dizer. Nunca se é demasiado crescido para isso. Desafio-te para uma corrida!

E largaram a correr pelos campos de areia e depois pela floresta, em direção à praia. Ela guinchou, quando ele a ultrapassou, e foi a rir até ao grande carvalho, cujos gigantescos braços se projetavam sobre a areia. Jodie e o irmão mais velho, Murph, tinham pregado algumas tábuas sobre os ramos, para fazer uma torre de vigia – uma espécie de forte na árvore – mas uma boa parte das tábuas tinham caído e estavam agora penduradas em pregos ferrugentos.

Normalmente, os irmãos só a deixavam fazer parte da equipa como criada, para ela lhes levar biscoitos quentes que ela ia roubar ao tabuleiro da mãe.

Mas naquele dia o Jodie disse:

– Podes ser o Capitão.

Kya ergueu o braço direito e ordenou o ataque:

– Expulsem os espanhóis! – Partiram uns paus para servirem de espadas e investiram por entre os arbustos, gritando e desferindo golpes no inimigo.

Depois, com igual naturalidade, Kya deu por findo o faz de conta, dirigiu-se para um tronco coberto de musgo e sentou-se.

Ele juntou-se a ela em silêncio. Queria dizer-lhe alguma coisa que lhe tirasse a mãe da cabeça, mas não lhe ocorreu nada, por isso ficaram a observar as sombras das aranhas de água.

Mais tarde, Kya voltou para os degraus do alpendre e ficou durante muito tempo à espera, de olhos pregados no caminho de areia, sem verter uma lágrima – impassível, de lábios cerrados sob um par de olhos atentos – mas a mãe também não voltou nesse dia.

¹ Dança popular nos anos quarenta, normalmente associada aos temas de *swing*. [N. da T.]

2

Jodie

1952

Algumas semanas depois de a mãe se ter ido embora, o irmão mais velho de Kya e as duas irmãs, também desapareceram, como que a seguir-lhe o exemplo. Foram aguentando os acessos de cólera do pai, que começavam com gritos e acabavam em murros e palmadas com as costas das mãos, até que começaram a desaparecer um por um. Também já eram praticamente adultos. Mais tarde, para além de se esquecer das suas idades Kya esqueceria também os seus verdadeiros nomes. Sabia apenas que os tratavam por Missy, Murph e Mandy.

Acabou por descobrir uma pequena pilha de meias que as irmãs lhe tinham deixado no colchão do alpendre.

Uma manhã, quando já só Jodie lá estava, Kya acordou com o estardalhaço das panelas e o cheiro a gordura quente do pequeno-almoço. Correu para a cozinha, pensando que era a mãe que estava a fritar pastéis de milho ou a fazer uma torta, mas era Jodie que estava em frente ao fogão de lenha, a mexer papas de aveia. Kya sorriu para esconder o seu desapontamento e Jodie bateu-lhe ao de leve no alto da cabeça, advertindo-a delicadamente para não fazer barulho. Se não acordassem o pai, poderiam comer os dois sozinhos. Jodie não sabia fazer biscoitos e não havia *bacon*, por isso fez papas de aveia e ovos mexidos com banha e sentaram-se os dois a comer, trocando olhares e sorrisos em silêncio.

Lavaram rapidamente a loiça e correram porta fora, em direção ao pantanal. Jodie ia à frente. Nesse preciso instante o pai gritou-lhes e veio ao encontro deles a coxear. Era incrivelmente magro e a sua figura instável parecia desafiar a lei da gravidade. Tinha uns molares amarelados como os

dentes de um cão velho.

Kya olhou para Jodie.

– Podemos fugir e esconder-nos naquele sítio cheio de musgo.

– Não há problema. Vai correr tudo bem – disse ele.

Mais tarde, pouco antes do pôr do sol, Jodie foi dar com Kya na praia, a olhar para o mar. Quando ele chegou junto dela, ela não olhou para ele e ficou de olhos fixos na rebentação. Mesmo assim percebeu que o pai o esmurrara, pela forma como ele falou.

– Tenho de me ir embora, Kya. Não consigo viver mais aqui.

Ela quase se virou para ele, mas acabou por não o fazer. Queria implorar-lhe que não a deixasse sozinha com o pai, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta.

– Quando fores um pouco mais velha, vais entender – disse ele. Apeteceu-lhe gritar que talvez fosse jovem, mas não era estúpida. Sabia que o pai era o motivo pelo qual todos eles se estavam a ir embora. O que a intrigava era que nenhum deles quisesse levá-la consigo. Também ela já tinha pensado em partir, mas não tinha para onde ir, nem dinheiro para o autocarro.

– Tem cuidado, Kya, ouviste? Se alguém cá vier, não entres em casa, porque eles podem apanhar-te lá. Foge para interior do pantanal e esconde-te no mato. Apaga sempre o teu rasto. Eu ensinei-te como se faz. Também podes esconder-te do pai. – Como ela continuava sem falar, despediu-se e atravessou a praia na direção dos bosques. Mesmo antes de ele se embrenhar na floresta, ela virou-se, finalmente, e ficou a vê-lo desaparecer.

– Este porquinho ficou em casa – disse ela às ondas.

Por fim, lá conseguiu mexer-se e correu para a cabana. Gritou por ele no corredor, mas as coisas de Jodie já lá não estavam, e a sua cama no chão estava sem cobertas.

Deixou-se cair no seu colchão e viu os restos do dia deslizarem pela

parede. Como sempre, a claridade permaneceu depois de o sol se pôr, acumulando-se na sala. Por isso, as camas, aos altos e baixos, e as pilhas de roupa velha, ganharam, por breves instantes, mais forma e cor do que as árvores, lá fora.

Uma fome torturante e bem mundana apossou-se inesperadamente dela. Foi para a cozinha e parou à porta. Durante toda a sua vida, vira aquela cozinha quente, com pão a cozer forno, uma panela de feijão manteiga ou um guisado de peixe a borbulhar ao lume, mas agora estava silenciosa e escura, a cheirar a ranço.

– Quem vai cozinhar? – perguntou ela em voz alta.

Poderia até ter perguntado:

– Quem vai dançar?

Acendeu uma vela e remexeu as brasas no fogão de lenha, juntando-lhes alguns gravetos. Depois abanou-as por baixo, até pegarem fogo, juntando-lhes mais lenha. O frigorífico servia de armário porque não havia cabos de eletricidade perto da cabana. Para evitar bolores, entalava-se o mata-moscas na porta para a manter aberta. Ainda assim, veios verde-escuros de mofo cresciam em todas as frestas.

Kya tirou alguns restos de comida e disse:

– Vou saltar as papas de aveia em banha, para as aquecer. – E assim fez. Comeu-as da panela, a olhar pela janela, para ver se via o pai. Mas ele não apareceu.

Quando a luz do quarto crescente chegou, finalmente, à cabana, gatinhou para cima da sua cama no alpendre – um colchão aos altos e baixos, estendido no chão, com lençóis verdadeiros, cobertos de pequenas rosas azuis, que a mãe comprara numa venda num quintal – e passou a noite sozinha pela primeira vez na sua vida.

A princípio, sentava-se de cinco em cinco minutos, e espreitava pela rede de proteção, à escuta, para ver se ouvia passos na floresta. Conhecia as

formas de todas as árvores. Ainda assim, algumas pareciam correr de um lado para o outro com a lua. Durante algum tempo, ficou de tal forma rígida que mal conseguia engolir. Nem de propósito, o canto familiar das árvores, das rãs e das esperanças preencheu a noite. Sempre era mais reconfortante que três ratos cegos com uma faca de trinchar. Um odor adocicado pairava na escuridão – o hálito a terra das rãs e das salamandras, depois de sobreviverem a mais um dia malcheiroso e quente. O pantanal aconchegou-a no seu manto de nevoeiro baixo e ela adormeceu.

O pai não apareceu durante quatro dias e Kya ferveu folhas de nabo do quintal da mãe, ao pequeno-almoço, almoço e jantar. Foi à capoeira das galinhas à procura de ovos, mas encontrou-a vazia. Nem galinhas nem ovos.

– Cobardes! Vocês não passam de umas cobardes!

Tencionava cuidar delas depois de a mãe se ir embora, mas não fizera grande coisa desde então, e agora as galinhas tinham fugido em bando e andavam a cacarejar algures por entre as árvores. Teria de espalhar grãos de aveia para ver se conseguia mantê-las perto. Na noite do quarto dia, o pai apareceu com uma garrafa e estendeu-se na cama.

Ao entrar na cozinha na manhã seguinte, gritou:

– Onde se meteram todos?

– Não sei – disse ela, sem olhar para ele.

– Tu sabes menos que um cão rafeiro. És mais inútil que as tetas de um javali macho.

Kya escapou-se silenciosamente pela porta do alpendre, mas enquanto caminhava pela praia à procura de mexilhões, cheirou-lhe a fumo, levantou os olhos e viu um penacho de fumo no ar, vindo da direção da cabana. Correu tão depressa quanto pode, por entre as árvores, e foi dar com uma fogueira no pátio. O pai estava a atirar os quadros, os vestidos e os livros da mãe, para as chamas.

– Não! – gritou Kya. Ele não olhou sequer para ela e atirou o velho rádio a pilhas para a fogueira. Kya tentou alcançar os quadros, mas sentiu o rosto e os braços a arder e o calor forçou-a a recuar.

Correu para a cabana para impedir o pai de lá ir buscar mais coisas, e olhou-o nos olhos. O pai levantou-lhe a mão, mas Kya não arredou pé. Subitamente, ele deu meia-volta e afastou-se a coxear, na direção do barco.

Kya deixou-se cair nos degraus de tijolo e madeira, a ver as aguarelas do pantanal, pintadas pela mãe, desfazerem-se em cinzas e ali ficou até o sol se pôr, até todos os botões se converterem em brasas incandescentes e as memórias do tempo em que dançava o *jitterbug* com a mãe se derreterem nas chamas.

Nos dias seguintes, Kya tentou perceber como viver com ele, aprendendo com os erros dos outros – talvez até mais com os vairões: manter a distância, não deixar que ele a visse e fugir das poças de sol para as sombras. Levantava-se e saía antes de ele acordar e passou a viver nos bosques, perto da água. À noite, voltava para casa para dormir na sua cama, no alpendre, tão perto do pantanal quanto possível.

O pai combatera na Alemanha, na II Guerra Mundial, onde estilhaçara um fémur com uma granada – o derradeiro motivo de orgulho da família – e os cheques de invalidez que recebia, semanalmente, eram a única fonte de rendimento da família. Uma semana depois de Jodie partir, o frigorífico estava vazio e já quase não havia nabos. Quando Kya entrou na cozinha, nessa segunda-feira de manhã, o pai apontou para uma nota de um dólar e algumas moedas soltas que estavam em cima da mesa da cozinha.

– Isto chega para comprares comida para toda a semana. Não há cá esmolas – disse ele. – Nada é gratuito. Por esse dinheiro, terás de cuidar da casa, recolher lenha para o fogão e lavar a roupa.

Era a primeira vez que Kya percorria o caminho até à aldeia de Barkley

Cove sozinha, para ir comprar comida.

– *Este porquinho vai ao mercado.* – Percorreu mais de seis quilómetros, caminhando por areias fundas e lama negra, até avistar, finalmente, a baía cintilante, e o vilarejo ribeirinho, mais adiante.

A pequena cidade estava rodeada por terrenos alagados, cuja névoa salgada se misturava com a neblina do oceano, que se adensava na maré alta, do outro lado de Main Street. Em conjunto, o mar e o pantanal isolavam a aldeia do resto do mundo. A única ligação com o exterior era uma estrada de uma só faixa, cheia de buracos e rachas no pavimento, que dava acesso ao vilarejo.

A aldeia tinha duas ruas: A Main estendia-se ao longo da zona ribeirinha e tinha uma série de lojas – o minimercado Piggly Wiggly a uma ponta, a Western Auto na outra, o restaurante ao meio, e entre estes o Kress’ Five and Dime, uma Penny’s (cujas compras se faziam apenas por catálogo), a Parker’s Bakery e uma sapataria da Buster Brown. Junto do Piggly, ficava a Cervejaria Dog-Gone, que vendia cachorros grelhados, chili picante e camarões fritos servidos em barcos de papel. As mulheres e as crianças não podiam lá entrar, porque não se considerava adequado, mas fora aberta uma janela de *takeout* na parede, para que estas pudessem encomendar cachorros e cola da rua. As pessoas de cor não podiam usar nem a porta nem a janela.

A outra rua, a Broad, ligava a velha estrada ao oceano e terminava na Main. Por isso o único cruzamento da aldeia era o da Broad com a Main e o Oceano Atlântico. As lojas e as empresas não estavam ao lado umas das outras, como na maioria das cidades, mas sim separadas por pequenos lotes de terrenos baldios, cobertos de arroz da costa e palmitos, como se o pantanal os tivesse invadido da noite para o dia. Há mais de duzentos anos que os ventos cortantes, impregnados de sal, erodiam os edifícios de telhados de cedro, agora cor de ferrugem, descascando e rachando os caixilhos das janelas, na sua maioria pintados de branco ou de azul. Dir-se-ia que aldeia se

cansara de enfrentar os elementos, e se rendera simplesmente a eles.

A doca da cidade, coberta de cordas desfiadas e pelicanos velhos, projetava-se para dentro da pequena baía, cujas águas refletiam o vermelho e o amarelo dos barcos de pesca de camarão, em dias calmos. De ambos os lados da fila de lojas, caminhos de terra batida ladeados de pequenas casas de cedro, serpenteavam por entre as árvores, à volta de lagoas e ao longo do oceano. Barkley Cove era um vilarejo desprezado, no sentido literal da palavra, uma aldeola dispersa por entre estuários e juncos, como um ninho de uma garça, batido pelo vento.

Sem sapatos e com umas jardineiras demasiado curtas vestidas, Kya parou no sítio onde o trilho do pantanal dava acesso à estrada, e mordeu o lábio, cheia de vontade de fugir para casa. Não sabia o que iria dizer às pessoas, nem como iria perceber os preços da comida. Mas a fome a tal a obrigava, por isso entrou na Main Street e encaminhou-se para o Piggly Wiggly, de cabeça baixa, caminhando por um passeio meio desfeito, que surgia, de vez em quando, por entre tufo de erva. Ao aproximar-se do Five and Dime apercebeu-se de uma agitação atrás de si e saltou para o lado no preciso instante em que três rapazes, alguns anos mais velhos, passavam velozmente por ela, de bicicleta. O rapaz que ia à frente virou a cabeça para ela, a rir-se da tangente que lhe fizera, e depois quase chocou com uma mulher que vinha a sair da loja.

– CHASE ANDREWS volta imediatamente para aqui! Voltem para aqui os três!

Eles pedalarão mais alguns metros, mas depois reconsideraram e voltaram para junto da mulher, a menina Pansy Price, vendedora de tecidos e ideias. A sua família fora, em tempos, proprietária da maior quinta nas imediações do pantanal e embora fossem obrigados a vendê-la há anos, ela continuava a desempenhar o papel de ilustre fazendeira. O que não era tarefa fácil, vivendo num apartamento minúsculo por cima do restaurante. A

menina Pansy costumava usar uns barretes semelhantes a turbantes de seda. O que trazia esta manhã era cor-de-rosa e destacava-lhe o batom vermelho e as rosetas de rouge.

Ela ralhou com os rapazes:

– A minha vontade é ir contar tudo às vossas mães. Melhor ainda: aos vossos pais. Andarem pelo passeio de bicicleta a uma velocidade dessas. Por pouco não me atropelavam. O que tens a dizer em tua defesa, Chase?

A bicicleta mais bonita era a dele, com um selim vermelho e um guiador elevado, cromado.

– Pedimos desculpa, menina Pansy, mas não a vimos porque aquela rapariga atravessou-se no caminho. O miúdo moreno, de cabelo escuro, apontou para Kya, que, entretanto, recuara e estava meio escondida num arbusto de mirto.

– Ela não interessa. Não podem andar a culpar outras pessoas dos vossos erros, nem mesmo escumalha do pântano. Agora vão ter de praticar uma boa ação, para se redimirem. Vai ali a menina Arial com as suas compras. Vão ajudá-la a levá-las para a carrinha e ponham as fraldas da camisa para dentro.

– Sim senhora – disseram os rapazes, levando as bicicletas para junto da menina Arial, que lhes dera aulas no segundo ano.

Kya sabia que os pais do rapaz de cabelo escuro eram os donos da Western Auto Store, e por isso conduzia a melhor bicicleta. Já o vira descarregar grandes caixotes de mercadoria da carrinha, mas nunca falara com ele nem com os outros.

Esperou alguns minutos, voltou a baixar a cabeça e continuou a caminhar em direção ao minimercado. Já no interior do Piggly Wiggly, Kya examinou uma seleção de aveia moída e optou por um saco de meio quilo de Stone Ground Yellow, produzido pela Atkinson Milling Company, com a etiqueta vermelha pendurada em cima a dizer «*promoção da semana*», tal como a mãe lhe ensinara. Depois, esperou nervosamente no corredor, até que o último

cliente saísse da caixa, aproximou-se da caixa e encarou a empregada, a Sra. Singletary, que lhe perguntou:

– Onde está a tua mamã? – A Sra. Singletary tinha cabelo curto, muito encaracolado, no mesmo tom de roxo de uma íris ao sol.

– Foi tratar de uns assuntos, minha senhora.

– Bom, tens dinheiro para aveia ou não?

– Tenho sim. – Como não sabia contar o montante exato, poisou a nota de dólar.

A Sra.Singletary ficou na dúvida se a criança saberia distinguir as moedas, por isso contou-as muito devagar, ao depositar o troco na palma da mão aberta de Kya.

– Vinte e cinco, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, oitenta e cinco mais três pennies, porque a aveia custa doze cêntimos.

Kya sentiu-se agoniada. Teria de calcular a diferença? Olhou para confusão de moedas que tinha na palma da mão.

A Sra. Singletary pareceu amolecer um pouco.

– Vá lá. Agora, vai à tua vida.

Kya saiu rapidamente da loja, caminhando tão depressa quanto possível em direção do trilho do pantanal. A mãe dizia-lhe muitas vezes:

– Nunca corras na cidade, senão as pessoas vão pensar que roubaste alguma coisa. Porém, assim que chegou ao trilho de areia, Kya correu quase um quilómetro, e percorreu o resto em marcha rápida.

Depois de regressar a casa, pensando que sabia fazer papas de aveia, deitou a aveia moída em água a ferver, como a mãe fazia, mas esta encaroçou, formando uma grande bola que se queimou por baixo e ficou crua por dentro. As papas ficaram com uma consistência tão semelhante a borracha que ela apenas conseguiu comer uma colherada ou duas. Por isso voltou a ir ao jardim, encontrou mais algumas folhas de nabo entre os solidagos, cozeu-as, comeu-as e bebeu o caldo.

Dias depois, aprendeu, finalmente, a preparar as papas de aveia, mas por muito que as mexesse estas encaroçavam sempre um pouco. Na semana seguinte, comprou entrecosto, marcado com a etiqueta vermelha, cozeu-o com aveia e couve, e fez uma papa que estava bastante saborosa.

Kya lavara muitas vezes a roupa com a mãe, por isso sabia como a esfregar na tábua, com barras de sabão de lixívia, por baixo da torneira do pátio. As jardineiras do pai ficavam tão pesadas, molhadas, que ela não conseguia torcê-las com as suas pequenas mãos, nem chegar à corda para as estender, por isso deixou-as a secar em cima de folhas de palmito, na orla da floresta.

A vida dela com o pai era uma espécie de dança em dois tempos: viviam separados na mesma cabana, passando, por vezes, dias sem se verem. Quase nunca falavam. Ela limpava as coisas dela e as dele, como uma verdadeira mulherzinha. Não sabia cozinhar o suficiente para lhe preparar refeições – de resto, ele quase nunca lá estava – mas a maior parte das vezes fazia-lhe a cama, apanhava-lhe a roupa, limpava e lavava a loiça. Não porque ele mandara, mas porque era a única forma de manter a cabana em condições para o regresso da mãe.

A mãe costumava dizer que a lua de outono aparecia sempre no dia de anos de Kya. Assim, embora não se lembrasse da sua data de nascimento, uma noite em que a lua nasceu redonda e dourada junto da lagoa, Kya disse para consigo mesma:

– Acho que fiz sete anos. – O pai nunca lhe falou sobre isso. Certamente que não haveria bolo. Também não lhe falou em ir para a escola e como ela pouco ou nada sabia acerca disso, tinha demasiado receio de abordar o assunto.

A mãe voltaria, com certeza, para o seu aniversário. Assim, na manhã seguinte à lua cheia do mês das colheitas, vestiu o seu vestido de chita e ficou

de olhos pregados no caminho. Kya rezou para ver a mãe caminhar na direção da cabana ainda de sapatos de crocodilo e saia comprida. Como ninguém apareceu, pegou na panela de papas de aveia e atravessou a floresta em direção à praia. Levou as mãos à boca, inclinou a cabeça para trás e gritou:

– *Qui-ah, qui-ah, qui-ah*

O céu encheu-se de pontos prateados por cima da rebentação, de ambos os lados da praia.

– Aí vêm elas. São tantas que não as consigo contar – disse ela.

As aves circundaram-na aos guinchos, picaram voo e ficaram, por instantes, a pairar junto do seu rosto, poisando depois na areia, quando ela lhes atirou papas de aveia. Finalmente sossegaram e começaram a limpar as penas com o bico. Ela sentou-se na areia de pernas dobradas para o lado. Uma grande gaivota instalou-se na areia perto de Kya.

– Hoje faço anos – disse ela à ave.

3

Chase

1969

As pernas apodrecidas da velha torre de vigia abandonada estavam assentes sobre o pântano, de onde emanavam fiapos de bruma. Não fosse o grasnido dos corvos, a floresta dir-se-ia suspensa num silêncio expectante, quando Benji Mason e Steve Long, ambos com dez anos, ambos de cabelo louro, começaram a subir a escadaria da torre, na manhã de 30 de outubro, de 1969.

– O outono não costuma ser assim tão quente – gritou Steve a Benji.

– Sim. E está tudo muito silencioso. Só se ouvem os corvos.

Steve espreitou por entre os degraus e disse:

– Eh lá! O que é aquilo?

– Onde?

– Não vês, ali? Roupa azul. Parece estar alguém caído na lama.

Benji gritou.

– Tu aí! *O que estás a fazer?*

– Vejo uma cara mas não se está a mexer.

Voltaram a descer rapidamente a escada, agarrados ao corrimão, e foram para o lado oposto da base da torre, com a lama a colar-se às botas. Do outro lado, estava um homem caído de barriga para cima, com uma perna grotescamente torcida para a frente, na zona do joelho, de boca e olhos muito abertos.

– Jesus! – disse Benji.

– Meu Deus, é Chase Andrews.

– É melhor chamarmos o xerife,

– Mas nós não devíamos aqui estar.

– Isso agora não interessa. Além disso, os corvos vão começar a rondá-lo a qualquer momento.

Viraram a cabeça na direção dos grasnidos.

– Talvez fosse melhor um de nós ficar aqui para manter os corvos longe dele.

– Se pensas que eu vou ficar aqui sozinho, não deves estar bom da cabeça. Aposto que tu também não ficarias.

Dito isto, agarraram nas bicicletas e pedalararam energicamente pelo trilho de areia lamacenta, de regresso à Main, atravessaram a cidade e entraram a correr num edifício baixo. O Xerife Ed Jackson estava sentado à secretária de um gabinete iluminado apenas por uma lâmpada pendurada num fio. O xerife era corpulento, de estatura média, tinha cabelo arruivado e o rosto e os braços salpicados de sardas claras. Estava a folhear uma *Sports Afield*, com o polegar.

Os rapazes precipitaram-se para dentro do gabinete, sem bater à porta.

– Xerife...

– Viva rapazes. Há fogo ou quê?

– Vimos Chase Andrews caído no pântano, por baixo da torre de vigia. Parece estar morto. Não se mexe.

Desde a fundação de Barkley Cove em 1751, que nenhum agente da autoridade alargava a sua jurisdição para além dos juncos. Nos anos quarenta e cinquenta, alguns xerifes largavam cães para perseguir condenados do continente, que se escapavam para o pantanal, e continuava a haver cães na polícia, para o caso de serem necessários, mas de uma forma geral, Jackson ignorava os crimes cometidos no pântano. Para quê impedir ratazanas de se matarem umas às outras?

Mas era de Chase que eles estavam a falar. O xerife levantou-se e tirou o chapéu do bengaleiro.

– Mostrem-me lá isso.

Ramos de carvalho e de azevinho selvagem roçavam ruidosamente contra o carro de patrulha, enquanto o xerife o conduzia pelo trilho arenoso, com o Dr. Vern Murphy, sentado a seu lado – um tipo magro, em boa forma, de cabelo grisalho que era também o único médico da cidade. Ambos os homens baloiçavam, devido aos sulcos do caminho, e Vern por pouco não bateu com a cabeça na janela. Eram velhos amigos, tinham mais ou menos a mesma idade, pescavam juntos com alguma frequência e viam-se habitualmente envolvidos nos mesmos casos. Mas agora, estavam ambos em silêncio ante a perspectiva de confirmarem a identidade do corpo que estava caído no pântano.

Steve e Benji ficaram sentados na caixa da carrinha com as bicicletas, até esta parar.

– Está ali, Sr. Jackson, por trás daqueles arbustos.

Ed desceu da carrinha.

– Vocês esperam aqui, rapazes. – Dito isto, ele e o Dr. Murphy atravessaram a lama até ao sítio onde Chase estava caído. A carrinha afugentara os corvos, mas havia outras aves e insetos a pairar sobre ele. Os rumores insolentes da vida.

– É mesmo Chase. Sam e Patty Love não vão sobreviver a isto. – Os Andrews mantinham a Western Auto a pensar no seu único filho – todas as velas de ignição que encomendavam, todas as contas que geriam, todas as etiquetas que colocavam nos artigos que vendiam, era por Chase que o faziam.

Vern baixou-se junto do corpo, com um estetoscópio, para verificar se havia batimento cardíaco, e declarou o óbito.

– Há quanto tempo achas que está morto? – perguntou Ed.

– Eu diria que a morte ocorreu pelo menos há umas dez horas. O médico legista confirmará ao certo quando.

– Deve ter subido lá cima ontem à noite e depois caiu.

Vern examinou brevemente Chase sem o mover. Depois, levantou-se e ficou junto de Ed. Os dois homens olharam para os olhos abertos de Chase, de rosto inchado, e depois para a sua boca escancarada.

– As vezes que eu avisei as pessoas desta cidade que algo semelhante acabaria por acontecer – disse o xerife.

Conheciam Chase desde que ele nascera. Tinham assistido a toda a sua evolução – a altura em que a criança encantadora dera lugar ao adolescente bem-parecido; a sua consagração como *quarterback* e celebridade local, o momento em que começara a trabalhar com os pais e, finalmente, desposara a rapariga mais bonita da cidade. E agora ali estava ele sozinho, num atoleiro, em circunstâncias mais indignas do que a própria lama, aviltado pelo protagonismo obscuro da morte.

Foi Ed que quebrou o silêncio.

– Só não entendo por que razão os outros não foram a correr pedir ajuda. É frequente virem para aqui em grupo, ou pelo menos aos pares para darem uns beijos. – O xerife e o médico trocaram dois breves, mas expressivos acenos de cabeça, pois sabiam que mesmo sendo casado, Chase poderia ter levado outra mulher para a torre de vigia. – Vamos recuar um pouco desta área e observar isto como deve ser – disse o Ed, levantando mais os pés do que seria necessário. – Vocês fiquem onde estão, rapazes. Não façam mais pegadas.

Depois apontou para um rasto de pegadas na lama que iam até à escada, a cerca de dois metros e meio de Chase e perguntou-lhes:

– Isto são as vossas pegadas desta manhã?

– Sim senhor. Não quisemos aproximar-nos mais – disse Benji. – Assim que vimos que era Chase, recuámos. Dá para perceber onde recuámos.

– Ok – disse Ed, virando-se. – Há aqui qualquer coisa que não bate certo. Não há pegadas junto do corpo. Se ele estivesse com os amigos ou com quem quer que fosse, eles teriam corrido para aqui e caminhado à volta dele. Ter-

se-iam ajoelhado junto dele, para verem se estava vivo. Repara: nós deixámos pegadas bem fundas nesta lama, mas não há mais pegadas recentes. Nem a caminho das escadas, nem a afastarem-se dela, nem mesmo à volta do corpo.

– Talvez ele estivesse sozinho. Isso explicaria tudo.

– Há uma coisa que não tem explicação. Onde estão as pegadas *dele*? Como é possível que Chase Andrews percorresse o trilho, atravessasse este lamaçal nojento até às escadas, para subir até lá cima, sem deixar pegadas?

4

A Escola

1952

Alguns dias depois do seu aniversário, enquanto caminhava sozinha pela lama, Kya curvou-se para ver um girino ganhar pernas de rã. Subitamente, endireitou-se. Estava um carro a patinar na areia funda, perto do fim do caminho que conduzia à cabana. Nunca ninguém lá fora de carro. Depois ouviu o murmúrio de vozes por entre as árvores – a voz de um homem e de uma mulher. Kya correu rapidamente para trás dos arbustos de onde podia ver quem estava a aproximar-se, mas de onde poderia, ainda assim, fugir, como Jodie lhe ensinara.

Uma mulher alta saiu do carro, caminhando vacilantemente pelo trilho de areia, de saltos altos, tal como a mãe. Deviam ser as pessoas do orfanato que a vinham buscar.

– De certeza que consigo correr mais depressa do que ela. Ela iria de nariz ao chão com aqueles sapatos. – Kya deixou-se ficar onde estava e viu a mulher aproximar-se da porta de rede do alpendre.

– Uh-uh! Está alguém em casa? Sou inspetora escolar. Venho buscar Catherine Clark para a levar para a escola.

Aquilo era um acontecimento. Kya emudeceu. Tinha quase a certeza que deveria ter começado a ir à escola aos seis anos. E ali estavam eles, um ano depois.

Não fazia ideia como falar com miúdos, muito menos com uma professora, mas queria aprender a ler e a contar até mais de vinte e nove.

– Catherine, se me estás a ouvir, por favor vem cá fora, querida. É a lei, meu doce. Tens de ir para a escola. Tu vais gostar, querida. Terás direito a um almoço quente por dia, sem pagar. Acho que o almoço de hoje é tarte de

galinha gratinada.

Isso seria realmente fantástico. Kya estava esfomeada. Cozera papas de aveia misturadas com *crakers* para o pequeno-almoço, porque não tinha sal em casa. Uma coisa que já aprendera na vida: não se comem papas de aveia sem sal. Só comera tarte de galinha meia-dúzia de vezes em toda a sua vida, mas ainda conseguia ver aquela crosta dourada, crocante por fora e fofa por dentro. Consequia sentir o sabor rico do molho, como se o estivesse a cheirar. E foi justamente o seu estômago que assumiu o comando das operações e a instigou a levantar-se por entre as folhas de palmito.

– Olá querida, sou a Sra. Culpepper. Já estás bem crescida e pronta para ir para escola, não estás?

– Estou sim – disse Kya, de cabeça baixa.

– Não te preocupes. Podes ir descalça. Há outras crianças que também vão, mas como és uma rapariguinha terás de usar uma saia. Tens alguma saia ou algum vestido, amor?

– Tenho.

– Ok, então vamos vestir-te.

A Sra. Culpepper seguiu Kya pela porta do alpendre e teve de passar por cima de uma fila de ninhos de aves que Kya alinhara ao longo das tábuas do soalho. No quarto, Kya vestiu o único vestido que tinha – um bibe de xadrez com uma das alças presas com um alfinete de dama.

– Está ótimo querida. Estás muito bem.

A Sra. Culpepper estendeu-lhe a mão e Kya ficou a olhar para ela. Há semanas que não tocava noutra pessoa e nunca na vida tocara num estranho. Ainda assim, deu-lhe a sua pequena mão e deixou-se levar pelo caminho de areia até ao *Ford Ferlain*, que era conduzido por um homem muito calado, de chapéu de feltro cinzento. Depois de se sentar no banco traseiro do carro, Kya nem sorriu, nem se sentiu como um pintainho aconchegado sob a asa protetora da mãe.

Barkley Cove tinha uma escola para brancos. Os alunos do primeiro ao décimo segundo ano tinham aulas num edifício de tijolos, de dois andares, ao fundo da Main, no extremo oposto do escritório do xerife. Os miúdos negros tinham a sua própria escola, uma estrutura retangular de cimento, de um único andar, perto de Colored Town.

Quando a levaram à secretaria da escola, encontraram o nome dela, mas nenhuma data de nascimento nos acentos de nascimento do condado, por isso inscreveram-na no segundo ano, embora ela nunca tivesse ido à escola na vida. De qualquer forma, explicaram-lhe que a turma do primeiro ano estava demasiado cheia. Que diferença lhe faria isso, afinal? Os habitantes do pântano costumavam ir à escola durante uns meses, se tanto, e depois nunca mais ninguém os via.

O diretor conduziu-a por um amplo corredor, onde se ouvia o eco dos próprios passos e Kya começou a suar da testa. Depois, abriu a porta de uma sala de aula e empurrou-a delicadamente para dentro desta.

Saias de xadrez, saias rodadas e sapatos – montes de sapatos – alguns pés descalços e olhos – todos eles a olhar para ela. Kya nunca vira tanta gente junta. Deviam ser uns doze. A professora, a tal Sra. Arial que os rapazes tinham ajudado, conduziu Kya a uma carteira, ao fundo da sala. Explicou-lhe que poderia guardar as suas coisas no armário, mas Kya não trazia nada consigo.

A professora voltou para a parte da frente da sala e disse:

– Por favor levanta-te e diz o teu nome completo à turma, Catherine.

Ela sentiu o estômago às voltas.

– Vá lá, querida, não sejas tímida.

Kya levantou-se.

– Catherine Danielle Clark – disse ela, porque a mãe um dia lhe dissera que esse era o seu nome completo.

– Consegues soletrar «cão», à turma?

Kya ficou em silêncio, de olhos no chão. Jodie e a mãe tinham-lhe ensinado o nome de algumas letras, mas ela nunca tinha soletrado nenhuma palavra em voz alta, a ninguém.

Os nervos revolveram-lhe o estômago, mas ainda assim tentou:

– C-a-u-m.

Um coro de gargalhadas ecoou pelas filas de carteiras.

– Chhiu! Tudo calado! – exclamou a Sra. Arial. – Nunca devemos rir uns dos outros, ouviram? Vocês têm obrigação de saber isso.

Kya sentou-se rapidamente ao fundo da sala, tentando passar despercebida como um besouro da madeira num tronco rugoso de um carvalho. Mas apesar dos nervos, assim que a professora continuou a dar aula, inclinou-se para a frente, na esperança de aprender a contar até mais de vinte e nove. Até então, a menina Arial falara apenas de uma coisa chamada fonética e os alunos estavam todos de boca aberta, a repetir com ela os sons *ahh*, *aa*, *o* e *u*. Pareciam pombos a arrulhar.

Por volta das onze da manhã, um aroma quente e amanteigado a pão de fermento e massa de tarte no forno invadiu os corredores e penetrou na sala. O estômago vazio de Kya contraiu-se dolorosamente e quando a turma se dirigiu, finalmente, para o refeitório, em fila indiana, a sua boca estava já cheia de saliva. Pegou num tabuleiro, num prato de plástico verde e em talheres, como viu os outros fazerem. A cozinha estava separada por uma grande janela com um balcão e Kya viu surgir diante dos seus olhos um enorme tabuleiro esmaltado de tarte de galinha, com molho quente a borbulhar e tiras grossas e crocantes de massa por cima. Uma negra alta e sorridente, que tratava alguns dos miúdos pelo nome, encheu-lhe o prato com uma grande porção de tarte, legumes salteados em manteiga, e um pãozinho de fermento. Depois, deram-lhe um pudim de banana e um pacotinho de leite branco e vermelho, para pôr no tabuleiro.

Virou-se para a área de mesas do refeitório, agora cheia de miúdos a

rirem e a conversarem. Reconheceu Chase Andrews e os amigos, que quase a tinham atirado ao chão, no passeio, com as suas bicicletas. Decidiu, por isso, virar a cara e sentou-se sozinha, numa mesa desocupada. Os olhos traíram-na por diversas vezes e Kya deu consigo a olhar repetidamente para os rapazes – os únicos rostos que conhecia – mas eles ignoraram-na, tal como todos os outros.

Olhou para a tarte bem recheada de galinha, cenouras, batatas e pequenas ervilhas, com a massa castanha-dourada por cima. Duas raparigas, com saias rodadas, armadas com camadas e camadas de saíotes, aproximaram-se. Uma delas era alta, magra e loura, a outra era gorda e tinha um rosto rechonchudo. Kya perguntou a si mesma como conseguiriam trepar a uma árvore ou entrar num barco com aquelas saias enormes. Não podiam ir apanhar rãs, de certeza, pois não conseguiriam sequer ver os próprios pés.

Quando elas se aproximaram, Kya ficou a olhar para o prato. O que lhes diria se elas se sentassem a seu lado? Mas as raparigas passaram por ela a chilrear como pássaros e reuniram-se às amigas, numa outra mesa. Apesar da fome que tinha, ficara com a boca tão seca, que se estava a tornar difícil engolir. Por isso, comeu apenas um pouco, bebeu o leite todo, encheu cautelosamente o pacote de comida, para que ninguém a visse fazê-lo, e embrulhou o pãozinho no guardanapo.

Não abriu a boca durante o resto do dia. Nem mesmo quando a professora lhe fez uma pergunta, articulou uma palavra que fosse. No seu ponto de vista, era ela que tinha de aprender com os professores e não o contrário.

Para quê sujeitar-me a que se riam de mim? – pensou.

Quando soou o último toque, disseram-lhe que o autocarro iria deixá-la a cinco quilómetros do caminho para a cabana, porque a estrada era demasiado arenosa para este lá entrar, e que teria de ir todas as manhãs até à paragem do autocarro, a pé. No caminho para casa, enquanto o autocarro avançava aos solavancos pela estrada acidentada, ao longo de campos de espartos, ouviu

alguém chamá-la, da parte da frente do autocarro:

– MENINA Catherine Danielle Clark! – Era a *Loira-Magra-e-Alta* e a *Cara-de Lua*, que vira à hora do almoço. – Onde te meteste, galinha da turfa? Onde deixaste o chapéu, ratazana do pântano?

O autocarro parou, finalmente, no meio da floresta, num cruzamento não identificado, junto de um emaranhado de trilhos. O motorista abriu a porta, e Kya saiu apressadamente. Correu durante quase um quilómetro. Depois, parou para recuperar o fôlego, e continuou a correr a um ritmo mais pausado, até ao caminho de areia de sua casa. Não parou, ao passar pela cabana, correu a bom correr por entre os palmitos até à lagoa, percorrendo depois o trilho até ao oceano, por entre carvalhos frondosos. Só parou na praia deserta onde o mar a acolheu de braços abertos e o vento lhe desfez as tranças junto da rebentação. Estava praticamente em lágrimas como, aliás, estivera o dia inteiro.

Kya chamou as gaivotas sobre o poderoso rugido das ondas. O mar era tenor e as gaivotas soprano. As aves voaram em círculo sobre o pantanal, depois sobre a areia, enquanto Kya espalhava pedaços de massa crocante de tarte e de pão de fermento pela praia. Finalmente poisaram, baixando a cabeça, de pernas esticadas para baixo.

Algumas delas debicaram delicadamente na areia, por entre os dedos dos seus pés. As cócegas fizeram-na rir até que irrompeu em lágrimas, sacudida por violentos soluços vindos de um sítio estreito abaixo da garganta. Depois de esvaziar o pacote, achou que não aguentaria a dor se elas a abandonassem, como todos os outros, mas as gaivotas agacharam-se na areia, em torno dela, e entregaram-se à sua higiene habitual, limpando as penas das suas asas cinzentas com o bico. Ela sentou-se também, desejando poder reuni-las a todas e levá-las, para dormirem consigo no alpendre. Imaginou-as na sua cama, bem juntinhas – um amontoado de corpos emplumados, quentes e fofos, por baixo das cobertas.

Dois dias depois, ouviu o *Ford Ferlain* patinar na areia e fugiu para o pantanal. Primeiro, caminhou pesadamente sobre as dunas, para deixar um rasto de pegadas bem claro, e depois entrou na água em bicos de pés, sem deixar rasto, voltou para trás, e fugiu numa direção diferente. Quando chegou à lama, correu em círculos, criando uma confusão de pegadas, e quando, finalmente, alcançou terreno firme, percorreu-o cautelosamente, saltando da relva para cima de paus, para não deixar pegadas.

Eles continuaram a aparecer de dois em dois ou de três em três dias, durante mais algumas semanas. Era o homem de chapéu de feltro que ia à procura dela e tentava persegui-la, mas nunca conseguiu chegar sequer perto dela. Depois, houve uma semana em que ninguém apareceu – só se ouviam os corvos grasnar – e ela ficou de braços caídos, a olhar para o caminho deserto.

Kya nunca mais voltou a ir à escola na vida. Voltou a observar garças e apanhar conchas, pois achou que estas lhe poderiam ensinar alguma coisa.

– Já consigo arrulhar como um pombo – disse para consigo mesma. – Sou muito melhor do que eles, com os seus sapatos elegantes.

Algumas semanas depois do seu único dia de escola, num dia de sol escaldante, Kia trepou ao forte da árvore dos irmãos, à procura de barcos com a bandeira negra com o crânio e das tíbias cruzadas.

– Piratas! Piratas! – Gritou ela – como que a provar que a imaginação floresce no solo mais desolado – e saltou da árvore, para os atacar, brandindo a sua espada. Uma dor aguda percorreu-lhe, subitamente, o pé direito, alastrando pela perna acima, como fogo. Os joelhos fraquejaram-lhe, ela caiu de lado, gritou, e viu um prego ferrugento comprido, enterrado na sola do pé.

– Pai! – gritou ela, tentando recordar-se se ele regressara a casa na noite anterior. – AJUDA-ME, pai – gritou, mas não obteve resposta. Levou a mão ao pé e arrancou o prego, com um movimento rápido, gritando para abafar a dor.

Depois, começou a choramingar e a esbracejar incongruentemente na areia. Finalmente, sentou-se e olhou para a sola o pé. Quase não se via sangue, apenas o orifício de um pequeno ferimento profundo. Foi então que se lembrou do Queixo Preso. Ficou com um nó no estômago e sentiu frio. Jodie contara-lhe a história do rapaz que pisara um prego enferrujado. Como não lhe deram a injeção contra o tétano, ficou com o queixo tão preso que não conseguia abrir a boca. As costas curvaram-se-lhe para trás, como um arco de flechas, mas já ninguém podia fazer nada por ele, a não ser recuar e ficar a vê-lo morrer dos espasmos.

Jodie fora bastante claro num aspeto: se não levássemos a injeção, até dois dias depois de pisarmos o prego, estaríamos condenados. Mas Kya não fazia ideia como arranjar uma injeção dessas.

– Tenho de fazer alguma coisa, senão ainda fico com queixo preso à espera do pai. Atravessou a praia a coxear, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto, alcançando finalmente na sombra mais fresca dos carvalhos, em redor da cabana.

A mãe costumava embeber as feridas em água salgada e cobri-las de lama misturada com uma série de poções. Não havia sal na cozinha, por isso Kya coxeou até aos bosques e foi a um ribeiro de águas salobras, tão salgadas, que as margens ficavam cobertas de cristais brancos e cintilantes, na maré baixa. Sentou-se no chão, embebeu o pé em salmoura do pântano, sempre a abrir e a fechar a boca repetidamente, fingindo bocejar, mastigar, tudo o que a impedisse de emperrar. Ao fim de uma hora, a maré baixou o suficiente, para ela escavar um buraco na lama negra com os dedos e enfiar delicadamente o pé no solo acetinado. O ar ali estava fresco, e os gritos das águias deram-lhe coragem.

Ao fim da tarde, já estava esfomeada por isso regressou à cabana. O pai ainda não estava no quarto e provavelmente só voltaria dentro de algumas horas. O póquer e o uísque eram distração para uma noite inteira. Não havia

aveia, mas depois de vasculhar na cozinha, encontrou uma velha lata gordurosa de gordura vegetal, tirou um pedacinho de gordura branca e espalhou-a numa bolacha de água e sal. A princípio mordiscou-a hesitantemente, mas depois comeu mais cinco.

Enfiou-se na sua cama no alpendre e ficou a ver se ouvia o barco do pai. A noite caiu e passou a correr. O sono foi-lhe chegando aos poucos, mas deve ter adormecido quase de manhã, pois acordou com o sol a dar-lhe de chapa no rosto. Apressou-se a abrir a boca – ainda funcionava. Continuou a fazer o percurso da cabana ao riacho de águas salobras, até perceber, pelos movimentos de sol, que já tinham passado dois dias. Abriu e fechou a boca. Talvez se tivesse safado.

Nessa noite, ao aconchegar-se nos lençóis do colchão assente no chão, com o pé coberto de lama enrolado num trapo, perguntou a si mesma se acordaria morta. Não. Não seria assim tão fácil: primeiro teria de arquear as costas e contorcer braços e pernas.

Alguns minutos depois, sentiu uma pontada ao fundo das costas e sentou-se na cama.

– Oh não, não. Ai mãe, ai mãe. – Voltou a sentir a dor nas costas e calouse.

– É só uma impressão – murmurou. Por fim, rendeu-se à exaustão e adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, já os pombos arrulhavam no carvalho.

Continuou a ir ao ribeiro duas vezes ao dia, durante uma semana, sobrevivendo de bolachas de água e sal e gordura vegetal, e o pai não veio a casa uma única vez. No oitavo dia já conseguia mover o pé em círculo, sem sentir rigidez e a dor tornara-se superficial. Deu uns passos de dança, tentando não se apoiar muito no pé magoado, e gritou:

– Consegui, consegui!

Na manhã seguinte foi à praia procurar mais piratas.

– A primeira coisa que vou fazer é mandar a minha tripulação apanhar todos os pregos.

Acordava cedo todas as manhãs, ainda na esperança de ouvir o estardalhaço da mãe atarefada na cozinha. O pequeno-almoço preferido da mãe eram ovos mexidos, das suas próprias galinhas, com fatias de tomate maduro. Pastéis de milho – uma mistura de farinha de milho, água e sal que ela deitava em gordura tão quente que a massa borbulhava e os rebordos fritos pareciam renda crocante. A mãe costumava dizer que, para se fritar alguma coisa a sério, os estalidos tinham de se ouvir na sala ao lado. Durante toda a sua vida, Kya acordara com o crepitar dos pastéis na gordura e o cheiro a fumo azul do milho quente, mas agora a cozinha estava silenciosa e fria, por isso levantou-se da sua cama, no alpendre, e escapou-se para a lagoa.

Os meses foram passando e o inverno foi chegando de mansinho, como é costume no sul. Um sol morno como um cobertor envolveu-lhe os ombros, encorajando-a a embrenhar-se mais no pantanal. Por vezes, à noite, ouvia ruídos desconhecidos, ou sobressaltava-se com um relâmpago mais próximo, mas sempre que se ia abaixo era a terra que a amparava. E finalmente, num momento inesperado, a dor que sentia no coração desapareceu como água na areia. Continuava presente, mas a grande profundidade. Kya poisou a mão sobre a terra viva e morna, e o pantanal passou a ser a sua mãe.

5

A Investigação

1969

Lá no alto, as cigarras cantavam sob o sol abrasador. Todas as outras formas de vida se acovardavam com o sol, emitindo apenas um zunido indistinto, por entre a vegetação rasteira.

O Xerife Jackson limpou o suor da testa e disse:

– Há muito mais que fazer aqui, mas não me parece justo, Vern. A mulher e os pais de Chase ainda não sabem que ele faleceu.

– Eu vou lá dar-lhes a notícia, Ed – respondeu o Dr. Vern Murphy.

– Agradeço-te muito. Leva a minha carrinha, manda uma ambulância para o Chase e pede ao Joe que traga a carrinha. Mas não fales sobre isto a mais ninguém. Não quero a cidade em peso aqui e, se falares no assunto, é isso mesmo que vai acontecer.

Antes de se ir embora, Vern olhou longamente para Chase, como se lhe tivesse escapado alguma coisa. Como médico, tinha obrigação de corrigir essa falha. O ar opressivo do pântano esperou pacientemente pela sua vez, atrás deles.

Ed virou-se para os rapazes:

– Não saiam daqui. Não quero ninguém a tagarelar sobre isto na cidade. Não toquem em nada, nem façam mais pegadas na lama.

– Sim senhor – disse Benji. – O senhor acha que Chase foi morto, por não haver pegadas, não é? Talvez alguém o empurrasse, não?

– Eu não disse nada disso. Isso é trabalho da polícia. Tratem de não se intrometer e não repitam nada do que ouvirem aqui, rapazes.

Joe Purdue, o adjunto do Xerife, um homem pequeno de patilhas fartas, apareceu na carrinha de patrulha, menos de dez minutos depois.

– Eu não consigo aceitar isto. O Chase morto? Nunca se viu um *quarterback* como ele, nesta cidade. Isto é completamente absurdo.

– Tens toda a razão. Vamos lá trabalhar, então

– O que é que apuraste até agora?

Ed afastou-se dos rapazes.

– Bom, é claro que parece um acidente, assim à primeira vista: caiu da torre e morreu. Só que até agora, não consegui encontrar nem as pegadas dele em direção às escadas nem as pegadas de mais ninguém. Vejamos se conseguimos encontrar algum indício de que tenham sido disfarçadas por alguém.

Os dois polícias passaram a área a pente fino durante uns bons dez minutos.

– Tens razão. Nem uma pegada a não ser as dos miúdos – disse Joe.

– Pois. Nem sinais de que alguém as limpou. Não entendo. Vamos avançar. Eu tratarei disto mais tarde – disse Ed.

Fotografaram o corpo e a sua posição em relação aos degraus, fizeram primeiros planos dos ferimentos da cabeça, e da perna dobrada ao contrário. Joe ia tomando notas que o Ed lhe ditava. Ao medirem a distância a que o corpo estava do trilho, ouviram os arbustos riscarem a parte lateral da ambulância, ao longo do caminho. O condutor, um velho negro que há décadas tomava a seu cargo feridos, doentes, moribundos e mortos, curvou reverentemente a cabeça e deu algumas sugestões em voz baixa:

– Ora bem, não vamos conseguir fechar-lhe muito os braços, por isso não vou poder rebolá-lo para cima da maca; vamos ter de o levantar e ele parece ser pesado. Ampare o senhor a cabeça do Sr. Chase, Xerife. Isso mesmo. Santo Deus... – Ao final da manhã, conseguiram transportá-lo para dentro da ambulância, com a lama que tinha agarrada às costas e tudo.

Como nessa altura o Dr. Murphy já tinha informado os pais de Chase sobre a morte dele, Ed disse aos rapazes que podiam ir para casa e ele e Joe

começaram a subir os lances alternados de escadas, que se iam tornando mais estreitos em cada patamar. À medida que subiam, os cantos redondos do mundo foram-se afastando cada vez mais e as florestas luxuriantes e o pantanal alagado foram-se expandindo até ao limiar desse mundo.

Quando chegaram ao último degrau, Jackson esticou o braço e abriu um portão de ferro. Depois de subirem para cima da plataforma, ele voltou a baixá-lo, pois fazia parte do chão. O centro da plataforma era composto por tábuas de madeira lascadas e acinzentadas de tão envelhecidas, mas em torno do perímetro da torre, o chão era composto por uma série de grelhas quadradas, que permitiam ver para baixo e podiam ser abertas e fechadas. Podíamos caminhar em segurança por cima delas, desde que estivessem fechadas, mas se deixassem alguma aberta, podíamos dar uma queda de dezoito metros até à lama.

– Olha para aquilo! – Ed apontou para o lado oposto da plataforma. Um dos portões estava aberto.

– Mas que raio de coisa – disse Joe, ao aproximarem-se dele. Espreitaram lá para baixo e viram claramente os contornos do corpo deformado de Chase decalcados na lama. Um líquido pegajoso amarelado e algumas lentilhas de água, pareciam ter saltado para ambos os lados, como num quadro salpicado de tinta.

– Isto não faz sentido – disse Ed. – Às vezes as pessoas esquecem-se de fechar a grelha por cima das escadas, quando voltam para baixo, percebes? Encontrámo-la aberta várias vezes, mas as outras quase nunca ficam abertas.

– Porque iria Chase ou qualquer outra pessoa abrir esta?

– A menos que alguém estivesse a planear empurrar outra pessoa e provocar-lhe a morte – disse Ed.

– Então, porque não a fecharam depois?

– Porque se Chase tivesse caído sem que ninguém o empurrasse não a teria podido fechar. Tinham de deixá-la aberta para parecer um acidente.

– Olha para aquela viga de suporte, por baixo do buraco. Está esmagada e lascada.

– Sim, estou a ver. Chase deve ter batido nela com a cabeça, quando caiu.

– Vou descer até lá, para ver se encontro amostras de sangue ou de cabelo, e recolher algumas lascas de madeira.

– Obrigado, Joe. Faz também uns primeiros planos. Vou buscar uma corda para te prender. Não convinha nada ter de lidar com dois cadáveres num só dia, neste atoleiro. Temos também de tirar impressões digitais desta grelha, da outra junto das escadas, da balaustrada e dos corrimões – qualquer coisa em que alguém possa ter tocado – e recolher amostras de cabelo e fibras.

Mais de duas horas depois, estavam a fazer estiramentos, para aliviar os músculos das costas do esforço de se inclinarem e dobrarem constantemente. Ed disse:

– Não estou a dizer que houve crime. É demasiado cedo para se saber. Além disso, não me ocorre ninguém que pudesse querer matar o Chase.

– Bem, eu diria que a lista seria bastante longa – disse o agente.

– Quem, por exemplo? Que conversa é essa?

– Vá lá, Ed. Tu sabes como ele era. Um autêntico garanhão com o cio – um touro preso num curro depois de solto – Marchava tudo, fossem elas solteiras ou casadas, antes e depois do casamento. Já vi cães excitados com cadelas portarem-se melhor do que ele.

– Vá lá, o homem não era assim tão mau. É certo que tinha fama de mulherengo, mas não estou a ver ninguém desta cidade cometer um crime por causa disso.

– Estou apenas a dizer que havia quem não gostasse dele. Um marido ciumento, por exemplo. Só podia ser alguém que ele conhecia. Alguém que todos nós conhecemos. Não o estou a ver a subir até aqui com um estranho – disse Joe.

– A menos que se endividasse até ao pescoço com alguém de fora da cidade – uma coisa desse género nunca nos chegaria aos ouvidos – alguém suficientemente forte para empurrar Chase Andrews, o que não é tarefa fácil.

– Ocorrem-me alguns tipos à altura.

6

Um Barco e um Rapaz

1952

Uma manhã, o pai entrou na cozinha de camisa amarrotada e barba feita e disse que ia apanhar um autocarro para Ashville, para discutir uns assuntos com o exército. Concluía que tinha direito a uma pensão de invalidez mais alta, ia lá tratar do assunto e só voltaria daí a três ou quatro dias. Ele nunca lhe dizia o que andava a fazer, onde ia nem quando voltava, por isso Kya ficou muda a olhar para ele, de dentro das suas jardineiras demasiado curtas.

– Agora deste em surda-muda. Está bem. – disse ele, batendo com a porta do alpendre atrás de si.

Kya viu-o coxear pelo caminho, baloiçando a perna esquerda para o lado e para a frente, e cerrou os punhos. Talvez todos eles acabassem por desaparecer por aquele caminho, e a abandonassem um por um. Quando ele chegou à estrada, olhou inesperadamente para trás e Kya levantou a mão, acenando-lhe energicamente, como que a tentar mantê-lo preso a si. O pai retribuiu-lhe com um aceno breve e displicente, mas já era alguma coisa. A mãe fizera menos do que isso.

Dali foi até à lagoa, onde a luz das primeiras horas da manhã cintilava nas asas de milhares de libelinhas. A lagoa estava rodeada de carvalhos e mato denso que a tornavam semelhante a uma gruta escura. Kya parou, ao ver o barco do pai a flutuar, preso a uma corda. Se o levasse para o pantanal e ele descobrisse, acabaria por levar com o cinto ou com o remo que ele tinha junto da porta do alpendre. «O bastão de boas-vindas», como Jodie lhe chamava.

Talvez fosse o desejo de chegar mais longe que a atraiu para o barco – um esquife de metal amolgado, de fundo plano, que o pai usava para pescar. Toda a sua vida andara nele. Normalmente, era Jodie que a levava e às vezes

deixava-a conduzir. Conhecia até alguns caminhos pelos intrincados canais e estuários, que fluíam por aquele mosaico de água e terra, terra e água, até chegarem, finalmente, ao mar. Embora o oceano ficasse mesmo por trás das árvores que rodeavam a cabana, a única forma de lá chegar de barco era seguir em sentido contrário, em direção ao continente, e ziguezaguear quilómetros por aquele labirinto de cursos de água, que acabavam por regressar ao mar.

Mas como tinha apenas sete anos e era rapariga, nunca levava o barco sozinha. E agora ali estava ele, a flutuar, preso apenas por uma corda de algodão a um tronco. O fundo do barco estava coberto de uma camada cinzenta de imundície, velhos apetrechos de pesca e latas de cerveja parcialmente esmagadas. Kya entrou no barco e disse em voz alta:

– Tenho de verificar a gasolina, para o pai não perceber que eu o levei, como Jodie me disse para fazer. – Enfiou um junco partido no depósito ferrugento. – Acho que chega para dar uma voltinha.

Olhando em redor, como qualquer ladrão que se preze, soltou a corda de algodão do tronco e empurrou o barco para a frente com o único remo. A nuvem silenciosa de libelinhas apartou-se diante dos seus olhos.

Incapaz de resistir à tentação, puxou a corda do motor de arranque e deu um salto para trás, quando este pegou à primeira, a vomitar fumo branco. Agarrou na cana do leme, girou demasiado o acelerador e o barco virou bruscamente com o motor a guinchar. Kya largou o acelerador, ergueu ambas as mãos, e o barco abrandou, com o motor a ronronar.

Quando estiveres aflita, larga-o e deixa-o parar.

Voltando a acelerar, desta vez, não tão bruscamente, contornou o velho cipreste caído, para lá do amontoado de paus que serviam de toca aos castores. Depois, conteve a respiração e conduziu o barco até à entrada da lagoa, praticamente oculta por espinheiros. Agachando-se sob os ramos mais baixos das gigantescas árvores, percorreu lentamente mais de cem metros,

por entre o matagal, com a mesma facilidade com que uma tartaruga desliza de um tronco na água. Um tapete flutuante de lentilhas aquáticas coloria a água num tom tão verde como o frondoso teto de folhas, criando um túnel cor de esmeralda. Finalmente, as copas das árvores abriram-se e ela entrou numa área de céu aberto e erva alta, animada pelo grasnido de aves. *É isto que um pintainho vê, quando consegue, finalmente, romper a casca do ovo*, pensou.

Kya prosseguiu, virando ora numa direção ora noutra, navegando por uma interminável sucessão de estuários que se iam ramificando e cruzando à sua frente. Aquela pequena amostra de gente.

– Mantém-te à esquerda nas curvas para fora – dissera-lhe Jodie. Quase não tocava no acelerador, navegando praticamente ao sabor da corrente e procurando manter o ruído do motor baixo. Ao contornar um aglomerado de juncos, viu uma corça de cauda branca, a beber água com a cria que dera à luz na última primavera. Ambas levantaram bruscamente a cabeça, salpicando gotas de água pelo ar. Kya não parou, pois sabia que elas fugiriam, uma lição que aprendera ao observar perus selvagens: se agirmos como predadores eles agem como presas. *Ignora-as e continua a avançar devagar*. Passou perto delas e a corsa ficou perfeitamente imóvel até Kya desaparecer por trás dos juncos de água salgada. Entrou numa zona com lagoas escuras afundadas numa garganta de carvalhos e lembrou-se de um canal, do lado oposto que desaguava num enorme estuário. Por diversas vezes, deu consigo em canais sem saída e teve que voltar para trás e virar para outro lado, mas memorizou todos esses pontos de referência, para poder regressar. Finalmente, o estuário surgiu à sua frente, estendendo-se a tão grande distância, que parecia levar consigo o céu e as nuvens.

A maré estava a baixar. Percebeu-o pelas linhas de água ao longo das margens do riacho. Se a maré recuasse demasiado – o que poderia acontecer a qualquer momento – o nível da água tornar-se-ia tão baixo em alguns canais, que o barco acabaria por encalhar e ficar ali preso. Teria de regressar antes

que isso acontecesse.

Contornou um banco de erva alta e, de repente, deparou-se com o rosto cinzento, severo e palpitante do oceano a franzir-lhe o sobrolho. As ondas embatiam umas contra as outras, banhadas na sua própria saliva branca, rebentando ruidosamente na praia – energia à procura de uma cabeça-de-praia, que sem ter onde se agarrar, se desfazia, depois, em silenciosas línguas de espuma, à espera da próxima vaga.

A rebentação provocou-a, desafiando-a a enfrentar as ondas e a entrar no mar, mas sem Jodie, faltou-lhe a coragem. Para além disso, era altura de regressar. Nuvens de trovoada surgiam no céu, a oeste, formando grandes cogumelos cinzentos, como que a forçar-lhe as costuras.

Não vira mais ninguém por ali, nem sequer barcos distantes, por isso foi uma surpresa ver um rapaz a pescar noutro esquife amolgado, junto da erva do pantanal, ao voltar a entrar no grande estuário. Se mantivesse o mesmo rumo, passaria a uns escassos seis metros dele. Naquela altura, Kya era a imagem acabada de uma criança do pântano, de cabelo embaraçado e faces mascarradas, manchadas pelas lágrimas do vento.

Mas nem a falta de gasolina, nem a tempestade iminente, a inquietaram tanto como o facto de estar a ver outra pessoa, especialmente um rapaz. A mãe costumava advertir as irmãs, dizendo-lhes que os homens se convertiam em predadores na presença de uma mulher tentadora. Kya cerrou firmemente os lábios e pensou:

O que vou fazer? Vou ter de passar por ele.

Observando-o pelo canto do olho, viu que ele era magro e tinha o cabelo louro encaracolado, enfiado debaixo de um boné de basebol. Era muito mais velho do que ela. Devia ter uns onze ou doze anos. Embora estivesse com uma expressão sombria quando ela se aproximou, dirigiu-lhe um sorriso caloroso e espontâneo, tocando na pala do boné como um cavalheiro a cumprimentar uma dama chique de vestido e chapéu. Ela acenou-lhe

ligeiramente com a cabeça e olhou em frente, girando o acelerador, ao passar por ele.

A única coisa que queria era regressar a território familiar, mas devia ter virado na direção errada, pois quando chegou à segunda série de lagoas, não conseguiu encontrar o canal que a levaria a casa. Andou às voltas, procurando-o em vão junto de troncos de carvalhos e murtas. Uma sensação de pânico cresceu lentamente dentro de si. Agora, as curvas, os aglomerados de erva, os bancos de areia pareciam todos iguais. Desligou o motor, pôs-se de pé exatamente ao centro do barco, afastando bem os pés, para se equilibrar, e tentou espreitar por cima dos juncos, mas não conseguiu. Sentou-se. Estava perdida, com pouca gasolina e uma tempestade a caminho.

Amaldiçoou o irmão por se ter ido embora, repetindo as palavras do pai:

– Maldito sejas, Jodie. Espero que ardas no inferno. Que te arda o rabo e morras queimado nele.

Gemeu uma vez, deixando-se arrastar pela corrente suave. As nuvens estavam a ganhar terreno ao sol. Moviam-se pesadamente, mas em silêncio, escurecendo o céu e espalhando sombras sobre as águas transparentes. A ventania poderia rebentar a qualquer momento. O pior é que se andasse por ali demasiado tempo, o pai iria perceber que ela levava o barco. Continuou avançando devagar. Talvez conseguisse encontrar o rapaz.

Navegou mais alguns minutos pelo riacho e depois de uma curva, viu o grande estuário e o rapaz no barco, do lado oposto. Algumas garças levantaram voo, como bandeiras brancas contra o céu carregado de nuvens cinzentas. Ela ficou de olhos pregados nele, receando aproximar-se, receando não se aproximar. Finalmente, virou o barco e atravessou o estuário.

Ele levantou os olhos quando ela se aproximou.

– Olá – disse ele.

– Olá – disse ela, olhando para os juncos, por cima do ombro dele.

– Para onde vais? – perguntou ele. – Espero que não te afastes muito.

Vem aí uma tempestade.

– Não – disse ela, baixando os olhos para a água.

– Estás bem?

Ela sentiu a garganta apertada e tentou conter as lágrimas. Acenou-lhe com a cabeça, mas não conseguiu falar.

– Estás perdida?

Ela voltou a acenar com a cabeça. Não ia chorar como uma miúda.

– Bom, é que eu perco-me muitas vezes – disse ele, sorrindo. – Eu conheço-te. Tu és irmã do Jodie Clark.

– Era. Ele foi-se embora.

– Bom, mas continuas a ser... – Achou melhor não prosseguir.

– Como é possível que me conheças? – Olhou-o brevemente nos olhos.

– Eu costumava pescar com o Jodie e vi-te algumas vezes. Na altura eras muito pequena. Tu és a Kya, não és?

Aquilo apanhou-a de surpresa. Alguém sabia o nome dela. Foi como se aquilo lhe desse chão e ao mesmo tempo a libertasse de outra coisa qualquer.

– Sim. Sabes onde eu moro.

– Acho que sim. E está na hora de ires para casa. – Acenou com a cabeça para as nuvens. – Segue-me. – Recolheu a linha de pesca, guardou os apetrechos na caixa e pôs o motor fora de borda a trabalhar. Ao atravessar o estuário, acenou-lhe e ela seguiu-o. Avançou devagar e foi direito ao canal certo, olhando para trás para ter a certeza que ela fizera a curva, e continuou a avançar. Olhou para trás em todas as curvas até chegarem às lagoas da floresta de carvalho. Quando ele virou para o riacho escuro que a levaria a casa, ela percebeu onde se tinha enganado, e garantiu a si mesma que nunca mais voltaria a cometer esse erro.

Ele guiou-a pela lagoa, até à margem onde se erguia a cabana, nos bosques, mesmo depois de ela lhe fazer sinal que já sabia o caminho. Ela levou o barco até junto do tronco de pinheiro caído na água e prendeu-o. Ele

passou junto do barco e parou, virado na direção contrária.

– Estás bem, agora?

– Sim.

– Bom, a tempestade está a chegar. É melhor eu ir andando.

Ela acenou com a cabeça e depois lembrou-se do que a mãe lhe ensinara.

– Obrigada.

– Muito bem, então. Eu chamo-me Tate, caso me voltes a ver.

Ao ver que ela não respondia, despediu-se:

– Adeus.

Grossas gotas de chuva começaram a salpicar lentamente a praia da lagoa, assim que ele se afastou, e ela disse para consigo mesma:

– Vai chover a potes e aquele rapaz vai ficar encharcado.

Inclinou-se sobre o depósito de gasolina e mergulhou a vareta de junco pela abertura, colocando as mãos em concha nas bordas, para que a chuva não entrasse. Talvez não soubesse contar moedas, mas sabia que a gasolina não podia apanhar água.

– Está muito baixa. O pai vai perceber. Tenho de ir buscar um latão de gasolina à Sing Oil, antes que o pai volte.

Kya conhecia o dono das bombas, o Sr. Johnny Lane, que chamava escumalha do pântano à sua família, mas valeria a pena lidar com ele, com as tempestades e as marés, porque só pensava em voltar àquele espaço de erva alta, céu e água. Sentira-se assustada por estar sozinha, mas tinha sido uma aventura excitante. E havia um outro motivo. A calma do rapaz. Nunca conhecera ninguém que falasse e se movesse com tamanha firmeza. Tamanha confiança e naturalidade. O simples facto de estar perto dele – e nem por isso muito perto – acalmara-a. Era a primeira vez que respirava sem dor, desde que a mãe e Jodie se tinham ido embora, que sentia algo mais que mágoa. Precisava do seu barco e daquele rapaz.

Nessa mesma tarde, Tate Walker percorreu a cidade a pé, com a bicicleta, cumprimentou a menina Pansy, no Five and Dime, passou em frente ao Western Auto e foi até à ponta da doca da cidade. Perscrutou o mar à procura do barco de pesca de camarão do pai, o Cherry Pie, e avistou o seu casco vermelho-vivo à distância, com os seus grandes aladores de redes a baloiçar ao sabor das ondas. Quando o barco se aproximou, escoltado pelo seu próprio bando de gaivotas, ele acenou, e o pai, um homem corpulento de ombros largos como montanhas, barba e cabelo ruivo, crespo, ergueu a mão no ar. Scupper, como todos lhe chamavam na aldeia, atirou a corda a Tate. Este amarrou-a e subiu a bordo, para ajudar a tripulação a descarregar a pescaria.

– Como vai isso, filho? Obrigado por apareceres – disse ele, despenteando carinhosamente o cabelo ao filho.

Tate sorriu e acenou com a cabeça:

– É claro que apareci. – Ele e a tripulação atiraram-se ao trabalho. Encheram grades de camarão e descarregaram-nas no cais, desafiando-se em voz alta para umas cervejas no Dog-Gone, e perguntando a Tate como ia a escola. Scupper, que tinha mais um palmo de altura do que o resto dos homens, levantava três grades metálicas de cada vez, e descarregava-as pela prancha, voltando a bordo para ir buscar mais. Tinha uns punhos enormes e os nós dos dedos gretados e ressequidos. Em menos de quarenta minutos lavaram o convés, prenderam as redes e amarraram as cordas.

Ele disse à tripulação que iria beber cerveja com eles noutro dia, pois tinha de fazer umas afinações no barco, antes de se ir embora. Na casa do leme, Scupper pôs um disco de 78 rotações, de Miliza Korjus, no gira-discos amarrado ao balcão e aumentou-lhe o volume. Depois, desceu abaixo do convés com Tate e enfiaram-se os dois na casa das máquinas. Tate ia passando ferramentas ao pai, enquanto este lubrificava peças e apertava porcas à luz de uma lâmpada fraca, sempre ao som do bel canto, que ecoava pelo ar, em crescendo.

O trisavô de Scupper emigrara da Escócia. O navio em que viajava naufragara ao largo da costa da Carolina do Norte, em 1760, e ele fora o único sobrevivente. Nadara até à praia, instalara-se em Outer Banks, casara-se e fora pai de treze filhos. Esse senhor Walker em particular deixara inúmeros descendentes, mas Scupper e Tate preferiam ficar no seu canto. Raramente iam aos piqueniques de salada de galinha e ovos recheados que os familiares faziam ao domingo, nem mesmo quando a mãe e a irmã ainda eram vivas.

Finalmente, ao cair da noite, Scupper deu uma palmada nas costas de Tate e disse-lhe:

– Estamos despachados. Vamos para casa fazer o jantar.

Percorreram o cais, desceram a Main por uma estrada sinuosa e seguiram até casa, um edifício de dois andares, construído no século XIX, com tapumes envelhecidos de placas de cedro. Os caixilhos brancos das janelas tinham sido pintados há pouco tempo, e o relvado, que se estendia quase até ao mar, estava bem aparado, mas as azáleas e as roseiras, que cresciam junto da casa, estavam afogadas em ervas daninhas.

Scupper tirou as botas amarelas no vestíbulo e perguntou:

– Não estás farto de hambúrgueres?

– Nunca me farto de hambúrgueres.

Tate estava junto do balcão da cozinha, a pegar em pedaços de carne picada, que moldava em forma de hambúrguer e ia dispondo num prato. A mãe e a irmã Carianne, ambas de boné de basebol, sorriram-lhe de uma fotografia pendurada na parede. Carianne adorava aquele boné dos Braves e ia com ele para toda a parte.

Ele desviou os olhos delas e começou a cortar tomates em fatias e a mexer feijão cozido. Se não fosse ele, ainda lá estariam. A mãe a regar uma galinha e Carianne a cortar biscoitos.

Scupper queimou um pouco os hambúrgueres, como sempre, mas

estavam suculentos por dentro e eram da grossura de uma lista telefónica. Como estavam ambos esfomeados, comeram em silêncio, durante algum tempo. Depois Scupper perguntou a Tate como estava a correr a escola.

– Em Biologia estou bem – gosto da disciplina – mas estamos a dar poesia na aula de Inglês e eu tenho de admitir que não me agrada muito. Cada um de nós tem de ler um poema em voz alta. Tu costumavas recitar alguns, mas eu já não me lembro deles.

– Eu tenho o poema ideal para ti, filho – disse Scupper. – É o meu preferido: A Cremação de Sam McGuee, de Robert Service. Costumava lê-lo alto a todos vocês. Também era o poema favorito da tua mãe. Sempre que eu o lia ela ria-se. Nunca se fartava de o ouvir.

Tate baixou os olhos, ao ouvir falar na mãe e começou a espalhar os feijões pelo prato.

Scupper continuou:

– Não penses que a poesia é só para maricas. É certo que há poemas de amor lamechas, mas também há alguns engraçados. Muitos deles falam da natureza e até de guerra. A ideia é fazerem-te sentir algo. – O pai dissera-lhe muitas vezes que o que define um homem a sério é o facto de chorar sem se envergonhar disso, ler poesia com o coração, sentir a ópera na alma e fazer o que for preciso para defender uma mulher. Scupper encaminhou-se para a sala de estar e disse em voz alta:

– Eu sabia-o quase todo de cor, mas já não sei. De qualquer forma, tenho-o aqui e vou ler-to. Voltou a sentar-se à mesa e começou a ler:

E ali estava Sam, de semblante frio e calmo, a ouvir o rugido da caldeira.

Depois, com um sorriso que se via à distância, disse:

– Fecha-me essa porta, por favor.

Está bom aqui dentro, mas receio que deixes entrar frio e vento

É a primeira vez que me aqueço, desde que parti de Plumtree, no Tennessee.

Scupper e Tate riram baixinho.

– A tua mãe ria-se sempre que ouvia isto.

Sorriram os dois ao recordá-lo e assim ficaram, por instantes. Depois Scupper disse-lhe que ia lavar a loiça enquanto ele fazia os trabalhos de casa. No seu quarto, ao folhear o livro de poesia, à procura de um poema para ler na aula, Tate descobriu um poema de Thomas Moore:

*... ela partiu para o lago de Dismal Swamp
Aí passou a remar a sua canoa branca,
noite fora, à luz de uma candeia.
Em breve verei a sua candeia.
Em breve a ouvirei remar.
A nossa vida será longa, cheia de amor
E se acaso ouvir os passos da morte,
Esconderei a donzela no tronco de um cipreste.*

O poema fê-lo pensar em Kya, a irmã mais nova de Jodie. Parecera-lhe tão pequena, tão só, na imensidão do pantanal. Imaginou a sua própria irmã ali perdida. O pai tinha razão – os poemas faziam-nos sentir algo.

A Época da Pesca

1952

Nessa noite, depois de o rapaz do barco a guiar até casa pelo pantanal, Kya sentou-se na sua cama do alpendre, de pernas cruzadas. O nevoeiro da chuva penetrou pela rede remendada e tocou-lhe no rosto. Kya pensou no rapaz. Era gentil, mas forte como Jodie. As únicas pessoas com quem falava eram o pai, muito de vez em quando, e mais raramente ainda, com a empregada da caixa do Piggly Wiggly, a Sra. Singletary, que decidira recentemente ensinar a Kya a distinguir as diferentes moedas, mas que também se tornava, por vezes, bastante intrometida.

– Afinal, como te chamas, querida? Porque é que a tua mãe deixou de cá vir? Não a vejo desde que os nabos grelaram.

– A mãe tem muito que fazer, por isso manda-me a mim à loja.

– Sim, minha querida, mas tu nunca compras o suficiente para a tua família.

– Tenho de me ir embora, minha senhora. A mãe precisa que eu lhe leve esta aveia imediatamente.

Kya evitava a Sra. Singletary, sempre que possível, recorrendo à outra empregada da caixa, que não parecia demonstrar nenhum interesse por ela, a não ser para lhe dizer que as crianças não deviam ir ao mercado descalças. Kya pensou em responder-lhe que não tencionava escolher uvas com os dedos dos pés. Mas também, quem tinha dinheiro para comprar uvas?

Aos poucos Kya estava a deixar de falar com quem quer que fosse, para além das gaivotas. Perguntou a si mesma se conseguiria chegar a um acordo qualquer com o pai, para usar o seu barco. No pantanal poderia apanhar penas e conchas e talvez ver o rapaz, de vez em quando. Nunca tivera um amigo,

mas conseguia entender a importância e o apelo da amizade. Podiam passear de barco pelos estuários e explorar os pântanos.

Talvez ele a encarasse como uma criança pequena, mas sabia orientar-se no pantanal e poderia ensiná-la.

O pai não tinha carro. Usava o barco para pescar, para ir à cidade, e para navegar pelo pântano até ao Swamp Guinea, um bar e salão de poker decrépito, ligado a terra firme por um frágil passadiço, por entre taboas. O bar de paredes toscas, de madeira, e telhado de zinco prolongava-se de acrescento em acrescento, com o chão a diferentes níveis, consoante a altura dos finos pilares de tijolo que o elevavam acima do pântano. Fosse para ir lá ou a outro sítio qualquer o pai usava sempre o barco, e só muito raramente caminhava. Porque haveria de lho emprestar?

Provavelmente, deixava os irmãos usá-lo quando não precisava dele, para que eles trouxessem peixe para o jantar. Kya não tinha interesse na pesca, mas talvez pudesse negociar outra coisa qualquer, se essa fosse a única forma de o convencer. Talvez cozinhar ou fazer mais alguma coisa em casa, até que a mãe voltasse.

A chuva abrandou. De vez em quando, ouvia-se cair uma gota aqui e acolá como um gato a sacudir uma orelha. Kya levantou-se, limpou o frigorífico que servia de armário, lavou o chão manchado da cozinha de contraplacado, e raspou restos de papas de aveia, encrostados há meses, nos bicos do fogão de lenha.

Na manhã seguinte, bem cedo, lavou os lençóis do pai que fediam a suor e uísque e estendeu-os sobre os palmitos. Depois foi ao quarto dos irmãos, que era pouco maior que um roupeiro, limpou-lhe o pó e lavou-o. Havia meias sujas empilhadas ao fundo do roupeiro e livros de banda desenhada, amarelecidos, espalhados pelo chão, junto dos dois colchões imundos. Tentou visualizar o rosto dos rapazes, os pés que calçavam as meias, mas os detalhes estavam a esbater-se. Até o rosto de Jodie estava a desaparecer. Conseguira

ver os seus olhos, por instantes, mas depois desapareceram. Fecharam-se.

Na manhã seguinte, levou consigo um latão de três litros e meio, percorreu os trilhos de areia até ao Piggly Wiggly, comprou fósforos, entrecosto e sal e ainda conseguiu poupar dois centavos.

– Não posso comprar leite porque tenho de ir buscar gasolina.

Passou pelas bombas de gasolina da Sing Oil, mesmo à saída de Barkley Cove, que ficavam num pinhal, rodeado de camiões enferrujados e chaços velhos, empilhados em cima de blocos de cimento.

O Sr. Lane viu Kya aproximar-se:

– Põe-te andar daqui mendiga de palmo e meio. Maldita escumalha do pantanal.

– Eu tenho dinheiro, Sr. Lane. Preciso de gasolina e de óleo para o barco a motor do pai. Mostrou-lhe meia-dúzia de moedas

– Quase não valia a pena estar a incomodar-me por uma ninharia dessas, mas vá lá. Dá cá isso. – Agarrou no latão amolgado.

Ela agradeceu-lhe e ele voltou a resmungar. A comida e a gasolina pareciam pesar mais, a cada quilómetro que percorria, por isso demorou algum tempo a chegar a casa. Finalmente, já na sombra da lagoa, verteu o conteúdo do latão para dentro do depósito de gasolina e esfregou o barco com trapos e areia molhada, até o metal de ambos os lados se tornar visível por baixo da sujidade.

Ao quarto dia após a saída do pai da cabana, começou a ficar de atalaia. Ao fim da tarde foi invadida por um pavor gelado e começou a ficar com a respiração superficial. Lá estava ela outra vez a olhar para o caminho. Por muito mau que ele fosse, precisava que ele voltasse. Finalmente, ao cair da noite, lá apareceu, a caminhar pelos sulcos de areia. Correu para a cozinha e serviu um gulache de folhas de mostarda cozidas, entrecosto e aveia. Não

sabia fazer molho, por isso verteu o caldo do entrecosto, com pedaços de gordura branca a flutuar, para dentro de um frasco de geleia vazio. Os pratos estavam rachados e eram diferentes um do outro, mas colocara o garfo à esquerda e a faca à direita, como a mãe lhe ensinara. Depois esperou, colada ao frigorífico como uma cegonha atropelada na estrada.

Ele bateu com a porta da frente contra a parede e percorreu a sala de estar em direção ao seu quarto, em três tempos, sem a chamar e sem olhar para dentro da cozinha, mas isso era normal. Ouviu-o poisar a mala no chão e abrir gavetas. Certamente que ele reparara nos lençóis lavados e no chão limpo. Mesmo que não reparasse o seu nariz iria dar pela diferença.

Alguns minutos depois, saiu e foi direito à cozinha, olhando para a mesa posta e para as tijelas de comida fumegante. Viu-a encostada ao frigorífico e ficaram a olhar um para o outro como se nunca se tivessem visto na vida.

– Palavra de honra, rapariga. O que é isto? Parece que resolveste crescer. A cozinhar e tudo? – Não sorriu, mas estava com uma expressão calma. Estava com a barba por fazer e o cabelo escuro por lavar pendia-lhe sobre a têmpora esquerda. Mas estava sóbrio. Kya conhecia os sinais.

– Sim senhor. E também fiz pão de milho, mas ainda está no forno.

– Nessa caso, obrigado. Mas que linda menina. Estou mais cansado e esfomeado que um javali. Puxou uma cadeira e sentou-se. Ela fez o mesmo. Serviram-se em silêncio e arrancaram pedaços de carne fibrosa do entrecosto magro. Ele pegou numa vértebra e sugou-lhe o tutano, lambuzando as faces barbadas com o molho gordurento. Roeu aqueles ossos até ficarem macios como laços de seda.

– Isto é melhor numa sanduíche de couve fria – disse ele.

– Quem me dera que o pão de milho acabasse de cozer. Devia ter posto mais bicarbonato de sódio e menos ovos. – Kya nem queria acreditar no que disse a seguir, mas não resistiu. – A mãe fazia-o tão bem. Não devo ter dado atenção suficiente aos detalhes... – Depois percebeu que não devia estar a

falar na mãe e calou-se.

– O pai empurrou o prato na direção dela.

– Não há aí mais um pouco?

– Sim senhor. Ainda há muito.

– Ah, é verdade, põe um pouco desse pão de milho no guisado. Estou com ânsias de o ensopar no caldo. Aposto que vai ficar tão bom como aquele, feito com ovos, que se come à colher.

Ela sorriu para consigo mesma, ao encher-lhe o prato. Quem iria imaginar que o pão de milho lhes serviria de base de conversa?

Mas depois de pensar um pouco no assunto, ficou com receio que ao pedir-lhe o barco emprestado, ele pensasse que ela cozinhará e limpará só para que ele lhe fizesse aquele favor. O motivo começara por ser esse, mas agora tudo lhe estava a parecer um pouco diferente. Gostava de estar sentada a comer como numa verdadeira família. Sentia uma necessidade urgente de falar com alguém.

Por isso, em vez de lhe falar em usar o barco, perguntou:

– Posso ir pescar consigo, um dia?

Ele riu alto, mas eram gargalhadas gentis. Era a primeira vez que ria desde que a mãe e os outros se tinham ido embora.

– Então queres ir pescar?

– Sim senhor.

– Tu és uma rapariga, filha – disse ele, olhando para o prato e roendo o entrecosto.

– Sim senhor. Uma rapariga sua filha.

– Até poderia levar-te um dia destes.

Na manhã seguinte, Kya correu pelo caminho de areia, de braços abertos, imitando o ruído de um motor com os lábios, e salpicando o ar de cuspo. Levantaria voo e planaria sobre o pantanal, à procura de ninhos e depois subiria mais alto e voaria lado a lado com as águias. Afastou os dedinhos e

estes converteram-se em longas asas abertas, reunindo vento sob o seu corpo. Mas, de repente, o pai gritou-lhe do barco e ela regressou de supetão à terra. Caíram-lhe as asas e sentiu o coração na boca. Ele devia ter percebido que ela usara o barco. Já estava a sentir o remo no traseiro e na parte de trás das pernas. Sabia onde se esconder, sabia que se esperasse até que ele estivesse bêbado, ele jamais a encontraria. Mas afastara-se demasiado pelo caminho de areia. Estava demasiado exposta. E ele estava ali mesmo, com as canas de pesca e os carretos, a fazer-lhe sinal para que fosse ter com ele. Kya aproximou-se dele calada e assustada. Havia apetrechos de pesca por toda a parte e ele guardara um cantil de aguardente de milho por baixo do banco.

– Entra. – Foi tudo o que disse. Ela começou por expressar alegria e gratidão, mas o semblante impassível dele, silenciou-a, ao subir para junto da proa e sentar-se no banco de metal, virado para a frente. Ele puxou a corda do motor de arranque e começaram a subir o canal, agachando-se sob a vegetação, ao percorrerem os diferentes cursos de água. Ela memorizou as árvores partidas e os velhos tocos que os sinalizavam. Ele abrandou numa represa e fez-lhe sinal para que se sentasse no banco central.

– Tira algumas minhocas da lata, anda – disse ele, com um cigarro enrolado ao canto da boca. Ensinou-lhe a colocar o isco no anzol, a lançar a linha e a enrolá-la. Parecia torcer-se em posições estranhas para evitar roçar-se nela. Apenas falaram de pesca. Não se aventuraram a abordar outros temas, nem sorriam frequentemente, mas pareciam ter um entendimento. Ele bebeu alguma aguardente, mas depois começou a ter que fazer e não bebeu mais. Ao fim do dia, o sol suspirou e enfraqueceu até ficar cor de manteiga, e ambos descontraíram os ombros e o pescoço, ainda que nenhum deles desse por isso.

Kya desejou em segredo não apanhar nenhum peixe, mas a dada altura, sentiu um sacão, puxou a linha e ergueu uma dourada gorda, a brilhar em tons de prateado e azul. O pai inclinou-se e apanhou-a na rede. Depois

recostou-se e bateu no joelho, exultante, como ela nunca o vira antes. Ela dirigiu-lhe um grande sorriso e olharam-se nos olhos, como que a fecharem um circuito.

Antes de o pai prender a dourada, esta andou aos reboções pelo fundo do barco e Kya sentiu-se compelida a desviar os olhos para um bando distante de pelicanos, e a estudar a forma das nuvens, para não ter de olhar para o peixe moribundo, de olhos fixos num mundo sem água, tentando em vão respirar, de boca escancarada. Mas aquela pequena amostra de vida em família valeu de longe o preço que ela e o peixe pagaram por isso – talvez não do ponto de vista do peixe, mas deixá-lo.

No dia seguinte, voltaram a sair de barco e Kya viu algumas penas macias do peito de um grande mocho, à superfície de uma lagoa escura. As penas estavam enroladas para cima, em ambas as pontas, e flutuavam à deriva, como pequenos barcos cor de laranja. Ela apanhou-as e guardou-as no bolso. Mais tarde, encontrou um ninho abandonado de um beija-flor, preso a um ramo saliente de uma árvore, e recolheu-o, guardando-o em segurança junto da proa do barco.

Nessa noite, o pai fez um jantar de peixe frito panado em farinha de milho e pimenta preta, acompanhado com papas de aveia e verduras. Quando Kya estava a lavar a loiça do jantar, o pai entrou na cozinha com a sua velha mochila do exército da II Guerra Mundial, parou junto da porta e atirou-a na direção de uma das cadeiras. A mochila escorregou para o chão com um ruído surdo e Kya virou-se sobressaltada.

– Achei que te daria jeito para guardares as penas, os ninhos de aves e todas essas coisas que apanhas.

– Ah, obrigada – exclamou Kya, mas ele já tinha saído pela porta do alpendre. Ela apanhou a velha mochila puída. Era feita de uma lona forte, capaz de durar uma vida e estava coberta de pequenos bolsos e compartimentos secretos, com fechos resistentes. Kya olhou através da

janela. Ele nunca lhe oferecera nada.

Nos dias mais amenos de inverno e durante toda a primavera, Kya e o pai saíram de barco para ir para a costa pescar. Kya sondava cada estuário e riacho por onde passavam, na esperança de voltar a ver Tate no seu barco. Às vezes, pensava nele e sentia que queria ser sua amiga, mas não fazia ideia como, nem mesmo onde o encontrar. Mas certa tarde, ao percorrer uma curva com o pai, viu-o inesperadamente a pescar, quase no mesmo sítio onde o vira pela primeira vez. Ele sorriu e acenou-lhe imediatamente. Ela ergueu o braço sem pensar e retribuiu-lhe o cumprimento, quase a sorrir, baixando depois a mão com igual rapidez, ao ver o pai olhar para ela, surpreendido.

– Era um dos amigos de Jodie, antes de ele se ir embora – disse ela.

– Tens de ter cuidado com as pessoas, por estas bandas – disse ele. – Os bosques estão cheios de escumalha branca. A maior parte não presta.

Ela acenou com a cabeça. Queria voltar a olhar para o rapaz, mas não o fez. Depois ficou com receio que ele a achasse antipática.

O pai conhecia o pantanal como um falcão conhece o seu prado – sabia caçar, esconder-se, e como aterrorizar intrusos – e as perguntas que Kya lhe fazia, de olhos muito abertos, encorajaram-no a falar-lhe na época dos gansos, nos hábitos dos peixes, como prever o tempo nas nuvens e distinguir as correntes de retorno nas ondas.

Às vezes, Kya levava um piquenique na mochila e comiam pão de milho estaladiço – que ela aprendera a fazer quase na perfeição – acompanhando-o com fatias de cebola, ao pôr do sol. De vez em quando, ele punha de parte a aguardente de contrabando, e bebiam chá de frascos de geleia.

– Os meus pais não foram sempre pobres, sabes? – Disse-lhe um dia o pai, de repente. Estavam sentados à sombra de um carvalho, a lançar as linhas de pesca, numa lagoa de água castanha, repleta de insetos.

– Tinham terras – terras férteis – plantações de tabaco, algodão e coisas do género, perto de Ashville. A tua avó paterna usava saias compridas e

chapéus maiores que as rodas de uma carroça. Vivíamos numa casa de dois andares com uma varanda à volta. Era uma bela casa.

– Uma avó – disse Kya, entreabrindo os lábios. Tinha ou tivera uma avó algures. Onde estaria ela agora? Kya estava desejosa de lhe perguntar o que lhes acontecera, mas tinha medo.

O pai continuou:

– Mas depois tudo deu para o torto, ao mesmo tempo. Eu era uma criança, quando tudo aconteceu, por isso não me lembro bem, mas houve uma depressão, o gorgulho atacou o algodão e mais não sei o quê, e tudo desapareceu. Restaram apenas dívidas, toneladas de dívidas.

Baseando-se naqueles vagos detalhes, Kya tentou imaginar o seu passado. Sobre a mãe, nada. Mas Kya sabia que o pai acabaria por ter um ataque de raiva se algum deles falasse da vida de ambos, antes de ela nascer. Sabia que a família dela vivia num local distante do pantanal, perto dos seus avós paternos. Um sítio onde a mãe usara vestidos debruados a renda, com pequenos botões de madrepérola e laços de cetim, comprados em lojas. Depois de se mudarem para a cabana, a mãe guardara-os em arcas. De vez em quando tirava um e desfazia-o, transformando-o numa bata de trabalho, porque não havia dinheiro para comprar roupa nova. Agora, toda essa roupa bonita desaparecera, juntamente com a história da família, incinerada na fogueira que o pai fizera naquela manhã, depois de todos se irem embora.

Kya e o pai pescaram um pouco mais, lançando as linhas sobre o pólen amarelo-claro que flutuava nas águas calmas da lagoa e ela achou que a conversa terminara, mas ele acrescentou:

– Um dia, levo-te a Asheville e mostro-te a terra que era nossa e deveria vir a ser tua.

Instantes depois, deu um puxão à linha.

– Eh lá, parece que apanhei um grande, querida. Um peixão do tamanho do Alabama.

De regresso à cabana, fritaram o peixe e pastéis de farinha de milho «gordos como ovos de ganso». Depois ela expôs as suas coleções, pregando cuidadosamente os insetos a pedaços de cartão, e as penas à parede do quarto dos fundos, compondo com eles uma suave e impressionante colagem. Mais tarde, deitou-se na sua cama do alpendre a ouvir os pinheiros, fechou os olhos e voltou a abri-los, de repente. Ele chamara-lhe «querida».

8

Dados Inconclusivos

1969

Depois de darem por terminada a sua manhã de investigação na torre de vigia, o Xerife Ed Jackson e o adjunto Joe Purdue escoltaram Pearl, a viúva de Chase, e os pais de Chase a um laboratório refrigerado da clínica, que servia de morgue, para o verem deitado numa mesa metálica, com um lençol por cima e se despedirem dele. Mas tudo aquilo era demasiado frio para qualquer mãe, demasiado insuportável para qualquer esposa e ambas as mulheres tiveram de sair da sala amparadas.

Já no gabinete do Xerife, Joe disse:

- Pior não podia ser...
- Pois. Não faço ideia como se ultrapassa uma coisa destas.
- Sam não disse uma palavra. Nunca foi muito falador, mas isto vai acabar com ele.

Alguns diziam que a água salgada do pantanal poderia corroer facilmente um bloco de cimento e nem no escritório do Xerife – semelhante a um *bunker* – era possível mantê-la à distância. Marcas de água com contornos cintilantes de cristais de sal ondulavam pela parte de baixo das paredes e os veios de bolor negro, alastravam em direção ao teto, como vasos sanguíneos. Pequenos cogumelos negros cresciam aos cantos da sala.

O Xerife tirou uma garrafa da última gaveta da sua secretária, serviu duas doses duplas de Bourbon em canecas de café e ficaram a beber até o sol dourado e meloso como o Bourbon se afundar no mar.

Quatro dias depois, Joe entrou no gabinete do Xerife a sacudir uma série de documentos no ar.

- Recebi o primeiro relatório do laboratório.

– Vamos lá ver isso.

Sentaram-se em frente um do outro, na secretária do Xerife, a examiná-lo. De vez em quando, Joe enxotava uma mosca.

Ed leu alto:

– Hora da morte entre a meia-noite e as duas da manhã de 29 para 30 de outubro de 1969. Tal como tínhamos pensado

Depois de ler durante um minuto, prosseguiu:

– O que aqui está é inconclusivo.

– Tem toda a razão. Não há aí nada, Xerife.

– À exceção das impressões digitais que os rapazes deixaram ao subirem até ao terceiro lanço de escadas, não foram encontradas mais nenhuma impressões digitais recentes, nem na balaustrada nem nas grelhas. Nada. Nem de Chase nem de ninguém. – O rosto do xerife, normalmente avermelhado, ostentava agora a sombra da barba que lhe fora crescendo ao longo do dia.

– Então alguém as limpou todas. Deveria haver, pelo menos, impressões digitais dele na balaustrada e na grelha. Porque não as encontramos?

– Exatamente. Primeiro não encontramos pegadas e agora não há impressões digitais. Não há nada que prove que ele atravessou a lama até aos degraus, que os subiu e que abriu as duas grelhas – a da escada e a grelha por onde caiu – nem que outra pessoa o tenha feito. Mas por muito inconclusiva que seja a informação, não deixa de ser informação. Alguém se deu ao trabalho de limpar tudo muito bem. Ou então, matou-o noutro local e levou o corpo para a torre.

– Mas se alguém tivesse transportado o corpo dele até à torre, haveria marcas de pneus.

– Certo. Temos de lá voltar e procurar marcas de pneus, para além das da carrinha e da ambulância. Talvez nos tenha escapado alguma coisa.

Depois de ler durante mais um minuto, Ed disse:

– Seja como for, agora, estou perfeitamente convencido de que isto não

foi um acidente.

– Concordo. E não é qualquer um que apaga rastros tão eficazmente.

– Tenho fome. Vamos buscar o jantar no caminho para lá.

– Prepara-te para uma emboscada. Está tudo muito irritadiço na cidade. O homicídio de Chase Andrews é talvez o acontecimento mais estrondoso de sempre nesta cidade. A intriga paira no ar como sinais de fumo.

– Então fica de ouvidos bem abertos. Somos bem capazes de obter alguma informação. Os inúteis não conseguem ficar calados.

Uma fiada de janelas emolduradas por robustas persianas de ciclone cobriam a fachada do Barkley Cove Diner, com vista para o porto. Entre o edifício construído em 1889, e o porto havia apenas uma rua estreita e os degraus sebentos até ao cais.

Por baixo das janelas, havia redes de pesca enroladas e velhos cestos de camarão encostados à parede. Aqui e ali, viam-se cascas de moluscos espalhadas pelo passeio. Os guinchos e dejetos das aves marinhas eram uma presença constante, por toda a parte.

Felizmente, o aroma a salsicha e biscoitos, nabo cozido e frango frito sobrepunha-se ao fedor intenso dos barris de peixe alinhados na doca.

Uma ligeira agitação transbordou para o exterior, quando o xerife abriu a porta. Todos os bancos de costas altas e estofos vermelhos, acolchoados, estavam ocupados, bem como grande parte das mesas. Joe apontou para dois bancos vazios, ao balcão, junto da máquina de refrigerantes à pressão e ambos se dirigiram para lá.

A meio do caminho, ouviram o Lane da Sing Oil dizer ao seu mecânico de motores a gásóleo:

– Eu acho que foi Lamar Sands. Não te lembras que ele apanhou a mulher embrulhada com o Chase, no convés do seu elegante barco de esqui aquático? É um motivo. Além disso, Lamar já tinha tido outros problemas com a polícia.

- Que problemas?
- Ele estava com o grupo que cortou os pneus ao Xerife.
- Mas eram apenas uns miúdos, na altura.
- Houve mais qualquer coisa, mas não consigo lembrar-me o que foi.

Por trás do balcão, Jim Bo Sweeny, proprietário e cozinheiro no local, andava num virote: virava pastéis de camarão na grelha, corria para o fogão, para mexer uma panela de milho com natas, ia à fritadeira virar pernas de galinha e voltava para junto aos pastéis, servindo, entretanto, grandes pratos de comida, diante dos clientes. Dizia-se que conseguia tender massa de biscoitos com uma mão e cortar filetes de peixe-gato com a outra. A sua especialidade – linguado grelhado recheado com camarão, servido sobre papas de aveia com pimento e queijo – só era servida algumas vezes por ano. Não era necessário fazer publicidade porque a notícia corria de boca em boca.

Enquanto se aproximavam do balcão, por entre as mesas, o Xerife e o adjunto ouviram a menina Pansy Price do Kress' Five and Dime, dizer a uma amiga:

- Podia ter sido aquela maluca que vive no pantanal. A mulher devia estar num hospício. Aposto que seria capaz de fazer algo do género...
- O que queres dizer com isso? O que tem ela a ver com isto?
- Bom, é que ela andou metida com...

Quando o xerife e o adjunto se sentaram ao balcão, Ed disse:

- Vamos pedir uns *po-boys*², para levar, e sair daqui para fora. Não podemos deixar-nos arrastar para esta confusão.

² Sanduíche tradicional do Louisiana geralmente feita com rosbife e marisco ou peixe. [N. da T.]

9

Saltos

1953

Sentada à proa do barco, Kya viu longos dedos de nevoeiro baixo alcançarem a embarcação. De início, eram apenas pequenos farrapos de névoa por cima das suas cabeças, mas depois o nevoeiro cinzento envolveu-os. Tudo o que ouviam era o ruído baixo do motor. Minutos depois, pequenos e inesperados borrões de cor começaram a ganhar forma, à medida que a velha estação de serviço da marina se ia tornando visível, como se estivesse a aproximar-se deles e não eles dela. O pai entrou na marina, e o barco bateu suavemente nos pilares da doca. Kya só ali fora uma vez. O proprietário, um velho negro, saltou da cadeira, para os ajudar. Por isso todos lhe chamavam Saltos. As patilhas brancas e o cabelo grisalho emolduravam um rosto largo, gentil, e uns olhos de coruja. Era alto e magro, falava muito, sorria constantemente e dava umas gargalhadas singulares, atirando a cabeça para trás, de lábios cerrados. Ao contrário da maior parte dos homens que trabalhavam na região, não usava jardineiras, mas sim uma camisa engomada, azul, um par de calças escuras, um pouco curtas demais, e botas de trabalho. Muito de vez em quando, nos dias mais impiedosos de verão, usava um chapéu de palha esfiampado. A loja onde vendia combustível e isco balançava sobre um embarcadouro instável ligado a terra por um cabo firmemente preso ao carvalho mais próximo, a cerca de doze metros. A cabana e o embarcadouro de pranchas de cipreste tinham sido construídos pelo bisavô de Saltos um pouco antes da Guerra Civil – uma época de que já poucos se recordavam.

Há três gerações que lhe cobriam as paredes com placas coloridas – reclames de refrigerantes e cigarros, e vinte e nove anos de chapas de

matrícula da Carolina do Norte. Essa explosão de cor era visível do mar, mesmo no nevoeiro mais cerrado.

– Olá Sr. Jack, como está?

– Bem, acordei do lado de cima da terra – respondeu o pai.

Salto desatou a rir como se nunca tivesse ouvido aquela frase batida.

– Trouxe a sua filhinha consigo e tudo. Muito bem.

O pai acenou com a cabeça e depois, como se não tivesse pensado nisso antes, disse:

– Sim, esta é a minha filha, a menina Kya Clark.

– É uma honra conhecê-la, menina Kya.

Kya olhou para os dedos dos pés à procura de palavras, mas não as encontrou.

Salto não se incomodou com isso e continuou a falar na recente abundância de peixe. Depois perguntou ao pai:

– Atesto o depósito, Sr. Jake?

– Sim, enche-o até cima.

Falaram ambos do tempo, de pesca e de novo do tempo, enquanto ele lhe enchia o depósito.

– Desejo-vos um bom dia – disse ele, ao atirar-lhe a corda.

O pai conduziu calmamente o barco, de regresso ao oceano luminoso. O sol levava menos tempo a devorar o nevoeiro do que Salto a encher um depósito. Percorreram vários quilómetros em redor de uma península de pinhais e chegaram, finalmente, a Barkley Cove, onde o pai amarrou o barco aos postes bem firmes da doca da cidade. Os pescadores andavam atarefados a embalar peixe e a amarrar cordas.

– Acho que podemos ir comer uma vitela ao restaurante – disse o pai, guiando-a ao longo do cais, na direção do Barkley Cove Diner. Kya nunca comera comida de restaurante nem entrara em nenhum. O coração batia-lhe com força no peito, ao sacudir a lama seca das jardineiras demasiado curtas, e

alisar o cabelo embaraçado. Quando o pai abriu a porta, todos os clientes pararam de mastigar. Alguns homens cumprimentaram-no com um ligeiro aceno de cabeça. As mulheres franziram o sobrolho e viraram a cara. Uma delas conteve uma gargalhada.

– Ali diz «usar sapatos e camisa», mas eles não devem saber ler.

O pai fez-lhe sinal para se sentar numa pequena mesa com vista para a doca. Kya não conseguia ler a carta, mas ele explicou-lhe praticamente tudo o que lá estava. Kya pediu frango frito, puré, molho de carne, ervilhas brancas e uns biscoitos fofos como algodão acabado de colher. Ele comeu camarões fritos, papas de aveia com queijo, quiabos fritos e tomate verde frito. A empregada trouxe para a mesa um prato cheio de rolinhos de manteiga, assentes em cubos de gelo, um cesto de pão de milho, biscoitos e um grande jarro de chá gelado açucarado. À sobremesa, comeram torta de amora com gelado. Kya sentiu-se tão cheia que pensou que ia vomitar, mas acabou por concluir que valeria a pena.

Enquanto o pai pagava a conta na caixa, Kya saiu para o passeio, onde o fedor pungente a peixe podre dos barcos de pesca pairava pela baía. Trazia um guardanapo gorduroso na mão, onde guardara restos de franco e biscoitos e os bolsos das suas jardineiras estavam cheios de *crakers*, que a empregada deixara na mesa, para comerem à descrição.

– Olá. – Kya ouviu uma vozinha atrás de si, virou-se e viu uma rapariguinha de caracóis louros, com uns quatro anos, a olhar para ela. Estava de vestidinho azul-claro e estendeu-lhe a mão. Kya olhou para a mãozinha dela. Era rechonchuda e macia. Nunca na vida vira uma mão tão limpa. De certeza que nunca esfregara roupa com sabão de lixívia, nem sujara as mãos com lama dos mexilhões, daquela que se entranhava debaixo das unhas. Depois fitou os olhos da rapariguinha, onde viu a sua própria imagem de criança refletida.

Kya passou o guardanapo para a mão esquerda e estendeu lentamente a

mão direita à miúda.

– Tu aí. Afasta-te dela! – A Sra. Teresa White, esposa do pastor metodista, saiu precipitadamente da sapataria da Buster Brown.

Em Barkley Cove, a religião era servida bem cozida ou frita em óleo. Apesar de pequena, a aldeia tinha quatro igrejas só para brancos e os negros tinham mais três.

É claro que os pastores e os pregadores, bem como as respetivas esposas, gozavam de um estatuto altamente privilegiado na aldeia, vestindo-se e comportando-se sempre em conformidade. Teresa White usava frequentemente saias em tons pastel e blusas brancas, com sapatos e mala a condizer.

Agora, correria para junto da filha e pegara-lhe ao colo. Depois de se afastar de Kya, voltou a poisar a criança no passeio, agachando-se junto dela.

– Meryl Lynn, minha querida, não te aproximes daquela rapariga, ouviste? Ela está muito suja.

Kya viu a mãe passar os dedos pelos caracóis da miúda e reparou que ficaram ambas de olhos presos uma na outra.

Uma mulher saiu do Piggly Wiggly, e apressou-se a ir ao encontro delas.

– Estás bem, Teresa? O que aconteceu aqui? Aquela rapariga estava a importunar a Meryl Lynn?

– Eu vi-a a tempo. Obrigada Jenny. Quem me dera que esta gente não viesse à cidade. Olha para ela: sebenta, absolutamente repugnante. Anda para aí um surto de gastroenterite e eu tenho a certeza de que foram eles que o trouxeram. E o ano passado foi o sarampo, que é uma doença grave. – Teresa afastou-se, agarrando firmemente na mão da criança.

Nesse instante, o pai saiu com algumas cervejas num saco de papel castanho e chamou-a.

– O que estás a fazer? Anda, temos de ir embora. A maré está a baixar. Kya virou-se e seguiu-o. No caminho de regresso ao pantanal, Kya voltou a

ver os caracóis da miúda e aquele olhar entre mãe e filha.

O pai continuava a desaparecer, de vez em quando, e a ficar fora de casa durante vários dias, mas não tão frequentemente como antes, e quando aparecia, em vez de entrar em letargia, comia uma refeição e conversava um pouco com ela. Uma noite em que estavam a jogar às cartas, ele deu uma gargalhada quando ela lhe ganhou e ela tapou a boca com as mãos a rir, como qualquer outra criança.

Sempre que saía do alpendre, Kya olhava para o caminho. Embora as glicínias selvagens já estivessem a murchar, anunciando o final da primavera, e a mãe tivesse partido no final do verão anterior, Kya continuava a ter esperança de a ver caminhar pela areia em direção a casa, ainda de sapatos de imitação de pele de crocodilo. Agora que ela e o pai iam pescar juntos e já conversavam, talvez pudessem voltar a tentar ser uma família. O pai batia em todos eles, especialmente quando estava bêbado. Costumava ficar sóbrio durante alguns dias. Nesses dias comiam frango e guisado juntos. Chegaram mesmo a lançar um papagaio na praia. Depois, voltava à bebida, aos gritos e à pancada. Alguns dos detalhes desses ataques de fúria estavam bem gravados na sua memória. Um dia o pai atirou a mãe contra a parede da cozinha e bateu-lhe até ela cair no chão. Kya tocara-lhe num braço, em lágrimas, implorando-lhe que parasse. Ele agarrara-a pelos ombros, gritara-lhe que baixasse as calças e as cuecas e dobrara-a sobre a mesa da cozinha. Depois, tirara o cinto das calças, com um movimento suave, tantas vezes praticado, e batera-lhe com ele. É claro que se lembrava do ardor que sentira no traseiro nu, mas curiosamente, as imagens mais nítidas na sua memória eram os jeans caídos à volta dos tornozelos, e a mãe prostrada junto do fogão, a chorar. Kya não sabia qual fora o motivo da discussão,

Mas se a mãe voltasse agora que o pai estava a comportar-se decentemente, talvez pudessem começar de novo. Kya nunca imaginara que

fosse a mãe e não o pai a partir, mas sabia que ela jamais a abandonaria para sempre e onde quer que estivesse, acabaria por regressar. Parecia ainda estar a ver os seus lábios carnudos vermelhos, quando cantava para o rádio, parecia ainda ouvir as suas palavras:

– Ouve o Sr. Orson Wells com atenção, porque ele fala como um verdadeiro cavaleiro. Nunca digas, *na'*, porque isso nem sequer é uma palavra.

A mãe pintara os estuários e o pôr do sol em aguarelas e quadros a óleo tão cheios de vida, que pareciam retirados da própria terra. Trouxera consigo algum material de pintura e conseguira comprar mais algum no Kress' Five and Dime. Às vezes, a mãe deixava-a pintar também em sacos de papel castanho do Piggly Wiggly.

No início de setembro, numa tarde pálida e tórrida desse verão de pesca, Kya foi à caixa do correio ao fundo do caminho de areia. Passou revista aos folhetos do minimercado e ficou petrificada, ao ver um envelope azul endereçado na letra bonita da mãe. Quando se afastou da caixa do correio, estava pálida como as folhas dos plátanos. Todo aquele tempo sem dar sinal de vida e agora uma carta. Kya olhou para o envelope, ergueu-o à luz e passou ao de leve os dedos pela letra inclinada e perfeita da mãe. Sentia o coração martelar-lhe o peito.

– A mãe está de boa saúde e foi viver para outro sítio. Porque não voltou para casa? – Pensou em abrir a carta, mas a única coisa que conseguiria ler seria o seu nome e este não estava no envelope.

Correu para a cabana mas o pai saíra de barco, por isso encostou a carta ao saleiro que estava em cima da mesa, para que ele a visse. Enquanto cozia feijão-frade com cebola, ficou de olho na carta, não fosse esta desaparecer.

De dois em dois segundos, espreitava pela janela da cozinha para ver se ouvia o ruído do motor do barco. Subitamente, viu o pai subir os degraus do

alpendre e toda a coragem a abandonou. Passou a correr por ele, gritando-lhe que ia à latrina e o que o jantar estava quase pronto. Ficou dentro da latrina malcheirosa, com o coração em despique com o estômago. Depois, equilibrou-se em cima do banco de madeira e espreitou pela abertura em forma de meia-lua da porta, sem saber bem o que esperar.

Depois, ouviu a porta do alpendre bater e viu o pai a caminhar apressadamente na direção da lagoa. Foi direito ao barco de saco na mão e foi-se embora. Ela voltou a correr para casa e foi à cozinha, mas a carta tinha desaparecido. Abriu as gavetas da cómoda do quarto dele e vasculhou no roupeiro, à procura dela.

– A carta também é minha. É tanto minha como tua.

De regresso à cozinha procurou no caixote do lixo e viu as cinzas da carta ainda debruadas a azul. Recolheu-as com a ajuda de uma colher e reuniu-as sobre a mesa numa pequena pilha de despojos azuis, enegrecidos. Retirou do lixo todos os pedacinhos que encontrou – talvez algumas palavras se tivessem escapado para o fundo do caixote – mas tudo o que viu foi restos de cinzas agarrados a cascas de cebola.

Sentou-se à mesa com o feijão ainda a borbulhar na panela e olhou para o pequeno amontoado de cinzas.

– A mãe tocou-lhes. Talvez o pai me diga o que ela escreveu.

Não sejas estúpida. Isso é tão improvável como ver nevar no pântano.

Até o carimbo dos correios desaparecera. Agora, nunca iria saber onde a mãe estava. Colocou as cinzas dentro de uma pequena garrafa e guardou-a na caixa de charutos que tinha junto da cama.

O pai não voltou para casa nessa noite, nem no dia seguinte, e quando finalmente voltou, foi de novo o bêbado que cambaleou pela porta. Quando reuniu coragem para lhe perguntar o que dizia a carta, ele gritou-lhe:

– *Na* tens nada a ver com isso. Ela *na* vai voltar para casa. Tira daí a ideia – acrescentou. Depois, arrastou-se até ao barco, com um saco.

– Isso não é verdade – gritou-lhe Kya, de punhos cerrados de ambos os lados do corpo. Depois, viu-o afastar-se e gritou para a lagoa deserta.

– «*Na*» nem sequer é uma palavra.

Mais tarde interrogou-se se deveria ter aberto a carta, enquanto estava sozinha, sem a mostrar sequer ao pai. Se o tivesse feito, teria podido salvar as palavras para as ler um dia, e ele estaria bem melhor se não as tivesse lido.

O pai não voltou a levá-la à pesca. Aqueles dias quentes eram apenas um bónus. As nuvens baixas abriam-se, inundando, por breves instantes, o seu mundo de luz, para voltarem a fechar-se pesadamente, logo a seguir.

Kya já não se lembrava como se rezava. O que seria mais importante? A forma de unir as mãos ou a força com que se fechava os olhos?

– Talvez se eu rezar, a mãe e Jodie voltem para casa. Mesmo com toda aquela gritaria e todo aquele estardalhaço vivia-se melhor do com estas papas de aveia encaroçadas.

Entoou fragmentos de cânticos:

– *E Ele caminha comigo ainda com o orvalho sobre as rosas.* – Era tudo o que conseguia recordar da pequena igreja branca, onde a mãe a levava algumas vezes. Tinham lá ido, pela última vez, no domingo de Páscoa, antes de a mãe se ir embora, mas tudo o que recordava desse feriado era gritos e sangue, alguém a cair, ela e a mãe a fugirem, por isso decidiu pôr a memória desse dia de parte.

Kya olhou para a horta de nabos e milho da mãe, agora afogada em ervas daninhas. De certeza que não havia rosas.

– Esquece. Nenhum Deus virá a este jardim.

10

Juncos Batidos Pelo Vento

1969

A areia guarda melhor segredos do que a lama. O Xerife estacionou a carrinha no início do caminho para a torre de vigia, para não pisarem nenhuma prova de que alguém lá passara com um carro, na noite do alegado crime. Mas, à medida que percorriam o trilho à procura de outras marcas de pneus para além das suas, iam revolvendo a areia, deixando atrás de si um rasto de covas sem forma.

Depois, os buracos de lama e as áreas pantanosas junto da torre revelaram-lhes uma série de histórias detalhadas: as pegadas de um guaxinim que atravessara o lodo com as suas quatro crias. O sinuoso rasto rendado de um caracol interrompido pelo confronto com um urso; a marca côncava e macia da barriga de uma tartaruga que se deitara na lama fresca.

– Todas estas marcas parecem bem claras, mas não vejo um único indício de origem humana, para além das marcas dos pneus das nossas carrinhas.

– Não sei – disse Joe. – Vês esta ponta direita com um pequeno triângulo à frente? Pode ser a marca de um pneu.

– Não. Acho que isso é parte da pegada de um peru, pisada por um veado. Por isso tem essa forma geométrica.

Depois de mais um quarto de hora:

– Vamos a pé até àquela pequena baía, para ver se alguém veio até aqui de barco e não de carrinha. – Caminharam até à pequena enseada, afastando do rosto as folhas de murta, de odor pungente. Havia pegadas de caranguejos, garças, e falaropos, mas nenhum vestígio de pegadas humanas.

– Ok, mas olha para isto. – Joe apontou para um enorme padrão de cristais dispersos num semicírculo quase perfeito. Isto pode ser a marca de

um barco de proa redonda que foi puxado para terra.

– Não. Foi o vento que andou a arrastar este talo de junco partido, para trás e para diante, na areia, e desenhou o semicírculo. Isto são apenas juncos batidos pelo vento.

Olharem em redor. O resto da praia, em forma de meia-lua, estava coberta de uma densa camada de conchas partidas, pedaços de crustáceos e pinças de caranguejo. Nada melhor que conchas para guardar segredos.

Sacos de Mexilhão

1956

No inverno de 1956, quando Kya tinha dez anos, o pai começou a aparecer cada vez menos na cabana. Durante semanas não se via uma única garrafa de uísque pelo chão, não havia ninguém esparramado na cama, e deixou de haver dinheiro à segunda-feira. Ela continuava à espera de o ver coxear por entre as árvores, com o seu saco às costas, mas há mais de duas luas que não o via.

Os plátanos e as noqueiras estendiam os seus braços nus contra o céu cinzento e o vento imparável roubava toda a alegria que o sol de inverno espalhava ainda por aquela terra desolada. Um vento seco e inútil numa terra alagada pelo mar, que jamais poderia secar.

Kya pensou no assunto, sentada nos degraus da entrada. Talvez ele tivesse levado uma sova, numa rixa de póquer, e alguém o tivesse atirado para o pântano numa noite fria de chuva. Ou então enfrascara-se por completo, embrenhara-se nos bosques e caíra simplesmente de cabeça num pântano qualquer.

– Acho que desapareceu de vez.

Mordeu o lábio inferior até este ficar branco. Não era o mesmo tipo de dor que sentira quando a mãe se fora embora. Na verdade, estava a fazer todo o possível por nem sequer chorar por ele. Mas a sensação de estar completamente sozinha era de tal forma abissal que parecia ecoar. Além disso, as autoridades acabariam por saber e viriam buscá-la.

E não haveria dinheiro à segunda-feira. Fizera render os seus últimos dólares durante semanas, alimentando-se de papas de aveia, mexilhões cozidos e, muito de vez em quando, um ovo das galinhas raquíticas.

Restavam-lhe apenas alguns fósforos, um pedaço de sabão e uma mão cheia de grãos de aveia. Um punhado de fósforos não chegaria para o inverno inteiro, mas sem eles, não podia ferver as papas de aveia que preparava para si, para as gaivotas e para as galinhas.

– Não sei viver sem aveia.

Pelo menos, desta vez, o pai desaparecera não se sabe bem para onde, mas fora a pé, pensou. Podia usar o barco.

É claro que tinha de descobrir outra forma de arranjar comida, mas por agora, decidira guardar essa ideia numa gaveta. Depois de um jantar de mexilhões cozidos que aprendera a esmagar numa pasta para barrar em *crakers* de bicarbonato de sódio, folheou os adorados livros da mãe, fingindo ler os contos de fadas. Continuava sem saber ler aos dez anos.

Depois, a lanterna de querosene tremeluziu, esmoreceu e apagou-se. Um círculo de mundo permaneceu iluminado, por instantes, e depois tudo mergulhou na escuridão. Kia deixou escapar uma exclamação. Era o pai que costumava comprar o querosene e encher a lanterna, por isso não pensara muito no assunto. Até ficar às escuras.

Tentou por instantes acendê-la com os restos de combustível, mas já não restava quase nada. Depois, a forma atarracada do frigorífico e os caixilhos da janela começaram a ganhar forma na escuridão e Kya tateou com a ponta dos dedos por cima da janela, até encontrar um coto de vela. Teria de a acender com um fósforo e restavam-lhe apenas cinco, mas a escuridão era o problema mais imediato.

Riscou o fósforo, acendeu a vela e a escuridão retirou-se para os cantos da sala. Já tinha escuridão suficiente na vida e sabia que precisava de luz, mas o querosene custava dinheiro. Suspirou brevemente.

– Talvez fosse melhor ir a pé até a cidade e entregar-me às autoridades. Pelo menos, iriam dar-me comida e mandar-me para escola.

Mas depois de pensar um pouco, disse:

– Não. Não vou abandonar as gaivotas, as garças e a cabana. O pantanal é a minha única família.

Ficou sentada, a ver arder o resto da vela, e teve uma ideia.

Na manhã seguinte, levantou-se mais cedo do que era habitual, durante a maré baixa, vestiu as jardineiras e saiu com um balde, uma faca curva e alguns sacos de serapilheira vazios. Agachou-se na lama e começou a apanhar mexilhões no lodo, como a mãe lhe ensinara. Em quatro horas, depois de se agachar e ajoelhar vezes sem conta, tinha dois sacos de serapilheira cheios.

O sol estava já a afastar-se do mar, quando se deslocou de barco até à cabana de combustível e isco de Saltos, por entre o denso nevoeiro. Ele levantou-se ao vê-la aproximar-se.

– Olá, menina Kya, veio buscar gasolina?

Ela encolheu a cabeça entre os ombros. Não dirigia palavra a ninguém desde a última vez que fora ao Piggly Wiggly e estava com dificuldade em falar.

– Talvez queira gasolina, mas depende. Ouvi dizer que compras mexilhões e tenho aqui alguns. Podes pagar-me em dinheiro e dispensar-me alguma gasolina? – Apontou para os sacos.

– Sim senhora, tens mesmo. São frescos?

– Apanhei-os há pouco, antes do amanhecer.

– Então está bem. Posso pagar-te cinquenta cêntimos por um saco e encher-te o depósito pelo outro.

Kya sorriu ligeiramente. Dinheiro a sério ganho por si.

– Obrigada. – Foi tudo o que disse.

Enquanto Saltos lhe enchia o depósito, Kya entrou na sua pequena loja no embarcadouro. Nunca lhe dera grande importância porque fazia compras no Piggly Wiggly, mas percebeu então, que para além de isco e tabaco, ele vendia também fósforos, banha, sardinhas, salsichas vienenses, aveia, *crakers*

de bicarbonato de sódio, papel higiênico e querosene. Tinha ali praticamente tudo o que precisava. Havia frascos de dezanove litros de rebuçados de um centimo, alinhados sobre o balcão – Red Hots, jawbreakers e Sugar Daddys. Kya nunca vira tanto rebuçado junto.

Com o dinheiro dos mexilhões, comprou fósforos, uma vela e aveia. O querosene e o sabão teriam de esperar até que enchesse outro saco. Teve de apelar a toda a sua força de vontade para não comprar um Sugar Daddy em vez da vela.

– Quantos sacos compras por semana? – perguntou ela.

– Eh lá, será que estamos a acertar negócio? – perguntou ele, atirando a cabeça para trás e rindo de lábios cerrados, como só ele fazia.

– Costumo comprar uns dezoito quilos, de três em três dias. Mas atenção: há mais quem os traga. Se mos trouxeres e eu já cá tiver alguns, ficas de fora. Isto funciona por ordem de chegada. Não há outra forma de o fazer.

– Ok. Obrigada. Não vai haver problema. Adeus, Saltos. – Depois acrescentou. – Ah, a propósito. O meu pai manda cumprimentos.

– Ah sim? Então mande-lhe também cumprimentos meus, se não se importar. Adeus, menina Kya. – Quando ela se afastou, ele estava com um grande sorriso e Kya quase sorriu também. Comprar a sua própria gasolina e comida só podia querer dizer que já era uma pessoa crescida. Mais tarde, na cabana, ao desembalar a pequena pilha de mantimentos, deu com uma surpresa amarela e vermelha ao fundo do saco. Afinal não era demasiado crescida para saborear o Sugar Daddy que Saltos lhe metera no saco, pensou.

Para conseguir chegar primeiro que os outros catadores de mexilhão, Kya ia para o pântano pela calada da noite e recolhia o mexilhão à luz de uma vela ou da própria lua, divertindo-se a ver sua própria sombra ondular sobre a areia cintilante. Juntava sempre algumas ostras aos mexilhões e dormia, por vezes, à luz das estrelas, perto de ravinas, para conseguir chegar à loja de Saltos ao romper do dia. O dinheiro dos mexilhões acabou por se tornar mais

certo do que o dinheiro das segundas-feiras jamais fora, e Kya conseguia, geralmente, chegar primeiro do que os outros catadores.

Deixou de ir ao Piggly, onde a Sra. Singletary lhe perguntava sempre porque não estava na escola. Mais tarde ou mais cedo iriam apanhá-la e levá-la à força para a escola. Conseguia bastar-se com as compras que fazia na loja de Saltos, e tinha mexilhão para dar e vender. Não eram maus misturados nas papas de aveia, desfeitos até não se dar por eles. Afinal, não tinham olhos para ficar a olhar para ela como o peixe.

Meia Dúzia de Patacas e Aveia

1956

Durante semanas, depois de o pai desaparecer, sempre que ouvia os corvos grasnar, Kya levantava a cabeça, na esperança de que estes o tivessem visto cambalear pelos bosques. Sempre que ouvia um ruído estranho no vento, esticava o pescoço e ficava a ver se ouvia alguma coisa – qualquer coisa. Nem que fosse a correria apressada da inspetora escolar.

Mas era, sobretudo, o rapaz do barco, que queria encontrar. Vira-o algumas vezes à distância, ao longo dos anos, mas não falava com ele desde os sete anos. Há três anos, desde que ele a guiara até casa, pelo pantanal. Era a única alma que conhecia no mundo, para além de Saltos e de algumas vendedoras. Sempre que percorria os canais, procurava-o.

Uma manhã, ao entrar com o barco num estuário de espartos, viu o barco dele escondido nos juncos. Tate usava um boné de baseball diferente e estava mais alto, mas ela reconheceu os seus caracóis louros, embora estivesse a mais de quinze metros dele. Kya abrandou e conduziu silenciosamente o barco para o meio da erva alta, espreitando para o sítio onde ele estava. Humedeceu os lábios e pensou em passar por ele e perguntar-lhe se já tinha apanhado peixe. Isso era, no seu entender, o que o pai ou qualquer outra pessoa do pantanal diria, ao cruzar-se com alguém. «Há peixe? Já o sentiste morder?»

Mas ficou apenas a olhar, sem sair do mesmo sítio. A vontade de ir ter com ele era tão grande como a vontade de se afastar, o que a estava a manter ali presa. Por fim, regressou a casa, com o coração a martelar-lhe o peito.

Sempre que o via era a mesma coisa – observava-o como às garças.

Continuava a apanhar penas e conchas, mas agora deixava-as espalhadas

pelos degraus de tijolo e madeira, cheias de areia e de sal. Todos os dias ficava a namorar indolentemente algumas delas, com loiça suja a acumular-se no lava-loiças. Para quê lavar jardineiras que voltariam a encher-se de lama? Há muito tempo que passara a usar as velhas jardineiras descartáveis dos irmãos desaparecidos. Tinha as *t-shirts* cheias de buracos e já não tinha sapatos nenhuns para calçar.

Uma noite, Kya tirou um vestido de verão florido, rosa e verde, de um cabide de arame. Era o vestido que a mãe usava para ir à igreja. Há anos que se entretinha a passar os dedos pela beleza que era aquele vestido – o único que o pai não queimara – tocando nas pequenas flores cor-de-rosa. Tinha uma nódoa na parte da frente. Uma mancha ténue, acastanhada, por baixo das alças. Agora já mal se via, pois fora esfregada e lavada, tal como outras memórias ingratas.

Kya enfiou o vestido pela cabeça, deixando-o deslizar pelo corpo magro. A bainha chegava-lhe quase aos dedos dos pés. Não podia ser. Tirou-o e pendurou-o. Voltaria a vesti-lo daí a mais alguns anos. Seria uma pena cortá-lo ou usá-lo para ir apanhar mexilhão.

Alguns dias mais tarde, Kya levou o barco até Point Beach, um avental de areias brancas, alguns quilómetros a sul da loja de Saltos. O tempo, as ondas e os ventos, tinham-lhe dado a forma de uma península alongada, onde apareciam mais conchas do que noutras praias. Kya encontrara algumas bem raras no local. Depois de prender o barco no extremo sul da praia, caminhou para norte, à procura de conchas. Subitamente, chegou-lhe aos ouvidos o som distante de vozes agudas e animadas.

Atravessou imediatamente a praia a correr, em direção aos bosques, parando junto de um carvalho com mais de vinte e quatro metros de copa, aninhado por entre fetos tropicais. Escondeu-se atrás da árvore e viu um grupo de miúdos a caminharem pela areia. De vez em quando, corriam para a beira-mar e pontapeavam a espuma das ondas. Um dos rapazes adiantou-se

dos outros e um dos amigos atirou-lhe uma bola de futebol. Os seus calções garridos pareciam pássaros coloridos, em contraste com a areia branca, como que a assinalar a mudança de estação – era como se o verão viesse ao seu encontro pela praia.

Quando eles se aproximaram, ela encostou-se mais ao carvalho e espreitou. Eram cinco raparigas e quatro rapazes um pouco mais velhos do que ela. Deviam ter uns doze anos. Viu Chase Andrews atirar a bola aos rapazes com quem estava sempre.

As raparigas – A Loira-Alta-e-Magra, a Sardenta-de-Rabo-de-Cavalo, a Garçonne-de-Cabelo-Preto, a Colar-de-Pérolas e a Cara-de-Lua – ficaram para trás num pequeno grupo, caminhando mais pausadamente, a tagarelar e a rir. As suas vozes ecoavam pelo ar como carrilhões ao vento. Kya era demasiado jovem para se interessar pelos rapazes, por isso estava de olhos postos no grupo de raparigas. Elas baixaram-se para ver um caranguejo andar de lado na areia. Depois encostaram os ombros umas às outras, às gargalhadas, acabando por cair em monte, na areia.

Kya mordeu o lábio inferior, ao observá-las, imaginando como seria estar entre elas. A alegria delas gerava uma aura quase visível contra o azul profundo do céu. A mãe dissera-lhe um dia que as mulheres precisavam muito mais umas das outras do que dos homens, mas nunca lhe explicara como lidar com o orgulho. Sem pensar duas vezes, Kya embrenhou-se mais na floresta e ficou a observá-los por trás dos fetos gigantes. Finalmente, os miúdos voltaram a percorrer a praia pelo caminho que os levara até lá, até se converterem em pequenos pontos à distância.

O sol da alvorada brilhava timidamente por entre nuvens cinzentas, quando Kya parou junto da doca de Saltos. Ele saiu da pequena loja a abanar a cabeça.

– Lamento muito, menina Kya, mas eles chegaram primeiro. Já tenho a

minha quota semanal de mexilhões. Não posso comprar mais.

Ela desligou o motor e o barco bateu contra umas estacas. Era a segunda semana que eles chegavam primeiro. Ficara sem dinheiro e já não podia comprar absolutamente nada. Restavam-lhe meia dúzia de cêntimos e alguma aveia.

– Terá de descobrir outras formas de arranjar dinheiro, menina Kya. Não se pode colher patacas de uma única árvore.

Já de regresso a casa, Kya sentou-se nos degraus de tijolo e madeira, a pensar, e teve outra ideia. Pescou durante oito horas seguidas e deixou os vinte peixes que pescara em salmoura, durante a noite. Ao nascer do dia, alinhou-os nas prateleiras do velho fumeiro do pai, que tinha o tamanho e a forma de uma latrina, fez uma fogueira no poço, e colocou ramos verdes nas chamas como o vira fazer. O fumo cinzento-azulado elevou-se no ar, escapando-se pela chaminé e por todas as fendas nas paredes, e a cabana encheu-se de fumo.

No dia seguinte foi de barco à loja de Saltos e mostrou-lhe o balde, ainda de pé no barco – um patético amontoado de pequenas douradas e carpas, a desfazerem-se aos bocados.

– Costumas comprar peixe fumado, Saltos? Tenho aqui algum.

– Pois tem, menina Kya, pois tem. Proponho-lhe o seguinte: aceito-os à consignação. Se os vender, dou-lhe o dinheiro, caso contrário devolvo-lhos tal como estão. Está bem assim?

– Está bem, Saltos. Obrigada.

Nessa noite, Saltos percorreu o trilho de areia até Colored Town – um aglomerado de cabanas, telheiros e até algumas casas a sério, dispersos por pântanos e atoleiros remotos. Não corria uma brisa naquela alhela embrenhada nas profundezas da floresta, onde parecia haver mais mosquitos do que em todo o estado da Georgia.

Depois de palmilhar quase cinco quilómetros, por entre os pinheiros, chegou-lhe às narinas o cheiro a lume para cozinhar e começou a ouvir a algazarra dos netos. Não havia estradas em Colored Town, apenas trilhos pela floresta, que conduziam à habitação desta ou daquela família. Ele vivia numa casa a sério que ele e o pai tinham construído em pinho, com uma cerca de madeira em bruto, à volta de um pátio de terra batida, que Mabel, a sua esposa avantajada, mantinha tão limpa como o próprio soalho. Nenhuma cobra que se esgueirasse para dentro do pátio escaparia à vigilância da sua enxada, num raio de trinta metros dos degraus.

Ela saiu de dentro de casa e veio ao seu encontro a sorrir, como era habitual, e ele entregou-lhe o balde com o peixe fumado de Kya.

– O que é isto? – perguntou ela. – Pelo aspeto, nem os cães lhe tocariam.

– Foi aquela miúda. Foi a menina Kya que os trouxe. Nem sempre é a primeira a chegar com os mexilhões, por isso resolveu defumar peixe e quer que eu o venda.

– Meu Deus. Temos de fazer alguma coisa por aquela criança. Ninguém vai comprar-lhe o peixe. Eu posso guisá-lo e a nossa igreja pode arranjar-lhe roupa e outras coisas. Dizemos-lhe que há uma família que está disposta a trocar camisolas por carpas. Que tamanho veste ela?

– Estás a perguntar-me isso a mim? Só sei que é magrinha, um pau de virar tripas. Estou a contar vê-la lá amanhã de manhã bem cedo. Está sem um tostão.

Depois de um pequeno-almoço de mexilhões aquecidos em papas de aveia, Kya foi de barco à loja de Saltos, para saber se ganhara algum dinheiro com o peixe fumado. Durante todos aqueles anos, nunca lá vira mais ninguém a não ser ele ou algum cliente, mas ao aproximar-se devagar, viu uma grande mulher negra a varrer a doca como se fosse o chão da cozinha. Saltos estava sentado na sua cadeira, encostado à parede da loja, a fazer

contas no seu livro. Quando a viu, saltou da cadeira e acenou-lhe.

– Bom dia –disse-lhe ela, num tom brando, aproximando habilmente o barco da doca.

– Viva, menina Kya. Queria que conhecesse uma pessoa. Esta é Mabel, a minha mulher. – Mabel aproximou-se e ficou ao pé de Saltos, por isso quando subiu para a doca estavam os dois bem perto dela.

Mabel pegou-lhe na mão, aninhou-a delicadamente na sua e disse-lhe:

– É um prazer conhecê-la, menina Kya. O Joe disse maravilhas da menina; diz que é uma das melhores na apanha de ostras.

Apesar de ter de cuidar do seu jardim e passar metade do dia a cozinhar, a limpar e a costurar para brancos, Mabel tinha uma mão macia. Kya deixou-se ficar de dedos aninhados naquela luva de veludo, mas não sabia o que dizer, por isso ficou em silêncio.

– Bom, é que nós conhecemos uma família que aceita peixe fumado em troca de roupa e outras coisas de que a menina precisa.

Kya acenou com a cabeça e sorriu para os pés, perguntando depois:

– E a gasolina para o meu barco?

Mabel olhou interrogativamente para Saltos.

– Bom – disse ele. – Hoje, vou ceder-lhe alguma porque sei que tem pouco dinheiro, mas quero que continue a trazer mexilhões e coisas do género, sempre que puder.

Mabel disse na sua voz sonora:

– Meu Deus, menina, não vamos preocupar-nos com isso agora. Deixe-me olhar para si. Tenho de calcular o tamanho que veste para lhes dizer. – Conduziu-a para dentro da pequena loja. – Vamos sentar-nos aqui mesmo e a menina diz-me de que roupa e de que outras coisas está a precisar.

Depois de conversarem sobre a lista, Mabel desenhou o contorno dos pés de Kya num saco de papel castanho.

– Se voltar amanhã, terá uma pilha de coisas à sua espera.

– Fico-te muito agradecida, Mabel. – Depois, baixou a voz. – Há mais uma coisa. Encontrei estes velhos pacotes de sementes, mas não sei nada de jardinagem.

Mabel recostou-se e deixou escapar uma gargalhada grave, vinda do fundo do seu busto generoso.

– Sei bem como se planta um jardim. – Explicou-lhe detalhadamente todos os passos, meteu a mão numas latas que estavam em cima da prateleira e tirou algumas sementes de abóbora e de tomate. Embrulhou cada espécie de sementes num papel e fez o desenho do vegetal, do lado de fora. Kya não percebeu se Mabel o fez por não saber ler, ou por perceber que ela não sabia, mas serviu os propósitos de ambas.

Ao entrar no barco, agradeceu a ambos.

– Tenho muito gosto em ajudá-la, menina Kya, mas volte amanhã para vir buscar as suas coisas. – disse Mabel.

Nessa mesma tarde, Kya começou a mondar os carreiros de terra onde a mãe costumava ter o jardim. A enxada produzia ruídos surdos, ao longo dos carreiros, libertando odores da terra e desenterrando vermes rosados. Depois ouviu um ruído diferente, baixou-se e descobriu um dos velhos travessões de plástico e de metal da mãe. Limpou-o delicadamente nas jardineiras, até lhe tirar toda a terra, e a memória da boca vermelha e dos olhos escuros da mãe tornou-se, subitamente, tão vívida como se aquele travessão barato os estivesse a refletir. Kya olhou em redor, convencida de que a mãe vinha a subir o caminho naquele preciso instante, para a vir ajudar a sáchar a terra, que regressara finalmente a casa. Era raro estar tudo tão silencioso. Não se ouvia sequer o grasnido dos corvos. Conseguia até ouvir a sua própria respiração.

Apanhou algumas madeixas de cabelo e prendeu o travessão por cima da orelha esquerda. Talvez a mãe nunca voltasse para casa. O melhor seria pôr de parte alguns sonhos, pensou, e desfez um torrão de barro em pedacinhos,

com a enxada.

Quando Kya foi à loja de Saltos, na manhã seguinte, ele estava sozinho. Talvez a figura rotunda da sua mulher e as suas belas ideias fossem uma ilusão. Mas estavam dois caixotes cheios de coisas em cima da doca e Saltos estava a apontar para eles com um grande sorriso.

– Bom dia, menina Kya. Isto é para si.

Kya subiu para a doca e olhou para os caixotes a transbordar.

– Vá lá – disse Saltos. – É tudo para si.

Ela retirou delicadamente alguns itens de dentro da caixa – jardineiras, jeans, blusas a sério – e não apenas *t-shirts* – um par de ténis azuis-escuros, com atacadores, e um par de sapatos castanhos e brancos, tão bem engraxados que brilhavam. Kya ergueu uma blusa branca com gola de renda e um laço de cetim azul junto do pescoço e abriu ligeiramente a boca.

O outro caixote continha fósforos, aveia, um frasco de óleo, feijões secos e um litro de banha caseira. Por cima havia nabos, verduras, rutabagas e quiabos frescos, embrulhados em papel de jornal.

– Saltos – disse ela, brandamente –, isto vale mais do que aqueles peixes. Isto é a pescaria de um mês inteiro.

– Bom, mas o que iriam eles fazer com tanta roupa velha espalhada pela casa? Eles têm estas coisas a mais e a menina precisa delas; a menina tem o peixe de que eles precisam – o acordo é esse. Tem de levar isso agora, porque eu não tenho espaço para essa tralha aqui.

Kya sabia que era verdade. Saltos não tinha espaço na doca, portanto estaria a fazer-lhe um favor se levasse dali os caixotes.

– Nesse caso, eu levo-os, mas agradece-lhes por mim, está bem? Vou defumar mais peixe e trazê-lo assim que puder.

– Muito bem, menina Kya. Está bem assim. Traga o peixe quando puder.

Kya regressou ao mar. Depois de contornar a península e perder de vista a

loja de Saltos, abrandou, vasculhou dentro do caixote, tirou a blusa de gola de renda e vestiu-a mesmo por cima das jardineiras coçadas, com remendos nos joelhos. Prendeu a pequena fita de cetim azul à volta do pescoço, com um laço e percorreu o oceano e os estuários, de regresso a casa, com uma mão no laço e outra no leme.

13

Penas

1960

Esguia mas forte para a idade, Kya, então com catorze anos, passara a tarde na praia a atirar migalhas às gaivotas. Ainda não conseguia contá-las nem sabia ler, mas já não sonhava acordada em voar com as águias. Quando se tem de esgravatar na lama para jantar, talvez se vá perdendo a imaginação como os adultos. O vestido de verão da mãe ficava-lhe justo nos seios e chegava-lhe mesmo abaixo dos joelhos e Kya concluiu que estava mais do que na altura de o usar. Voltou à cabana, pegou na cana de pesca e na linha e foi imediatamente pescar para junto de uns arbustos, do lado oposto da lagoa.

No instante em que lançou a linha, ouviu um ramo estalar atrás de si e virou bruscamente a cabeça, para ver se via alguma coisa. Parecia uma bola a bater nos arbustos. Não era o género de ruído que as patas de um urso fariam a pisar detritos na lama, mas sim um ruído surdo nos espinheiros. Depois os corvos grasnaram. Tal como a lama, também os corvos são incapazes de guardar segredos. Sempre que veem algo de curioso na floresta têm de ir contar a toda a gente. Os que os escutam são recompensados, pois eles advertem-nos da proximidade de predadores ou de comida, e Kya sabia que algo se passava.

Recolheu a linha e enrolou-a à volta da cana, ao mesmo tempo que ia abrindo caminho pelo mato com os ombros, em silêncio. Voltou a parar e ficou à escuta. Esquadrinhou um dos seus locais favoritos – uma clareira sombria, semelhante a uma grande caverna, abrigada à sombra de cinco carvalhos tão frondosos que apenas deixavam entrar alguns raios de sol nevoentos, que criavam poças de luz sobre luxuriantes extensões de trévos e violetas brancas – mas não viu ninguém.

Uma figura passou por entre os arbustos, para lá da clareira, e Kya virou os olhos nessa direção, com o coração a martelar-lhe o peito. Baixou-se e correu silenciosamente para o meio da vegetação rasteira, na orla da clareira. Ao olhar para trás, através dos ramos dos arbustos, viu um rapaz mais velho caminhar apressadamente pelos bosques, a olhar para um lado e para outro. Ele parou assim que a viu.

Kya agachou-se por trás de um arbusto espinhoso e largou a correr como um coelho, ziguezagueando por entre espinheiros densos como a parede de um forte. Ainda curvada, atrapalhou-se e arranhou os braços no mato cerrado e espinhoso. Parou de novo, à escuta, e escondeu-se ali mesmo sob um calor abrasador, com a garganta terrivelmente seca da sede. Dez minutos depois, como ninguém apareceu, foi a uma nascente que formava uma pequena piscina no musgo e bebeu dela como um veado, perguntando a si mesma quem seria o rapaz e o que lá fora fazer. Era esse o problema quando ia à loja de Saltos – as pessoas viam-na lá. Sentia-se exposta como a barriga de um porco-espinho.

Finalmente, algures entre o crepúsculo e a noite, a hora a que as sombras hesitam, voltou a encaminhar-se para cabana, atravessando a clareira de carvalhos.

– À conta da bisbilhotice dele, não apanhei peixe para defumar.

Ao centro da clareira havia um toco apodrecido, tão coberto de musgo que parecia um velho escondido debaixo de uma capa. Kya aproximou-se dele e parou. Uma pena negra e fina de uns quinze centímetros de comprimento estava alojada no toco, a apontar para cima. A maioria das pessoas achá-la-iam vulgar, tomando-a por uma pena da asa de um corvo. Mas ela sabia que era tudo menos vulgar porque era a «sobrancelha» de uma grande garça azul. A pena que se curva graciosamente por cima dos olhos e se estende para trás da sua elegante cabeça. Um dos elementos mais requintados do pantanal costeiro, ali mesmo, diante dos seus olhos. Nunca

encontrara nenhuma, mas percebeu imediatamente do que se tratava, pois observara garças, de perto, durante toda a sua vida.

Uma grande garça azul é da cor do reflexo da névoa em água azul e, tal como a névoa, consegue camuflar-se na paisagem de fundo. Toda ela desaparece à exceção dos círculos concêntricos dos seus olhos sempre vigilantes. É uma caçadora paciente e solitária, permanecendo sozinha o tempo que for necessário para apanhar a sua presa. Também pode olhar para ela e avançar lentamente, dando um passo de cada vez, como uma dama de honor predatória, e em raras ocasiões, caçar em pleno voo, batendo velozmente as asas e picando voo com o seu bico semelhante a uma espada.

– Como teria ficado presa no toco, assim, virada para cima? – sussurrou Kya, olhando em redor. – Deve ter sido aquele rapaz que a pôs lá. Ele pode estar a observar-me neste preciso momento. – Ficou imóvel, voltando a sentir o coração martelar-lhe o peito. Começou a andar para trás, deixou lá a pena e correu para a cabana, trancando a porta de rede, o que raramente fazia, pois esta não oferecia grande proteção.

Porém, assim que a alvorada se anunciou por entre as árvores, sentiu-se fortemente tentada a ir para junto da pena, nem que fosse apenas para voltar a olhar para ela. Ao nascer do sol, correu para a clareira, olhou cautelosamente em redor, aproximou-se do toco e tirou a pena. Era macia, quase aveludada. De regresso à cabana descobriu um local especial para ela, mesmo no centro da sua coleção de parede, onde fixara inúmeros tipos de penas – desde as minúsculas penas do beija-flor às grandes penas da cauda de águias – perguntando a si mesma o que teria movido o rapaz a levar-lhe uma pena.

Na manhã seguinte, apeteceu-lhe correr para o toco, para ver se ele lá tinha deixado outra pena, mas obrigou-se a esperar. Não podia dar de caras com o rapaz. Finalmente, quando terminava a manhã, caminhou até à clareira, aproximando-se lentamente dela, à escuta. Não ouviu nem viu

ninguém, por isso avançou. Um breve e raro sorriso iluminou-lhe o rosto, ao ver uma pena branca e fina presa ao cimo do toco. Tinha quase cinquenta centímetros de comprimento e descrevia uma graciosa curva até à ponta estreita. Ela ergueu-a e riu alto. Uma magnífica pena da cauda de um rabo-de-palha. Nunca vira essas aves marinhas porque não existiam naquela região, mas eram, por vezes, arrastadas para terra, nas asas de um ciclone.

Kya estava deslumbrada. Certamente que possuía uma grande coleção de penas raras para poder prescindir daquela.

Como não conseguia ler o manual da mãe, desconhecia os nomes da maior parte das aves e insetos, por isso resolveu inventar-lhe nomes, e embora não soubesse escrever, descobriu uma forma de identificar os seus espécimes. Com a idade apurara o seu talento e já conseguia desenhar, pintar ou fazer o esboço do que quer que fosse. Utilizando giz ou aguarelas do Five and Dime, desenhava as aves, os insetos ou as conchas em sacos de papel do minimercado e prendia-os às suas amostras.

Nessa noite, excedeu-se um pouco e acendeu duas velas, assentando-as em pires, sobre a mesa da cozinha, para poder pintar a pena do rabo-de-palha.

Há mais de uma semana que não aparecia nenhuma pena no toco. Kya ia lá várias vezes ao dia. Espreitava cautelosamente por entre os fetos, mas nunca lá estava nada. Por isso, estava na cabana ao meio-dia, coisa que raramente fazia.

– Devia ter demolido feijão para o jantar. Agora é tarde demais. – Passarinhou pela cozinha, remexeu no armário, tamborilou com os dedos em cima da mesa. Depois, pensou em pintar, mas acabou por não o fazer e voltou ao toco.

Mesmo a alguma distância conseguiu distinguir uma longa pena listrada da cauda de um peru selvagem, o que a surpreendeu. Os perus eram uma das suas espécies favoritas. Uma vez, vira umas doze crias aconchegaram-se debaixo das asas da mãe, mesmo enquanto esta andava. Algumas delas caíam

de costas e voltavam a levantar-se, tropegamente, para tentar apanhar a mãe.

Mas há cerca de um ano, enquanto passeava por entre uns pinheiros, Kya ouvira um guincho estridente. Um bando de uns quinze perus – a maioria deles fêmeas, mas também alguns machos jovens e adultos – corriam de um lado para o outro, às bicadas a algo semelhante a um trapo oleoso, amarrotado no chão. A nuvem de pó que levantavam com as patas envolveu os bosques e ficou a pairar por entre os ramos das árvores, depositando-se neles. Ao aproximar-se um pouco mais, Kya percebeu que o que estava no chão era um peru fêmea e que as aves do seu próprio bando estavam a dar-lhe bicadas e a arranhá-la com as patas, no pescoço e na cabeça. Tinha tantos arbustos ensarilhados nas asas que as penas estavam espetadas em ângulos estranhos e já não conseguia voar. Jodie explicara-lhe que se uma ave se mutilasse ou ferisse, diferenciando-se das outras, passaria a atrair mais facilmente os predadores e por isso era morta pelo resto do bando. Antes disso do que atrair uma águia que pudesse capturar, entretanto, um dos seus.

Uma grande fêmea cravou as garras das suas patas espinhosas na ave enlameada e prendeu-a ao chão enquanto outra fêmea lhe dava bicadas no pescoço e na cabeça. A ave guinchava, assistindo desesperada ao ataque do seu próprio bando.

Kya correria para a clareira a sacudir os braços.

– Eh! O que estão a fazer. Saiam daqui. Parem com isso!

Os perus fugiram para os arbustos, numa barafunda de asas, o que levantou ainda mais pó. Dois deles chegaram mesmo a voar para cima de um carvalho. Mas Kya chegara tarde demais. A fêmea estava inerte, de olhos muito abertos. Tinha sangue a escorrer do pescoço engelhado, caído e torcido sobre a terra.

– Xôoo! Saiam daqui – gritou Kya, perseguindo as retardatárias, até estas se afastarem, dando por terminado o serviço. Depois, ajoelhou-se junto da fêmea morta e cobriu-lhe o olho com uma folha de plátano.

Nessa noite, depois de ver os perus, juntou restos de pão de milho e feijão e deitou-se na sua cama do alpendre, a ver a lua chegar à lagoa. Subitamente, ouviu vozes vindas dos bosques a aproximarem-se da cabana – vozes nervosas e estridentes, vozes de rapazes e não de homens – e sentou-se imediatamente na cama. Não havia porta das traseiras. Ou saía imediatamente ou estaria ainda sentada na cama quando eles entrassem. Lesta como um rato, Kya esgueirou-se para a porta, mas as velas surgiram nesse preciso instante, com a sua chama bruxuleante, a arder tremulamente dentro de auréolas. Era demasiado tarde para fugir.

As vozes tornaram-se mais ruidosas.

– Aqui vamos nós, Miúda do Pantanal!

– Estás aí dentro, Elo Perdido?

– Mostra-nos os dentes! Mostra-nos a tua erva do pântano – Um coro de gargalhadas.

Ela agachou-se ainda mais, atrás da meia-parede do alpendre, ao ouvir os passos aproximarem-se. As chamas tremeluziram e apagaram-se de vez, quando os cinco rapazes de treze ou catorze anos atravessaram o pátio a correr. Depois calaram-se e precipitaram-se para o alpendre, batendo ruidosamente com as palmas das mãos na porta.

Cada pancada era como uma facada no coração do peru fêmea.

Kya sentiu vontade de chorar, encostada à parede, mas conteve a respiração. Eles conseguiriam arrombar a porta facilmente. Bastaria empurrarem-na com força uma vez, para entrarem.

Mas eles voltaram a descer os degraus e a embrenhar-se na floresta, uivando e gritando de alívio, por terem sobrevivido à Miúda do Pantanal, a Criança-Lobo, a rapariga que não sabia soletrar «cão». As suas palavras e as suas gargalhadas ecoaram pela floresta, ao desaparecerem na escuridão, de regresso a um poiso seguro. Conseguia ver a chama oscilante das velas, de novo acesas, por entre as árvores.

Sempre que via perus selvagens, Kya lembrava-se desse dia e dessa noite, mas estava empolgada por ver a pena da cauda de um peru no toco da árvore, por saber que o jogo não terminara.

Fibras Vermelhas

1969

A bruma esbateu a manhã, despojando-a de mar e de céu, sob um calor opressivo. Ao sair do edifício do escritório do Xerife, Joe viu Ed sair do carro de patrulha.

– Chegue aqui, Xerife. O laboratório mandou mais informação sobre o caso de Chase Andrews. Está um forno lá dentro. – Dirigiu-se para junto de um grande carvalho. As suas raízes ancestrais pareciam romper pela terra como punhos. O Xerife seguiu-o, esmagando bolotas com os pés, ao pararem à sombra da árvore, de rosto virado para a brisa marinha.

Ele leu alto:

– Hematomas no corpo e ferimentos internos consistentes com uma queda de altura considerável. As amostras de sangue e de cabelo eram dele. Bateu mesmo com a nuca naquela viga, o que lhe provocou um grave hematoma e sérios danos no lobo posterior, mas não o matou.

– Aí tens. Ele morreu onde o encontrámos, ninguém o levou para lá. O sangue e o cabelo na viga horizontal provam-no. Causa da morte: impacto súbito do lobo occipital e parietal do córtex cerebral posterior e fratura da coluna, devido à queda da torre.

– Portanto, alguém eliminou, de facto, todas as pegadas e impressões digitais. Mais alguma coisa?

– Ouve isto: Encontraram imensas fibras estranhas no blusão dele. Fibras de lã vermelhas, que não provinham de nenhuma peça de roupa dele. Amostra anexa. – disse o Xerife, sacudindo um pequeno saco de plástico.

– Aqui diz lã. Poderia ser uma camisola, um cachecol ou um chapéu.

– Uma camisa, uma saia, umas meias, uma capa. Poderia ser tudo e mais

alguma coisa, raios, e nós temos de descobrir o que é.

15

O Jogo

1960

No dia seguinte, ao meio-dia, Kya aproximou-se lentamente do toco, de mãos nas faces, praticamente em oração, mas não estava lá pena nenhuma. Crispou os lábios.

– É claro. Eu também tenho de lhe deixar alguma coisa.

Tirou do bolso uma pena de uma águia jovem que encontrara nessa manhã. Só alguém que conhecesse bem aves saberia que aquela pena manchada e esfarrapada provinha de uma águia – uma águia de três anos ainda não coroadas. Não seria tão valiosa como a pena da cauda do rabo-de-palha, mas era, ainda assim, algo de precioso. Poisou-a cuidadosamente sobre o toco, com uma pequena pedra por cima, para não voar com o vento.

Nessa noite deitou-se na sua cama do alpendre e cruzou os braços por trás da cabeça, com um ligeiro sorriso nos lábios. A família deixara-a à mercê de um pântano, mas eis que alguém vinha sozinho à floresta deixar-lhe presentes. A incerteza mantinha-se, mas quanto mais pensava no assunto, menos provável lhe parecia que o rapaz tivesse más intenções. A maldade não se conciliava com a natureza de nenhum apreciador de aves.

Na manhã seguinte, saltou da cama para fazer aquilo a que a mãe habitualmente chamava «limpeza profunda». Kya tencionava fazer apenas uma seleção do que restava nas gavetas da cómoda da mãe, porém, ao pegar na tesoura de cobre e aço que lhe pertencera – uma peça recurva para os dedos trabalhada num intrincado padrão de lírios – lembrando-se que o seu cabelo não era aparado desde que a mãe se fora embora, há mais de sete anos, puxou-o subitamente para trás e cortou-lhe vinte centímetros. Agora chegava-lhe um pouco abaixo dos ombros. Olhou para o espelho, atirou a cabeça um

pouco para trás e sorriu. Depois, esfregou as unhas e escovou o cabelo até este brilhar.

Voltou a guardar a escova e a tesoura onde as encontrara e examinou alguns dos velhos cosméticos da mãe. A base líquida e o rouge tinham secado e estalado, mas o batom devia ter um prazo de validade de décadas, pois quando abriu o tubo, este pareceu-lhe húmido. Embora sem prática, pois nunca fora de brincar às *toilettes* em criança, pôs, pela primeira vez, um pouco de batom nos lábios, roçou-os um no outro e voltou a sorrir para o espelho. Achou que estava razoavelmente bonita. Não tão bonita como a mãe, mas com uma aparência agradável. Depois, riu-se e limpou-o. Mesmo antes de fechar a gaveta, viu um frasco de verniz das unhas ressequido da Revlon – Rosa-claro.

Kya pegou no pequeno frasco de verniz, recordando o dia em que a mãe o trouxera da cidade, entre outras coisas. A mãe explicara-lhes que o tom contrastava lindamente com a pele cor de azeitona de todas elas, sentara Kya e as duas irmãs mais velhas no sofá desbotado, mandara-lhes esticar os pés nus e pintara-lhes as unhas dos dedos dos pés e das mãos. Depois, pintara as suas próprias unhas e divertiram-se a pavonear-se pelo pátio e a exhibir as unhas cor-de-rosa, entre gargalhadas. O pai tinha ido não se sabe bem para onde, mas o barco estava atracado na lagoa e a mãe sugeriu que fossem andar de barco, coisa que nunca antes tinham feito.

Subiram para o barco ainda na galhofa, como se estivessem com um grão na asa. Só depois de algumas tentativas conseguiram pôr o motor fora de borda a funcionar, mas este acabou por pegar, e lá foram elas. A mãe conduziu o barco pela lagoa e entraram no estreito canal que dava acesso ao pantanal. Percorreram vários cursos de água sem dificuldade, mas como a mãe não era grande entendida no assunto, entraram numa lagoa pouco funda e encalharam numa lama negra, pegajosa, mais espessa do que crude. Tentaram empurrar o barco para um lado e para outro, com ajuda do remo,

mas não conseguiram sair do mesmo sítio. Não havia outra solução se não descerem do barco vestidas e enterrarem as pernas na lama até aos joelhos.

– Não o virem, meninas. Não o virem. – Gritava a mãe. Arrastaram o barco até conseguirem desencalhá-lo, guinchando de alegria umas às outras, de rosto enlameado. Voltar a subir para o barco, pelos lados, não foi tarefa fácil. Tiveram de se deixar cair dentro deste como peixes acabados de pescar. Depois, em vez de se sentarem nos bancos, apertaram-se as quatro no fundo do barco, de pés no ar, a menear os dedos dos pés enlameados, de unhas cor-de-rosa cintilantes.

Ainda deitada no fundo do barco, a mãe disse-lhes:

– Agora prestem atenção, porque isto é uma verdadeira lição de vida: é certo que encalhámos, mas o que fizemos nós? Divertimo-nos com a situação e rimos. É isso que importa entre irmãs e amigas. Permanecerem unidas mesmo na lama – sobretudo na lama.

A mãe não comprara nada para tirar o verniz, por isso quando este começou a descascar-se e a lascar-se, todas elas ficaram com as unhas das mãos e dos pés manchadas de verniz cor-de-rosa, como que a recordar-lhes essa verdadeira lição de vida e os bons momentos que tinham passado juntas.

Kya olhou para o velho frasco de verniz e tentou visualizar o rosto das irmãs, dizendo em voz alta:

– Onde estás tu agora, mãe? Porque não ficaste connosco?

Na tarde seguinte, assim que chegou à clareira de carvalhos, Kya viu cores garridas e pouco naturais, em contraste com os tons suaves de verde e castanho da floresta. Em cima do toco da árvore estava um pacote de leite vermelho e branco e, junto deste, mais uma pena. Pelos vistos, o rapaz subira a parada. Ela aproximou-se e pegou primeiro na pena.

Era prateada e macia – a pena da crista de uma garça noturna, uma das mais belas aves do pantanal. Depois olhou para dentro do pacote de leite.

Continha uns pacotinhos, muito bem embrulhados, com sementes de nabo, cenoura e feijão-verde. Ao fundo do pacote de leite, estava uma vela para o motor do barco, embrulhada em papel castanho. Ela voltou a sorrir e virou-se em círculo. Aprendera a viver sem a maior parte das coisas de que precisava, mas de vez em quando, precisava de uma vela de motor. Saltos ensinara-lhe a fazer algumas reparações básicas do motor, mas qualquer peça de que precisasse a obrigaria a ir a pé à cidade com dinheiro vivo.

E agora, ali estava uma vela de motor suplementar, para pôr de parte e usar quando fosse necessário – um bónus. Sentiu-se de coração tão cheio como se tivesse um depósito cheio de gasolina ou estivesse a contemplar um céu pintado a pincel, ao pôr do sol. Ficou absolutamente imóvel, como que a tentar assimilar o significado daquilo. Já vira aves macho cortejar fêmeas com presentes, mas ela era demasiado jovem para acasalar.

Ao fundo do pacote de leite estava um bilhete. Ela desdobrou-o e olhou para as palavras cuidadosamente escritas numa letra simples, que qualquer criança conseguiria ler. Kya sabia de cor a hora das marés, conseguia descobrir o caminho para casa, orientando-se pelas estrelas, conhecia todas as penas de uma águia, mas nem aos catorze anos conseguia ler aquelas palavras.

Esquecera-se de trazer algo para lá deixar e os seus bolsos nada mais continham que penas vulgares, conchas e vagens, por isso foi a correr à cabana e parou diante da sua montra de penas na parede. As mais graciosas eram as penas da cauda de um cisne da tundra. Tirou uma da parede para deixar no toco da árvore da próxima vez que lá fosse.

Ao cair da noite, pegou no seu cobertor e dormiu no pantanal, perto de uma ravina banhada pelo luar, onde havia muitos mexilhões. Ao amanhecer, já enchera dois sacos de serapilheira. Dinheiro para a gasolina. Os sacos eram demasiado pesados para os carregar, por isso arrastou o primeiro de regresso à lagoa, passando pela clareira para deixar a pena de cisne, embora esse não

fosse o caminho mais curto. Passou por entre as árvores sem olhar e deparou-se com o rapaz das penas encostado ao toco. Reconheceu-o. Era Tate, o rapaz que a guiara até casa pelo pantanal, quando era apenas uma rapariguinha. Tate, que observara à distância, durante sete anos, sem coragem para se aproximar. É claro que ele estava mais alto e mais crescido. Devia ter agora uns dezasseis ou dezassete anos. Tinha caracóis louros espetados em todas as direções para fora do boné, e um rosto bronzeado. Atraente. Estava calmo, com um sorriso rasgado que parecia iluminar-lhe o rosto todo. Mas foram os olhos que lhe prenderam a atenção: eram castanhos-dourados, salpicados de verde e estavam fixos nos seus, como os olhos de uma garça prestes a capturar um vairão.

Ela deteve-se, abalada pela súbita violação das regras tácitas do jogo. Era isso que aquele jogo tinha de divertido – o facto de não terem de falar nem sequer de ser vistos. Kya sentiu o rosto quente.

– Olá, Kya. Por favor... não fuja... Sou apenas eu, o Tate. – disse ele, muito devagar, num tom brando, como se ela fosse tonta ou coisa parecida. Devia ser isso que as pessoas da cidade diziam acerca dela – que mal conseguia falar como um ser humano.

Tate não pôde deixar de olhar para ela. *Ela deve ter, agora, uns treze ou catorze anos*, pensou. Mas mesmo com aquela idade, o seu rosto continuava absolutamente assombroso. Os olhos grandes e escuros, quase negros, o nariz fino sobre aqueles lábios perfeitos davam-lhe uma aparência exótica. Era alta e magra, o que lhe dava um ar frágil e ágil, como que moldada pelo vento em estado selvagem. Porém, os seus músculos jovens e robustos pareciam revelar nela um poder silencioso.

Como sempre, o primeiro impulso de Kya foi fugir. Mas estava a sentir uma outra coisa. Uma plenitude que não sentia há anos. Como se lhe vertessem algo morno dentro do coração. Pensou nas penas, na vela do motor e nas sementes. Tudo isso poderia acabar se fugisse. Ergueu a mão, sem dizer

uma palavra, e estendeu-lhe a elegante pena de cisne. Ele aproximou-se dela devagar, não fosse ela fugir de repente, como um cervo assustado, e examinou a pena na mão dela. Ela observou em silêncio, olhando apenas para a pena e não para o seu rosto, tentando manter os olhos tão afastados quanto possível dos dele.

– É de um cisne na tundra, não é? É incrível, Kya. Obrigado – disse ele. Como era uns dez centímetros mais alto do que ela, curvou-se ligeiramente ao aceitar a pena da mão dela. É claro que era altura de ela lhe agradecer os presentes, porém, manteve-se em silêncio, desejando que ele se fosse embora e que pudessem ficar apenas pelo jogo.

Ele continuou a falar, como que a tentar preencher o silêncio:

– Foi o meu pai que me ensinou tudo sobre as aves.

Finalmente, ela olhou para ele e disse:

– Eu não consigo ler o teu bilhete.

– Claro. Tu não vais à escola. Esqueci-me desse pormenor. Dizia apenas que te vi algumas vezes quando estava a pescar, o que me levou a pensar que as sementes e a vela de motor poderiam dar-te jeito. Eu tinha algumas a mais e achei que poderia poupar-te uma viagem à cidade. Também achei que irias gostar das penas.

Kya inclinou a cabeça e disse:

– Obrigada pelas penas. Foste muito gentil.

Tate reparou que embora o seu rosto e o seu corpo deixassem adivinhar sinais e curvas precoces de mulher, os seus maneirismos e a forma de falar revelavam uma certa infantilidade, o que contrastava em absoluto com as raparigas da aldeia, cujo comportamento – os exageros na maquilhagem, os palavrões e o facto de fumarem – eram bem mais relevantes do que as suas curvas.

– Não tens de agradecer. Bom, é melhor eu ir andando, pois está a fazer-se tarde. Passarei por aqui de vez em quando, se não te importares.

Kya não lhe respondeu. O jogo devia ter acabado. Assim que ele percebeu que ela não ia voltar a falar, acenou-lhe com a cabeça, levou a mão ao boné, e virou-se para se ir embora. Mas quando ia a baixar a cabeça para se meter por entre os espinheiros, voltou a olhar para ela.

– Eu podia ensinar-te a ler, sabes?

16

As Leituras

1960

Durante dias, Tate não voltou para as sessões de leitura. Antes do jogo das penas, a solidão tornara-se um apêndice tão natural para Kya como um braço, mas agora parecia estar a ganhar raízes dentro de si e pesava-lhe no peito.

Um dia, ao fim da tarde, decidiu sair de barco.

– Não posso ficar aqui parada à espera.

Em vez de atracar o barco na loja de Saltos, onde poderia ser vista, escondeu-o numa pequena baía, a sul, e percorreu o trilho sombrio, em direção a Colored Town, com um saco de serapilheira. Chuviscara durante quase todo o dia e agora que o sol se aproximava do horizonte, a névoa estava a aumentar dentro da própria floresta e pairava por belas clareiras. Kya nunca fora a Colored Town, mas sabia onde era e achou que conseguiria encontrar a casa de Saltos e Mabel depois de lá chegar.

Vestira uns jeans e uma blusa cor-de-rosa que Mabel lhe oferecera. Dentro do saco de serapilheira levava frascos de um litro de geleia de amoras, bem fluida, que ela própria fizera para retribuir a gentileza de Saltos e Mabel. A necessidade de estar com alguém e falar com uma mulher amiga encorajara-a a ir ao encontro deles.

Se Saltos ainda não estivesse em casa, talvez ela pudesse sentar-se com Mabel e conversar um pouco.

Depois, ao chegar perto de uma curva, ouviu vozes a aproximarem-se dela. Parou e ficou à escuta. Saiu rapidamente do caminho, entrou na floresta e escondeu-se atrás de uma moita de murtas. Alguns instantes depois, dois rapazes brancos, de jardineiras esfarrapadas surgiram na curva, com uma lata

de isco e uma série de peixes-gato, presos num fio mais comprido do que o seu braço. Kya ficou muito quieta atrás da moita e esperou.

Um dos rapazes apontou para o caminho.

– Olha, lá vai um preto, a caminho da Cidade dos Pretos. Vê lá a nossa sorte. – Kya olhou para o trilho e viu Saltos a caminho de casa para passar o serão. Estava bastante perto, por isso devia ter ouvido os rapazes, mas limitou-se a baixar a cabeça, desviou-se para os bosques, para manter a distância, e seguiu em frente.

O que se passa com ele? Porque não faz nada? – disse Kya para consigo mesma, enfurecida. Sabia que «preto» era uma palavra muito feia, pela forma como o pai a utilizava quando praguejava. Saltos poderia ter batido com a cabeça dos rapazes uma na outra, para lhes dar uma lição. Mas em vez disso, apertara o passo e continuara a andar.

– Não passa de um preto velho a caminho da cidade. Tem cuidado, preto. Vê lá se cais – disseram eles, para provocar Saltos, que continuava de olhos no chão. Um dos rapazes baixou-se, apanhou uma pedra do chão e atirou-a às costas de Saltos. Atingiu-o mesmo por baixo da omoplata, com um ruído surdo. Ele baloiçou um pouco para a frente, mas continuou a andar. Os rapazes riram e desapareceram na curva. Depois, apanharam mais pedras e foram atrás dele.

Kya seguiu-os pela floresta até lhes passar à frente, sempre de olho nos seus bonés, por cima dos ramos. Agachou-se num local em que os arbustos cerrados cresciam à beira do caminho, onde eles passariam a menos de meio metro dela, daí a segundos. Saltos ia já muito à frente e Kya perdera-o de vista. Torceu o saco de serapilheira de forma a apertar bem os frascos lá dentro e quando os rapazes passaram pela moita, brandiu o pesado saco, atingindo o que estava mais próximo dela, na nuca. Ele foi projetado para a frente e foi de cara ao chão. Kya correu na direção do outro rapaz, aos guinchos, disposta a atingi-lo também na cabeça, mas ele fugiu. Depois,

embrenhou-se uns cinquenta metros na floresta e ficou a observar o primeiro rapaz até este se levantar, agarrado à cabeça, a praguejar.

Posto isto, pegou no saco de frascos de geleia, voltou para o barco e foi para casa, concluindo que era bem possível que não voltasse a visitar ninguém.

No dia seguinte, ao ouvir o barco de Tate percorrer ruidosamente o canal, Kya correu para a lagoa, e ficou nos arbustos, a vê-lo sair do barco com uma mochila. Ele olhou em redor e chamou-a. Ela avançou devagar, de jeans justos, e uma blusa com botões desirmanados.

– Olá, Kya. Desculpa não ter conseguido chegar mais cedo, mas tive de ajudar o meu pai. Vais aprender a ler num instante.

– Olá, Tate.

– Vamos sentar-nos aqui. – Apontou para um carvalho, sob o denso teto de sombras da lagoa. Depois, tirou um livro fino e amarelado do alfabeto e um caderno de linhas, de dentro da mochila, e desenhcou cuidadosamente as letras *a*, *A*, *b*, e *B*, pedindo-lhe que fizesse o mesmo. Ela desenhcou-as estoicamente, de língua presa entre os lábios, e ele enunciou-as devagar, num tom de voz sonoro e brando.

Kya lembrava-se de algumas das letras que aprendera com Jodie e com a mãe, mas não sabia, propriamente, como formar palavras com elas.

Apenas minutos depois, Tate disse:

– Vês? Já consegues escrever uma palavra.

– O que queres dizer com isso?

– *T-á-x-i*. Já consegues escrever a palavra «táxi».

– O que é táxi? – perguntou ela. Ele sabia que não podia rir-se.

– Não te preocupes com isso. Vamos continuar. Em breve aprenderás a escrever palavras que conheces.

Mais tarde disse:

– Vais ter de trabalhar muito mais no alfabeto. Demorarás algum tempo a assimilá-lo, mas já consegues ler. Eu mostro-te. – Não tinha manual de gramática, por isso o primeiro livro que lhe deu foi um exemplar do pai de *Pensar como uma Montanha*, de Aldo Leopold. Apontou para a frase introdutória e pediu-lhe que lha lesse. A primeira palavra era «Há» e ela teve de voltar a olhar para o alfabeto e praticar o som de cada palavra, mas ele era paciente e explicou-lhe a sonoridade especial de *há*. Quando Kya conseguiu, finalmente, reproduzi-la, ergueu ambos os braços, vitoriosa, e riu-se. Ele observou-a com um sorriso luminoso.

Aos poucos, Kya foi decifrando cada uma das palavras da frase:

«Há quem consiga viver longe do que é selvagem e há quem não consiga».

– Ah! – exclamou ela. – Ah...

– Tu consegues ler, Kya. De hoje em diante, conseguirás sempre ler.

– Não é só isso – disse ela, praticamente num sussurro. – Eu não fazia ideia de que as palavras pudessem ter tanto significado, que uma frase pudesse ser tão rica.

Ele sorriu:

– Aquela é uma boa frase, mas nem todas as palavras têm tanto significado.

Nos dias seguintes, Tate ensinou-a a decifrar o canto dos gansos e grouns em redor, umas vezes sentados à sombra do carvalho, outras vezes ao sol, junto da margem.

– E se os gansos deixassem de cantar?

Para além de ajudar o pai e jogar basebol com os amigos, Tate visitava Kya várias vezes por semana e ela passara a estar sempre atenta ao ruído do seu barco, a subir o canal, quer estivesse a mondar o jardim, a alimentar as galinhas ou à procura de conchas.

Um dia, enquanto lia o que os chapins comiam ao almoço, na praia, Kya perguntou-lhe:

– Vives com a tua família em Barkley Cove?

– Sim, vivo com o meu pai, em Barkley.

Kya não lhe perguntou se o resto da família desaparecera. Provavelmente, a mãe também o abandonara. Uma parte de si desejava desesperadamente tocar-lhe na mão – um desejo um pouco estranho – mas os dedos recusavam-se a obedecer-lhe. Preferiu, por isso, memorizar a intrincada teia de veias azuladas na parte de dentro do seu pulso, em tudo semelhante ao emaranhado de veias desenhado nas asas das vespas.

À noite, reviu as lições, sentada à mesa da cozinha, à luz da lanterna de querosene, cujo brilho suave se escoava através das janelas da cabana e beijava os ramos mais baixos dos carvalhos. Tirando a luminescência suave dos pirilampos, aquela era a única luz visível na escuridão, num raio de muitos quilómetros.

Kya escrevia e repetia diligentemente cada palavra, vezes sem conta. Tate explicara-lhe que as palavras longas não passavam de palavras curtas associadas, por isso ela não tinha medo delas e aprendeu imediatamente a palavra «plistoceno» juntamente com «ficar». Nunca na vida nada lhe dera tanto gozo como aprender a ler, mas não conseguia entender por que razão Tate se dispusera a ensinar escumalha branca e pobre como ela, nem porque começara a lá ir deixar-lhe aquelas magníficas penas. Mas também não lhe perguntou, com receio que isso o deixasse pensativo e o afugentasse.

Agora, poderia finalmente identificar todos os seus preciosos espécimes. Pegou em cada uma das penas, insetos, conchas e flores, foi ao livro da mãe ver como soletrar os seus nomes e escreveu-os cuidadosamente, junto das pinturas, nos respetivos sacos de papel castanho.

Que número vem a seguir a vinte e nove? – perguntou ela um dia a Tate.

Ele olhou para ela. Sabia mais sobre marés, gansos das neves, águias e estrelas do que a maioria das pessoas jamais viriam a saber, porém, não sabia contar até trinta. Ele não quis envergonhá-la, por isso não se mostrou surpreendido, porque ela era exímia a decifrar olhares.

– Trinta – disse ele, simplesmente. – Escuta, vou ensinar-te os números e praticaremos alguma aritmética básica. Não é difícil. Vou trazer-te alguns livros sobre isso.

Ela lia tudo o que apanhava. As instruções dos pacotes de aveia, as notas de Tate e até as histórias dos livros de contos de fadas que, durante anos, fingira ler. Certa noite, lembrou-se da velha Bíblia que lá tinha e tirou-a da prateleira. Depois, sentou-se à mesa e folheou cuidadosamente as suas finíssimas folhas, até à página com os nomes de família. O seu estava mesmo ao fundo da página. Ali estava o dia do seu aniversário: Menina Catherine Danielle Clark, nascida em 10 de outubro de 1945. Depois voltou ao início da lista e leu os verdadeiros nomes dos seus irmãos e irmãs:

Menino Jeremy Andrew Clark, nascido a 2 de janeiro de 1939.

– Jeremy – disse ela, em voz alta. – Jodie, nunca te encarei como menino Jeremy.

Menina Amanda Margaret Clark, nascida a 17 de maio de 1937. Kya tocou no nome com os dedos, repetiu-o várias vezes e continuou a ler:

Menino Napier Murphy Clark, nascido a 4 de abril de 1936.

– O teu nome era Napier, Murph – disse Kya baixinho.

A mais velha estava ao cimo da lista:

Menina Mary Hellen Clark, nascida a 19 de setembro de 1934.

Voltou a passar os dedos pelos nomes, e viu rostos. A imagem era indistinta, mas conseguia vê-los espremidos uns contra os outros, à volta da mesa, a comerem guisado, a passarem pão de milho uns aos outros e até a rirem. Sentia-se desanimada por ter esquecido os seus nomes, mas agora que

os encontrara, jamais voltaria a esquecê-los.

Por cima da lista dos filhos, leu:

O menino Jackson Henry Clark casou com a menina Jullienne Maria Jacques, a 12 de junho de 1933. Só então ficou a saber os verdadeiros nomes dos pais.

Ficou ali durante alguns minutos com a Bíblia aberta em cima da mesa. Com família diante dos seus olhos.

O próprio tempo zela para que as crianças nunca conheçam os seus pais enquanto jovens. Kya jamais veria o atraente Jake pavonear-se pela cafetaria de refrigerantes e batidos de Ashville, onde vira Maria Jacques, pela primeira vez, no início dos anos trinta, uma beleza de Nova Orleães, de caracóis negros e lábios vermelhos que estava de visita à cidade. Jake pedira um batido e dissera-lhe que a família tinha uma plantação e que depois de terminar o liceu, estudaria advocacia e viveria numa mansão com colunas.

Mas quando a Depressão se agravou, o banco despojou os Clarks das suas terras e leiloou-as. O pai de Jake tirou-o da escola e mudaram-se para uma pequena cabana de pinho, ao fundo da rua, que fora habitada por escravos, num passado não muito distante. Jake foi trabalhar para os campos de tabaco, e enfardou folhas de tabaco, ombro a ombro com homens negros e mulheres negras com bebês às costas e xailes coloridos.

Dois anos mais tarde, Jake partiu de casa da família de madrugada, sem se despedir de ninguém, levando consigo toda a roupa cara e tesouros de família que pôde, incluindo o relógio de bolso de ouro do avô e o anel de diamantes da avó. Viajou à boleia até Nova Orleães e descobriu que Maria vivia com a família numa casa elegante, à beira-mar. Eram descendentes de um mercador francês e proprietários de uma fábrica de sapatos.

Jake empenhou as relíquias da família e começou a levá-la a restaurantes chiques, decorados com cortinas de veludo vermelhas, prometendo-lhe que lhe compraria a tal mansão com colunas. Certo dia, ajoelhou-se debaixo de

uma árvore de magnólias, e ela aceitou o seu pedido de casamento. Casaram em 1933, numa pequena igreja, perante o silêncio da família dela.

Nessa altura já todo o dinheiro desaparecera, por isso Jake aceitou o emprego na fábrica de sapatos do sogro, convencido de que seria gerente. Mas o Sr. Jacques, que não era homem para se deixar enrolar facilmente, insistiu que Jake tinha de conhecer o negócio e começar por baixo como qualquer outro empregado. Por isso, Jake começou por cortar solas.

Maria e ele viviam num pequeno apartamento anexo à garagem, mobilado com algumas peças caras do dote dela, misturadas com mesas e cadeiras compradas em feiras. Jake inscreveu-se em aulas noturnas para terminar o liceu, mas faltava frequentemente às aulas, para ir jogar póquer, e voltava para junto da sua recente esposa, tarde e más horas, a tresandar a uísque. Três semanas depois, a professora expulsou-o das aulas.

Maria implorou-lhe que parasse de beber e mostrasse algum entusiasmo pelo trabalho, para que o seu pai o promovesse, mas os bebês começaram a nascer e ele nunca parou de beber. Entre 1934 e 1940 tiveram quatro filhos e Jake foi promovido apenas uma vez.

A guerra com a Alemanha foi o nivelador. Jake poderia finalmente esconder a sua vergonha e recuperar o seu orgulho, escondido atrás de um uniforme do mesmo tom que todos os outros. Mas certa noite, numa trincheira enlameada em França, alguém gritou que o sargento fora ferido e estava caído no chão a sangrar, a cerca de vinte metros. Os soldados, que não passavam de uns miúdos, e na verdade, deveriam estar sentados num campo de baseball, à espera de entrar em jogo – talvez um pouco nervosos com um lançamento mais rápido – e não numa trincheira, precipitaram-se todos para fora do seu esconderijo, para tentar salvar o homem ferido.

Todos menos um.

Jake, na altura demasiado assustado para se mexer, ficou encolhido a um canto. Mas nesse mesmo instante, a explosão luminosa de um morteiro, a

escassos metros da trincheira, estilhaçou-lhe os ossos da perna esquerda. Quando os soldados voltaram a atirar-se para dentro da trincheira, arrastando consigo o sargento, deduziram que Jake tivesse sido atingido enquanto ajudava os outros a salvar o camarada e declaram-no um herói. Nunca ninguém soube o que realmente se passara, a não ser Jake.

Mandaram-no para casa com uma medalha e uma dispensa médica. Jake não estava disposto a trabalhar mais na fábrica de sapatos, por isso ficou apenas algumas noites em Nova Orleães. Vendeu toda a mobília boa e a prata que tinha em casa, perante o silêncio de Maria, meteu a família num comboio e mudaram-se para a Carolina do Norte. Depois, descobriu através de um velho amigo, que a mãe e o pai tinham morrido, o que lhe permitiu concretizar o seu plano.

Jake convencera Maria que se fossem viver para uma cabana que o pai construíra como retiro de pesca, na costa da Carolina do Norte, poderiam começar de novo. Não teriam de pagar renda e ele poderia terminar o liceu. Comprou um pequeno barco de pesca em Barkley Cove e percorreu quilómetros de canais do pantanal com a família e todos os seus pertences empilhados à sua volta – com algumas caixas de bons chapéus, por cima. Quando, finalmente, entraram na lagoa, e se depararam com a cabana decrépita, com redes de proteção ferrugentas, aninhada sob os carvalhos, Maria apertou Jodie, o filho mais novo, nos braços, tentando conter as lágrimas.

Mas Jake tranquilizou-a.

– Não te preocupes. Repararei isto em menos de um fósforo.

Jake nunca recuperou a cabana nem terminou o liceu. Pouco depois de chegarem, começou a beber e a jogar póquer ao Swamp Guinea, como que a tentar esquecer a trincheira num copo de *shot*.

Maria fez o que pôde para construir um lar. Comprou lençóis para os

colchões assentes no chão, em vendas de beneficência, e uma banheira de latão; lavava a roupa debaixo da torneira do pátio e descobriu por si própria como plantar um jardim e criar galinhas.

Pouco depois de chegarem, foi com as crianças a pé até Barkley Cove, para inscrevê-las na escola. Mas Jake desdenhava do conceito de educação e raro era o dia em que não instigava Murph e Jodie a faltarem às aulas e trazerem esquilos ou peixe para o jantar.

Jake levou Maria a passear de barco ao luar uma única vez, o que resultou no nascimento do seu último filho, uma menina chamada Catherine Danielle, a quem mais tarde deram o diminutivo de Kya, porque quando lhe perguntaram como se chamava, pela primeira vez, foi assim que pronunciou o seu nome.

Uma vez por outra, quando estava sóbrio, Jake voltava a sonhar em terminar os estudos e proporcionar uma vida melhor a todos, mas a sombra da trincheira depressa voltava a assombrá-lo. Consciente de que em tempos fora um homem confiante, convencido, atraente e em boa forma, Jake já não suportava aquilo em que se transformara e ia afogando as mágoas em álcool. Misturar-se com os renegados quezilentos, grosseiros e bêbados do pantanal, foi a coisa mais fácil do mundo para Jake.

A Soleira da Porta

1960

Um dia, durante o verão das leituras, ao deslocar-se de barco à loja de Saltos, este disse-lhe:

– Tenho mais uma coisa para lhe contar, menina Kya. Têm aparecido por aqui uns homens a bisbilhotar e a fazer perguntas sobre si.

Ela encarou-o em vez de desviar os olhos para o lado, como era costume.

– Quem são? O que querem eles?

– Acho que são da Assistência Social. Têm feito todo o tipo de perguntas. Se o seu pai ainda cá está, se eu sei onde está a sua mãe, se a menina vai para a escola no outono, a que horas a menina cá vem. Estavam especialmente interessados em saber a que horas cá vinha.

– O que lhes respondeste, Saltos?

– Bom, fiz o que pude para que eles a deixassem em paz. Disse que o seu pai está ótimo e anda por aí a pescar. – Atirou a cabeça para trás a rir. – Depois disse-lhes que nunca sabia quando a menina ia aparecer no seu barco. Não se preocupe, menina Kya. Se eles voltarem a aparecer, aqui o Saltos, vai mandá-los caçar gambozinos.

– Obrigada.

Depois de encher o depósito, Kya foi direita a casa. Teria de se manter mais vigilante, agora. Talvez descobrir um local no pantanal, onde pudesse esconder-se durante algum tempo até eles desistirem de a procurar.

Ao fim da tarde, quando Tate chegou à margem, esmagando suavemente a areia com a quilha do barco, ela disse-lhe:

– Podemos encontrar-nos noutro sítio, *p'além* deste?

– Olá, Kya, prazer em ver-te – disse Tate, cumprimentando-a ainda

sentado junto do leme.

– O que achas?

– É *para além* que se diz e não *p'além*, e devemos cumprimentar as pessoas antes de lhes pedir um favor.

– Tu às vezes também dizes *p'além* – disse ela, quase a sorrir.

– Sim, nós temos uma língua de trapos aqui, na Carolina do Norte, mas temos de tentar falar como deve ser.

– Boa tarde, Sr. Tate – disse ela, fazendo uma pequena vénia. Sinais de alguma coragem e insolência interiores, pensou Tate. – Podemos encontrar-nos noutra local, para além deste? Por favor.

– Acho que sim, mas porquê?

– Saltos disse-me que a Assistência Social anda à minha procura. Tenho medo que me apanhem como a uma truta e me levem para uma casa de acolhimento ou coisa parecida.

– Bom, nesse caso, o melhor será escondermo-nos bem longe, onde o vento chora. Tenho pena dos pais adotivos que te acolherem, sejam eles quem forem. – Um sorriso inundou-lhe o rosto.

– Onde o vento chora? O que queres dizer com isso? – A mãe costumava dizer isso. – Kya recordava-se que a mãe estava sempre a encorajá-la a explorar o pantanal. – Vai tão longe quanto puderes, até onde ouvires o vento chorar.

– Significa apenas bem longe, no mato, onde ainda há criaturas selvagens e estas ainda se portam como tal. Ocorre-te algum sítio onde possamos encontrar-nos?

– Há um sítio que eu descobri um dia. Uma cabana em ruínas. Assim que ficares a conhecer a saída, poderás ir até lá de barco e eu poderei ir daqui a pé.

– Está bem. Então entra. Desta vez mostras-me onde é e da próxima vez encontramo-nos lá.

– Se eu lá estiver, deixo uma pequena pilha de pedras aqui mesmo, no tronco onde atraco o barco. – Kya apontou para um ponto, na praia da lagoa. – De contrário, estarei algures por aqui e aparecerei quando ouvir o motor do teu barco.

Percorreram o pantanal devagar e depois seguiram para sul, em mar aberto, mantendo-se a alguma distância da cidade. Ela baloiçava com o barco, à proa, com as lágrimas frias do vento a percorrerem-lhe a rosto e a fazerem-lhe cócegas nas orelhas. Ao chegarem a uma pequena enseada, ela guiou-o por um riacho de água fresca, com ramos baixos de espinheiros. Por vezes o riacho quase desaparecia, mas Kya disse-lhe que podia seguir sem problemas e continuaram a avançar por entre o mato.

Finalmente, chegaram a um grande prado, onde o riacho corria junto de uma velha cabana de madeira de uma só divisão, com um dos lados em ruínas. Os troncos tinham caído e alguns estavam espalhados pelo chão como pauzinhos de micado. O telhado, ainda assente sobre meia parede, descrevia um declive acentuado de cima a baixo, como um chapéu assimétrico. Tate arrastou o barco para a lama e caminharam ambos em silêncio, até à porta aberta.

Lá dentro estava escuro e o ar tresandava a urina de rato.

– Bom, espero que não estejas a pensar vir viver para aqui. Isto pode cair-te em cima da cabeça.

Tate fez pressão contra a parede. Parecia consideravelmente robusta.

– É apenas um esconderijo. Posso guardar alguma comida aqui, para o caso de ter de andar a fugir durante algum tempo.

Assim que os seus olhos se adaptaram à escuridão, Tate virou-se e olhou para ela.

– Nunca pensaste em voltar para escola, Kya? Não irias morrer por isso e talvez eles te deixassem em paz, se o fizesses.

– Eles já devem ter percebido que eu estou sozinha. Se eu fosse para a

escola, eles iriam apanhar-me e levar-me para uma casa de acolhimento. Além disso, já estou demasiado crescida para ir para a escola. Onde iriam pôr-me? No primeiro ano? – Arregalou os olhos só de se imaginar rodeada de miúdos pequenos que sabiam pronunciar palavras e contar até cinquenta.

– O quê, tencionas viver para sempre sozinha no pantanal?

– Sempre é melhor do que ir para uma casa de acolhimento. O pai costumava dizer que nos despachava para uma casa dessas se nos portássemos mal. Disse-nos que eles são horríveis.

– Não. Nem sempre. A maior parte deles são pessoas decentes que gostam de crianças – disse ele.

– Quer dizer que preferias ir para uma casa de acolhimento do que viver no pantanal? – perguntou ela, de queixo empinado e mão na cintura.

Ele ficou em silêncio por instantes.

– Bom, então traz alguns cobertores e fósforos para o caso de ficar frio e talvez algumas latas de sardinhas. Duram uma eternidade. Não tragas comida fresca para aqui, pois acabará por atrair ursos.

– Eu *na* tenho medo de ursos.

– Eu *não* tenho medo de ursos.

Durante o resto do verão, Kya e Tate tiveram as aulas de leitura na cabana em ruínas. A meio de agosto já tinham lido *Pensar como uma Montanha* e, embora ela não conseguisse ler todas as palavras, entendeu quase tudo. Aldo Leopold ensinou-lhe que as planícies de aluvião são extensões vivas dos rios, que as voltam a reclamar sempre que entendem. Qualquer pessoa que viva numa planície de aluvião fica simplesmente à mercê do rio. Ficou a saber para onde vão os gansos, no inverno, e o significado do seu canto. Os termos suaves, quase poéticos ensinaram-lhe que o solo está carregado de vida e é uma das maiores riquezas da terra; que drenar os campos alagados seca quilómetros e quilómetros de terra em redor, aniquilando plantas e animais,

para além da própria água. Algumas sementes mantêm-se dormentes durante décadas em solos ressequidos, e quando, finalmente, a água regressa ao seu leito, irrompem pelo solo, e o seu rosto floresce. Prodígios e saberes da vida real que Kya jamais aprenderia na escola. Verdades que toda a gente deveria saber, mas que parecem guardadas em segredo, como sementes, apesar de tão evidentes por toda a parte.

Encontravam-se na cabana de troncos, várias vezes por semana, mas ela dormia quase todas as noites na cabana ou na praia, com as gaivotas. Tinha de recolher lenha antes do inverno por isso fez disso uma missão. Carregava fardos de lenha de longe e de perto e empilhava-os, mais ou menos ordenadamente, entre dois pinheiros. Os nabos do seu jardim mal começavam a despontar sobre os solidagos, mas já tinha legumes para dar e vender. Fez o resto da colheita do fim de verão e armazenou as abóboras e as beterrabas na sombra fresca dos degraus de tijolo e madeira.

Mas sempre de ouvidos bem abertos, atenta ao ruído arrastado de um automóvel cheio de homens decididos a levá-la dali. Por vezes, estar à escuta tornava-se cansativo e assustador. Nesses dias ia a pé até à cabana de troncos e passava lá a noite, deitada no chão de terra batida, embrulhando-se num cobertor que tinha a mais. Estabelecia horários para apanhar mexilhões e defumar peixe, para que Tate os pudesse levar à loja de Saltos e trazer-lhe provisões, mantendo-se, dessa forma, menos exposta.

– Lembras-te de me dizer que algumas palavras têm grande significado, quando leste a tua primeira frase?

– Sim, lembro-me. Porquê?

– Bom, isso acontece sobretudo em poemas. Nos poemas, as palavras não servem apenas para dizer coisas – disse-lhe um dia Tate, sentado na margem do riacho. – Provocam também emoções. Podem até fazer-nos rir.

– A mãe costumava ler poemas, mas eu não me lembro de nenhum deles.

– Ouve isto. É um poema de Edward Lear – Tirou um envelope dobrado e leu.

*«Com um grito sponge-tâneo
Pai Perna-Longa
E Mosca Tonta
correram para a espuma do mar.
Aí encontraram um pequeno barco
com velas em tons de rosa e cinzento,
E lá zarparam, por entre as ondas
Afastando-se mais e mais.»*

Ela sorriu e disse:

– O ritmo é semelhante ao das ondas a chegarem à praia.

Depois disso, deu em escrever poemas, inventando-os enquanto percorria o pantanal de barco ou apanhava conchas – versos simples, musicais e tontos:

– Uma mamã gaio-azul está a levantar voo de um ramo. Também eu voaria se pudesse.

Os versos faziam-na rir alto e preenchiam, por instantes, a solidão de um longo dia.

Um dia, ao fim da tarde, enquanto lia sentada à mesa da cozinha, lembrou-se do livro de poesia da mãe, e revirou tudo até o encontrar. O livro estava tão gasto que há muito perdera a capa e as suas páginas estavam presas com dois velhos elásticos, ressequidos. Kya tirou-os cuidadosamente e começou a folhear o livro. Havia notas escritas nas margens ao longo de todo o livro e no final, uma lista com os números das páginas dos poemas preferidos da mãe.

Kya abriu o livro num poema de James Wright:

*Senti-me subitamente perdido e gelado,
Ao perceber deserto o pátio
Que tanto desejava tocar e abraçar.*

*Meu filho, meu filho tagarela
Meu filho risonho, por vezes manso, por vezes rebelde.*

*As árvores e o sol desapareceram
Restamos apenas nós.
A mãe cantava dentro de casa,
Mantinha o nosso jantar quente
E amava-nos, só Deus sabe como.
Assim escureceu também a Terra.*

E num outro de Galway Kinneil:

*Eu importava-me...
Eu dizia o que achava ser a verdade
Da forma mais branda possível. E agora...
Tenho de confessar que estou aliviado por tudo ter terminado
No final já só sentia pena
Daquele desejo de continuar a viver.
... Adeus.*

Kya passou os dedos pelas palavras como se estas fossem uma mensagem. Como se a mãe as tivesse sublinhado, especificamente, para que a sua filha as lesse um dia, à luz daquela chama débil de querosene, e as entendesse. Não era nada de especial. Não era um bilhete escrito à mão, escondido no fundo da gaveta das meias, mas já era alguma coisa. Kya sentiu

que as palavras encerravam um poderoso significado, mas não conseguia decifrá-lo. Se alguma vez se tornasse poetisa, tornaria as mensagens claras.

Depois de iniciar o último ano do liceu, em setembro, Tate não podia visitar Kya tão frequentemente, mas sempre que aparecia, levava-lhe manuais já eliminados do programa da escola. Não lhe disse que os manuais de biologia eram demasiado avançados para ela, optando por explorar os capítulos que ela nunca poderia ter dado em quatro anos de escola.

– Não te preocupes – disse-lhe. – Vais entender um pouco mais, de cada vez que o leres. – E foi isso mesmo que aconteceu.

Quando os dias se tornaram mais curtos, voltaram a encontrar-se junto da cabana dela, pois não havia luz suficiente para chegarem à cabana das leituras. Estudavam sempre cá fora, mas certa manhã levantou-se um vendaval terrível e Kya acendeu o fogão de lenha. Ninguém pisava a soleira da sua porta desde que o pai desaparecera, há mais de quatro anos. Parecia-lhe impensável convidar quem quer que fosse a entrar, à exceção de Tate.

– Queres ir sentar-te na cozinha, junto do fogão? – perguntou-lhe ela, enquanto arrastava o barco para a margem da lagoa.

– Claro – disse ele, procurando não fazer do convite um problema.

Depois de entrar na cabana, passou cerca de vinte minutos a observar e a manifestar a sua surpresa, perante tamanha coleção de penas, conchas, ossos e ninhos, e quando finalmente se sentaram à mesa, ela puxou a sua cadeira para junto da dele, só para o sentir perto, e ficaram de ombros e braços praticamente encostados.

Tate passava muitas horas a ajudar o pai, por isso os dias pareciam intermináveis. Um dia, ao fim da tarde, Kya foi à estante de livros da mãe, pegou na sua primeira novela – *Rebecca*, de Daphne du Maurier – e começou a ler sobre o amor. Algum tempo depois fechou o livro e foi ao roupeiro. Vestiu o vestido de verão da mãe e deslizou pelo quarto, meneando a saia e

rodopiando em frente do espelho. Baloçou as ancas e o cabelo e imaginou que Tate a convidava para dançar, abraçando-a pela cintura, como se fosse Rebecca.

Subitamente, caiu em si e dobrou-se sobre si própria a rir. Depois ficou muito quieta.

– Suba até cá cima, menina – disse-lhe Mabel, uma tarde, no seu tom de voz musical. – Trouxe-lhe umas coisas. – Normalmente, era Saltos que trazia os caixotes com as coisas para Kya, mas quando Mabel aparecia, havia quase sempre algo de especial.

– Venha lá, menina, venha buscar as suas coisas, que eu atesto-lhe o depósito – disse Saltos, e Kya saltou para cima da doca.

– Olhe para isto, menina – disse Mabel, erguendo um vestido cor de pêssego, com uma camada de *chiffon* sobre a saia florida. Kya nunca tinha visto uma peça de roupa tão bonita. Era mais bonita ainda que o vestido de verão da mãe. – É o vestido indicado para uma princesa como a menina. Ergueu-o em frente a Kya, que lhe tocou e sorriu. Mabel virou-se depois de costas para Saltos, dobrou-se com alguma dificuldade e tirou um sutiã branco do caixote.

Kya sentiu um calor pelo corpo todo.

– Vá lá, menina, não seja envergonhada, querida. Já deve precisar disto e se alguma vez precisar de falar sobre alguma coisa que não entenda, diga-me, ouviu?

– Sim senhora. Obrigada, Mabel. – Kya escondeu o sutiã no fundo da caixa, debaixo de uns jeans, de umas T-shirts, um saco de feijão-frade e um frasco de pêssegos em calda.

Algumas semanas mais tarde, ao observar os pelicanos que flutuavam à tona da água e se alimentavam no mar, com o barco a baloiçar ao sabor das ondas, Kya sentiu uma súbita dor de barriga. Ela nunca enjoara no mar e

aquela dor parecia diferente de todas as outras que sentira. Arrastou o barco para terra em Point Beach e sentou-se na areia, com as pernas dobradas para um lado, como asas. A dor intensificou-se e Kya franziu o rosto e gemeu baixinho. Devia estar a ficar com diarreia.

Subitamente, ouviu o ruído suave de um motor e viu Tate cortar a água sobre a espuma branca das ondas. Assim que ele a viu, virou para terra e parou à beira mar. Ela praguejou, repetindo alguns dos palavrões do pai. Ficava sempre muito feliz por ver Tate, mas não pressentindo que poderia ter de ir a correr para junto dos carvalhos, a qualquer momento, com uma diarreia. Depois de arrastar o barco para junto do dela, Tate deixou-se cair ao seu lado, na areia.

– Olá Kya. O que andas a fazer? Ia agora a tua casa.

– Olá Tate, prazer em ver-te. – Tentou manter um tom de voz normal, mas a dor de barriga era intensa.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Como assim?

– Não estás com boa cara. O que se passa?

– Acho que estou doente. Está a doer-me muito a barriga.

– Ah bom. – Tate olhou para o mar e enterrou os dedos dos pés na areia.

– Talvez seja melhor ires-te embora – disse ela, de cabeça baixa.

– Talvez seja melhor ficar até que tu te sintas melhor. Supõe que não consegues ir para casa?

– Devo ter de ir ali às árvores. Sou capaz de estar doente.

– Talvez. Mas não me parece que isso vá ajudar – disse ele, brandamente.

– O que queres dizer com isso? Tu não sabes o que se passa comigo.

– A dor parece-te diferente das outras dores de barriga?

– Sim.

– Tens quase quinze anos, certo?

– Sim, mas o que tem isso a ver para o caso?

Ele ficou alguns instantes em silêncio e remexeu os pés, enterrando mais os dedos na areia. Depois, desviou os olhos dela e disse:

– Pode ser aquilo que acontece às raparigas da tua idade. Eu trouxe-te um folheto acerca disso, há alguns meses, lembras-te? Estava junto dos livros de biologia. – Tate olhou brevemente para ela, e voltou a desviar os olhos, com o rosto a ferver.

Kya sentiu-se corar da cabeça aos pés e baixou os olhos. É claro que a mãe já lá não estava para lho explicar, mas o folheto da escola que Tate lhe levava, explicava de facto alguma coisa. E agora que chegara a sua vez, ali estava ela na praia, a fazer-se mulher diante de um rapaz. A vergonha e o pânico apossaram-se dela. O que havia de fazer? O que iria acontecer, exatamente? Iria sangrar muito? Imaginou o sangue a escoar-se para a areia, à sua volta. Ficou sentada em silêncio, sentindo uma dor aguda trespassar-lhe as entranhas.

– Consegues ir para casa sozinha? Perguntou-lhe ele, ainda sem olhar para ela.

– Acho que sim.

– Vai correr tudo bem, Kya. Todas as raparigas passam por isso sem problemas. Vai para casa. Eu sigo-te à distância, para ter a certeza de que chegas bem.

– Não tens de fazer isso.

– Não te preocupes comigo. Agora, toca a andar. – Levantou-se e encaminhou-se para o seu barco, sem olhar para ela. Arrancou em direção ao largo, e afastou-se bastante da margem, esperando que ela percorresse a costa em direção ao canal. Parecia apenas um ponto, tal era a distância a que estava dela enquanto a seguia até à lagoa. Ela acenou-lhe brevemente da margem, de cabeça baixa, evitando encará-lo.

Tal como em quase tudo na vida, Kya descobrira também que se tornara mulher, sem a ajuda de ninguém. Mas na manhã seguinte foi de barco à loja

de Saltos. A orbe pálida do sol parecia suspensa no denso nevoeiro à medida que se aproximava da doca, à procura de Mabel, mesmo sabendo que era pouco provável que ela lá estivesse. Como seria de esperar, apenas Saltos saiu da loja, para a cumprimentar.

– Olá, menina Kya. Já precisa de gasolina outra vez?

Ainda sentada no barco, Kya respondeu-lhe em voz baixa:

– Preciso de falar com a Mabel.

– Tenho muita pena, miúda, mas a Mabel não está cá hoje. Posso ajudar-te?

Ela baixou a cabeça e disse:

– Preciso muito de falar com a Mabel. É urgente.

– Nesse caso... – Saltos olhou para fora da pequena baía e não viu mais nenhum barco a entrar. Qualquer pessoa que precisasse de gasolina poderia contar com Saltos todos os dias e a qualquer hora do dia – mesmo no dia de Natal. Há quinze anos que lá estava todos os dias, sem falta, exceto quando Daisy, o seu pequeno anjo, morrera. Não conseguia abandonar o seu posto. – Espere aqui, menina Kya. Vou a correr lá cima e peço aos miúdos que a chamem. Se aparecer algum barco, diga-lhes que eu volto já.

– Digo, sim. Obrigada.

Saltos percorreu apressadamente o embarcadouro e desapareceu. Kya esperou, olhando constantemente para a baía, cheia de medo que aparecesse outro barco, mas ele regressou num instante e disse-lhe que mandara uns miúdos chamar Mabel.

– É só um minuto, menina.

Saltos foi desembalar pacotes de tabaco de mascar, que tinha nas prateleiras e tratar dos seus afazeres habituais. Kya ficou no barco. Por fim, Mabel percorreu apressadamente as tábuas da doca que abanavam, com o andar dela, como se alguém estivesse a tocar nas teclas de um pequeno piano. Trazia consigo um pequeno saco de papel. Não a saudou em voz alta, como

teria feito noutras circunstâncias. Parou em frente de Kya em cima do embarcadouro, e disse-lhe brandamente:

– Bom dia, menina Kya. Porquê tudo isto? O que se passa, querida?

Kya pendurou mais a cabeça e murmurou algo que Mabel não conseguiu ouvir.

– Pode sair do barco, menina, ou quer que eu desça para aí?

Kya não lhe respondeu, por isso Mabel, que pesava quase noventa quilos, meteu primeiro um pé e depois outro dentro do pequeno barco, que reclamou, batendo contra as estacas. Ela sentou-se no banco central, de frente para Kya, que estava sentada à proa.

– Vá lá, menina. Diga-me o que se passa.

Inclinaram a cabeça uma para a outra, Kya segredou-lhe algo e Mabel puxou-a contra o seu generoso busto abraçando-a e embalando-a. A princípio, Kya ficou rígida, pois não estava habituada a deixar-se abraçar, mas Mabel não se deu por vencida e ela acabou por se descontrair, rendendo-se ao conforto daquele colo. Algum tempo depois, Mabel inclinou-se para trás e abriu o saco de papel castanho.

– Bom, eu percebi o que se passava e trouxe-lhe algumas coisas. – E explicou-lhe todos os detalhes, ali mesmo, sentada no barco, na doca de Saltos.

– Isso não é vergonha nenhuma, menina Kya. Não é nenhuma maldição, como se diz por aí. A vida começa aí, e só uma mulher a concebe. Agora és uma mulher, minha querida.

Quando Kya ouviu o motor do barco de Tate, na tarde seguinte, escondeu-se numa densa moita de espinheiros e ficou a observá-lo. O facto de alguém a conhecer, só por si, já era estranho. O problema é que, para além disso, ele assistira à ocorrência mais íntima e pessoal da sua vida. Sentiu o rosto a arder só de pensar nisso. Ficaria escondida até ele se ir embora.

Tate alcançou a margem e saiu do barco. Trazia consigo uma caixa

branca, atada com um cordel.

– Eh, Kya! Onde estás? – disse ele, em voz alta. – Trouxe uns bolinhos em miniatura do Parker's.

Há anos que Kya não saboreava nada remotamente semelhante a um bolo. Ao vê-lo tirar alguns livros do barco, Kya saiu dos arbustos, atrás dele.

– Ai estás tu. Olha para isto. – Abriu a caixa. Lá dentro estavam uns bolinhos muito bem acondicionados, de uns dois centímetros quadrados, cobertos de glacé de baunilha, com uma minúscula rosa cor-de-rosa no topo. – Vá lá. Atira-te a eles.

Kya tirou um bolo e mordeu-o, continuando a evitar encará-lo. Depois meteu o resto na boca e lambeu os dedos.

– Toma – disse Tate, poisando a caixa junto do carvalho. – Come os que quiseres. Vamos lá começar. Trouxe um livro novo. – E pronto. Começaram a aula e nenhum deles abordou o outro assunto.

O outono estava a chegar: as árvores de folha perene poderiam não ter dado por isso, mas os plátanos ostentavam milhares de folhas douradas contra os céus cor de ardósia. Um dia, ao fim da tarde, depois da lição, Tate, que a essa hora já se devia ter ido embora, deixou-se ficar um pouco mais. Estavam os dois nos bosques, sentados em cima de um tronco, e Kya fez-lhe, finalmente, a pergunta que andava há meses para lhe fazer:

– Estou-te muito agradecida por me ensinares a ler e me ofereceres todas aquelas coisas, Tate, mas porque o fazes? Não tens namorada ou coisa parecida?

– Não. Ou melhor, às vezes tenho. Tive uma namorada, mas agora já não tenho. Gosto de estar aqui, no sossego, e agrada-me o interesse que tu demonstras pelo pantanal, Kya. A maior parte das pessoas não lhe ligam nenhuma a não ser para pescar. Encaram-no como um baldio que devia ser drenado e explorado. As pessoas não entendem que a maioria das criaturas

marinhas – incluindo aquelas de que se alimentam – precisam do pantanal.

Não lhe disse que lamentava que ela estivesse sozinha, que sabia como os miúdos a tinham tratado, durante anos, e que os aldeões lhe chamavam a Miúda do Pantanal e inventavam histórias acerca dela. Aproximarem-se furtivamente da sua cabana, correrem pela escuridão e deixarem nela a sua marca, tornara-se uma tradição habitual, um ritual de iniciação entre rapazes que passavam à idade adulta. O que revelava isso acerca desses homens? Alguns deles já estavam a fazer apostas sobre quem seria o primeiro a tirar-lhe a virgindade. Coisas que o enfureciam e o preocupavam.

Mas esse não era o principal motivo pelo qual deixara penas a Kya, na floresta, ou continuava a visitá-la. Tate também não lhe dissera que sentia algo por ela e que esses sentimentos eram uma mistura confusa entre a ternura que se sente por uma irmã que se perdeu de vista e o amor ardente por uma rapariga. Nem ele próprio conseguia perceber o que sentia, mas nunca antes fora atingido por uma vaga tão intensa de emoções. Emoções que pareciam ter tanto de agradável como de doloroso.

Ela enfiou o talo de uma erva no buraco de um formigueiro e perguntou-lhe, finalmente:

– Onde está a tua mãe?

Uma brisa deslizou por entre as árvores, agitando suavemente os seus ramos. Tate não lhe respondeu.

– Não és obrigado a dizer qualquer coisa.

– Nada.

– Não és obrigado a dizer nada.

– A minha mãe e a minha irmã mais nova morreram num acidente de automóvel, perto de Ashville. A minha irmã chamava-se Carianne.

– Sinto muito, Tate. Aposto que a tua mãe era bem simpática e bonita.

– Sim. Eram ambas – disse ele, de olhos no chão, entre os joelhos. – Nunca falei sobre isto a ninguém.

Eu também não pensou Kya, mas em voz alta disse:

– A minha mãe saiu de casa um dia e nunca mais voltou. A mãe veado volta sempre.

– Bom, pelo menos podes esperar que ela volte. A minha de certeza que não volta.

Ficaram em silêncio, por instantes, e depois Tate prosseguiu:

– Acho que... – disse ele, mas depois calou-se e desviou os olhos.

Kya olhou para ele, mas ele continuou a olhar para o chão, em silêncio.

– O quê? Achas o quê? Podes-me dizer tudo o que quiseres.

Mas ele continuou em silêncio. Ela esperou, com a paciência própria de quem sabe do que está a falar.

– Acho que elas foram a Ashville comprar o meu presente de aniversário – disse ele, finalmente, num tom de voz muito suave. – Eu queria uma certa bicicleta. Tinha de a ter. A Western Auto não as tinha, por isso acho que elas foram a Ashville comprar-me essa bicicleta.

– Isso não faz de ti o culpado do que aconteceu – disse ela.

– Eu sei, mas é como se a culpa fosse minha – disse Tate. – Nem sequer me lembro que tipo de bicicleta era.

Kya inclinou-se mais para ele. Não chegaram a tocar-se, mas ela sentiu algo – quase como uma deslocação de ar entre os seus ombros. Interrogou-se se Tate a teria sentido também. Apetecia-lhe inclinar-se mais, apenas o suficiente para que os seus braços roçassem ao de leve um no outro, e se tocassem. Será que Tate daria por isso?

Nesse preciso instante, levantou-se vento e as folhas amarelecidas dos plátanos libertaram-se enfim da sua fonte de vida, dispersando-se aos milhares pelos céus. As folhas de outono não caem. Voam. Deambulam pelo ar, sem pressas, como que a aproveitar a sua única oportunidade de voar. Viajam pelas correntes de ar, refletindo a luz do sol, rodopiando e flutuando ao vento.

Tate saltou do tronco e gritou-lhe:

– Vê quantas folhas consegues apanhar, antes de elas tocarem no chão! – Kya saltou do tronco e largaram os dois a correr, saltando por entre as cortinas de folhas, de braços esticados, apanhando-as antes de caírem no chão. Tate atirou-se na direção de uma folha que estava apenas a escassos centímetros do chão, apanhou-a e virou-se de barriga para cima, exibindo o seu troféu, a rir. Kya ergueu as mãos e devolveu ao vento todas as folhas que apanhara, e ao voltar a correr no meio delas, algumas folhas prenderam-se ao seu cabelo, como partículas de ouro.

Quando se virou chocou com Tate, que entretanto se levantara. Pararam de rir e ficaram os dois perfeitamente imóveis, de olhos pregados um no outro. Ele agarrou-a pelos ombros, hesitou por instantes, e beijou-a nos lábios, sob aquela chuva intensa de folhas rodopiantes, silenciosa como a neve.

Kya não sabia nada acerca de beijos e ficou hirta, de lábios rígidos. Depois afastaram-se e olharam um para o outro, como que a tentarem perceber o que lhes passara pela cabeça, e o que fazer a seguir. Ele tirou-lhe delicadamente uma folha do cabelo e atirou-a para o chão. O coração de Kya batia descompassadamente. Aquilo não era em nada semelhante a nenhuma das atribuladas histórias de amor da sua família rebelde.

– Agora sou tua namorada? – perguntou ela.

Ele sorriu:

– Queres ser?

– Quero.

– Talvez sejas demasiado jovem – disse ele.

– Mas conheço as penas. Aposto que as outras raparigas não as conhecem.

– Então está bem – disse ele, e voltou a beijá-la, mas desta vez, ela inclinou a cabeça para o lado e descontraíu os lábios, sentindo-se de coração

cheio, pela primeira vez na vida.

A Canoa Branca

1960

Agora, todas as palavras e frases novas eram precedidas por um guincho e uma corrida. Tate apanhava Kya, atiravam-se os dois para o chão, e rebolavam-se pelas línguas-de-andorinha, que se tornavam vermelhas no outono. Não era um impulso inteiramente infantil.

– Para de brincar um minuto – disse ele. – A única forma de se aprender a tabuada é decorando-a. – Escreveu na areia: $12 \times 12 = 144$, mas ela passou por ele a correr, furou a rebentação e começou a nadar para que ele a seguisse até uma zona de águas calmas. Feixes oblíquos de luz azul-acinzentada projetavam-se através da água, realçando os seus corpos elegantes como os dos golfinhos. Mais tarde, rebolaram-se pela areia, cobertos de sal, abraçando-se como se fossem um só.

Na tarde seguinte, ele foi de barco até à lagoa, mas não desembarcou, depois de chegar à praia. Tinha um grande cesto coberto por um pano de xadrez vermelho, poisado a seus pés.

– O que é isso? O que trazes aí? – perguntou ela.

– É uma surpresa. Anda lá, entra.

Percorreram os canais de águas lentas até ao mar e seguiram, depois, para sul, até uma pequena baía em forma de meia-lua. Depois de estender o cobertor sobre a areia com uma enérgica sacudidela, Tate poisou o cesto coberto em cima deste, e destapou-o assim que se sentaram.

– Feliz aniversário, Kya. Fazes quinze anos – disse ele, tirando de dentro do cesto um bolo de pasteleiro de dois níveis, alto como uma caixa de chapéus, decorado com conchas de glacé cor-de-rosa. Tinha o nome dela escrito em cima. À volta do bolo havia presentes com laços, embrulhados em

papel colorido.

Ela ficou pasmada a olhar. Ninguém lhe dava os parabéns desde que a mãe se fora embora. Nunca ninguém lhe dera um bolo comprado na pastelaria, com o seu nome escrito em cima. Nunca recebera presentes com laços, embrulhados como deve ser.

– Como sabes o dia do meu aniversário? – Como não tinha calendário, não sabia sequer que dia era.

– Li na tua Bíblia.

Kya implorou-lhe que não cortasse o seu nome, e ele serviu duas enormes fatias de bolo, em pratos de papel. Olharam-se nos olhos, partiram ambos um pedaço de bolo e levaram-no à boca, mastigando alto, lambendo os dedos e rindo, com os lábios lambuzados de glacé. Era assim que se devia comer bolo. Era assim que toda a gente gostava de o comer.

– Não queres abrir os teus presentes? – disse ele, sorrindo.

O primeiro era uma pequena lupa.

– Para que possas ver os belos detalhes das asas dos insetos.

O segundo era um travessão de plástico, pintado de prateado e ornamentado com uma gaivota de brilhantes.

– Para o teu cabelo. – Puxou-lhe algumas madeixas de cabelo para trás da orelha, um pouco desajeitadamente, e prendeu-as ao travessão. Ela tocou nele. Era mais bonito do que o da mãe. O último presente era uma grande caixa. Kya abriu-a e viu que continha dez frascos de tinta de óleo, alguns godés de aguarelas e pincéis de diferentes tamanhos.

– Para as tuas pinturas.

Kya examinou todas as cores e todos os pincéis. Agora tinha o seu próprio material.

– Posso ir buscar mais, quando precisares. Posso até trazer-te tela de Sea Oaks.

Ela baixou a cabeça.

– Obrigada, Tate.

– Calma. Devagar, agora – gritou Scupper enquanto Tate acionava o guincho, rodeado de redes de pesca, trapos sujos de óleo e pelicanos a limparem as penas com o bico. A proa do Cherry Pie rangeu e estremeceu na base metálica, deslizando depois para cima das calhas submersas do estaleiro de Pete – um barracão enferrujado, num cais instável – a única doca seca de Barkley Cove.

– Ok, ótimo, já está nas calhas, agora içá-o para fora. – Tate acelerou o motor do guincho e o barco subiu pelas calhas até à doca seca. Prenderam-no com cabos e começaram a raspar lapas malhadas do casco, ao som das árias cristalinas de bel canto, de Miliza Korjus, no gira-discos. Teriam de lhe aplicar primário e depois a camada anual de tinta vermelha. Fora a sua mãe que escolhera a cor e Scupper jamais usaria outra cor. De vez em quando, Scupper parava de raspar e movia os braços robustos ao som da rebuscada melodia.

O inverno chegara e Scupper pagava um salário de adulto a Tate, para ele o ajudar, depois das aulas, e durante o fim de semana. Tate já não podia ir ter com Kya tão frequentemente, mas não falou disso ao pai. Nunca falara sobre Kya ao pai.

Rasparam lapas até ao anoitecer. Até mesmo Scupper sentir os braços a arder.

– Estou demasiado cansado para cozinhar e acho que tu também estás. Vamos jantar a qualquer lado, no caminho para casa.

Como conheciam toda a gente, distribuíram acenos de cabeça e sentaram-se numa mesa, a um canto. Ambos pediram o prato do dia: bife de frango frito, com puré, molho, nabo e salada de repolho; biscoitos; e tarte de noz com gelado. Na mesa ao lado, uma família de quatro pessoas deu as mãos, de cabeça baixa, e o pai rezou uma oração em voz alta. Depois do «Ámen»,

beijaram o ar, apertaram as mãos e passaram pão de milho uns aos outros.

Scupper disse:

– Eu sei que este trabalho está a impedir-te de fazer outras coisas, filho – a vida é assim mesmo – mas já no outono passado não foste ao baile de regresso às aulas e eu não quero que tu percas todas essas coisas, agora que estás no último ano. Vão fazer aquele grande baile no pavilhão. Tencionas convidar alguma rapariga?

– Não. Ainda não sei se vou, mas não me apetece convidar ninguém.

– Não há nenhuma rapariga na escola com quem gostasses de ir?

– Não.

– Está bem. – Scupper recostou-se enquanto a empregada lhe punha o prato de comida à frente. – Obrigado Betty. Isto é que é um prato bem servido. – Betty contornou a mesa e poisou o prato de Tate, que parecia ter ainda mais comida.

– Agora toca a comer – disse ela. – Há mais de onde isto veio. O prato do dia é para comer até fartar. Sorriu a Tate e voltou para a cozinha, bamboleando as ancas um pouco mais do que era habitual.

Tate disse:

– As miúdas da escola são umas tontas. Só sabem falar de penteados e sapatos.

– Bom, mas é disso que as raparigas falam. Às vezes é preciso aceitar as coisas como elas são.

– Talvez.

– Eu não dou grande importância a conversa fiada, filho – nunca dei – mas dizem por aí que tu andas metido com aquela rapariga do pantanal. – Tate ergueu as mãos. – Calma aí, calma aí – continuou Scupper. – Eu não acredito nas histórias que contam acerca dela. Provavelmente, é boa rapariga, mas tem cuidado, filho. Não queiras constituir família antes do tempo. Estás a perceber onde eu quero chegar, não estás?

Tate baixou a voz e sussurrou:

– Primeiro dizes que não acreditas nas histórias que contam acerca dela, mas depois dizes que ainda é cedo para eu constituir família, o que demonstra que acreditas que ela é esse tipo de mulher. Deixa-me que te diga uma coisa: não é. É mais pura e inocente que qualquer uma dessas raparigas com quem gostarias que eu fosse ao baile. Meu Deus, muitas das raparigas desta cidade caçam em bando e não perdoam. Eu tenho visitado Kya frequentemente, sim. Sabes porquê? Estou a ensinar-lhe a ler, porque as pessoas desta cidade são tão cruéis que ela nem sequer conseguiu ir para a escola.

– Está bem, Tate. Isso é muito gentil da tua parte, mas por favor entende que é minha obrigação fazer-te reparos deste género. Talvez não seja uma conversa agradável, mas os pais têm de advertir os filhos sobre certas coisas. É essa a minha função. Não é preciso ficares amofinado.

– Eu sei – resmungou Tate, deveras aborrecido, barrando manteiga num biscoito.

– Vá lá. Vamos repetir a dose e comer um pouco dessa tarte de noz.

Depois de lhes servirem a tarte, Scupper disse:

– Bom, já que falámos de coisas de que nunca falamos, o melhor é eu dizer mais uma coisa.

Tate revirou os olhos para tarte.

Scupper continuou:

– Quero que saibas que estou muito orgulhoso de ti, filho. Conseguiste estudar a vida do pantanal, por tua própria iniciativa, safaste-te bem na escola, candidataste-te à universidade para te licenciares em ciências e foste aceite. Não sou pessoa para falar muito dessas coisas, mas tenho muito orgulho em ti, está bem?

Mais tarde, de regresso ao seu quarto, Tate recitou o seu poema favorito:

«Quando voltarei a ver o Lago sombrio,

E a canoa branca da minha amada?»

Nos intervalos do trabalho, Tate tentava, dentro do possível, visitar Kya, mas nunca se demorava muito, viajando, por vezes, quarenta minutos de barco, para dar um passeio de dez minutos na praia, de mão dada. Beijava-a muito, para não perder um minuto, e regressava de barco. Queria tocar-lhe nos seios. Seria capaz de matar só para poder olhar para eles. Ficava acordado à noite a imaginar quão macias e firmes deviam ser as suas coxas, e sempre que imaginava mais do que isso o seu corpo fervia por entre os lençóis. Mas ela era tão jovem, tão ingénua. Se agisse da forma errada, iria certamente perturbá-la e tornar-se-ia pior do que os rapazes que só falavam em apanhá-la. Mas nem sempre o seu desejo de a proteger era tão forte como o outro.

Sempre que ia visitar Kya, Tate levava-lhe livros da escola ou da biblioteca. Em especial livros de biologia e sobre a fauna do pantanal. A evolução dela era impressionante. Conseguia ler qualquer coisa e «quando se consegue ler qualquer coisa, consegue-se aprender tudo» como ele costumava dizer-lhe. Dependia apenas dela.

– Nunca ninguém preenche por completo o cérebro – disse ele. – Somos como as girafas, incapazes de usar o pescoço, para alcançar as folhas mais altas.

Kya passava horas sozinha, à luz da lanterna, a ler sobre a forma como as plantas e os animais se modificavam ao longo do tempo, para se adaptarem à Terra em constante mutação; como algumas células se dividiam e se convertiam em células específicas do coração ou dos pulmões, ao passo que outras – as chamadas células estaminais – se mantinham indiferenciadas, para o caso de virem a ser necessárias mais tarde. As aves cantam, sobretudo, ao amanhecer porque o ar fresco e húmido da manhã transporta o seu canto e os

seus significados a muito maior distância. Kya observara estes prodígios de perto durante toda a sua vida, por isso entendia facilmente os hábitos da natureza.

Procurou algo que lhe explicasse, em termos biológicos, o motivo pelo qual uma mãe abandona a sua prole.

Num dia frio, muito depois de os plátanos perderem todas as suas folhas, Tate saiu do barco com um presente embrulhado em papel vermelho e verde.

– Eu não tenho nada para ti – disse-lhe ela, quando ele lhe deu o presente.
– Não sabia que era Natal.

– E não é – disse ele. – Ainda falta muito – mentiu. – Vá lá. Não é nada de especial.

Ela desembrulhou-o cuidadosamente e viu que era um dicionário Webster, em segunda mão.

– Oh, Tate. Obrigada.

– Espreita lá para dentro – disse ele. Na letra «p» estava uma pena de pelicano, na letra «m», algumas miosótis e na letra «c» um cogumelo seco. Os tesouros escondidos entre as suas folhas eram tantos, que o livro não se fechava completamente.

– Tentarei cá voltar no dia a seguir ao Natal. Talvez possa trazer um jantar de peru – disse ele, e despediu-se dela com um beijo. Depois de ele se ir embora, Kya praguejou alto. Desde que a mãe se fora embora, que não tinha hipótese de oferecer um presente a alguém querido e acabara de desperdiçar essa oportunidade.

Alguns dias depois, vestiu o seu vestido de *chiffon* cor de pêssego, sem mangas, e ficou a tiritar na margem da lagoa à espera de Tate, passarinhando de um lado para o outro com o presente dele na mão – um tufo de penas da cabeça de um cardeal macho, embrulhado no mesmo papel que ele usara. Assim que ele saiu do barco, colocou-lhe o presente nas mãos, insistindo para

que ele o abrisse ali mesmo, e ele assim fez.

– Obrigado, Kya. Não tenho nada para ti.

O seu Natal estava completo.

– Agora vamos para dentro. Deves estar gelada com esse vestido. – O fogão de lenha aquecera a cozinha, mas mesmo assim, ele sugeriu-lhe que vestisse uma camisola e uns jeans.

Aqueceram juntos a comida que ele trouxera: peru gratinado com pão de milho, molho de arando, guisado de batata doce e tarte de abóbora – tudo restos da sua ceia de Natal com o pai, no restaurante. Kya fizera biscoitos. Comeram à mesa da cozinha, que ela decorara com azevinho selvagem e conchas.

– Eu lavo a loiça – disse ela, vertendo a água aquecida no fogão a lenha na bacia.

– Eu ajudo-te – disse ele, aproximando-se por trás dela e abraçando-a pela cintura. Ela encostou a cabeça ao seu peito, de olhos fechados. Ele enfiou lentamente os dedos por baixo da camisola dela, movendo-os ao longo do seu estômago na direção dos seus seios. Ela estava sem sutiã, como de costume. Ele contornou-lhe delicadamente os mamilos com os dedos. Os seus dedos não saíram dali, mas Kya foi percorrida por uma sensação estranha como se ele estivesse a tocar-lhe entre as pernas. Um vazio palpitante que urgia preencher, percorreu-lhe o corpo. Mas ela não sabia o que fazer, nem o que dizer, por isso empurrou-o.

– Está tudo bem – disse ele, limitando-se a abraçá-la. Estavam ambos ofegantes.

O sol tímido e ainda rendido à invernia despontava, de vez em quando, entre dias de vento agreste e chuva torrencial. Mas certa tarde, sem que ninguém o esperasse, a primavera abriu caminho por entre a chuva e o vento e instalou-se de vez. Os dias aqueceram e o céu dir-se-ia polido de tão

brilhante. Kya e Tate passeavam pela margem relvada de um riacho fundo, sobre o qual se debruçavam os galhos de grandes liquidâmbares e Kya vinha a conversar tranquilamente com ele. Subitamente, ele agarrou-lhe na mão, para que se calasse. Ela seguiu a direção dos seus olhos até à beira da água e viu uma rã-touro, de uns quinze centímetros de largura, aninhada sob a folhagem. Algo bastante habitual, não fosse o facto de aquela rã, em particular, ser totalmente branca.

Tate e Kya sorriram um para o outro e ficaram a observá-la, até esta saltar silenciosamente sobre as suas longas pernas e desaparecer. Mesmo assim, recuaram silenciosamente uns cinco metros em direção aos arbustos. Kya levou as mãos à boca e riu baixinho. Depois, saltou para o lado e esquivou-se dele, iniciando uns passos de dança infantis, com um corpo que já não era propriamente o de uma criança.

Tate observou-a, por breves instantes, e esqueceu as rãs, aproximando-se lentamente dela. Ao ver a expressão dele, Kya deteve-se em frente de um grande carvalho. Ele agarrou-a pelos ombros e empurrou-a firmemente contra a árvore. Depois prendeu-lhe os braços de ambos os lados do corpo e beijou-a, roçando as virilhas contra as dela. Desde o Natal que se beijavam e se exploravam com alguma prudência, mas nunca assim. Ele sempre assumira o controlo, mas observava-a cautelosamente, sempre atento a qualquer sinal, que o obrigasse a refrear-se. Mas não agora.

Ele afastou-se um pouco, olhando-a intensamente com os seus olhos castanho-dourados. Desabotoou-lhe devagar a camisa e despiu-lha, descobrindo-lhe os seios. Examinou-os, sem pressa, com os olhos e as mãos, contornando-lhe os mamilos com a ponta dos dedos. Depois abriu-lhe o fecho dos calções e puxou-os para baixo, até estes caírem no chão. Vendo-se praticamente nua em frente dele, pela primeira vez, Kya arquejou e ergueu as mãos para se cobrir. Ele afastou-lhe delicadamente as mãos e observou calmamente o seu corpo. Ela sentia palpitações nas virilhas, como se todo o

sangue do seu corpo estivesse a fluir para lá. Ele despiu os calções e pressionou o pénis ereto contra o corpo dela, sempre de olhos postos nela.

Ao vê-la virar-se timidamente para o lado, ele ergueu-lhe o queixo e disse-lhe:

– Olha para mim. Olha-me nos olhos, Kya.

– Tate, Tate – disse ela, tentando beijá-lo, mas ele manteve-a à distância, forçando-a apenas a olhá-lo nos olhos. Kya nunca imaginara que aquela nudez crua pudesse despertar tanto desejo. As mãos dele deslizaram até ao interior das suas coxas. Instintivamente, ela afastou ligeiramente os pés um do outro. Os dedos dele deslizaram por entre as suas pernas massajando-a lentamente em sítios que ela nem sabia que existiam. Kya inclinou a cabeça para trás e gemeu.

De repente, ele afastou-se dela e deu um passo atrás.

– Meu Deus, Kya, desculpa, desculpa.

– Por favor, Tate. Eu quero.

– Mas não assim, Kya.

– Porque não? Porque não assim?

Ela levou as mãos aos ombros dele, tentando puxá-lo de novo para si.

– Porque não? – perguntou de novo.

Ele apanhou a roupa dela e vestiu-a, sem lhe tocar onde ela queria, onde sentia ainda o seu corpo palpitar. Depois ergueu-a nos seus braços, levou-a para a margem do riacho, poisou-a no chão e sentou-se a seu lado.

– Eu desejo-te muito, Kya. Quero ter-te para sempre, mas tu és demasiado jovem. Tens apenas quinze anos.

– E então? Tu só tens mais quatro anos do que eu. Ou será que te tornaste de repente o adulto dono da razão?

– Sim, mas não posso engravidar-te. Tu sofrerias mais do que eu com isso. Não o quero fazer porque te amo, Kya. – Amor. Nada nessa palavra lhe fazia sentido.

– Tu continuas a ver-me como uma criança – choramingou ela.

– Estás a parecer mais criança a cada segundo que passa, Kya – disse ele.

Mas sorriu ao dizê-lo e puxou-a contra si.

– Se não agora, quando? Quando o poderemos fazer?

– Por enquanto não.

Ficaram em silêncio, por instantes, e depois ela perguntou:

– Como sabias o que fazer? – Baixou a cabeça. A timidez estava de volta.

– Da mesma forma que tu já sabias.

Numa tarde de maio, quando vinham da lagoa, ele disse-lhe:

– Em breve partirei para a universidade, sabes?

Ele dissera-lhe que ia para Chapel Hill, mas Kya fizera por esquecer isso, pois sabia que poderiam, pelo menos, passar o verão juntos.

– Quando? Não agora.

– Em breve. Dentro de algumas semanas.

– Mas porquê? Julgava que a universidade começava no outono.

– Fui aceite para um emprego num dos laboratórios de biologia da cidade universitária. Por isso vou entrar no trimestre do verão.

De todas as pessoas que a tinham abandonado, apenas Jodie se despedira dela. Todos os outros a tinham abandonado para sempre, mas aquilo não lhe parecia muito melhor. Sentia o peito a arder.

– Voltarei tão frequentemente quanto possível. Não é assim tão longe. Fica a menos de um dia de autocarro.

Ela ficou em silêncio. Por fim disse:

– Porque tens de ir, Tate? Porque não ficas aqui e pescas camarão como o teu pai?

– Tu sabes porquê, Kya. Eu não posso fazer isso. Quero estudar o pantanal. Quero ser biólogo de investigação. – Tinham chegado à praia e sentaram-se na areia.

– E depois, como vai ser? Não há empregos desses, aqui. Tu nunca mais voltarás para cá.

– Voltarei sim. Nunca te abandonarei, Kya, prometo. Voltarei para junto de ti.

Ela levantou-se bruscamente, assustando as tarambolas, que levantaram voo a guinchar, e correu em direção aos bosques. Tate correu atrás dela, mas assim que chegou junto das árvores, parou e olhou em redor. Já lhe perdera o rasto.

Ainda assim, chamou-a, para o caso de ela estar suficientemente perto para o ouvir:

– Não podes passar a vida a fugir, Kya. Às vezes, é preciso falar sobre as coisas. Enfrentá-las. – Depois perdeu a paciência. – Raios! Raios te partam, Kya!

Uma semana depois, Kya ouviu o barco de Tate atravessar a lagoa e escondeu-se atrás de um arbusto. Algumas garças abriram lentamente as suas asas prateadas e levantaram voo, enquanto ele percorria o canal. Em parte apetecia-lhe fugir, mas aproximou-se da margem e ficou à espera dele.

– Olá – disse ele. Por uma vez na vida, viera sem boné, e os caracóis loiros esvoaçavam-lhe pelo rosto bronzeado. Os seus ombros pareciam ter alargado nos últimos meses e pareciam agora os de um homem adulto.

– Olá.

Ele saiu do barco, deu-lhe mão e conduziu-a ao tronco das lições, onde se sentaram os dois.

– Parece que me vou embora mais cedo do que esperava. Vou faltar à cerimónia de formatura, para poder começar a trabalhar. Vim cá despedir-me, Kya. – Até a sua voz parecia mais adulta, como se estivesse pronto a enfrentar um mundo mais sério.

Ela não respondeu e desviou os olhos dele. Sentia um nó na garganta. Ele

poisou a seus pés dois sacos de livros descartados da escola e da biblioteca, quase todos de ciências.

Kya não sabia se conseguiria falar. Queria que ele a levasse de novo ao sítio onde tinham visto a rã branca. Queria que ele a levasse lá agora, pois poderia não voltar.

– Vou sentir a tua falta, Kya. Todos os dias, a todas as horas do dia.

– Quando estiveres ocupado com as coisas da universidade e começares a ver todas aquelas raparigas bonitas, és bem capaz de me esquecer.

– Jamais te esquecerei, Kya. Cuida do pantanal até eu voltar e tem cuidado, ouviste?

– Serei cautelosa.

– Estou a referir-me ao presente, Kya. Tem cuidado com as pessoas. Não deixes que nenhum estranho se aproxime de ti.

– Acho que consigo esconder-me e correr mais depressa do que qualquer pessoa.

– Acredito que sim. Prometo voltar a casa daqui a um mês, para o Quatro de Julho. Quando deres por isso, já cá estou.

Ela não lhe respondeu. Ele levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos dos jeans. Ela levantou-se e ficou junto dele, mas desviaram ambos os olhos na direção das árvores.

Ele agarrou-a pelos ombros e beijou-a longamente.

– Adeus, Kya. – Ela olhou, por instantes, à distância, por cima do seu ombro e depois olhou-o nos olhos – esse abismo cujas profundezas tão bem conhecia.

– Adeus, Tate.

Ele entrou no barco, sem dizer mais nada, e atravessou a lagoa. Mesmo antes de entrar nas moitas cerradas de espinheiros do canal, virou-se e acenou-lhe. Ela ergueu a mão bem alto e depois levou-a ao coração.

19

Um Esquema Qualquer

1969

Na manhã seguinte ao dia em que lera o segundo relatório do laboratório, oito dias depois de encontrarem o corpo de Chase Andrews, no pântano, o adjunto Purdue abriu a porta do gabinete do Xerife, com ajuda do pé, e entrou. Trazia dois copos de papel, com café, e um saco de donuts ainda quentes, acabados de sair da fritadeira.

– Eh pá, cheira-me a Parker’s – disse Ed, quando Joe os poisou em cima da secretária. Tiraram ambos um grande donut do saco de papel castanho, manchado de gordura, mastigando-o alto, e lambendo os dedos lambuzados de glacé.

Depois, atropelaram-se um ao outro, dizendo em uníssono.

– Tenho novidades.

– Fala – disse Ed.

– Soube, através de várias fontes, que o Chase tinha um esquema qualquer no pantanal.

– Um esquema qualquer? O que queres dizer com isso?

– Não sei ao certo, mas uns tipos que estavam no Dog Gone disseram-me que há cerca de quatro anos ele começou a ir frequentemente para o pantanal, sozinho, e mostrava-se bastante reservado acerca disso. Continuava a ir pescar e a andar de barco com os amigos, mas ia muitas vezes sozinho para lá. Estava aqui a pensar que ele poderia ter-se metido com drogados ou pior do que isso; podia ter-se desentendido com um traficante dos beras. Quem se deita com cães acorda com pulgas – ou nem sequer acorda, como foi o caso.

– Não sei. Ele era um atleta. É difícil imaginá-lo metido em drogas – disse o Xerife.

– Ex-atleta. Muitos deles acabam por se meter em drogas. Uma vez esgotados os seus dias de glória, precisam de se intoxicar com outra coisa qualquer. Também podia ter uma mulher no pantanal.

– Não estou a ver nenhuma dama do pantanal que pudesse ser do seu agrado. Ele só convivia com a chamada elite de Barkley. Não se dava com escumalha.

– Bom, talvez ele sentisse que estava a descer abaixo do seu próprio nível e por isso fosse tão reservado acerca disso.

– Faz sentido. Seja como for, isso revela-nos uma faceta inteiramente desconhecida da sua vida, independentemente do motivo das suas incursões no pantanal. Vamos investigar um pouco, para ver se descobrimos o que ele andava lá a fazer.

– Não disseste que também tinhas novidades?

– Ainda não sei bem do que se trata. A mãe do Chase telefonou e disse que tinha algo de importante para nos dizer acerca do caso. Parece que tem a ver com um colar com uma concha que ele usava sempre. Ela está convencida que é uma pista e quer cá vir falar acerca disso.

– Quando é que ela cá vem?

– Esta tarde. Já daqui a pouco.

– Seria agradável conseguirmos uma verdadeira pista. É bem melhor do que andar à procura de um tipo qualquer de camisola de lã vermelha, com um motivo para o matar. Se isto foi um homicídio, temos de admitir que foi muito bem engendrado. Entretanto, o pantanal mastigou e engoliu todas as provas, se é que havia alguma. Temos tempo para almoçar antes de Petty Love cá vir?

– Claro que temos. O prato do dia são costeletas de porco fritas e tarte de amora.

O Quatro de Julho

1961

No dia 4 de julho, Kya foi até à lagoa descalça, com o seu vestido de *chiffon* cor de pêsego, agora demasiado curto, e sentou-se no tronco das leituras. O calor impiedoso afastou os últimos vestígios de neblina, impregnando o ar de uma humidade densa e sufocante. De vez em quando, Kya ajoelhava-se à beira da lagoa e salpicava o pescoço com água fresca, sempre atenta ao zunido do motor do barco de Tate. Não se importava de esperar, pois estava entretida a ler os livros que ele lhe oferecera.

O dia foi-se arrastando a conta gotas, sob o sol abrasador. O tronco tornou-se rijo demais, por isso Kya sentou-se no chão, encostada a uma árvore. Por fim, já esfomeada, foi a correr à cabana comer uns restos de salsicha e biscoitos, engolindo-os rapidamente, com receio que ele aparecesse enquanto ela lá não estivesse.

A tarde abafada e húmida atraiu os mosquitos, mas nem o barco nem Tate apareceram. Ao crepúsculo, Kya continuava de olhos pregados no canal deserto e silencioso, direita, calada e imóvel como uma cegonha. Respirar era doloroso. Desembarçou-se do vestido e entrou lentamente na água, nadando na frescura sombria da lagoa. A água deslizava-lhe sobre a pele libertando o calor de dentro do seu corpo. Saiu da água e sentou-se numa extensão de musgo na margem, deixando-se aí ficar nua, até secar, até a lua se esconder sob o horizonte. Depois pegou na roupa e voltou para dentro.

Voltou a esperar por ele no dia seguinte. O calor foi aumentando até ao meio dia. Depois disso tornou-se abrasador, continuando a pulsar muito depois do sol se pôr. Mais tarde, a lua espalhou esperança pelas águas, mas também ela acabou por morrer. Mais um nascer do sol, mais um meio-dia

abrasador, e de novo o pôr do sol a acabar com toda a esperança. Os seus olhos vagueavam sem destino e, embora esperasse ouvir o barco de Tate, estava a sentir-se desligada.

A lagoa cheirava, em simultâneo, a vida e a morte – um emaranhado orgânico de esperança e putrefação. As rãs coaxavam. Observou apaticamente os rabiscos de luz dos pirilampos, na escuridão. Nunca capturara insetos luminosos em frascos. Aprende-se muito mais sobre essas criaturas, fora de um frasco. Jodie ensinara-lhe que o pirilampo fêmea ativava a sua luz por baixo da cauda, para avisar o macho que estava pronta a acasalar, e que cada espécie de pirilampo tinha a sua própria linguagem luminosa. Enquanto os observava, Kya viu algumas fêmeas emitirem três sinais luminosos curtos e um longo, acompanhados de uma dança ziguezagueante, e outras, apenas dois sinais curtos e um longo, num padrão de dança diferente. É claro que os machos conheciam os sinais da sua própria espécie e só voavam para junto dessas fêmeas. Depois, como Jodie costumava dizer, «esfregavam o traseiro uns nos outros, para produzirem crias, como a maior parte das espécies».

Kya levantou-se subitamente ao reparar que uma das fêmeas alterara o seu código. Primeiro produziu a sequência correta de sinais curtos e longos, atraindo um macho da sua espécie com o qual copulou. Depois emitiu sinais diferentes e um macho de outra espécie voou ao seu encontro. Ao ler a sua mensagem, o macho convenceu-se que encontrara uma fêmea recetiva, da sua própria espécie, e ficou a pairar sobre ela para copularem. Mas de repente, o pirilampo fêmea alcançou-o, agarrou-o com a boca e comeu-o, mastigando-lhe as seis pernas e ambas as asas.

Viu outras fazerem o mesmo: para conseguirem o que queriam – primeiro um companheiro e depois uma refeição – as fêmeas tinham apenas de modificar os sinais.

Kya sabia que não havia que as julgar. Não se tratava de maldade, mas

apenas a pulsação da própria vida, mesmo que à custa de alguns dos intervenientes. Em biologia, o bem e o mal são entendidos como a mesma cor, sob uma luz diferente.

Na manhã seguinte, amaldiçoando-se por sentir ainda uma cruel réstia de esperança, voltou a esperar na lagoa, sentando-se à beira da água, a ver se ouvia o ruído de um barco a subir o canal ou a atravessar estuários distantes.

Ao meio-dia ergueu-se e gritou:

– TATE, TATE, NÃO, NÃO. – Depois deixou-se cair de joelhos, o rosto contra a lama. Sentiu um forte apelo vindo da terra. Uma força que conhecia bem demais.

21

Coop

1961

Um vento forte sacudia as folhas de palmito como pequenos ossos secos. Desde que desistira de esperar por Tate, há três dias, Kya ainda não saíra da cama, intoxicada pelo desespero e pelo calor. Tinha a pele pegajosa, a roupa e os lençóis ensopados em suor. De vez em quando, enviava os dedos dos pés em missões de reconhecimento, tentando descobrir pontos mais frescos por entre os lençóis, mas estes não encontravam nenhum.

Não reparou na hora a que a lua nasceu, nem na incursão diurna de um grande mocho que picara voo sobre um gaio-azul. Da cama, conseguia ouvir o bater de asas dos tordos, no pantanal, mas não ia lá. Doía-lhe o canto triste das gaivotas que chamavam por ela na praia, mas pela primeira vez na vida, não foi ao encontro delas, na esperança de que a dor de as ignorar lhe sarasse o rasgão no coração. Mas nada feito.

Desanimada, perguntou a si mesma o que teria feito para que todos a abandonassem. A sua própria mãe, as irmãs, Jodie, toda a sua família, e agora Tate. As suas recordações mais dolorosas eram as datas incertas em que os membros da sua família foram desaparecendo pelo trilho; os últimos vestígios de um lenço branco por entre as folhas; uma pilha de meias abandonada em cima de um colchão.

O mesmo sucedera com Tate, com a vida e o amor, e agora também ele deixara de existir.

– Porquê, Tate, porquê? – murmurou, debaixo dos lençóis. – Contigo devia ter sido diferente. Devias ter ficado comigo. Ele disse que te amava, mas o amor não existe. Não podes contar com ninguém. – Algures no seu íntimo, Kya jurou a si mesma, nunca mais voltar a confiar nem a amar

ninguém.

Sempre reunira energia e força de vontade suficientes para se reerguer da lama e dar o passo seguinte, por muito vacilante que fosse, mas onde a levaria toda essa coragem?

As horas seguintes passou-as a adormecer e a acordar de um sono leve e intermitente.

Subitamente, um sol forte, brilhante e ofuscante inundou-lhe o rosto. Nunca na sua vida dormira até ao meio-dia. Ouviu um suave restolhar, ergueu-se sobre os cotovelos e viu um falcão-de-tanoeiro³, do tamanho de um corvo, do outro lado da porta de rede, a espreitar lá para dentro, o que lhe despertou alguma curiosidade, pela primeira vez em dias. Quando o falcão levantou voo, levantou-se.

Finalmente, fez uma papa com água quente e aveia e foi à praia alimentar as gaivotas. Assim que entrou na praia, estas voaram em círculos e mergulharam dos céus em bandos, por isso ajoelhou-se e começou a atirar comida para a areia. Quando elas se reuniram à sua volta e começou a sentir as suas penas roçarem-lhe nos braços e nas coxas, inclinou a cabeça para trás e sorriu no meio delas, com os olhos marejados de lágrimas.

Depois do Quatro de Julho, Kya não saiu de casa, não foi ao pantanal nem à loja de Saltos comprar gasolina ou mantimentos, durante dois meses. Viveu de peixe seco, mexilhões e ostras, papas de aveia e verduras.

Quando esgotou por completo as prateleiras, foi finalmente de barco à loja de Saltos para comprar mantimentos, mas não conversou com ele, como habitualmente. Fez o que tinha a fazer e deixou-o na doca, de olhos pregados nela. As pessoas carentes acabavam sempre por se magoar.

Dias depois, de manhã, o falcão-de-tanoeiro voltou a aparecer nos degraus de sua casa. Estava a olhar para ela através da rede.

– Que estranho – pensou ela, esticando a cabeça na direção dele. – Olá

Coop.

Ele deu um saltinho e levantou voo, passou pela cabana em voo raso e subiu em direção às nuvens. Kya observou-o e disse, finalmente, para consigo mesma:

– Tenho de voltar ao pantanal – Dito isto, saiu com o barco e percorreu canais e ribeiros, à procura de ninhos de aves, penas e conchas, pela primeira vez desde que Tate a abandonara. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar nele. Tate rendera-se ao fascínio intelectual ou às raparigas bonitas de Chapel Hill. Kya não fazia ideia como eram as mulheres universitárias, mas qualquer que fosse a sua aparência, seriam certamente preferíveis a uma vendedora de mexilhões descalça, de cabelo embaraçado, a viver numa cabana.

Em finais de agosto conseguiu reequilibrar a sua vida, voltando a andar de barco, a recolher espécimes e a pintar.

Passaram-se meses. Kya só ia à loja de Saltos se o stock de suprimentos assim o exigisse, mas falava muito pouco com ele.

Aperfeiçoou as suas coleções, catalogando-as metodicamente, por ordem, género e espécie; por idade, consoante o desgaste dos ossos; por tamanho, no caso das penas, que media em milímetros; ou por diferenças mínimas de tonalidade de verde, no caso das plantas. Socorrendo-se das forças combinadas da ciência e da arte – as cores, a luz, as espécies e a própria vida – foi criando uma obra-prima de conhecimento e grande beleza, que acabou por preencher todos os recantos da cabana. O seu mundo. Afinal, crescera com ela, sozinha, como o tronco de uma hera, mas aglutinando todos os seus prodígios.

Porém, à semelhança das suas coleções, também a sua solidão ia aumentando. O seu peito escondia uma dor do tamanho do coração, e nada a poderia mitigar. Nem as gaivotas, nem um esplendoroso pôr do sol, nem a mais rara das conchas.

Os meses converteram-se num ano e a solidão tornou-se insuportável. Ansiava pela voz, pela presença, pelo toque de alguém, mas o desejo de proteger o coração era maior.

Os meses foram-se sucedendo e passou mais um ano, e depois outro...

³ Em inglês Cooper's Hawk. [N. da T.]

Parte 2

O Pantanal

A Mesma Maré

1965

Kya estava sentada em Point Beach, a ver os caranguejos recuarem e enterrarem-se na areia molhada. Tinha agora dezanove anos, pernas mais longas, olhos maiores e, aparentemente, mais negros. De repente, ouviu vozes a sul e levantou-se bruscamente. O grupo de miúdos – agora jovens adultos – que fora observando, ocasionalmente, ao longo dos anos, caminhava descontraidamente na sua direção, a brincar com uma bola de futebol, a correr à beira-mar e a pontapear a espuma das ondas. Receando que eles a vissem, correu para as árvores, revolvendo a areia com os calcanhares, e escondeu-se atrás do tronco largo de um carvalho, mesmo sabendo que a poderiam achar esquisita por isso.

– Pouco ou nada mudou – pensou. – Eles a rirem e eu a esconder-me como um caranguejo da areia. – Uma selvagem envergonhada das suas próprias bizarras.

A Loira-Alta-e-Magra, a Sardenta-de-Rabo-de-Cavalo, a Colar-de-Pérolas e a Cara-de-Lua, cabriolavam pela praia entre abraços e gargalhadas. Numa das suas raras visitas à aldeia ouvira os seus comentários ofensivos:

– Pois é, a Miúda do Pantanal vai buscar a roupa aos pretos e tem de trocar aveia por mexilhões.

Porém, ao fim de todos aqueles anos, continuavam amigas. Já era alguma coisa. Poderiam parecer umas tontas, mas eram unha com carne, como Mabel costumava dizer.

– Precisas de arranjar amigas, amor. As amigas são para sempre – mesmo sem votos. Nada mais terno e resiliente que um punhado de mulheres.

Kya deu consigo a rir baixinho com elas, ao vê-las salpicaram-se umas às

outras com água salgada. Depois guincharam e entraram juntas na rebentação. O seu sorriso esmoreceu, ao vê-las sair da água e unirem-se no seu tradicional abraço em grupo.

Os guinchos e a camaradagem delas pareciam sublinhar o seu silêncio e a sua solidão, mas o facto de saber que a viam como escumalha do pantanal, impediu-a de sair de trás do carvalho.

Concentrou-se no rapaz mais alto, que jogava à bola em tronco nu, de calções de caqui, observando os cordões de músculos salientes nas suas costas e os seus ombros bronzeados. Sabia que era Chase Andrews. Desde o dia em que ele quase lhe passara por cima com a bicicleta, anos antes, que o via na praia com aqueles amigos, a entrar na cafetaria para ir beber um batido, ou na loja de Saltos a comprar gasolina.

O grupo estava agora mais próximo, mas ela estava a observá-lo apenas a ele. Um outro rapaz atirou a bola. Ele correu para a apanhar e aproximou-se mais da árvore onde ela estava, enterrando os pés na areia quente. Ao erguer o braço para atirar a bola, olhou, inadvertidamente, para trás e viu os olhos de Kya. Depois de atirar a bola, virou-se, sem chamar a atenção dos outros, e olhou-a nos olhos. Tinha cabelo preto como ela, mas os seus olhos eram azuis-claros. Tinha um rosto forte e cativante. Um sorriso quase impercetível desenhara-se nos seus lábios. Depois descontraiu os ombros e voltou calmamente para junto dos amigos.

Mas reparara nela; olhara-a nos olhos. Kya conteve a respiração, sentindo uma onda de calor percorrer-lhe o corpo.

Seguiu-os com os olhos ao longo da praia – a ele, sobretudo. Os olhos da razão viam-no de uma forma, o seu desejo de outra. Era com o corpo e não com o coração que estava a observar Chase Andrews.

No dia seguinte, voltou com a mesma maré, a uma hora diferente, mas só lá estavam falaropos barulhentos e caranguejos da areia.

Fez o possível por evitar aquela praia e ficar pelo pantanal, procurar

ninhos de aves e penas e alimentar as gaivotas com aveia, a salvo. A vida ensinara-lhe a amarfanhar sentimentos até estes se tornarem armazenáveis.

Mas a solidão parece ter a sua própria bússola e Kya voltou à praia, para ver se o via, no dia seguinte, e no outro a seguir...

Um dia, ao fim da tarde, depois de andar à procura de Chase Andrews, Kya foi até à praia e deitou-se numa língua de areia ainda lustrosa e macia da última onda. Estendeu os braços por cima da cabeça e roçou-os pela areia molhada, esticando as pernas e os dedos dos pés. Depois, rebolou lentamente o corpo em direção ao mar, de olhos fechados. Os seus braços e as suas ancas iam deixando pequenos sulcos na areia cintilante, que se acentuavam e desvaneciam à medida que se movia. Ao aproximar-se das ondas, sentiu o rugido do oceano percorrer-lhe o corpo, e a pergunta ganhou forma: *quando irá o mar tocar-me? Onde me tocará primeiro?*

A espuma da rebentação percorreu velozmente a areia, ao encontro dela. Kya respirou fundo, expectante, rebolando-se cada vez mais devagar, na areia. De cada vez que o fazia, mesmo antes de roçar com o rosto na areia, erguia delicadamente a cabeça, para cheirar o sol e o mar. *Estou perto. Estou muito perto. Ele aí vem. Quando o irei sentir?*

A expectativa cresceu, como uma febre. A areia por baixo do seu corpo estava mais molhada e o rugido das ondas mais intenso. Rebolou, lentamente, o corpo mais alguns centímetros, como que a antecipar o contacto. *Está quase, quase.* Era como se estivesse a senti-lo, antes mesmo de ele lhe tocar.

Apeteceu-lhe abrir os olhos e espreitar, para ver quanto tempo teria ainda de esperar, mas resistiu à tentação, cerrando mais ainda as pálpebras. O céu luminoso, por trás delas, nada revelava.

Subitamente, gritou, ao sentir a poderosa onda passar velozmente por baixo do seu corpo, acariciar-lhe as pernas e as virilhas, percorrer-lhe as costas, rodopiar por baixo da sua cabeça, arrastando consigo finas madeixas

de cabelo escuro. Rebolou mais rapidamente na direção das ondas, contra torrentes de conchas e pedaços de oceano, e a água abraçou-a. Nadou contra o corpo possante do mar e este envolveu-a nos seus braços. Não estava sozinha.

Depois, sentou-se na areia e abriu os olhos, contemplando os suaves padrões brancos da espuma do oceano em constante mutação.

Desde que Chase olhara para ela na praia, Kya já fora à doca de Saltos duas vezes numa semana, sem nunca admitir perante si própria que esperava encontrá-lo. O facto de alguém ter reparado nela, parecia ter despertado em si o desejo de sociabilizar.

– Como está Mabel? – perguntou ela a Saltos, como nos bons velhos tempos. – Ainda tens algum neto em casa? – Saltos notou a diferença, mas sabia que não devia comentar.

– Temos sim senhora. Neste momento temos quatro connosco. Só se ouve o riso das crianças por casa. Pintam a manta.

Mas alguns dias depois, quando Kya foi à doca de Saltos de manhã, não o viu em parte alguma. Alguns pelicanos pardos empoleirados em postes olharam-na como se estivessem a tomar conta da loja. Kya sorriu-lhes.

Depois tocaram-lhe no ombro e ela deu um salto.

– Olá.

Kya virou-se e o sorriso desapareceu, ao ver Chase Andrews atrás de si.

– Chase Andrews – disse ele, olhando-a fixamente com aqueles olhos penetrantes, cor de gelo, sem qualquer espécie de constrangimento.

Ela não disse nada, mas passou o peso do corpo para a outra perna.

– Tenho-te visto no pantanal, ao longo dos anos. Como te chamas? – Por instantes, pensou que ela não ia falar; talvez fosse muda ou falasse uma língua qualquer primitiva, como se dizia por aí. Um homem menos confiante ter-se-ia, certamente, ido embora.

– Kya. – Era evidente que não se lembrava do incidente com a bicicleta, no passeio, e só a conhecia como a Miúda do Pantanal.

– Kya. É um nome diferente, mas bonito. Queres ir a um piquenique de barco comigo, no domingo?

Ela olhou à distância por cima do seu ombro, como que a avaliar as suas palavras, mas não conseguiu levar a tarefa até ao fim. Ali estava uma oportunidade de estar com alguém.

Finalmente, disse:

– Está bem.

Chase pediu-lhe que fosse ter com ele à península dos carvalhos, a norte de Point Beach, ao meio dia, meteu-se no seu barco azul e branco de esquí aquático, cheio de cromados brilhantes, e afastou-se velozmente.

Kya voltou a ouvir passos, virou-se e viu Saltos percorrer apressadamente a doca.

– Olá, menina Kya. Desculpe, mas estive a carregar caixotes vazios para acolá. Atesto o depósito?

Kya acenou-lhe com a cabeça.

No caminho para casa, desligou o motor e deixou-se ir ao sabor da corrente, já com a margem à vista. Encostou-se à velha mochila, a olhar para o céu, e recitou poesia de memória, como às vezes fazia.

Um dos seus poemas favoritos era a «Febre do Mar», de John Masefield:

... tudo o que peço é um dia de vento com nuvens brancas a voar.

Os salpicos das ondas, a espuma arrastada pelo vento e o choro das gaivotas.

Depois, decidiu recitar um poema recentemente publicado num jornal local que comprara no Piggly Wiggly, escrito por uma poetisa menos conhecida chamada Amanda Hamilton:

*Preso no coração
O amor é como uma fera enjaulada
Que devora a própria carne.
O amor quer-se livre, para ir onde quiser
Escolher o seu porto de abrigo
E respirar.*

As palavras recordaram-lhe Tate e ela conteve a respiração. Bastara-lhe encontrar algo melhor para desaparecer. Nem sequer lá fora despedir-se.

Kya não sabia, mas Tate voltara para a ver.

Um dia antes de apanhar o autocarro, nesse Quatro de Julho, o Dr. Blum, o professor que o contratara, entrou no laboratório de protozoologia e perguntou-lhe se queria reunir-se a um grupo de ecologistas de renome, numa expedição sobre aves, nesse fim de semana.

– Reparei no teu interesse em ornitologia e achei que irias gostar de vir. Só tenho lugar para um aluno e pensei em ti.

– Sim. Absolutamente. Pode contar comigo. – Depois de o Dr. Blum sair. Já sozinho no laboratório, entre bancadas de trabalho e microscópios, com a autoclave a zunir-lhe aos ouvidos, Tate perguntou a si mesmo porque teria cedido tão rapidamente. Porquê a pressa de impressionar o professor. *Talvez pelo orgulho de ser destacado, por ter sido o único aluno convidado*, pensou.

Quinze dias depois, voltaria a ter uma oportunidade de ir a casa, ainda que apenas por uma noite. Estava desesperado para pedir desculpa a Kya, que iria certamente compreender, assim que soubesse do convite do Dr. Blum.

Ao sair do mar e entrar no canal, abrandou. Os troncos estavam cobertos de carapaças brilhantes de tartarugas a apanhar sol. Quase a meio do caminho, avistou o barco dela, cuidadosamente escondido por entre espartos. Abrandou imediatamente e viu-a mais adiante, ajoelhada num banco de areia,

aparentemente fascinada com um pequeno crustáceo.

Como estava de cabeça baixa perto do solo, não o viu nem ouviu o ruído do barco que se movia a baixa velocidade. Ele virou silenciosamente o esquife para os juncos e escondeu-se. Há anos que sabia que ela o espiava, às vezes, por entre acácias amarelas, e decidiu fazer o mesmo, por impulso.

Ela levantou-se e espreguiçou-se, descobrindo a sua cinturinha de vespa. Estava descalça, com uns jeans cortados e uma t-shirt branca. Voltou a ajoelhar-se e encheu as mãos de areia, deixando-a escapar por entre os dedos para examinar os organismos que ficaram a contorcer-se na palma das suas mãos. Ele sorriu ao ver a jovem bióloga tão absorvida e alheada. Imaginou-a à retaguarda do grupo de observação de aves, tentando passar despercebida, mas identificando todas as aves muito antes de qualquer outro membro do grupo. Num tom de voz brando, e com requintada minúcia, enumeraria, timidamente, as espécies de ervas que compunham cada ninho ou a idade de uma cria fêmea, a partir das cores que iam surgindo na ponta das suas asas, as mais pequenas especificidades, que caracterizam cada espécie – a sua própria essência – revelando conhecimentos muito superiores aos dos manuais e do respeitado grupo de ecologistas.

Tate sobressaltou-se ao vê-la levantar-se repentinamente, com areia a escoar-se por entre os dedos, e olhar rio acima, na direção oposta. O ruído baixo do motor fora de borda mal se ouvia. Devia ser um pescador ou um habitante do pantanal a caminho da cidade – o rumor habitual e tranquilo de um motor. Mas Kya agarrou na mochila, correu pelo banco de areia e escondeu-se apressadamente na erva alta. Depois baixou-se e caminhou agachada em direção ao seu barco, de joelhos praticamente junto do queixo, espreitando, de vez em quando, para ver se o barco já estava à vista. Agora, estava mais próxima dele e Tate reparou na expressão enlouquecida dos seus olhos escuros. Quando alcançou o barco, escondeu-se abaixo da amurada, de cabeça baixa.

O pescador, um velhote de chapéu, com uma expressão bem-disposta, passou calmamente por eles, sem os ver, e voltou a desaparecer numa curva. Mas ela continuou imóvel, à escuta, até o ruído do motor deixar de se ouvir. Depois levantou-se, limpou o suor da testa e continuou a olhar na direção do barco, como uma corsa olha para o mato deserto, depois da passagem de uma pantera.

De certa forma, ele já sabia que ela se comportava assim, mas desde o jogo das penas que não o presenciava a nu. Que tormento, que isolamento. Que estranha ela era.

Ele estava na universidade há menos de dois meses, mas já se entrosara no universo que queria, analisando a estranha simetria das moléculas de ADN como se tivesse gatinhado para o interior de uma cintilante catedral de átomos adjacentes e subisse os degraus acídicos da sua cadeia em espiral. Já percebera que toda a vida depende deste código preciso e complexo, transcrito em frágeis tiras orgânicas, que morreriam imediatamente num mundo ligeiramente mais quente. Estava finalmente rodeado de grandes perguntas e de pessoas tão interessadas como ele em descobrir as respostas que o aproximassem do seu objetivo – tornar-se um biólogo de investigação, com o seu próprio laboratório, e interagir com outros cientistas.

A mente de Kya poderia facilmente viver num ambiente desses, mas não ela. Respirando com dificuldade, contemplou a sua decisão, escondido nos espartos: ou Kya ou tudo o resto.

– Kya, Kya, não consigo – sussurrou. – Desculpa.

Depois de ela se afastar, entrou no seu barco e regressou ao oceano pelo mesmo caminho, amaldiçoando o cobarde em si, que nem conseguira despedir-se dela.

A Concha

1965

À noite, depois de encontrar Chase Andrews na doca de Saltos, Kya estava sentada à mesa da cozinha, sob a luz suave e trémula da lanterna de querosene. Voltara a cozinhar e estava a petiscar biscoitos de coalho de leite, nabos e feijão carioca que fizera para o jantar, lendo enquanto comia. Mas as frases pareciam desfazer-se, só de pensar no seu piquenique com Chase, no dia seguinte.

Kya levantou-se e saiu para a escuridão, sob a luz leitosa de um quarto crescente. A brisa suave era como seda nos seus ombros. O luar escolheu-lhe um trilho inesperado por entre os pinheiros, espalhando sombras em rima por toda a parte. Caminhou como uma sonâmbula, enquanto a lua se despia das águas e subia pelos ramos dos carvalhos. A lama escorregadia, na margem da lagoa, brilhava sob a luz intensa do luar. Centenas de pirilampos salpicavam os bosques de luz. Kya dançou ao som do canto das esperanças e das rãs-leopardo, baloiçando lentamente os braços, com o seu vestido branco, em segunda mão, de saia esvoaçante. Passou as mãos pelos flancos, depois pelo pescoço, e acariciou as coxas, visualizando o rosto de Chase Andrews. Era assim que queria que ele lhe tocasse. A sua respiração tornou-se mais profunda. Nunca ninguém a olhara daquela forma. Nem mesmo Tate.

Dançou por entre as asas pálidas dos efeméridas, que pairavam sobre a lama de lua.

Na manhã seguinte, contornou a península e viu Chase no seu barco, ao largo. A realidade esperava-a ali mesmo, à luz do dia. Sentiu a garganta seca. Levou o barco até à praia, saltou para a água e arrastou-o para terra, sentindo

a areia esmagar-se sob o casco.

Chase aproximou-se com o barco.

– Olá.

Ela olhou por cima do ombro e acenou-lhe com a cabeça. Ele saiu do barco e estendeu-lhe a mão – a palma de uma mão aberta, dedos longos, bronzeados. Ela hesitou. Tocar em alguém era como abrir mão de uma parte de si. Uma parte que não voltaria a recuperar.

Ainda assim, poisou suavemente a mão sobre a dele. Ele amparou-a e ela subiu para a popa, sentando-se num banco estofado. Estava um dia de sol radioso, e Kya parecia uma rapariga como outra qualquer, de calções de ganga e blusa branca – uma indumentária que copiara das outras. Ele sentou-se ao seu lado e ela sentiu a manga da camisa dele roçar-lhe delicadamente no braço.

Chase levou o barco em direção ao oceano. Em mar aberto, o barco saltava mais do que nas águas tranquilas do pantanal e ela sabia que os ressaltos do barco fariam com que roçassem os braços um no outro. A expectativa do contacto físico compeliu-a a olhar em frente, mas não a afastar-se dele.

Finalmente, uma onda um pouco maior cresceu e voltou a afundar-se, e o seu braço rijo e quente roçou ao de leve no dela. A história repetia-se sempre que o barco subia e descia nas ondas. A dada altura, uma vaga elevou o barco e bateram com as ancas um no outro. Kya conteve a respiração.

Ao rumarem para sul, ao longo da costa, sem nenhum outro barco à vista naquela vastidão deserta, ele acelerou. Em dez minutos, percorreram quilómetros de praia branca, protegida do resto do mundo por uma floresta densa e luxuriante. Mais adiante, Point Beach emergiu das águas, como um luminoso leque branco.

Chase não voltara a proferir uma palavra depois de a cumprimentar e ela não falara sequer. Ele levou o barco até terra e poisou o cesto de piquenique,

na areia, à sombra do barco.

– Apetece-te andar? – perguntou ele.

– Sim.

Passearam à beira-mar, deixando que as pequenas ondas lhes beijassem os tornozelos, em pequenos redemoinhos, sugando-lhes a sola dos pés, ao regressarem ao mar.

Ele não lhe deu a mão, mas de vez quando, roçavam naturalmente os dedos um no outro. Por vezes ajoelhavam-se para examinar uma concha ou artísticas espirais de algas transparentes. Chase estava com um olhar brincalhão e sorria com facilidade. Tinha uma pele morena e bronzeada como a sua. Eram ambos altos, e elegantes. Parecidos.

Kya sabia que Chase decidira não ir para a universidade, para trabalhar com o pai e que era uma figura de destaque na cidade – o peru macho. No seu íntimo receava que ele a encarasse também como um produto artístico da praia, uma curiosidade para manejar a belo prazer e voltar a atirar para a areia. Mas continuou a andar. Já dera uma oportunidade ao amor. Agora queria simplesmente preencher os espaços vazios. Aplacar a solidão, erguendo, ao mesmo tempo, um muro à volta do coração.

Depois de percorrerem quase um quilómetro, ele virou-se e curvou-se, com um floreado exagerado, convidando-a a sentar-se na areia, encostada a um tronco que flutuara até à praia, e recostaram-se os dois, enterrando os pés nos cristais brancos de areia.

Chase tirou uma harmónica do bolso.

– Ah, tu sabes tocar – disse ela, mas as palavras pareceram-lhe ásperas na língua.

– Não muito bem. Mas com uma assistência destas, na praia, encostada a este tronco... – Fechou os olhos e tocou o «Shenandoah». A palma da sua mão ia batendo ao de leve no instrumento, como um pássaro aprisionado atrás de um vidro. A melodia era deliciosamente melancólica. Como uma

mensagem de um lar distante. Depois, parou bruscamente a meio da música e apanhou uma concha creme, com manchas em tons vibrantes de vermelho e roxo, pouco maior que uma moeda de um centavo.

– Olha para isto – disse ele.

– É uma vieira ornamentada. *Pecten ornatos* – disse Kya. – É raro encontrá-las. Há muitos bivalves desse género, aqui, mas essa espécie em particular, habita normalmente em regiões a sul desta latitude, porque estas águas são demasiado frias para eles.

Ele ficou a olhar para ela. No meio de tanta mexeriquice, nunca ninguém lhe dissera que a Miúda do Pantanal, que não sabia soletrar «cão», sabia afinal os nomes de todas as conchas em Latim. *Porquê, meu Deus, porquê?*

– Isso já não sei – disse ele –, mas olha para isto. As pequenas asas, que ladeavam os ligamentos da concha, estavam tortas e tinham um orifício perfeito na base. Ele virou-a na palma da mão.

– Toma. Fica com ela. Tu é que és a miúda das conchas.

– Obrigada – disse ela, guardando-a no bolso.

Ele tocou mais algumas músicas, terminando com uma ruidosa versão de «Dixie». Depois, voltaram para junto do cesto de vime e sentaram-se num cobertor de xadrez a comer galinha frita fria, presunto curado com biscoitos e salada de batata, pickles doces e fatias de um bolo de quatro andares, com uma cobertura de caramelo de um centímetro de altura – tudo feito em casa, embrulhado em papel encerado. Ele abriu duas garrafas de cola e serviu-a em copos de papel. Kya nunca na vida bebera refrigerante. Tudo naquele generoso piquenique lhe parecia incrível – os guardanapos de pano muito bem dobrados, as facas e os garfos de plástico... Havia até um saleiro e um pimenteiro minúsculos. Devia ter sido a mãe dele que acondicionara tudo, sem saber que ele ia encontrar-se com a Miúda do Pantanal.

Conversaram amenamente sobre coisas do mar – pelicanos e falaropos empoleirados sobre as patas – sem nunca se tocarem e praticamente sem se

rirem. Kya apontou para um sinuoso bando de pelicanos. Ele acenou com a cabeça, aproximou-se mais dela e roçaram os ombros um no outro. Quando ela o encarou, ele ergueu-lhe o queixo e beijou-a, tocando-lhe ao de leve no pescoço, e os seus dedos deslizaram delicadamente sobre a blusa dela, na direção de um dos seios. Ele continuou a beijá-la e abraçá-la, agora mais firmemente, inclinando-se para trás até ficarem ambos deitados sobre o cobertor. Depois, foi movendo lentamente o corpo até ficar por cima dela, e puxou-lhe a blusa para cima de uma só vez. Ela desviou bruscamente a cabeça para o lado, e escapou-se debaixo dele, com a fúria estampada naqueles olhos mais negros do que a noite, puxando a blusa para baixo.

– Calma, calma. Está tudo bem.

Kya estava deitada, com o cabelo espalhado sobre a areia, de rosto afogueado e lábios vermelhos ligeiramente entreabertos, como que aturdida. Ele tentou tocar-lhe no rosto, mas ela esquivou-se dele, com a agilidade de um gato, e levantou-se.

Estava ofegante. Na noite anterior, enquanto dançava sozinha na margem da lagoa, baloiçando-se à luz do luar e dos pirilampos, convencera-se de que estava pronta. Julgara ter aprendido tudo sobre acasalamento, ao observar os pombos. Mas nunca ninguém lhe falara acerca de sexo, e a única vez que passara pelos preliminares, fora com Tate. Conhecia os detalhes dos livros de biologia e já vira mais criaturas copularem do que qualquer outra pessoa no mundo. Sabia que eles não se limitavam a «esfregar o traseiro um no outro», como Jodie lhe dissera.

Mas aquela história de ir piquenicar e, de repente, copular com a Miúda do Pantanal, parecia-lhe demasiado abrupta. Mesmo as aves macho cortejavam as fêmeas durante algum tempo, exibindo penas coloridas, construindo estruturas, encenando magníficas danças e entoando canções de amor. Sim, Chase presenteara-a com um banquete, mas ela valia mais do que galinha frita e o Dixie não contava como canção de amor. Devia ter percebido

que ia ser assim. Um mamífero macho só se aproxima quando está no cio.

O silêncio cresceu ao olharem um para o outro. Tudo o que ouvia era a respiração de ambos e o som da rebentação, mais adiante. Chase sentou-se e tentou agarrar-lhe num braço, mas ela sacudiu-o.

– Está bem. Desculpa – disse ele, levantando-se. É certo que lá fora para a possuir, para ser o primeiro a possuí-la, mas aqueles olhos flamejantes estavam a enfeitiçá-lo.

Voltou a tentar.

– Vá lá, Kya, eu já pedi desculpa. Vamos esquecer isto. Eu levo-te ao teu barco.

Ao ouvir aquilo, ela deu meia-volta e atravessou a areia em direção aos bosques, bamboleando o corpo longilíneo.

– O que estás a fazer? Não podes voltar a pé. Estás a muitos quilómetros de casa.

Mas ela já se embrenhara nos bosques. Primeiro correu em linha reta para o interior e depois atravessou a península na direção do seu barco. Não conhecia a zona, mas os tordos guiaram-na pelo pantanal. Não abrandou em pântanos nem em valas, atravessando riachos e saltando sobre troncos de árvores.

Por fim, dobrou-se sobre si própria, ofegante, deixou-se cair de joelhos, e disse uma série de palavrões estafados. Se praguejasse as lágrimas não lhe chegariam aos olhos. Mas nada poderia aplacar a vergonha ardente, a profunda tristeza que sentia. Deixara-se levar pela esperança de estar com alguém, de que alguém a desejasse de verdade e lhe tocasse. Mas o propósito daquelas mãos ávidas era *possuir* e não *oferecer* ou *partilhar*.

Ficou à escuta, para perceber se ele vinha atrás dela, sem saber bem se queria que ele aparecesse no meio do mato e a abraçasse, implorando-lhe que lhe perdoasse, ou não, o que voltou a enfurecê-la. Depois, já rendida, levantou-se e percorreu o resto do caminho até ao seu barco.

A Torre de Vigia

1965

Pesadas nuvens de trovoadas amontoavam-se no horizonte, quando Kya levou o barco para o mar, nessa tarde. Não via Chase desde o piquenique na praia, há dez dias, mas ainda sentia a forma do seu corpo rijo a prendê-la contra a areia.

Não avistou outros barcos e dirigiu-se para uma enseada, a sul de Point Beach, onde vira uma vez umas borboletas invulgares, de um branco tão intenso, que se convenceu que eram albinas. Mas a uns quarenta metros da margem, largou subitamente o acelerador, ao ver os amigos de Chase carregarem cestos de piquenique e toalhas coloridas para os barcos. Virou rapidamente o barco e embora a sua ideia fosse afastar-se velozmente dali, e a vontade de fugir fosse muita, voltou para trás e procurou-o com os olhos, consciente de que nada nesse desejo fazia sentido. Comportar-se de forma ilógica para preencher o vazio não lhe traria muito maior satisfação. Até onde estaria disposta a chegar para combater a solidão?

Depois viu-o dirigir-se para o barco com algumas canas de pesca, perto do local onde a beijara. A *Colar-de-Pérolas* vinha atrás dele com uma geleira.

Subitamente, Chase virou a cabeça e olhou diretamente para ela. Em vez de lhe virar as costas, Kya retribuiu-lhe o olhar, mas como sempre, a timidez foi mais forte, e ela acabou por desviar os olhos e arrancar a toda a velocidade. Levou o barco para uma enseada sombria e esperou até que a pequena frota desaparecesse. Só depois se dirigiu para a praia.

Dez minutos depois, voltou a levar o barco para o mar e viu Chase mais adiante, a flutuar ao sabor das ondas, sozinho no barco. À espera.

E o velho desejo voltou a crescer. Ele ainda estava interessado nela. É certo que forçara demasiado as coisas no piquenique, mas parara quando ela o afastara de si e pedira-lhe desculpa. Devia talvez dar-lhe mais uma oportunidade.

Ele acenou-lhe e disse em voz alta:

– Olá, Kya.

Ela não se aproximou dele, mas também não se afastou. Ele aproximou o barco.

– Desculpa o que aconteceu no outro dia, está bem? Vá lá. Quero mostrar-te a torre de vigia.

Ela não disse nada, deixando que o seu barco se aproximasse do dele, consciente de que estava a ser uma fraca.

– Não sei se já subiste à torre, mas é fantástico ver o pantanal lá de cima. Segue-me.

Ela acelerou e virou o barco na direção do dele, sempre atenta ao mar, para se assegurar de que os amigos já não estavam à vista.

Chase apontou para norte, para lá de Barkley Cove – a aldeia tranquila e colorida, que se via à distância – e parou numa praia de uma pequena baía escondida no coração da floresta. Depois de prender os barcos, conduziu-a por um trilho coberto de murtas e azevinho selvagem. Kya nunca fora àquela floresta alagada, afogada em raízes, porque ficava perto demais das pessoas, do outro lado da aldeia. Enquanto caminhavam, Kya viu estreitos riachos de águas paradas, por entre o mato – como que a lembrar que era o mar que dominava aquela terra.

Depois surgiu um verdadeiro pântano, num baixio, com o característico fedor a terra alagada e matéria orgânica em decomposição. Estendia-se até à entrada da floresta sombria, assinalando súbita e subtilmente a sua presença silenciosa.

Kya avistou a velha plataforma de madeira da torre abandonada, por cima

das copas das árvores. Minutos depois, chegaram junto da base composta por uma série de pilares toscos, de madeira. Havia lama negra por baixo da torre e à volta dos pilares corroídos pela humidade daquele lodaçal putrefacto. Os lanços de escadas alternados até ao cimo da torre iam-se tornando mais estreitos a cada patamar.

Atravessaram o atoleiro e começaram a subir. Chase ia à frente. Do quinto lanço de escadas, viam-se florestas de carvalhos a perder de vista, a oeste, e em todas as outras direções, ribeiros, lagoas, riachos e estuários serpenteantes até ao mar, por entre o verde vibrante dos prados. Kya nunca estivera àquela altura do pantanal. Mas agora ali o tinha, com todas as suas peças. Podia, finalmente, ver o rosto completo do seu amigo.

Quando chegaram ao último degrau, Chase alcançou o portão de ferro que cobria as escadas, abriu-o e voltou a fechá-lo depois de subirem para cima da plataforma. Antes de assentar os pés na grelha, Kya testou-a, batendo-lhe ao de leve com os dedos dos pés. Chase riu descontraidamente.

– É seguro. Não te preocupes. – Conduziu-a à balaustrada, de onde admiraram o pantanal em toda a sua extensão. Dois falcões de cauda vermelha passaram ao nível dos seus olhos, com o vento a assobiar por entre as asas, esticando o pescoço, surpreendidos, por verem dois jovens no seu espaço aéreo.

Chase virou-se para ela e disse:

– Obrigado por teres vindo, Kya, e por me dares mais uma oportunidade para te pedir desculpa pelo que aconteceu naquele dia. Excedi-me por completo. Não voltará a acontecer.

Ela não disse nada, pois em parte apetecia-lhe beijá-lo, naquele instante. Sentir a energia dele contra o seu corpo.

Depois, levou a mão ao bolso dos jeans e disse:

– Fiz um colar com a concha que encontrei, mas só o usas se quiseres. Prendera a concha a um fio de couro, na noite anterior, com a ideia de o usar,

mas sempre consciente de que esperava voltar a ver Chase e que lho iria oferecer se pudesse. Mas nem mesmo nesses momentos de delírio nostálgico, se imaginara com ele no cimo da torre de vigia, a contemplar o pantanal do topo do mundo.

– Obrigado, Kya – disse ele. Olhou para o colar e enfiou-o pela cabeça, tocando com a ponta dos dedos na concha, encostada ao seu pescoço. – Claro que vou usá-lo.

Não se saiu com nenhuma frase estafada, tipo: «Usá-lo-ei para sempre, até ao dia da minha morte.»

– Leva-me a tua casa – disse Chase. Kya imaginou a cabana aninhada sob os carvalhos, com as suas tábuas acinzentadas, manchadas do sangue do telhado ferrugento, com as redes de proteção mais esburacadas do que malha, cheias de remendos.

– É longe. – Foi tudo o que disse.

– Eu não quero saber a que distância fica nem como é, Kya. Anda daí. Vamos embora.

A possibilidade de ser aceite poderia perder-se, se lhe dissesse que não.

– Está bem. – Desceram da torre e ele voltou a conduzi-la à baía, fazendo-lhe sinal para ir à frente com o barco. Ela dirigiu-se para sul, até ao labirinto de estuários e baixou a cabeça ao entrar no túnel de vegetação do seu canal. O barco dele mal cabia por entre o mato e era, decididamente, demasiado azul e branco para aquela selva, mas lá foi avançando, raspando ruidosamente o casco nos ramos.

Ao entrarem na lagoa, as suas águas transparentes e sombrias pareciam refletir todos os delicados detalhes dos ramos cobertos de musgo e das folhas em tons vibrantes de verde. Libelinhas e garças-brancas levantaram voo, por instantes, surpreendidas por aquele estranho barco, e voltaram a poisar graciosamente, batendo as asas em silêncio. Kya amarrou o barco e Chase levou o seu até à margem. A grande garça azul, que há muito aceitara a

presença dos menos selvagens, ficou imóvel como uma cegonha, apenas a escassos metros dele.

A roupa lavada, composta por jardineiras coçadas e *t-shirts*, estava pendurada a trouxe-mouxe na corda e havia já tantos nabos espalhados pela floresta que era difícil perceber onde terminava o jardim e começava a selva.

Ele olhou para o alpendre, protegido por redes remendadas e perguntou:

– Há quanto tempo vives aqui sozinha?

– Não me lembro bem quando o meu pai se foi embora, mas há uns dez anos, creio eu.

– Bestial. Viver aqui sem pais a mandarem em ti.

Kya não reagiu a não ser para lhe dizer:

– Não há nada para ver, lá dentro. – Mas ele já estava a subir os degraus de tijolo e madeira. A primeira coisa que viu foi a vasta coleção de espécimes que cobria as prateleiras feitas à mão. Mesmo atrás da rede, estava uma colagem da vida vibrante do pantanal.

– Foste tu que fizeste tudo isto? – perguntou ele.

– Fui.

Ele olhou brevemente para algumas borboletas, mas depressa perdeu o interesse nelas, pensando para consigo mesmo: *para quê colecionares coisas que podes ver à saída da porta?*

O seu pequeno colchão, no chão do alpendre, tinha uma coberta mais puída que um velho roupão de banho, mas a cama estava cuidadosamente feita. Deram mais alguns passos e chegaram à minúscula sala de estar com o sofá afundado. Depois, Chase foi espreitar ao quarto dos fundos, em cujas paredes voavam penas de todas as cores, tamanhos e feitios.

Ela fez-lhe sinal para entrar na cozinha, pensando no que poderia oferecer-lhe. Não tinha *Coca-Cola* nem chá gelado, nem bolachas. Nem sequer biscoitos frios. Havia restos de pão de milho em cima do fogão, junto de uma panela de feijão-frade descascado e pronto a cozer para o jantar, mas

nada que se pudesse oferecer a um convidado.

Como era hábito, colocou alguns toros de lenha na fornalha do fogão de lenha. Remexeu-os um pouco com o atiçador e a lenha pegou fogo, imediatamente.

– Pronto – disse ela, de costas para ele, dando à alavanca, para puxar água, e enchendo a chaleira amolgada – um quadro dos anos vinte em plena década de sessenta. Não havia água corrente, nem eletricidade, nem casa de banho. A banheira de latão, com a borda amolgada e enferrujada, estava a um canto da cozinha. O armário isolado da comida continha restos cuidadosamente cobertos com toalhas de chá, e o frigorífico arredondado estava escancarado com um mata-moscas na porta. Chase nunca vira nada assim.

Depois deu à bomba e viu água cair na bacia de esmalte que servia de lava-loiças; tocou na lenha cuidadosamente empilhada contra o fogão. A única luz que havia, provinha de algumas lanternas de querosene, com as chaminés cobertas de fuligem acinzentada.

Chase era a primeira pessoa que Kya recebia depois de Tate, que lhe parecera tão natural e condescendente como as outras criaturas do pantanal. Mas com Chase sentia-se exposta, como se alguém estivesse a cortá-la em filetes, como um peixe. Sentia a vergonha crescer dentro de si. Estava de costas para ele, mas sentia-o mover-se pela sala, seguido dos habituais rangidos do soalho. Ele aproximou-se por trás dela e abraçou-a ao de leve, encostando os lábios ao seu cabelo. Kya conseguia sentir a sua respiração junto da orelha.

– Ninguém que eu conheça conseguiria viver aqui sozinho, desta maneira, Kya. A maior parte dos miúdos – mesmo os mais velhos – teriam medo de aqui viver.

Ela pensou que ele a fosse beijar, mas ele deixou cair os braços e foi sentar-se à mesa.

– O que pretendes de mim? – perguntou ela. – Diz-me a verdade.

– Escuta, não te vou mentir. Tu és linda, livre e selvagem como um furacão. Naquele dia, queria aproximar-me tanto quanto possível de ti. Quem não o desejaria? Mas não está certo. Eu não devia ter-me comportado daquela forma. Só quero estar contigo, ok? Para nos conhecermos melhor.

– E depois?

– Depois veremos como nos sentimos. Não farei nada, a menos que tu me digas que queres. Que tal?

– Acho bem.

– Tu disseste que tinhas uma praia. Vamos à praia.

Ela cortou alguns pedaços do pão de milho que sobrara, para as gaivotas, e seguiu pelo trilho, à frente dele, até chegarem à extensa praia de areias claras e mar brilhante. Ela emitiu o seu chamado suave e as gaivotas apareceram, voando em círculos por cima dela e à volta dos seus ombros. *Big Red*, o grande macho, poisou na areia e começou a andar para trás e para diante, junto dos seus pés.

Chase, que estava a pouca distância, viu-a desaparecer no meio daquela espiral de aves. Não esperava sentir nada por aquela rapariga descalça, estranha e selvagem, mas ao vê-la rodopiar pela areia, com aves nas pontas dos dedos, a sua autoconfiança e a sua beleza intrigaram-no. Nunca conhecera ninguém como Kya e isso estava a despertar nele curiosidade e desejo. Quando ela voltou para junto dele, ele perguntou-lhe se podia voltar no dia seguinte, prometendo-lhe não lhe dar sequer a mão, e dizendo-lhe que apenas queria estar perto dela.

Ela acenou-lhe simplesmente com a cabeça. Era a primeira vez que sentia esperança, desde que Tate partira.

A Visita de Patti Love

1969

Alguém bateu suavemente à porta do gabinete do Xerife. Joe e Ed levantaram os olhos quando a mãe de Chase, Patti Love Andrews apareceu junto da porta de vidro fosco, com um ar sombrio e destroçado, de vestido e chapéu preto, com o cabelo grisalho preso num carrapito, e um tom de batom convenientemente desmaiado. Ainda assim reconheceram-na.

Ambos se levantaram e Ed abriu-lhe a porta.

– Viva, Patti Love. Entra. Senta-te. Posso oferecer-te um café?

Ela olhou para as canecas meio-vazias, com gotas de café a escorrem das bordas.

– Não, obrigada, Ed – disse ela, sentando-se na cadeira que Joe lhe ofereceu. – Já têm alguma pista? Conseguiram mais alguma informação, depois de receberem o relatório do laboratório?

– Não, não temos. Estamos a passar tudo a pente fino. Se descobrirmos alguma coisa, tu e Sam serão os primeiros a saber.

– Mas não foi um acidente, pois não? Eu sei que não foi um acidente. O Chase jamais teria caído da torre sozinho. Vocês sabem que ele era extremamente atlético e inteligente.

– Concordamos que há provas suficientes para se suspeitar de crime, mas trata-se de uma investigação em curso, sobre a qual ainda não há nada de concreto. Tu disseste que tinhas algo para nos contar.

– Sim e acho que é importante. Patti Love olhou para Ed e depois para Joe e de novo para Ed. – O Chase usava sempre um colar com uma concha. Usou-o durante anos. Eu sei que ele o tinha posto na noite em que foi à torre. Eu e Sam convidámo-lo para jantar. Lembro-me de vos ter falado disso. Pearl

não pôde ir porque era a sua noite de bridge. Ele tinha o colar posto mesmo antes de ir para a torre. Mas depois... quando o vimos na clínica, já não o tinha. Eu deduzi que o médico legista lho tivesse tirado, por isso não falei nisso, na altura, e com os preparativos do funeral, acabei por me esquecer. Mas há dias, fui a Sea Oaks e pedi ao médico legista que fosse buscar os pertences de Chase – os seus objetos pessoais. Eles tinham ficado com eles, para serem processados no laboratório, mas eu queria pegar-lhes. Tocar no que ele usara nessa noite. Por isso, deixaram-me examiná-los, sentada a uma mesa. O colar não estava lá, Xerife. Perguntei ao médico legista se lho tinha tirado e ele disse-me que não, que nunca vira colar nenhum.

– Isso é muito interessante – disse Ed. – Era feito de quê? Talvez se tenha soltado quando ele caiu.

– Era um fio de couro, com uma concha pendurada. O fio era suficientemente comprido para ele o enfiar pela cabeça, mas não lhe ficava largo e estava preso com um nó. Não vejo como poderia ter-lhe saltado do pescoço.

– Concordo. O fio de couro é resistente e os nós ficam apertados, normalmente – disse Ed.

– Porque o usava sempre? Teria sido feito por alguém especial que lho ofereceu?

Patti Love ficou em silêncio e desviou os olhos para um dos lados da secretária do Xerife. Estava relutante em falar porque nunca admitira que o filho se envolvera com a escumalha do pantanal. É claro que corriam rumores pela aldeia de que Chase mantivera uma relação com a Miúda do Pantanal, durante mais de um ano, antes do seu casamento, e até mesmo depois – achava Patti – mas quando os amigos a questionavam sobre essas histórias, ela negava-as sempre. Porém, agora era diferente. Agora tinha de falar no assunto, porque sabia que essa mulher estava, de alguma forma, envolvida na sua morte.

– Sim, eu sei quem fez o colar ao Chase. Foi aquela mulher que anda por aí naquele velho barco amolgado, há anos. Foi ela que o fez e lho ofereceu, na altura em que se envolveram os dois.

– Estás a referir-te à Miúda do Pantanal? – perguntou o Xerife.

Joe disse:

– Tem-la visto, ultimamente? Já não é nenhuma miúda. Deve ter, agora, uns vinte e três anos e está bem bonita.

– A Clark? Só para esclarecer – disse Ed, de sobrolho franzido.

– Não sei o nome dela, se é que o tem – disse Patti Love. As pessoas chamam-lhe Miúda do Pantanal. Vendeu mexilhões a Saltos, durante anos.

– Certo. Estamos a falar da mesma pessoa. Continua.

– Eu fiquei abalada quando o médico legista disse que Chase não tinha o colar posto e ocorreu-me que ela é a única pessoa que teria algum interesse em tirar-lho. Chase tinha terminado a relação com ela e casou com Pearl. Como não o podia ter, talvez o assassinasse e lhe arrancasse o colar do pescoço.

Patti Love estremeceu ligeiramente e tentou recuperar o fôlego.

– Compreendo. A informação que nos estás a dar é muito importante e merece ser investigada, mas não nos precipitemos – disse Ed. – Tens a certeza de que foi ela que lho deu?

– Sim, tenho a certeza, porque o Chase não queria contar-me, mas acabou por se abrir comigo.

– Sabes mais alguma coisa acerca do colar ou da relação deles?

– Sei muito pouco acerca disso. Nem sequer sei, ao certo, quanto tempo estiveram juntos. Talvez ninguém saiba. Ele era bastante reservado acerca disso. Como vos disse, recusou-se a contar-me durante meses. Depois de ele me contar, eu ficava sempre na dúvida se ele ia sair de barco com ela ou com os amigos.

– Prometo-te que vamos investigar isso.

– Obrigada. Tenho a certeza de que isto é uma pista. – Levantou-se para se ir embora e Ed abriu-lhe a porta.

– Volta sempre que precisares de falar, Patti Love.

– Adeus Ed, adeus Joe.

Ed voltou a sentar-se, depois de fechar a porta, e Joe perguntou-lhe:

– O que te parece?

– Se alguém tirou o colar a Chase na torre, teria de ter estado, pelo menos, no local do crime, e até acho possível que alguém do pantanal se envolvesse numa coisa destas – eles regem-se pelas suas próprias leis – mas duvido que alguma mulher conseguisse empurrar um tipo entroncado como Chase, para aquele buraco.

– Ela poderia tê-lo atraído lá cima. Bastaria abrir a grelha, antes de ele lá chegar e empurrá-lo antes mesmo de ele a ver, quando ele fosse ao seu encontro na escuridão – disse Joe.

– É possível. Não seria fácil, mas é possível. Mas a *falta* de um colar com uma concha, não me parece, propriamente, uma grande pista – disse o Xerife.

– Neste momento, é a única que temos, para além da *ausência* de pegadas e das misteriosas fibras vermelhas.

– Certo.

– Só não entendo uma coisa – disse Joe. – Por que motivo se daria ela ao trabalho de lhe tirar o colar? Ok. Como foi enganada, até podia estar danada para o matar, embora isso me pareça um pouco rebuscado, mas porquê tirar-lhe o colar se isso a implicaria claramente no crime?

– Sabes como é. Em todos os casos de homicídio, parece sempre haver qualquer coisa que não faz sentido. As pessoas fazem asneiras. Talvez ela se sentisse indignada e furiosa por ele continuar a usar o colar e não lhe parecesse nada demais arrancar-lho do pescoço depois de cometer o homicídio. Não lhe deve ter ocorrido que alguém poderia relacionar o colar

com ela. As tuas fontes confirmaram que o Chase tinha um esquema qualquer no pantanal. Talvez não fossem drogas, mas sim uma mulher, como tu próprio disseste – essa mulher.

– Um outro tipo de droga – disse Joe.

– Os habitantes do pantanal sabem cobrir pistas, porque laçam animais, montam armadilhas, seguem rastros, e por aí adiante. Não perdemos nada se lá formos ter uma conversa com ela. Perguntar-lhe onde estava nessa noite. Podemos interrogá-la acerca do colar para ver até que ponto isso a afeta.

– Sabes como se vai até casa dela? – perguntou Joe.

– De barco não sei bem, mas creio que conseguirei lá chegar de carrinha, seguindo por aquela estrada sinuosa, que passa por uma série de lagoas. Há tempos, tive de lá ir várias vezes falar com o pai dela. Esse era uma bela prenda.

– Quando é que lá vamos?

– Amanhã, ao nascer do dia, para ver se conseguimos lá chegar antes de ela sair. Mas antes disso, o melhor é irmos à torre procurar esse colar com atenção. Quando Deus quer, sempre lá esteve.

– Não vejo como. Vasculhámos tudo à procura de pegadas, marcas de pneus e outras pistas.

– Ainda assim, temos de o fazer. Vamos.

Mais tarde, depois de passaram a lama a pente fino, com ancinhos e os próprios dedos, concluíram que o colar da concha não estava lá.

A luz pálida do amanhecer surgiu por baixo de nuvens pesadas e baixas, enquanto Ed e Joe percorriam o trilho do pantanal, na esperança de chegar a casa da Miúda do Pantanal, antes de ela sair de barco para qualquer lado. Por diversas vezes, viraram na direção errada, acabando por meter-se em trilhos sem saída ou topar com uma qualquer cabana decrépita. Ao aproximarem-se de uma dessas cabanas, alguém gritou:

– O Xerife!

Seguiu-se uma debandada de corpos seminus. Fugiam em todas as direções por entre os espinheiros.

– Malditos drogados – disse o xerife. – Os contrabandistas, pelo menos, não largam a roupa que trazem vestida.

Finalmente, chegaram ao longo caminho para a cabana de Kya.

– É aqui – disse Ed.

Virou a enorme carrinha para o caminho e avançou devagar em direção à cabana, acabando por parar a cerca de quinze metros da porta. Ambos saíram silenciosamente da carrinha. Ed bateu na armação de madeira da porta de rede.

– Está alguém em casa? – Como não obteve resposta voltou a tentar. Esperaram dois ou três minutos. – Vamos dar uma vista de olhos às traseiras, para ver se o barco dela lá está.

– Não. Aquele parece ser o tronco onde ela amarra o barco. Já saiu. Raios me partam – disse Joe.

– Pois. Ouviu-nos chegar. Até um coelho deve conseguir ouvir a dormir.

Da segunda vez, foram antes do nascer do sol, estacionaram a carrinha, no caminho, bem longe da casa, e viram o barco amarrado ao tronco. Mas também ninguém lhes abriu a porta.

Joe sussurrou.

– Estou com a sensação de que ela está aqui mesmo, a observar-nos. Tu não? Deve estar bem perto nós, agachada atrás dos palmitos. Sinto-o. – Virou a cabeça e esquadrinhou os espinheiros.

– Isto não vai resultar. Se descobirmos mais alguma coisa podemos pedir um mandato. Vamos embora daqui.

Michael Row The Boat Ashore

1965

Na primeira semana que passaram juntos, Chase ia à lagoa de Kya quase todos os dias, depois de largar o trabalho, na Western Auto, e exploravam canais distantes ladeados de carvalhos. No sábado de manhã, ele levou-a numa expedição até um ponto remoto da costa, onde ela nunca tinha estado, por ser demasiado distante para o seu pequeno barco. Ali, em vez dos estuários e das grandes extensões de erva do pantanal, as águas transparentes estendiam-se a perder de vista, por entre uma floresta aberta e luminosa de ciprestes. Garças brancas e cegonhas passeavam-se por entre nenúfares e plantas aquáticas tão verdes que pareciam brilhar. Eles sentaram-se nas grandes excrescências de um cipreste, semelhantes a poltronas, e comeram sanduíches de pimento e batatas fritas, sorrindo ao verem alguns gansos deslizarem na água, por baixo dos seus pés.

Tal como a maioria das pessoas, Chase encarava o pantanal como um local para andar de barco, pescar ou drenar para exploração agrícola, por isso o facto de Kya conhecer todas as suas criaturas, correntes e plantas intrigava-o. Mas desdenhava do seu toque suave, sempre que ela conduzia o barco a baixa velocidade, passando silenciosamente por veados, ou falava em voz baixa junto dos ninhos de aves. Não tinha nenhum interesse em aprender a identificar penas e conchas, e questionava-a sempre que ela fazia anotações no seu diário, ou recolhia espécimes.

– Porque estás a pintar ervas? – perguntou-lhe ele um dia, na cozinha.

– Estou a pintar as suas flores.

Ele riu-se.

– As ervas não dão flor.

– Claro que dão. Olha para estas flores. São minúsculas, mas lindas. Cada espécie de erva produz uma flor ou uma inflorescência.

– O que vais fazer com tudo isso?

– Vou manter registos, para aprender mais sobre o pantanal.

– Só precisas de saber quando e onde morde o peixe. E isso posso eu dizer-te – disse ele.

Ela riu-se para não o melindrar, coisa que nunca antes fizera, abrindo mão de mais uma parte de si, só para poder estar com alguém.

Nessa tarde, depois de Chase se ir embora, Kya saiu sozinha para o pantanal, mas não se sentia sozinha. Acelerou um pouco mais do que o habitual, com os longos cabelos ao vento, e um ligeiro sorriso nos lábios. O simples facto de saber que iria voltar a vê-lo em breve, que iria poder estar com alguém, elevou-lhe o espírito a um novo patamar.

Depois, ao percorrer uma curva de erva alta, viu Tate, mais adiante. Ele estava a uma distância considerável – talvez a uns quarenta metros – e não ouvira o motor do seu barco. Kya largou imediatamente o acelerador, desligou o motor, agarrou no remo e remou para trás, escondendo-se na erva alta.

– De regresso a casa depois da universidade – sussurrou. Vira-o algumas vezes ao longo dos anos, mas nunca tão de perto. E agora ali estava ele, com o seu cabelo rebelde em conflito aberto com outro boné vermelho. Bronzeado, como sempre.

Estava de calças de pesca e caminhava pela água, numa lagoa, recolhendo amostras de água em pequenos frascos. Já não eram os velhos frascos de geleia que usavam quando eram apenas dois miúdos pé-descalço, mas pequenos tubos que tilintavam num suporte especial de transporte. Profissional. Demasiado profissional para ela.

Kya não se afastou imediatamente e ficou a observá-lo durante algum

tempo. Talvez todas as raparigas recordassem o seu primeiro amor, pensou. Depois, suspirou longamente e regressou, a remos, pelo mesmo caminho.

No dia seguinte, quando Chase e Kya percorriam a costa em direção a norte, quatro golfinhos vieram ao seu encontro e seguiram-nos. Estava um dia cinzento e os dedos de nevoeiro brincavam com as ondas. Chase desligou o motor, deixou o barco flutuar ao sabor das ondas, pegou na harmónica e tocou a velha melodia de *Michael Row The Boat Ashore*, uma cantiga nostálgica e melodiosa, cantada por escravos, nos barcos a remos que levavam de Sea Islands, na Carolina do Sul, para o continente, na década de 1860. A mãe costumava cantá-la, enquanto esfregava o chão, e Kya lembrava-se mais ou menos da letra. Os golfinhos aproximaram-se, como que inspirados pela música, e nadaram à volta do barco, de olhos vivos fixos em Kya. Depois, dois deles empinaram-se contra o casco. Ela curvou-se, até ficar com o rosto a escassos centímetros do focinho deles, e cantou baixinho:

*«Sister, help to trim dat boat, hallelujah
Brudder lend a helpin' hand, hallelujah.
Ma fader gone to unknown land, hallelujah.
Michael, row the boat ashore, hallelujah.*

*Jordon's river is deep and wide,
Meet my mother on the other side, hallelujah.
Jordon's river is chilly and cold
Chills the body but not the soul, hallelujah.»*

Os golfinhos olharam para Kya durante mais alguns instantes e recuaram, voltando a mergulhar no mar.

Nas semanas seguintes Chase e Kya preguiçaram com as gaiivotas, deitados na areia ainda quente do sol, ao anoitecer. Chase nunca a levava ao

cinema nem a bailes na cidade – o mundo eram eles os dois, o pantanal, o mar e o céu. Também nunca a beijava, limitando-se a dar-lhe a mão ou a envolver-lhe delicadamente os ombros com o braço, no ar fresco do crepúsculo.

Uma noite, Chase ficou até muito depois de escurecer. Embrulharam-se num cobertor e deixaram-se ficar os dois sentados na praia, sob o céu estrelado, de ombros ligeiramente encostados um ao outro, junto de uma pequena fogueira. Como todas as fogueiras, as chamas projetavam luz nos seus rostos e sombras no areal atrás deles. Ele olhou-a nos olhos e perguntou-lhe:

– Posso beijar-te, agora? – Ela acenou com a cabeça. Ele baixou-se e beijou-a, primeiro delicadamente e depois como um homem.

Deitaram-se no cobertor e ela chegou-se tanto quanto possível para junto dele, para sentir seu corpo forte. Ele envolveu-a firmemente nos seus braços, mas apenas lhe tocou nos ombros com as mãos. Nada mais. Kya respirou fundo, e desfrutou do calor, do cheiro dele e do mar, daquela sensação de união.

Apenas alguns dias depois, Tate, que ainda não regressara à universidade, conduziu velozmente o seu barco em direção ao canal de Kya. Era a primeira vez que o fazia em quatro anos. Continuava a não entender porque não voltara a ir ter com ela antes. Agira, basicamente, como um cobarde acabrunhado. Mas decidira finalmente procurá-la, dizer-lhe que nunca deixara de a amar e suplicar-lhe que lhe perdoasse.

Ao longo daqueles quatro anos de universidade, convencera-se a si próprio de que Kya não conseguiria adaptar-se ao mundo académico, onde ele queria integrar-se, e tentara esquecê-la durante toda a licenciatura – de resto, distrações femininas não faltavam em Chapel Hill. Mantivera até algumas relações de longa duração, mas ninguém se comparava a Kya, e

depois de estudar o ADN, os isótopos e os protozoários, Tate aprendeu também que precisava dela como de ar para respirar. É certo que Kya não poderia viver no mundo universitário onde ele procurara integrar-se, mas agora ele poderia voltar a viver no mundo dela.

Já tinha tudo planeado. O professor dissera-lhe que ele poderia terminar a universidade nos próximos três anos, porque acompanhara a pesquisa para a sua tese de doutoramento, durante a licenciatura, e esta estava praticamente pronta. Mais recentemente, Tate soubera que iam construir um laboratório federal de pesquisa, perto de Sea Oaks, e que tinha excelentes hipóteses de ser contratado a tempo inteiro, como cientista de investigação. Ninguém no mundo reunia melhores condições para o cargo: Tate estudara o pantanal local, durante uma boa parte da sua vida, e em breve teria o doutoramento para o apoiar. Dentro de poucos anos poderia viver ali, no pantanal, com Kya, e trabalhar no laboratório. Casar com ela, se ela o aceitasse.

Enquanto saltava sobre as ondas, em direção ao canal de Kya, Tate viu o barco dela passar velozmente, em direção a sul, numa rota perpendicular à sua. Largou o leme e esticou ambos os braços, acenando freneticamente, para chamar a sua atenção. Gritou pelo nome dela, mas ela estava a olhar para leste. Tate olhou nessa direção e viu o barco de esqui aquático de Chase descrever uma curva na direção ao dela. Deixou-se ficar para trás e viu Chase e Kya circundarem-se um ao outro num mar cinzento-azulado. Pareciam descrever círculos cada vez mais pequenos, como águias a cortejarem-se em pleno voo, deixando esteiras turbulentas atrás de si.

Tate observou-os quando, finalmente, se encontraram, e viu-os tocarem nos dedos um do outro, sobre as águas agitadas. Soubera dos rumores que corriam, através dos seus velhos amigos de Barkley Cove, mas esperava que fossem falsos. Percebia o que poderia levar Kya a apaixonar-se por um homem atraente e certamente romântico como Chase, que a passeava no seu belo barco e lhe oferecia piqueniques chiques. Mas ela não fazia a mínima

ideia da vida que ele levava na cidade – que namorava e cortejava outras jovens, em Barkley, e até em Sea Oks.

– Mas quem sou eu para dizer alguma coisa? Eu não a tratei melhor. Faltei à minha promessa e nem sequer tive coragem para terminar a relação com ela.

Baixou a cabeça e voltou a olhar de relance para eles, no preciso momento em que Chase se inclinava para a beijar.

– Kya, Kya – pensou. – Como pude eu abandonar-te? – Depois acelerou lentamente o barco e virou-o em direção ao porto da cidade, para ajudar o pai a pôr a pescaria em caixas e carregá-la.

Alguns dias mais tarde, Kya, que nunca sabia quando Chase iria aparecer, deu consigo atenta ao ruído do motor do seu barco, tal como fazia com Tate. Quer estivesse a mondar o jardim, a cortar lenha para o fogão ou a apanhar mexilhões, inclinava, de vez em quando a cabeça, para ver se ouvia alguma coisa.

– Abre-me bem esses ouvidos – costumava dizer Jodie.

Cansada do peso suplementar da esperança, embalou a mochila com biscoitos para três dias, lombo frio e sardinhas, e foi até à cabana de madeira, em ruínas ou a «cabana das leituras», como gostava de lhe chamar. Nesse local verdadeiramente remoto, podia deambular, recolher todos os espécimenes que quisesse, ler palavras ou a vida selvagem. Não ter de esperar ouvir o ruído de alguém a aproximar-se era libertador. Vantajoso até.

Junto de uma moita de chaparraís, muito perto da cabana, Kya encontrou a minúscula pena do pescoço de uma mobelha-pequena e deu uma sonora gargalhada. Toda a sua vida desejara ter aquela pena. E ali estava ela à sua espera, ali mesmo, ao virar da esquina, rio abaixo.

Ia para ali, sobretudo, para ler. Depois de Tate a abandonar, anos antes,

deixara de ter acesso a livros, por isso, uma manhã passou por Point Beach de barco e percorreu mais dezasseis quilómetros até Sea Oaks, uma cidade ligeiramente maior e muito mais elegante do que Barkley Cove.

Saltos dissera-lhe que qualquer pessoa podia levantar livros na biblioteca da cidade. Duvidava que isso se aplicasse a um habitante do pântano, mas estava decidida a descobrir.

Atracou o barco à doca da cidade e atravessou o largo ladeado de árvores, com vista para o mar. Ninguém olhou para ela, ninguém ficou a segredar nas suas costas, nem a mandou afastar-se das montras, no caminho para a biblioteca. Ali não era a Miúda do Pantanal.

Entregou uma lista de livros da universidade à bibliotecária, a Sra. Hines.

– Importa-se de me ajudar a encontrar *Os Princípios da Química Orgânica*, de Geisman, *Zoologia dos Invertebrados*, de Barnes, e *Os Princípios Fundamentais da Ecologia*, de Eugene Odum... – Vira esses títulos referenciados na bibliografia de um dos últimos livros do liceu que Tate lhe dera, antes de partir para a universidade.

– Oh meu Deus. Teremos de os pedir emprestados à biblioteca da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill.

De regresso à cabana, Kia sentou-se cá fora e pegou numa revista científica. A revista tinha um artigo sobre estratégias reprodutivas que se chamava «Sacaninhas Matreiros», o que lhe arrancou uma gargalhada.

«Como é do conhecimento geral», começava por se ler no artigo, «são, normalmente, os machos mais experientes, com características sexuais secundárias mais evidentes, como por exemplo as armações, o tom das vocalizações ou a largura do peito, que conseguem os melhores territórios, uma vez derrotados os machos mais débeis. As fêmeas preferem acasalar com esses imponentes machos alfa e são, dessa forma, inseminadas com o melhor ADN, que transmitem às suas crias, assegurando-lhes, para além disso, o melhor território. Este é um dos mais poderosos fenómenos de adaptação e

sobrevivência das espécies.

Contudo, alguns machos mais raquíticos, não tão fortes, nem tão ornamentados, e sem a aptidão necessária para conservarem bons territórios, socorrem-se de inúmeros truques para enganar as fêmeas. Pavoneiam-se em redor destas, assumindo posturas dominantes e gritam frequentemente – apesar do tom estridente das suas vocalizações – conseguindo copular algumas vezes, graças a esse tipo de simulações e sinais falsos. As rãs-touro mais pequenas agacham-se na erva e escondem-se perto de um macho alfa, que esteja a coaxar entusiasmado, para atrair companheiras. As suas potentes vocalizações acabam por atrair várias fêmeas, ao mesmo tempo, e o macho mais fraco aproveita para copular com uma delas, enquanto o alfa está entretido a copular com uma das outras». O autor chamava a esses impostores «sacaninhas matreiros.»

Muitos anos antes, Kya lembrava-se de ouvir a mãe dizer às irmãs que se acautelassem com jovens que fizessem demasiado barulho com o motor das suas *pickups* ferrugentas ou conduzissem chaços velhos com o radio aos berros.

– Os rapazes sem préstimo fazem muito barulho – dizia-lhes ela.

Depois, leu uma nota reconfortante para as fêmeas: «Mas a natureza é audaciosa e os machos que andam a saltar de fêmea em fêmea acabam quase sempre por ficar sozinhos.»

Outro artigo abordava o tema da rivalidade entre tipos de esperma, na vida selvagem. «Em quase todas as formas de vida, os machos competem entre si para inseminar fêmeas. Os leões lutam, por vezes, até à morte e os elefantes-touro rivais cruzam as presas e rasgam a pele uns dos outros, revolvendo o solo por baixo das suas patas. Embora bastante ritualizados, esses conflitos podem resultar em mutilações.

Para evitar esses ferimentos, os machos dominantes de algumas espécies competem de forma menos violenta e mais criativa. Os insetos são os mais

imaginativos. O pênis das donzelinhas macho está provido de uma pequena colher que remove o esperma ejaculado pelo anterior adversário, antes de este fornecer o seu.»

Kya largou a revista no colo, e olhou contemplativamente para as nuvens. Os insetos fêmea comiam os seus companheiros, algumas mães da classe dos mamíferos abandonavam as suas crias, e inúmeros machos engendravam formas arriscadas ou matreiras de fazer prevalecer o seu esperma sobre o dos seus rivais. Nada parecia demasiado indecoroso, desde que assegurasse a sobrevivência da espécie. Kya sabia que não se tratava de um lado negro da natureza, apenas formas inventivas de subsistir contra todas as expectativas. Para os humanos seria certamente mais do que isso.

Depois de visitar Kya três dias seguidos, sem nunca a encontrar, Chase começou a combinar com ela horas e dias certos para ir visitá-la à cabana ou encontrar-se com ela nesta ou naquela praia, e chegava sempre a horas. Kya conseguia vê-lo à distância, a cortar as ondas com o seu barco de cores garridas, como as penas vibrantes da plumagem de acasalamento de um macho, e sabia que ele só lá ia para estar com ela.

Depois, começou a imaginar-se num piquenique com ele e com os amigos. Corriam para as ondas e pontapeavam a espuma, entre gargalhadas. Ele erguia-a no ar e rodopiava com ela e depois sentavam-se com os outros e partilhavam sanduíches e bebidas que iam tirando das geleiras. Pouco a pouco, e embora tentasse resistir-lhes, foram-lhe surgindo também imagens de casamento e filhos. *Talvez seja um impulso biológico para que eu reproduza*, disse para consigo mesma. E porque não? Porque não poderia ter entes queridos como outra pessoa qualquer?

Porém, sempre que tentava perguntar-lhe quando iria apresentá-la aos amigos e aos pais, as palavras ficavam-lhe presas na garganta.

Um dia, alguns meses depois de se conheceram, enquanto flutuavam ao

largo, ele disse-lhe que o mar estava perfeito para nadarem.

– Eu não olho – disse-lhe ele. – Despe-te e salta para a água que eu salto a seguir. Ela estava à frente dele, a tentar equilibrar-se no barco. Quando despiu a *t-shirt* pela cabeça, ele não se virou. Levou a mão aos seus seios firmes e acariciou-os ao de leve com os dedos, mas ela não o impediu de o fazer. Ele puxou-a e abriu-lhe o fecho dos calções, que deslizaram facilmente das suas ancas magras. Depois, tirou a camisa e os calções e empurrou-a delicadamente para cima das toalhas.

Ajoelhou-se a seus pés, sem dizer uma palavra, e passou-lhe muito ao de leve os dedos pelo tornozelo esquerdo, até à parte interior do joelho, movendo-os lentamente pelo lado de dentro da coxa. Ela ergueu o corpo na direção da sua mão. Os seus dedos demoraram-se ao cimo das suas coxas e roçaram-lhe pelas cuecas, deslizando depois, delicadamente, sobre a sua barriga. Ela sentiu-os moverem-se sobre o seu estômago na direção dos seus seios, e desviou o corpo dele. Ele encostou-a firmemente ao chão e levou os dedos a um dos seus seios, contornando lentamente o mamilo com um dedo. Depois, olhou para ela sem sorrir, baixou a mão e repuxou-lhe o elástico das cuecas. Ela desejava-o, desejava-o de corpo e alma e começou por pressionar o corpo contra o dele. Porém, segundos depois, deu-lhe a mão.

– Vá lá, Kya – disse ele. Já esperámos demasiado tempo. Estou a ser bastante paciente, não achas?

– Tu prometeste, Chase.

– Raios, Kya. De que é que estamos à espera? – Endireitou-se. – Certamente que te demonstrei que gosto de ti. Porque não?

Ela sentou-se e puxou a *t-shirt* para baixo.

– E depois, o que vai acontecer? Como posso ter a certeza de que não me abandonas?

– Como pode alguém ter a certeza disso? Mas eu não me vou embora, Kya. Estou a apaixonar-me por ti. Quero estar sempre contigo. O que mais

tenho de fazer para to demonstrar?

Ele nunca antes lhe falara em amor. Kya perscrutou-lhe o olhar, à procura da verdade, mas tudo o que viu foi um olhar duro e inescrutável. Não sabia ao certo o que sentia por Chase, mas já não se sentia sozinha e isso parecia-lhe o suficiente.

– Em breve, está bem?

Ele puxou-a contra si.

– Está bem. Anda cá. – Abraçou-a e deitaram-se os dois ao sol, deixando-se flutuar à deriva, embalados pelo ruído cadenciado das ondas no casco.

O dia esgotou-se e a noite caiu pesadamente, com as luzes da aldeia a dançar à distância. As estrelas cintilavam naquele mundo de mar e céu.

Chase disse:

– Porque será que as estrelas cintilam?

– Turbulências na atmosfera. Ventos atmosféricos altos, percebes?

– Ah sim?

– Certamente que sabes que há estrelas que estão demasiado distantes para que as possamos ver. Apenas vemos a sua luz que pode ser distorcida pela atmosfera. É claro que as estrelas não estão paradas; elas movem-se a grande velocidade.

Kya sabia, pelos livros que lera de Albert Einstein, que o tempo era tão dinâmico como as estrelas. O tempo deslocava-se velozmente em torno de planetas e sóis e era diferente em montanhas e vales, mas fazia parte do mesmo tecido que o espaço, que ondulava e se encrespava como o mar. Os objetos – fossem eles planetas ou maçãs – caíam ou orbitavam, não devido à energia gravitacional, mas porque se precipitavam nas dobras acetinadas do espaço-tempo, geradas por objetos de maior massa, como se caíssem na ondulação de um lago.

Mas não lhe disse nada disso. Infelizmente, a mente humana pouca importância dá à gravidade e os manuais do liceu continuavam a ensinar que

as maçãs caem para o chão devido a uma poderosa força, vinda da terra.

– Sabes uma coisa? – disse Chase. – Pediram-me que ajudasse a treinar a equipa de futebol do liceu.

Ela sorriu-lhe. Depois pensou para consigo mesma: *como tudo o mais, no universo, pendemos para o lado dos objetos de maior massa.*

Na manhã seguinte, numa das suas raras viagens ao Piggly Wiggly, para comprar artigos íntimos, que Saltos não vendia, Kya quase chocou com os pais de Chase – Sam e Patti Love – à entrada do minimercado. Eles sabiam quem ela era. Todos sabiam.

Vira-os algumas vezes na cidade, ao longo dos anos, mas quase sempre à distância. Sam estava geralmente atrás do balcão da Western Auto, a atender clientes ou abrir a registadora. Kya lembrava-se de ele a enxotar da montra em criança, como se ela pudesse afugentar os seus verdadeiros clientes. Patti Love não trabalhava a tempo inteiro na loja, o que lhe dava tempo para calcorrear a rua e distribuir folhetos para o Concurso Anual de Colchas ou para o Concurso de Beleza no Blue-Crab, sempre elegantemente vestida em tons pastel, de sapatos de salto alto, bolsa e chapéu a condizer. Qualquer que fosse o tema de conversa, arranjava sempre maneira de dizer que Chase era o melhor *quarterback* de sempre da cidade.

Kya sorriu timidamente e olhou Patti Love nos olhos, na esperança de que eles se dirigissem a ela de uma forma pessoal e se apresentassem, talvez reconhecendo-a como namorada de Chase. Mas eles pararam bruscamente, sem dizer uma palavra, desviaram-se dela – dando-lhe muito mais espaço do que seria necessário – e seguiram em frente.

Ao cair da noite, Kya e Chase estavam no barco dela, por baixo de um carvalho com excrescências tão grandes, acima da água, que criavam pequenas grutas para as lontras e para os patos.

Dirigindo-se a Chase num tom de voz baixo, em parte para não perturbar

os patos-reais, em parte por receio, Kya contou-lhe que encontrara os pais dele e perguntou-lhe se os poderia conhecer em breve.

Chase ficou em silêncio e ela sentiu um nó no estômago.

Por fim, disse:

– Claro que sim. Irás conhecê-los em breve, prometo. – Mas não olhou para ela ao dizê-lo.

– Eles sabem o que se passa entre nós, certo? – perguntou ela.

– Claro.

O barco devia ter-se aproximado demasiado do carvalho, pois nesse mesmo instante, um grande mocho rotundo e fofo como uma almofada de penas precipitou-se da árvore, batendo as suas grandes asas, e atravessou calmamente a lagoa em voo raso, projetando na água suaves reflexos das suas penas do peito.

Chase esticou o braço e deu a mão a Kya, como que a arrancar-lhe a dúvida dos dedos.

Durante semanas, o pôr do sol e o luar acompanharam as descontraídas incursões de Chase e Kya pelo pantanal, e ele continuou a conter-se de cada vez que ela resistia aos seus avanços. Imagens de pombas e peruas sozinhas, com a sua exigente prole, muito depois de os machos partirem para conquistar outras fêmeas, pareciam assaltar continuamente a mente de Kya.

Nada mais faziam do que deitar-se seminus dentro do barco, apesar do que as pessoas da cidade diziam. Embora Chase e Kya fossem reservados, a cidade era pequena e as pessoas viam-nos no barco dele ou nas praias. Os pescadores de camarão não perdiam pitada. Corriam rumores. Alimentavam-se mexericos.

Motel à saída de Hog Mountain Road

1966

A cabana estava silenciosa. Tudo o que se ouvia era o leve restolhar das asas dos tordos madrugadores. Uma intensa neblina de inverno estava a formar-se rente ao solo, acumulando-se junto das paredes como algodão. Utilizando o dinheiro de várias semanas de venda de mexilhão, Kya comprara mercearias especiais, fritara fatias de presunto de melaço, fizera molho *redeye*⁴ e servira-o com biscoitos de natas ácidas e compota de amora. Chase bebeu café instantâneo e ela chá gelado. Estavam juntos há quase um ano, embora nenhum deles falasse disso. Chase disse-lhe que era uma sorte o pai ser proprietário da Western Auto.

– Assim, poderemos ter uma bela casa, quando nos casarmos. Vou mandar construir uma casa de dois andares, na praia, com uma varanda à volta, ou o tipo de casa que preferires, Kya.

Kya mal conseguia respirar. Ele queria que ela fizesse parte da sua vida. Não era apenas um indício, era praticamente um pedido de casamento. Iria pertencer a alguém, fazer parte de uma família. Empertigou-se na cadeira.

Ele prosseguiu.

– Acho que não devíamos viver mesmo na cidade. Seria uma transição demasiado brusca para ti, mas podíamos mandar construir uma casa nos arredores. Perto do pantanal, percebes?

Ultimamente, ocorrera-lhe vagamente a possibilidade de se casar com Chase, mas não se atrevera a aprofundar demasiado o assunto. Mas agora ele estava a falar nisso em voz alta e, apesar de se sentir um pouco incrédula, Kya deu consigo a pensar nos detalhes, empolgada. *Eu consigo*, pensou. Se vivermos longe das pessoas, talvez resulte.

Depois, baixou a cabeça e perguntou-lhe:

– E os teus pais? Contaste-lhes?

– Tens de entender uma coisa em relação aos meus pais, Kya. Eles amam-me. Se eu lhes disser que tu és a minha escolha, é assunto encerrado. Assim que te conhecerem, vão apaixonar-se por ti.

Ela mordeu o lábio. Queria tanto acreditar nisso.

– Mandarei construir um ateliê para as tuas coisas – prosseguiu ele. – Com grandes janelas para que possas ver os detalhes de todas essas malditas penas.

Kya não sabia se sentia por Chase o que uma esposa deveria sentir, mas naquele momento, estava nas nuvens e parecia amor. Não teria de apanhar mais mexilhões.

Levou a mão ao pescoço dele e tocou no colar da concha, por baixo da garganta.

– A propósito – disse Chase. – Dentro de dias, terei de ir a Ashville de carro, comprar mercadoria para a loja, e estava aqui a pensar se gostarias de vir comigo.

Ela baixou os olhos e disse:

– Mas Ashville é uma grande cidade. Vai lá estar imensa gente. Além disso não tenho roupa adequada. Nem sei sequer qual é a roupa adequada e...

– Kya, Kya, escuta. Vais estar comigo e eu sei tudo. Não precisamos de ir a nenhum sítio elegante. Além disso, irias conhecer uma boa parte da Carolina do Norte – o Piedmont, as Great Smoky Mountains... Quando lá chegássemos poderíamos ir simplesmente a um *drive-in* comer hambúrgueres. Podes levar o que tens vestido. Não terás de falar com ninguém se não quiseses. Eu trato de tudo. Já lá fui imensas vezes. Cheguei mesmo a ir a Atlanta. Ashville não é nada. Se vamos casar, é bom que comeces também a sair um pouco para o mundo, e abras essas grandes asas.

Ela acenou com a cabeça. Pelo menos iria ver as montanhas.

Ele continuou:

– É trabalho para dois dias, por isso teremos de pernoitar por lá. Ficaremos num sítio descontraído. Num pequeno motel. Não vão levantar problemas porque somos dois adultos.

– Compreendo. – Foi tudo o que ela disse.

Kya nunca andara de carro numa estrada, por isso ia agarrada ao banco com ambas as mãos, de olhos pregados na janela, ao afastar-se para oeste de Barkley com Chase, dias depois. A estrada sinuosa estendia-se por quilómetros de palmitos e juncos, com o mar cada vez mais distante, no vidro traseiro do carro.

Durante mais de uma hora, Kya continuou a ver os prados de erva e os cursos de água, que tão bem conhecia, pela janela da carrinha. Identificou garrinchões e garças do pantanal, e as semelhanças da paisagem reconfortaram-na. Era como se não tivesse saído do pantanal. Como se o trouxesse consigo.

Mas de repente, foi como se alguém traçasse uma linha na terra e os prados do pantanal terminaram, dando lugar a terra poeirenta – terrenos mondados, divididos em carreiros, vedados em quadrados. Árvores paraplégicas erguiam-se em florestas arrasadas. Postes ligados por arames estendiam-se a perder de vista. É claro que ela sabia que o pantanal costeiro não cobria o mundo inteiro, mas nunca viajara para além dele. O que fizera a humanidade à terra? As casas assemelhavam-se todas a caixas de sapatos, acaçapadas em relvados aparados. Kya viu um bando de flamingos a alimentar-se num pátio, mas ao virar-se, surpreendida, na direção deles, viu que eram de plástico. Os veados eram de cimento e os únicos patos que viu a voar, estavam pintados em caixas do correio.

– São incríveis, não são?

– O quê?

– As casas. Nunca tinhas visto nada assim, pois não?

– Não.

Horas mais tarde, nas planícies de Piedmont, Kya viu os suaves contornos azuis dos Apalaches, na linha do horizonte. À medida que se aproximavam os picos iam crescendo em redor deles. Florestas montanhosas estendiam-se a perder de vista, em suaves ondulações.

As nuvens repousavam algum tempo ao colo das montanhas e depois subiam e afastavam-se. Alguns fiapos formavam finas espirais, percorrendo as ravinas mais quentes, à semelhança do nevoeiro que invadia os brejos húmidos do pantanal. As mesmas leis da física a atuarem em diferentes campos da biologia.

Kya era oriunda das terras baixas, uma área de horizontes, onde o pôr do sol e o nascer da lua aconteciam a horas certas. Mas naquela área de topografia confusa, o sol equilibrava-se pelos picos, escondendo-se, por instantes, atrás de uma cordilheira, para voltar a surgir quando a carrinha de Chase subia em direção a outra elevação. Nas montanhas, a hora do pôr do sol varia consoante o ponto da colina onde estivermos, pensou Kya.

Perguntou a si mesma onde ficariam as terras do avô. Talvez a sua família tivesse criado porcos num velho celeiro acinzentado, como um que vira num prado com um riacho. Uma família que deveria ter sido a sua, trabalhara, rira e chorara, em tempos, naquela paisagem. Alguns ainda deviam viver anonimamente dispersos pela região.

A estrada deu lugar a uma via rápida de quatro faixas e Kya agarrou-se bem ao banco, enquanto a carrinha de Chase avançava velozmente a escassos metros de outros veículos. Chase virou para um acesso em curva que se elevava magicamente no ar e os levou em direção à cidade.

– Uma saída em trevo – disse ele, orgulhosamente.

Enormes edifícios de oito e nove andares erguiam-se contra os contornos das montanhas. Inúmeros veículos circulavam apressadamente, como caranguejos da areia, e havia tanta gente nos passeios, que Kya esmagou o

nariz contra o vidro da janela e perscrutou os seus rostos, pensando que a mãe e o pai poderiam estar entre eles. Viu um rapaz moreno, de cabelo escuro, parecido com Jodie, a correr pelo passeio, e virou-se para o observar. É claro que o irmão deveria ter crescido, entretanto. Ainda assim, seguiu-o com os olhos, até este desaparecer numa esquina.

Chase reservou um quarto para ambos, num motel, do lado oposto da cidade, à saída de Hog Mountain Road. Um edifício térreo, castanho, com uma fiada de quartos, iluminado por néones com a forma de palmeiras, por incrível que pareça.

Depois de Chase abrir a porta, ela entrou num quarto razoavelmente limpo, a tresandar a detergente de limpeza, equipado com mobília americana barata: paredes apaineladas em imitação de madeira, uma cama afundada com um vibrador de moedas e uma televisão a preto e branco, presa à mesa com uma corrente e um cadeado incrivelmente pesados. As cobertas eram cor de lima e alcatifa felpuda, cor de laranja. Kya reviu todos os lugares onde tinham estado deitados juntos – areais cintilantes, piscinas criadas pela maré, barcos ao sabor da corrente, sob a luz do luar... Ali a peça central era a cama, mas o quarto não transmitia amor.

Ela manteve-se, intencionalmente, junto da porta.

– Não é grande coisa – disse ele, poisando o seu saco de lona em cima da cadeira.

Depois, aproximou-se dela.

– Está na altura, não achas, Kya? Está na altura.

É claro que a ideia dele sempre fora essa, mas Kya estava pronta. O seu corpo desejava-o há meses e depois de ele lhe falar de casamento, a sua mente rendera-se também, por isso assentiu.

Ele veio lentamente ao seu encontro e desabotoou-lhe a blusa, virou-a delicadamente e abriu-lhe o fecho do sutiã, percorrendo-lhe os seios com os dedos. Um calor excitante trespassou-lhe o corpo, dos seios até às coxas.

Quando ele a deitou na cama, sob a luz vermelha e verde dos néones, que se escoava através das cortinas, ela fechou os olhos. Anteriormente, de todas as vezes que ele quase lá chegara e ela o contivera, os seus dedos pareciam ganhar magia, animando-lhe partes do corpo, compelindo-a a arqueá-lo ao encontro dele, tonta de desejo e de ânsia. Mas agora que lhe dera, finalmente, permissão para avançar, ele parecia possuído por um ímpeto que o fazia ignorar as necessidades dela e a avançar à força.

A dada altura Kya sentiu que algo se rasgara e gritou, convencida de que alguma coisa estava a correr mal.

– Está tudo bem. Agora vai ser melhor – disse ele, com grande propriedade. Mas não melhorou muito e, pouco depois, ele deixou-se cair para o seu lado, a sorrir.

Depois, acabou por adormecer e Kya ficou de olhos postos nos néones intermitentes do motel.

Algumas semanas mais tarde, Chase estava sentado à mesa da cozinha, na cabana de Kya, depois de terminarem um pequeno-almoço de ovos fritos e papas de aveia com presunto. Ela aconchegara-se num cobertor, depois do sexo que não melhorara muito desde a primeira tentativa, no motel. Chase deixava-a sempre carente, mas ela não fazia a mínima ideia de como abordar o assunto, e também não sabia como deveria sentir-se. Talvez aquilo fosse o normal.

Chase levantou-se da mesa, ergueu-lhe o queixo com os dedos e beijou-a, dizendo:

– O Natal está à porta, por isso não te visitarei muito nos próximos dias. Vamos ter imensos eventos e temos familiares a chegar.

Kya olhou para ele e disse:

– Estava na esperança de... de que tu me levasses a algumas festas. Pelo menos ao jantar de Natal da tua família.

Chase voltou a sentar-se na sua cadeira.

– Escuta Kya, há algum tempo que queria falar contigo sobre isto. Gostaria de te convidar para o baile do Elks Club, e coisas do género, mas sei que és tímida, e nunca vais a lado nenhum na cidade. Sei que irias sentir-te pessimamente, porque não conheces ninguém, nem tens roupa adequada. Nem sequer sei se sabes dançar. Não é o teu tipo de coisa. Compreendes isso, não é?

Ela baixou os olhos para o chão e disse:

– Sim, tudo isso é verdade, mas eu tenho de começar a adaptar-me um pouco à tua vida. Abrir as asas, como tu disseste. Terei de arranjar roupa adequada e conhecer alguns dos teus amigos. – Levantou a cabeça. – Podias ensinar-me a dançar.

– Claro que posso. E vou ensinar-te. Mas quando penso em nós os dois, penso no que temos aqui. Adoro o tempo que passamos juntos, sozinhos. Para te dizer a verdade, estou a ficar um pouco farto daqueles bailes idiotas. É sempre a mesma coisa. Há anos que assim é. Velhos e jovens todos juntos, no ginásio do liceu, com a mesma música estúpida de sempre. Eu quero seguir em frente. Aliás, quando formos casados não faremos coisas desse tipo. Para quê arrastar-te para isso agora? Não faz sentido nenhum, percebes?

Ela voltou a olhar para o chão e ele levantou-lhe de novo o queixo e olhou-a nos olhos. Depois disse com um grande sorriso:

– Quanto ao jantar de Natal com a minha família, essas minhas tias que vêm da Flórida não se calam um bocadinho. Aturá-las é algo que não desejaria a ninguém, muito menos a ti. Não perdes nada em não ir, acredita.

Ela ficou em silêncio.

– Não quero que te sintas mal por isso, Kya. A sério. O que nós temos aqui é o que de mais especial alguém jamais poderia desejar ter. Tudo o mais – sacudiu as mãos no ar – é uma perfeita estupidez.

Agarrou nela e puxou-a para o seu colo e ela encostou a cabeça ao seu

ombro.

– É isto que importa, Kya. O resto não interessa. – Deu-lhe um beijo terno e caloroso e levantou-se. – Ok. Tenho de me ir embora.

Kya passou o Natal sozinha com as gaivotas, como todos os anos, desde que a mãe se fora embora.

Dois dias depois do Natal, Chase ainda não aparecera. Quebrando a promessa que fizera a si própria de nunca mais voltar a esperar por ninguém, Kya passarinhava impacientemente pela margem da lagoa, de cabelo entrançado e lábios pintados com o velho batom da mãe.

Mais adiante, o pantanal exibia o seu manto de inverno, em tons de castanho e cinzento. Quilómetros de ervas em fim de vida, depois de polinizadas as suas sementes, curvavam reverentemente a cabeça para a água, como que rendidas ao seu poder. O vento fustigava e despedaçava os seus caules ásperos, sacudindo-os num ruidoso coro de lamentos. Kya soltou o cabelo e limpou os lábios com as costas da mão.

Na manhã do quarto dia, Kya estava sentada na cozinha, sozinha, a empurrar os biscoitos e os ovos à volta do prato.

– «É isto que importa». Onde está ele agora, depois dessa conversa toda? – disse ela, irritada, imaginando-o a jogar futebol americano com os amigos ou a dançar em festas. – *As tais coisas estúpidas de que está a ficar farto.*

Finalmente, ouviu o ruído do barco dele. Saltou da mesa, bateu com a porta e correu até á lagoa, na altura em que o barco se tornou visível. Mas não era o barco de esqui aquático de Chase. Não era Chase. Era um jovem de cabelo louro, agora mais curto, mas ainda assim difícil de esconder debaixo de um boné de esqui. Era o velho esquife de pesca. Era Tate, agora adulto. Tate cujo rosto de rapaz dera lugar às feições maduras de um homem atraente – de pé no barco, embora este estivesse ainda em movimento – com uma pergunta nos olhos e um tímido sorriso nos lábios.

O seu primeiro impulso foi fugir. Mas a mente gritou-lhe: NÃO! Esta é a minha lagoa. Passo a vida a fugir, mas desta vez não vou fugir. A seguir, pegou numa pedra e atirou-lha à cara, a seis metros de distância. Ele baixou-se rapidamente e a pedra passou-lhe, à tangente, por cima da testa.

– Merda, Kya. O que é isto? Espera – disse ele, tapando o rosto com as mãos, ao vê-la pegar noutra pedra e fazer pontaria. – Kya, por amor de Deus, para. Por favor. Será que não podemos falar?

A pedra atingiu-o violentamente no ombro.

– SAI DA MINHA LAGOA, MEU PORCO SEBENTO! QUE TAL? AGRADA-TE A CONVERSA?

– Kya, por favor ouve-me. Eu sei que tu estás com o Chase, agora, e respeito isso. Só quero falar contigo. Por favor, Kya.

– Porque haveria eu de falar contigo? Nunca mais te quero ver. NUNCA MAIS! – Pegou numa série de pedras mais pequenas e atirou-lhas à cara.

Ele esquivou-se para um lado e curvou-se para a frente, agarrando-se à amurada, ao sentir o barco bater em terra.

– EU DISSE PARA SAÍRES DAQUI!

Ainda a gritar, mas num tom mais brando, disse:

– Sim, agora estou com outra pessoa.

Tate recuperou o equilíbrio, depois de o barco bater em terra com um solavanco, e sentou-se no banco da proa.

– Kya, por favor. Há coisas que precisas de saber acerca dele. – Não era sua intenção falar sobre Chase, mas nada estava a correr como imaginara, naquela visita surpresa a Kya.

– Que conversa é essa? Não tens o direito de vir aqui comentar a minha vida privada – disse ela, irritada, agora a cerca de meio metro dele.

Ele respondeu com firmeza:

– Eu sei que não, mas de qualquer forma vou fazê-lo.

Ao ouvir isto, Kya virou-se para se ir embora, mas Tate levantou a voz.

– Tu não vives na cidade e não sabes que Chase sai com outras mulheres. Apenas há algumas noites vi-o sair com uma loira na *pickup*, depois de uma festa. Ele não te merece.

Ela virou-se.

– A sério? E és TU que o dizes? O tal que me abandonou e não voltou quando prometeu. O tal que nunca mais apareceu; que nunca me escreveu para se explicar ou, pelo menos, para eu saber se estava vivo ou morto. Não foste capaz de me dizer uma palavra. Não foste suficientemente homem para me enfrentar. Desapareceste, simplesmente, meu COBARDE DE MERDA. E agora resolves aparecer aqui de barco, ao fim de todos estes anos? Tu és pior do que ele. Ele poderá não ser perfeito, mas tu és muito pior, de longe. – Subitamente, parou de falar e ficou a olhar para ele.

Ele abriu as mãos e disse-lhe em tom de súplica:

– Tens razão acerca de mim. Tudo o que disseste é verdade. Fui um cobarde e não tinha o direito de falar do Chase. Não tenho nada a ver com isso e nunca mais te importunarei. Preciso apenas de te pedir desculpa e explicar-me. Há anos que o lamento. Por favor, Kya.

Ela pendurou os ombros como uma vela sem vento. Tate era mais do que o seu primeiro amor: partilhavam da mesma devoção pelo pantanal. Ele ensinara-a a ler e era o único elo com a sua família desaparecida, por muito insignificante que fosse essa ligação. Ele era uma página no tempo, um recorte num livro de colagens, porque era tudo o que lhe restava. Quando a fúria se dissipou, o coração batia-lhe com força no peito.

– Olha para ti – tão bonita – estás uma mulher. Como tens passado? Ainda vendes mexilhões? – Tate estava estupefacto com a mudança que se operara nela. Feições mais refinadas – mas ainda assim assombrosas – molares pronunciados, lábios carnudos.

– Sim. Sim.

– Toma. Trouxe-te uma coisa. – Tirou uma minúscula pena vermelha da

face de um pica-pau, de dentro de um envelope. Ela pensou em atirá-la para o chão, mas nunca encontrara uma pena daquelas. Porque não haveria de ficar com ela? Guardou-a no bolso sem lhe agradecer.

Ele disse muito depressa:

– Abandonar-te não foi apenas um erro, Kya, foi a pior coisa que fiz ou jamais voltarei a fazer na vida. Há anos que lamento isso e creio que o lamentarei para sempre. Penso em ti todos os dias. Vou arrepender-me de te ter abandonado para o resto da vida. A verdade é que pensei que tu não conseguirias abdicar do pantanal e viver noutro mundo, por isso não via como poderíamos ficar juntos. Mas foi um erro. Foi um disparate eu não ter voltado, para falar contigo sobre isso. Eu sabia quantas vezes tu tinhas sido abandonada antes, mas não queria encarar a dor que te causei. Não fui suficientemente homem para isso, como tu própria disseste. – Parou de falar e ficou a observá-la.

Finalmente, ela disse:

– O que queres agora, Tate?

– Se ao menos pudesses, de alguma forma, perdoar-me. – Respirou fundo e esperou.

Kya olhou para os pés. Porque teria de ser a vítima, ainda dorida e a sangrar, a suportar o ónus do perdão? Não lhe respondeu.

– Eu tinha de te dizer isto, Kya.

Como ela continuava sem dizer nada, ele prosseguiu:

– Estou a tirar um curso de zoologia, na universidade. Protozoologia, essencialmente. Ias adorar.

Ela não conseguia sequer imaginar o que isso era. Voltou a olhar para a lagoa, para ver se Chase aí vinha.

Tate reparou nisso, pois percebera logo que ela estava ali à espera dele.

Ainda na semana anterior o vira na Gala de Natal, de *smoking* branco, a dançar com várias mulheres. O baile, tal como grande parte dos eventos em

Barkley Cove, decorrera no ginásio do liceu. Chase estava a dançar o «Wooly Bully» com uma morena, ao som da pequeníssima aparelhagem de hi-fi, instalada debaixo do cesto de basquetebol. Quando o «Mr. Tamborine Man» começou a tocar, abandonou a pista de dança e a morena, e foi partilhar umas goladas de Bourbon do seu frasco de bolso, com outros antigos atletas. Tate estava perto dele, a conversar com dois dos seus antigos professores do liceu, e ouviu-o dizer:

– Sim, ela é selvagem como uma raposa fêmea presa num laço. Exatamente o que se poderia esperar de uma sirigaita do pantanal. Vale bem o dinheiro da gasolina.

Tate teve de fazer um esforço para se afastar dele.

Um vento frio fustigava a lagoa, cobrindo-a de pequenas ondas. Kya saía de casa a correr, de jeans e camisola fina. Desconfortável, abraçava o próprio corpo.

– Estás gelada. Vamos para dentro – disse Tate, apontando para a cabana. A chaminé ferrugenta do velho fogão fumegava.

– Acho que está na altura de te ires embora, Tate – disse ela, olhando repetidas vezes para o canal. E se Chase chegasse e o encontrasse?

– Por favor, Kya. Ficarei apenas uns minutos. Gostava muito de voltar a ver as tuas coleções.

Ela correu para a cabana e Tate seguiu-a, mas quando chegou ao alpendre, parou subitamente. O passatempo de criança dera lugar a um verdadeiro museu de história natural do pantanal. Ergueu uma vieira rotulada com uma aguarela da praia onde fora apanhada, com algumas ilustrações da criatura a comer outras criaturas marinhas mais pequenas. Eram centenas, talvez milhares de espécimenes, todos identificados da mesma forma. Vira alguns deles em criança, mas agora que estava prestes a tirar o doutoramento em zoologia, era como cientista que os estava a apreciar.

Virou-se para ela, ainda à porta da cabana.

– São magníficas, Kya, maravilhosamente detalhadas. Tu podias publicar isto. Na verdade, isto dava um livro, ou vários livros.

– Não, não. Quero-as só para mim. Ajudam-me a aprender, só isso.

– Escuta, Kya. Tu sabes melhor do que ninguém que os títulos de referência nesta área são praticamente inexistentes. Estes magníficos desenhos, com as anotações e os dados técnicos são o livro de que toda a gente está à espera. – Era verdade. Os velhos manuais da mãe sobre conchas, plantas, aves e mamíferos eram as únicas publicações jamais impressas sobre o tema, e eram deploravelmente imprecisos, apenas com imagens a preto e branco e informação bastante incompleta em cada entrada de texto.

– Se puder levar algumas amostras, tentarei encontrar uma editora, para ver o que eles dizem.

Ela ficou a olhar para ele sem saber o que pensar daquilo. Teria de ir a algum lado conhecer gente? Essas dúvidas não passaram despercebidas a Tate.

– Não terias de sair daqui. Poderias enviar, simplesmente, as tuas amostras por correio a um editor. Ganharias algum dinheiro. Não muito, mas talvez o suficiente para não teres de voltar a apanhar mexilhões na vida.

Kya continuava em silêncio. Mais uma vez, Tate estava a encorajá-la a cuidar de si própria e não apenas a oferecer-se para cuidar dela. Era como se ele tivesse estado sempre presente na sua vida. E depois, desapareceu.

– Tenta, Kya. O que tens a perder com isso?

Ela acabou por aceitar que ele levasse algumas amostras e ele escolheu uma coleção de aguarelas de conchas, em tons suaves, e a pena da garça-azul, devido aos esboços detalhados da ave em cada estação do ano e à delicada pintura a óleo da sua pena curva, semelhante a uma sobancelha.

Tate ergueu a pintura da pena – uma profusão de minúsculas pinceladas em cores vivas que culminavam num tom profundo de negro, com tantos

reflexos que o sol parecia estar a incidir sobre ela. O detalhe do rasgão no raque era inconfundível. Tate e Kya perceberam, ao mesmo tempo, que aquela era a pintura da primeira pena que ele lhe oferecera na floresta, levantaram os olhos da pena e olharam um para o outro. Mas ela virou-lhe as costas, para não sentir. Não voltaria a deixar-se atrair por alguém em quem não podia confiar.

Ele aproximou-se dela e tocou-lhe no ombro. Tentando delicadamente virá-la para si.

– Lamento muito ter-te abandonado, Kya. Consegues perdoar-me?

Por fim, ela virou-se e olhou para ele.

– Não sei como, Tate. Jamais conseguiria voltar a acreditar em ti. Por favor, Tate. Vai-te embora, agora.

– Eu sei. Obrigado por me ouvires e me dares hipótese de te pedir desculpa. – Esperou um pouco, mas ela não disse mais nada. Pelo menos não ia de mãos a abanar. A esperança de encontrar uma editora era um motivo para voltar a contactá-la.

– Adeus, Kya. – Ela não lhe respondeu. Tate encarou-a e ela olhou-o nos olhos, mas depois virou-lhe as costas e Tate encaminhou-se para o barco.

Ela esperou até que ele se fosse embora e sentou-se na areia húmida e fresca da lagoa, à espera de Chase, repetindo em voz alta, o que dissera a Tate:

– Chase poderá não ser perfeito, mas tu és pior do que ele.

Porém, ao contemplar as águas sombrias, não conseguia pensar senão no que Tate lhe dissera acerca de Chase: «... *vi-o sair com uma loira na pickup*».

Chase só apareceu uma semana depois do Natal. Entrou na lagoa, disse que podia ficar toda a noite e que passariam a véspera de Ano Novo juntos. Deram o braço um ao outro e dirigiram-se para a cabana, cujo telhado parecia também coberto de nevoeiro. Depois de fazerem amor, aconchegaram-se em

cobertores, junto do fogão. O ar denso estava carregado de humidade, por isso, quando a água da chaleira ferveu, as janelas cobriram-se de grandes gotas de condensação.

Chase tirou a harmónica do bolso, encostou-a aos lábios e tocou uma velha cantiga nostálgica – *Molly Malone*:

“Now her ghost wheels her barrow through the streets broad and narrow, singing cockles and mussels, alive, alive oh.”

Kya achava que era naquelas melodias melancólicas que a alma de Chase mais se revelava.

⁴ Molho feito com a gordura do presunto frito misturada com café. [N. da T.]

O Pescador de Camarões

1969

À hora da cerveja, serviam-se melhores mexericos do que jantar, no Dog Gone. O Xerife e Joe entraram no longo bar apinhado de gente e dirigiram-se para o balcão feito com um único tronco de pinheiro, que começava do lado esquerdo da sala e parecia desaparecer na escuridão. Os habitantes locais – todos eles homens, uma vez que não era permitida a entrada a mulheres – estavam agrupados ao balcão ou sentados em mesas dispersas. Os dois empregados grelhavam cachorros, fritavam camarão, ostras e pastéis de milho, mexiam papas de aveia, e serviam cerveja e Bourbon. A única iluminação do bar provinha dos anúncios de cerveja intermitentes, que emanavam uma luz âmbar, lambendo os rostos barbados, como fogueiras ao ar livre. Ao fundo da sala ouvia-se o ruído de bolas de bilhar.

Ed e Joe juntaram-se a um grupo de pescadores a meio do balcão e as perguntaram começaram, assim que pediram cerveja e ostras fritas: Alguma novidade? Como é possível que não haja impressões digitais? Isso é verdade? Já pensaram no velho Hanson? O homem é doido varrido. Seria bem capaz de subir à torre e empurrar quem quer que fosse que lá aparecesse. Isto está a deixar-vos baralhados, não está?

Joe e Ed enfrentaram a enxurrada de perguntas, cada um virado para seu lado, respondendo, escutando e acenando com a cabeça. Depois, no meio de todo aquele burburinho, o Xerife apanhou o canto de uma voz calma e equilibrada, virou-se, e deu de caras com Hal Miller, que fazia parte da tripulação de pescadores de camarão de Tim O’Neil.

– Posso dar-lhe uma palavrinha a sós, Xerife?

Joe afastou-se do bar.

– Claro que sim, Hal. Acompanha-me. – Conduziu-o a uma pequena mesa, junto da parede, e sentaram-se os dois. – Queres mais um copo de cerveja?

– Não. Por agora estou bem. Mas agradeço

– Estás preocupado com alguma coisa, Hal?

– Estou, pois, e preciso de deitar isto cá para fora, porque está a dar comigo em doido.

– Vamos a isso.

– Eh pá – disse Hal, sacudindo a cabeça. – Não sei. Poderá não ser nada, mas se for, já devia ter-lhe contado. O que vi tem andado a assombrar-me.

– Conta-me Hall. Já vamos perceber se é importante ou não.

– É sobre o caso de Chase Andrews. Aconteceu precisamente na noite em que ele morreu. Fui para a faina com a tripulação do Tim e íamos a entrar na baía, já tarde, muito depois da meia-noite, quando eu e Allen Hunt vimos a mulher a quem chamam Miúda do Pantanal, a passar no barco, mesmo à saída da baía.

– A sério? Quanto tempo depois da meia-noite?

– Deviam ser duas da manhã.

– Para onde ia ela?

– Pois é aí que bate o ponto, Xerife. Ela ia em direção à torre de vigia. Se mantivesse aquela rota iria parar à pequena baía, nas imediações da torre.

Ed suspirou.

– Sim, essa informação é importante, Hal, muito importante. Tens a certeza de que era ela?

– Bem, eu e Allen falámos sobre isso, na altura, e estávamos ambos convencidos de que era ela. Quer dizer, ambos pensámos a mesma coisa. O que estaria ela a fazer ali tão tarde, no barco, sem luzes. Por sorte vimo-la, de contrário podíamos ter-lhe passado por cima. Depois esquecemos isso. Só mais tarde, juntei dois mais dois e percebi que aquilo acontecera na mesma

noite em que Chase morreu na torre. Nessa altura, achei que devia contar o que sei.

– Mais alguém do barco a viu?

– Isso já não sei. Os outros estavam, de certeza, por perto, pois íamos entrar, e estávamos todos no convés. Mas eu nunca falei sobre isso aos outros. Não havia motivo para isso na altura, percebe? E também nunca lhes perguntei.

– Compreendo. Foi acertado vires falar comigo, Hal. O teu dever é contar o que sabes. Não te preocupes com nada. Contar-me o que viste é a única coisa que podes fazer. Vou pedir-te a ti e a Allen que vão ao meu escritório prestar depoimento. Posso pagar-te uma cerveja, agora?

– Não. Acho que vou para casa. Boa noite.

– Boa noite e mais uma vez, obrigado. – Assim que Hal se levantou, o Xerife acenou a Joe que, de dois em dois segundos, olhava para eles, a tentar decifrar a expressão do Xerife. Deram um minuto a Hal para se despedir de toda a gente e saíram para a rua.

Ed contou a Joe o que Hal testemunhara.

– Eh pá – disse Joe. – Isso diz praticamente tudo, não achas?

– Parece ser motivo suficiente para o juiz emitir um mandato, mas não tenho a certeza e gostava de a ter antes de lho pedir. Com um mandato, poderemos fazer uma busca em casa dela, para ver se encontramos vestígios de fibras vermelhas, que correspondam às que foram encontradas na roupa de Chase. Temos de saber que história ela tem para nos contar sobre essa noite.

1967

Ao longo do inverno, Chase foi frequentemente à cabana de Kya e costumava passar uma noite com ela, todos os fins de semana. Mesmo em dias frios e húmidos, passeavam de barco por moitas nevoentas. Ela recolhia coisas e ele tocava melodias ao acaso na harmónica. As notas ficavam a pairar no nevoeiro, dissipando-se nas veredas mais sombrias das florestas das terras baixas, e pareciam ser, de alguma forma, absorvidas e memorizadas pelo pantanal, pois sempre que Kya voltava a passar por aqueles canais, ouvia a música dele.

Uma manhã, em finais de março, Kya percorreu o mar sozinha, em direção à aldeia. O céu parecia uma camisola esfiampada de nuvens cinzentas. Chase faria anos daí a dois dias e ela ia ao Piggly comprar ingredientes para um jantar especial – em que se estrearia a fazer bolo de caramelo. Imaginara-se até a pôr-lhe o bolo de velas à frente, algo que não acontecia na cozinha, desde que a mãe se fora embora. Ultimamente, ele dissera-lhe várias vezes, que andava a poupar dinheiro para a casa deles, e ela achou que o melhor seria aprender a fazer bolos.

Depois de prender o barco, ao percorrer a doca em direção às únicas lojas da aldeia, Kya viu Chase ao fundo da doca a falar com os amigos. Estava com o braço à volta dos ombros de uma rapariga loura e magra. Kya fez um esforço para entender aquilo e continuou a caminhar mecanicamente. Ela nunca se aproximava dele quando ele estava com outras pessoas ou quando o via na cidade, mas não tinha como os evitar, a menos que saltasse para dentro de água.

Chase e os amigos viraram-se todos ao mesmo tempo para olhar para ela

e ele tirou imediatamente o braço dos ombros da rapariga. Kya estava com uns calções de ganga azuis, que lhe destacavam as pernas compridas, e o cabelo preso em duas tranças negras caídas sobre os seios. O grupo parou de falar e ficou a observá-la. A injustiça de saber que não podia correr ao seu encontro doía-lhe no coração.

Quando chegou ao fim da doca e passou por eles, Chase disse:

– Olá Kya.

Ela olhou para ele e depois para os outros e disse:

– Olá Chase.

Depois, ouviu-o dizer:

– Kya, certamente que te recordas dos meus amigos Brian, Tim, Pearl, Tina... – Disse mais alguns nomes e acabou por se calar.

Depois virou-se na direção dela e disse:

– Apresento-vos Kya Clark.

É claro que ela não se recordava deles, porque nunca lhe tinham sido apresentados. Conhecia-os apenas pelas alcunhas que lhes dera – a *Loira-Alta-e-Magra* e as outras todas. Sentia-se como aquelas algas que vêm agarradas às linhas de pesca, mas conseguiu sorrir e cumprimentá-los. Aquela era a oportunidade por que tanto ansiava. Estava, finalmente, junto do grupo de amigos de que queria fazer parte. Deu voltas à cabeça à procura de palavras, algo de inteligente que lhes pudesse interessar. Por fim, dois deles saudaram-na friamente e viraram-lhe bruscamente as costas. Os outros seguiram-nos, prontamente, como um cardume de vairões a dar às barbatanas, rua abaixo.

– E aqui estamos nós – disse Chase.

– Não quero interromper nada. Vim só comprar provisões e depois volto para casa.

– Não estás a interromper nada. Eu encontrei-os por acaso. Vou ter contigo no domingo, como te disse.

Chase mudou o peso do corpo para a outra perna e levou os dedos à concha que trazia ao pescoço.

– Até domingo, então – disse ela, mas ele já se tinha virado para ir ter com os outros. Kya dirigiu-se apressadamente para o minimercado, contornando uma família de patos-reais que caminhavam tropeçadamente pela Main. O laranja-vivo das suas patas contrastava com o pavimento sem cor. No Piggly Wiggly, tentou tirar da cabeça a imagem de Chase com a rapariga. Ao contornar a extremidade do corredor do pão, viu a inspetora escolar – a Sra. Culpepper – apenas a um metro e meio. Ficaram paradas, a olhar uma para a outra, como um coelho e um coiote apanhados numa cerca fechada. Kya estava mais alta do que a mulher, e tornara-se bastante mais culta do que ela, mas nenhuma das duas pensou nisso. Estava tão habituada a fugir dela, que esse foi o seu primeiro instinto, mas acabou por não arredar pé e retribuir o olhar da Sra. Culpepper. A mulher acenou-lhe ligeiramente com a cabeça e seguiu em frente.

Kya encontrou os artigos do piquenique – queijo, pão francês e ingredientes para bolos – o que lhe custou todo o dinheiro que poupava para a ocasião. Mas era como se outra mão que não a sua estivesse a pegar-lhes e a pô-los no carrinho. Estava constantemente a ver o braço de Chase sobre os ombros da rapariga. Comprou um jornal local porque as manchetes falavam num laboratório marinho que ia abrir ali perto, na costa.

Assim que saiu da loja, dirigiu-se apressadamente para a doca, de cabeça baixa, como uma doninha ratoneira. De regresso à cabana, sentou-se à mesa da cozinha a ler o artigo sobre o novo laboratório. Estava, de facto, a ser construído um complexo científico perto de Sea Oaks, a sul, a cerca de trinta quilómetros de Barkley Cove. Os cientistas iriam estudar a ecologia do pantanal, o que contribuiria de diferentes formas para a sobrevivência de mais de metade da vida marinha e...

Kya virou a página para continuar a ler e deu de caras com uma grande

fotografia de Chase com uma rapariga, por cima de um anúncio de noivado: Andrews-Stone. Começou por dizer uma série de palavrões, soluçou baixinho e, finalmente, chorou convulsivamente. Depois, levantou-se, olhou para o jornal à distância e voltou a pegar nele para ver melhor – devia estar a imaginar coisas. Mas não. Ali estavam eles, de rosto bem juntinho um do outro, a sorrirem. A rapariga, Pearl Stone – bonita, com um ar distinto, de colar de pérolas e blusa de renda – era a tal em quem ele poisara o braço... a *Colar-de-Pérolas!*

Kya levou a mão à parede, foi para o alpendre, deixou-se cair na cama, e tapou a boca com as mãos. Depois ouviu um motor, sentou-se repentinamente, olhou na direção da lagoa e viu Chase arrastar o barco para terra.

Lesta como um rato a saltar de uma caixa sem tampa, escapou-se pela porta do alpendre, antes que ele a visse, e fugiu para os bosques, afastando-se da lagoa. Agachou-se atrás de uns palmitos e viu-o entrar na cabana e chamar por ela. Iria ler o artigo do jornal que estava aberto em cima da mesa. Minutos depois, voltou a sair e caminhou na direção da praia, pensando que a encontraria lá.

Ela não se mexeu, nem mesmo quando ele voltou a aparecer, ainda a chamar por ela. Só saiu dos espinheiros quando ele se afastou de barco. Voltou indolentemente para a cabana, foi buscar comida para as gaivotas e seguiu o sol até à praia. Uma forte brisa marinha fustigou-a pelo caminho. Quando chegasse à praia teria, pelo menos, o vento para a amparar. Chamou as gaivotas e atirou grandes pedaços de pão francês ao ar, praguejando mais alto e mais rudemente do que o vento.

Os Agueiros

1967

Da praia, Kya correu para o barco e levou-o a alta velocidade para o mar, dirigindo-se diretamente para os agueiros. Depois inclinou a cabeça para trás e gritou:

– Sua CABRA RELES!

Ondas confusas e caóticas projetavam a proa do barco para o lado, exercendo pressão contra o leme. Como sempre, o mar parecia mais furioso e intenso do que o pantanal – como se tivesse mais para dizer.

Há muito que Kya aprendera a distinguir as correntes vulgares dos agueiros – como navegá-los ou evitá-los, avançando perpendicularmente ao seu curso – mas nunca fora direita às correntes mais profundas, ao largo da costa da Carolina do Norte, algumas delas impelidas pela Corrente do Golfo que move cento e dez bilhões de metros cúbicos de água por segundo, e cuja energia é superior à energia combinada de todos os rios à face da Terra. A rebentação provoca terríveis correntes de retorno, redemoinhos cerrados e circulação invertida das águas que giram nas correntes costeiras, gerando um dos mais temíveis ninhos de cobra dos mares do planeta. Durante toda a sua vida, Kya evitara essas zonas, mas não agora. Hoje, fora direita às suas gargantas, à procura de algo, qualquer coisa que lhe permitisse fugir à dor e a raiva que sentia.

As águas revoltas avançavam na direção do barco, elevando-lhe a proa e inclinando-o a estibordo. O esquife ergueu-se e voltou a endireitar-se e Kya foi sugada para um terrível agueiro de águas alterosas, que a arrastou consigo a uma velocidade três vezes superior à do barco. Tentar virar o barco para sair dele parecia demasiado arriscado, por isso Kya tentou manejar o leme na

corrente, atenta aos bancos de areia que formavam barreiras, em constante mutação, abaixo da superfície. Um pequeno toque seria o suficiente para virar o barco.

As ondas rebentavam por cima das suas costas, ensopando-lhe o cabelo. Nuvens rápidas e escuras percorriam velozmente os céus, por cima da sua cabeça, tapando o sol, encobrindo sinais de redemoinhos e de turbulência, e absorvendo o calor do dia.

Ainda assim, o medo esquivou-se dela, embora desejasse sentir-se apavorada. Tudo valia para desalojar a faca enterrada no seu coração.

Subitamente, as águas tumultuosas da corrente mudaram de direção e o pequeno agueiro girou a estibordo, puxando o barco para esse lado. A força da corrente atirou-a para o fundo do barco, fustigado pelas ondas. Aturdida, Kya sentou-se dentro do barco alagado, preparando-se para levar com outra onda.

É claro que não estava sequer perto da Corrente do Golfo. Aquilo era apenas o campo de treino, o parque de diversões do mar alto, mas Kya aventurara-se a entrar naquele terrível agueiro e tencionava sair dele. Ganhar qualquer coisa. Afogar a dor.

Ondas cor de ardósia rebentavam em todas as direções, como se tivessem perdido por completo a noção de simetria e sequência. Ela voltou a arrastar-se para cima do banco e agarrou no leme, mas não sabia em que direção conduzir o barco.

A costa reduzia-se agora a uma linha suspensa e distante, que surgia apenas de vez em quando, entre a crista branca das ondas. Justamente quando avistava terra firme, o barco girou ou inclinou-se e ela voltou a perdê-la de vista. Kya estava perfeitamente segura de que conseguiria navegar na corrente, porém, esta ganhara força e estava a arrastá-la para um mar revolto, cada vez mais escuro. As nuvens baixas estavam agora agrupadas, tapando por completo o sol. Kya estava encharcada e tiritava, sentindo a energia

abandoná-la, o que estava a dificultar-lhe o manejo do leme. Não viera equipada para o mau tempo e não trouxera comida nem água.

Por fim, sentiu medo, um medo mais profundo do que o próprio mar. Medo por saber que ia ficar de novo sozinha. Possivelmente, para sempre. Uma condenação perpétua. Kya arquejou em agonia ao sentir o barco torcer-se e guinar para bombordo, inclinando-se perigosamente com cada vaga.

O fundo do barco estava agora com quinze centímetros de água espumosa e fria. Tão fria, que estava a queimar-lhe os pés descalços. Num abrir e fechar de olhos, as nuvens e o mar tinham vencido o calor da primavera. Kya levou uma mão ao peito, para tentar aquecer-se, manejando debilmente o leme com a outra, sem lutar contra a corrente, movendo-se simplesmente com ela.

Finalmente, as águas aquietaram-se e embora a corrente continuasse a arrastá-la com propósitos muito próprios, já não havia redemoinhos nem vagas alterosas. Mais adiante viu um pequeno banco de areia alongado, com cerca de trinta metros de comprimento. Lutando contra a forte corrente submarina, Kya esperou pelo momento exato para virar o leme e sair da corrente. Depois, contornou o banco de areia para o lado virado a sotavento. Nessas águas mais calmas, o barco deslizou para a areia com a suavidade de um primeiro beijo. Saiu do barco, naquela estreita língua de terra, e deixou-se cair na areia. Depois, deitou-se para trás e desfrutou da sensação de estar deitada em terra firme.

Kya sabia que não era por Chase que chorava, mas sim por uma vida pautada por rejeições. Enquanto o céu e as nuvens se digladiavam lá no alto, disse em voz alta:

– Tenho de lidar com a minha vida sozinha, mas isso já eu sabia. Há muito tempo que sei que todos me abandonam.

O facto de Chase lhe falar maliciosamente em casamento para a aliciar, tê-la levado imediatamente para a cama, para depois a trocar por outra pessoa, não eram coincidências. Kya sabia, pelas coisas que lia e via, que os

machos costumavam saltar de fêmea em fêmea. Então, porque se apaixonara por aquele homem? O seu elegante barco de esqui aquático era o equivalente ao pescoço enfunado e as enormes armações de um veado no cio: apêndices para afastar outros machos e atrair um corruio de fêmeas. Ainda assim, caíra no mesmo artil que a mãe. *Sacaninhas matreiros e mulherengos*. Que mentiras o pai lhe teria contado? A que restaurantes chiques a teria levado, antes de se lhe acabar o dinheiro e a arrastar para o seu verdadeiro território – uma cabana no pântano? O melhor seria deixar o amor repousar como um terreno de poisio.

Recitou um poema de Amanda Hamilton, em voz alta:

*Agora, tenho de me render
E deixar-te partir
O amor é, demasiadas vezes,
Razão para ficar
E quase nunca
Motivo para partir*

*Vejo-te desaparecer
Enquanto escrevo.*

*Sempre achaste
Que eram as temíveis correntes
Do peito da tua amante
Que te arrastavam para o fundo.
Mas era a maré do meu coração a libertar-te
Para que pudesses flutuar com as algas
ao sabor das ondas.*

O sol mortiço arranhou espaço para brilhar entre as nuvens de barriga escura, e alcançou o banco de areia. Kya olhou em redor. A corrente, essa majestosa varredora do mar, devia ter conspirado com a areia, convertendo-a numa delicada rede de pesca, porque em seu redor estava a mais fantástica coleção de conchas que vira em toda a sua vida. Graças à forma angular do banco de areia, a suave ondulação devia ter depositado as conchas a sotavento, espalhando-as depois delicadamente sobre a areia, sem as partir.

Kya viu várias conchas raras e muitas das suas preferidas, perladas, intactas e ainda a brilhar.

Caminhou por entre elas, escolheu as mais raras e amontoou-as numa pilha. Depois, virou o barco, tirou a água que tinha dentro e alinhou cuidadosamente as conchas ao longo da junta, no fundo do barco. Agora estava de pé, muito direita, a examinar as águas, para planejar a viagem de regresso. Leu o mar e tal como aprendera com as conchas, decidiu zarpar a sotavento e dirigir-se diretamente para terra, evitando em simultâneo as correntes mais fortes.

Ao empurrar o barco para a água, percebeu que ninguém jamais voltaria a ver aquele banco de areia. Os elementos tinham criado um breve e transitório sorriso de areia, assim orientado. A próxima maré ou próxima corrente desenhariam outro banco de areia, e outro ainda, mas nunca aquele. Não o que a atraía e lhe dissera uma ou duas coisas.

Mais tarde, ao passear pela sua praia, recitou o seu poema favorito de Amanda Hamilton:

*Pálida lua, segue os meus passos,
Pela luz inteira
Pelas sombras da Terra
E sente comigo*

*Os ombros frios
Do silêncio.
Só tu sabes
Quão infinitamente
A solidão prolonga
A travessia de um momento
Quanto céu existe num sopro
Quando o tempo volta atrás
Pela areia.*

Ninguém entendia melhor a solidão do que a lua.

De regresso aos ciclos previsíveis dos girinos e à dança dos pirilampos, Kya embrenhou-se mais profundamente nos segredos da selva silenciosa. A natureza parecia ser a única pedra firme no caminho.

1968

Ao fundo do caminho sem nome estava a caixa do correio enferrujada, que o pai montara sobre um poste. O único correio que Kya recebia eram as publicações em massa que eram enviadas a todos os residentes. Não tinha contas para pagar, nem amigas ou tias velhas que lhe mandassem missivas lamechas. À exceção da carta que recebera da mãe há anos, o correio era pouco interessante, e Kya passava, por vezes, semanas sem ir à caixa do correio.

Mas quando fez vinte e dois anos, mais de um ano depois de Chase e Pearl anunciarem o seu noivado, Kya passou a percorrer, todos os dias, o caminho de areia escaldante, até à caixa do correio, para ver o que lá tinha.

Certa manhã, encontrou, finalmente, um volumoso envelope castanho cujo conteúdo aparou nas mãos. Era uma prova de impressão de *As Conchas do Mar da Costa Leste*, de Catherine Danielle Clark. Suspirou, pois não tinha a quem a mostrar.

Sentou-se na praia e examinou o livro, página a página. Na altura em que Kya lhes escrevera, e lhes enviara mais desenhos para apreciação, após o contacto inicial de Tate, eles enviaram-lhe um contrato, na volta do correio.

Como Kya terminara há anos as pinturas e textos que acompanhavam cada amostra de conchas, o editor, o Sr. Robert Foster, escreveu-lhe a dizer que o livro seria publicado em tempo recorde, e que o segundo livro sobre aves seria editado pouco tempo depois, anexando um pagamento antecipado de cinco mil dólares. O pai teria tropeçado na perna manca e espalhado tudo o que tinha dentro do seu saco pelo chão.

Agora tinha nas mãos o exemplar final – todas as pinceladas, todas as

cores cuidadosamente escolhidas, todas as anotações sobre a história natural do pantanal, impressas em livro. E porque as pessoas têm tendência a esquecer as criaturas que viviam dentro dessas conchas, havia também desenhos dos bivalves que as habitavam – como se alimentavam, como se moviam, como acasalavam.

À medida que ia tocando nas páginas, ia-se recordando de cada concha, a forma como a encontrara, em que ponto da praia estava, em que amanhecer e estação do ano a descobrira. Era um álbum de família.

Nos meses seguintes, todas as lojas de souvenirs e livrarias da costa da Carolina do Norte, Carolina do Sul, Georgia, Virginia, Flórida e Nova Inglaterra tinham o seu livro na montra ou em mesas de exposição. Disseram-lhe que os cheques dos direitos de autor chegariam de seis em seis meses e que cada um deles poderia ser de vários milhares de dólares.

Sentou-se à mesa da cozinha a redigir uma carta de agradecimento a Tate, mas ao relê-la, o seu coração hesitou. Uma nota de agradecimento não lhe parecia ser o suficiente. Fora graças à gentileza de Tate, que o seu amor pelo pantanal se poderia agora converter na obra de uma vida. A sua vida. Todas as penas, conchas ou insetos que recolhera poderiam agora ser compartilhados com outras pessoas e Kya já não teria de escavar na lama para jantar. Talvez não tivesse sequer de comer papas de aveia todos os dias.

Saltos dissera-lhe que Tate estava a trabalhar como ecologista no laboratório do novo instituto, perto de Sea Oaks, que lhe oferecera um elegante barco de pesquisa. Kya vira-o várias vezes à distância, mas afastara-se sempre dele.

Acrescentou um *post scriptum* à nota: «Se alguma vez estiveres perto de minha casa, passa por cá. Gostaria de te oferecer um exemplar do livro», e enviou-lha para o seu endereço, no laboratório.

Na semana seguinte, contratou um tarefeiro – Jerry – que lhe instalou

água corrente, esquentador e uma casa de banho completa, com uma banheira de pés, no quarto dos fundos. Montou-lhe um lavatório embutido num armário, com ladrilhos por cima, e uma sanita com autoclismo. A eletricidade foi instalada dentro da cabana e Jerry trouxe-lhe um fogão e um frigorífico novos. Kya insistiu em ficar com o velho fogão a lenha, com a lenha empilhada ao lado, porque aquecia a cabana, mas sobretudo, porque fora nele que a sua mãe fizera milhares de biscoitos de memória. E se a mãe voltasse e o seu fogão já lá não estivesse? Jerry fez armários para a cozinha com madeira do cerne do pinheiro, instalou uma porta de entrada, novas redes de proteção no alpendre e fez prateleiras do chão até ao teto, para os seus espécimes. Kya encomendou um sofá, cadeiras, camas, colchões e tapetes no Sears and Roebuck, mas ficou com a velha mesa da cozinha. Agora tinha um verdadeiro roupeiro para guardar recordações – um pequeno armário de memórias da sua família desaparecida.

O exterior da cabana ficou sem pintura, tal como antes, com as suas tábuas de pinho envelhecidas e um telhado de zinco predominantemente cinzento e castanho-ferrugem, exposto às carícias das barbas-de-velho, que pendiam dos galhos de um dos carvalhos mais próximos. Embora continuasse a ser parte integrante do tecido do pantanal, a cabana parecia agora menos instável. Kya continuou a dormir no alpendre durante todo o ano, exceto nos dias mais frios de inverno, mas agora tinha uma cama.

Uma manhã, Saltos disse-lhe que estavam para chegar uns empreiteiros, que estavam a planear drenar o «pântano sombrio», para construir hotéis. No último ano, Kya via, de vez em quando, grandes máquinas a cortarem povoamentos inteiros de carvalhos numa semana, e abrirem depois canais para drenar o pantanal.

Quando terminavam, iam para outros pontos, deixando atrás de si solo árido e empedernido.

Não teriam certamente lido o livro de Aldo Leopold.
Um dos poemas de Amanda Hamilton dizia-o claramente.

*Face a face
Olhos nos olhos
Assim fomos crescendo juntos
Como um só
Partilhando as nossas almas
Mas as tuas asas e as tuas folhas
Foram desaparecendo aos poucos.
E tu partiste deste mundo
Morreste antes da criança
Minha amiga selva.*

Kya não sabia se o terreno pertencia à sua família ou se esta o ocupava ilegalmente, como grande parte da população do pantanal fizera, durante quatro séculos. Ao longo dos anos, enquanto procurava pistas do paradeiro da mãe, lera todos os documentos que encontrara na cabana e não vira nada semelhante a uma escritura.

Assim que chegou a casa, depois de vir da loja de Saltos, embrulhou a velha Bíblia num pano e levou-a ao tribunal de Barkley Cove. O secretário do condado, um homem de cabelo branco, com uma testa enorme e uns ombros estreitíssimos, foi buscar um volumoso livro de registos, com capa de couro, alguns mapas e uma série de fotografias aéreas, que espalhou por cima do balcão. Kya passou o dedo pelo mapa e apontou para a sua lagoa, indicando depois os limites aproximados do que supunha serem as suas terras. O secretário verificou o número de referência e procurou a escritura num velho armário de arquivo, de madeira.

– Sim, aqui está – disse ele. – O terreno foi devidamente inspecionado e

comprado, por um tal Napier Clark, em 1897.

– É o meu avô – disse Kya. Folheou as finas páginas da Bíblia e lá estava um Napier Murphy Clark nas certidões de nascimento e óbito. Mas que nome formidável. Kya disse ao secretário que o pai tinha morrido, o que era o mais provável.

– Nunca foi vendido. Sim, menina, pode ter a certeza que o terreno lhe pertence. Lamento, porém, informá-la que há impostos em atraso, que terão de ser pagos, se quiser ficar com ele. Na verdade, minha senhora, a lei diz que quem aparecer e pagar os impostos, poderá ficar com o terreno, mesmo que não tenha a escritura.

– Quanto é? – Kya não abrira conta bancária e os três mil dólares que lhe restavam, depois da remodelação da casa, estavam dentro da sua mochila. Mas eles deviam estar a falar de uns quarenta anos de impostos. Milhares e milhares de dólares.

– Vamos ver aqui. O terreno está registado como «baldio» e o imposto durante muitos anos foi de cinco dólares. Ora vejamos, vou ter de fazer o cálculo. Aproximou-se de uma calculadora volumosa e pesada e introduziu os números. De cada vez que introduzia um valor, puxava a alavanca da máquina para trás, e esta produzia um ruído metálico, como se estivesse realmente a somar.

– Parece que serão uns oitocentos dólares, ao todo, para libertar o terreno de dívidas.

Kya saiu do tribunal com uma escritura completa, de cento e vinte cinco hectares de terras, em seu nome, classificadas com baldio ou «pântano sombrio», compostas por lagoas luxuriantes, um pantanal vibrante, florestas de carvalhos e ainda uma longa praia privativa, na costa da Carolina do Norte.

Ao regressar à sua lagoa, ao anoitecer, conversou com as garças:

– Está tudo bem. Este sítio é nosso!

No dia seguinte, ao meio-dia tinha um bilhete de Tate, na caixa do correio, o que lhe pareceu estranho e um pouco formal, pois ele nunca lhe deixara mensagens a não ser no toco das penas. Tate agradecia-lhe o convite para passar por sua casa, para receber um exemplar do livro, acrescentando que iria lá nessa mesma tarde.

Kya pegou num dos seis exemplares que a editora lhe enviara e esperou no velho tronco de leitura. Cerca de vinte minutos depois, ouviu o velho barco de Tate percorrer o canal e levantou-se. Quando este saiu da vegetação rasteira, acenaram um ao outro com um ligeiro sorriso. Estavam ambos na defensiva. Da última vez que ele lá fora, ela apedrejara-o.

Depois de amarrar o barco, Tate foi ao seu encontro.

– O teu livro é um prodígio, Kya. – Inclinou-se ligeiramente para a frente como se fosse abraçá-la, mas a carapaça endurecida do coração de Kya impediu-a de retribuir o gesto.

Em vez disso, estendeu-lhe o livro.

– Toma, Tate. Este é para ti.

– Obrigado, Kya – disse ele abrindo-o e folheando-o. É claro que não lhe disse que já comprara um, na Sea Oaks Book Shelf, e ficara maravilhado com todas as suas páginas. – Nunca se publicou nada deste género. Estou certo de que isto é apenas o princípio, para ti.

Ela limitou-se a curvar a cabeça, com um ligeiro sorriso.

Tate virou para a página do título e disse:

– Não o assinaste. Vais ter de me escrever uma dedicatória. Por favor.

Ela empinou o queixo na direção dele. Não tinha pensado nisso. Que palavras poderia dedicar a Tate?

Ele tirou uma caneta do bolso dos jeans e deu-lha. Ela aceitou-a e escreveu, alguns instantes depois:

Ao Miúdo das Penas

Obrigada.

A Miúda do Pantanal

Como não podia abraçá-la, Tate leu as palavras e virou-se de costas, olhando à distância para o pantanal. Finalmente, agarrou-lhe na mão e apertou-a.

– Obrigado, Kya.

– Foi graças a ti, Tate – *Foi sempre graças a ti*, pensou para consigo mesma, dividida entre a saudade e a necessidade de se proteger.

Ele ficou onde estava, durante alguns instantes, e quando percebeu que ela não ia dizer mais nada, deu meia-volta, para se ir embora. Mas quando entrou no barco disse:

– Quando me vires no pantanal, por favor não te escondas no mato como um cervo assustado, está bem? Chama por mim. Podemos fazer algumas explorações juntos.

– Está bem.

– Obrigado pelo livro, mais uma vez.

– Adeus, Tate – Ela ficou a observá-lo até ele desaparecer por entre os arbustos e disse, depois, para consigo mesma:

– Podia, pelo menos, tê-lo convidado para tomar chá. Não custava nada. Podíamos ser amigos. – Depois, com um orgulho raro nela, pensou no seu livro. – Podíamos ser colegas.

Uma hora depois de Tate se ir embora, Kya foi de barco à doca de Saltos, com mais um exemplar do seu livro na mochila. Ao aproximar-se, viu-o encostado à parede da sua loja decrépita. Ele levantou-se e acenou-lhe, mas ela não lhe retribuiu o cumprimento. Percebendo que algo se modificara, ele esperou em silêncio até que ela amarrasse o barco. Ela subiu para a doca

ergueu-lhe a mão e poisou nela o livro. De início, ele não percebeu, mas ela apontou para o seu nome e disse:

– Eu já estou bem, Saltos. Obrigada. Agradece também por mim a Mabel. Estou-vos muito grata por tudo o que fizeram por mim.

Ele ficou a olhar para ela. Numa outra época e num outro lugar, um velho negro e uma jovem mulher branca ter-se-iam abraçado, mas não ali, não naquela época. Ela cobriu-lhe a mão com a sua, deu meia-volta e foi-se embora de barco. Era a primeira vez que o via sem palavras. Continuou a comprar-lhe gasolina e provisões, mas não voltou a aceitar esmolas deles e de cada vez que ia à doca, via o livro exposto na pequena montra, para que todos o vissem. Como um pai faria.

1969

Nuvens rápidas, baixas e escuras deslizavam pelos céus, em direção a Barkley Cove, sobre um mar cor de aço. O vento chegou primeiro, sacudindo janelas e lançando vagas sobre o embarcadouro. Os barcos atracados na doca baloiçavam furiosamente na água, como brinquedos. Alguns homens de impermeáveis amarelos amarravam uma ou outra corda, para os manter em segurança. Depois a aldeia foi fustigada por uma bâtega de água, batida pelo vento, que pareceu esconder tudo à exceção de uma ou outra figura de amarelo, na escuridão parda.

O vento assobiou pelas frestas da janela do escritório do xerife e ele levantou a voz:

– Não tinhas uma coisa para me contar, Joe?

– Tenho pois. Descobri o local onde a menina Clark dirá que esteve, na noite em que o Chase morreu.

– O quê? Conseguiu, finalmente, apanhá-la?

– Estás a brincar? A rapariga é esquiva como uma enguia. Cada vez que me aproximo, desaparece. Por isso fui à doca de Saltos, esta manhã, para ver se ele sabia a que horas ela iria lá voltar. Ela tem de lá ir comprar gasolina, como toda a gente, por isso deduzi que iria apanhá-la mais tarde ou mais cedo. Nem vais acreditar no que descobri.

– Fala.

– Duas fontes de confiança dizem que ela estava fora da cidade, nessa noite.

– O quê? Quem? Ela nunca sai da cidade e mesmo que saísse, quem iria saber disso?

– Lembras-te de Tate Walker? Dr. Walker, como é conhecido, agora. Trabalha no laboratório de ecologia.

– Sim, eu conheço-o. O pai dele é Scupper Walker, o pescador de camarão.

– Bom, Tate diz que conheceu bem a Kya, quando eram mais novos – ele trata-a por Kya.

– *Ah sim?*

– Não da forma que estás a pensar. Eram dois miúdos. Ele ensinou-a a ler como um pai.

– Foi ele próprio que te disse isso?

– Sim. Ele estava na loja de Saltos. Eu estava a perguntar a Saltos se sabia onde e como poderia fazer algumas perguntas à Miúda do Pantanal. Ele disse que não conseguia saber, assim de repente, quando a voltaria a ver.

– Saltos sempre foi gentil com ela. Duvido que nos revele muito mais.

– Bom, eu perguntei-lhe se por acaso sabia o que ela estava a fazer na noite em que o Chase morreu. Ele disse-me que até sabia, porque ela fora a sua casa de manhã, dois dias depois de o Chase morrer e fora ele que lhe dera a notícia da sua morte. Disse ainda que ela passou duas noites em Greenville, incluindo aquela em que Chase morreu.

– Greenville?

– Foi o que ele me disse. Depois, Tate, que estivera sempre presente, meteu-se na conversa e confirmou que ela tinha estado em Greenville e que fora ele que lhe explicara como comprar o bilhete de autocarro.

– Grandes notícias – disse o xerife Jackson. – Também foi bastante conveniente estarem ali os dois a contar a mesma história. Porque iria ela a Greenville?

– Tate disse que uma editora lhe pagou as despesas para que ela lá fosse conhecê-los. Bem sabes que ela escreveu um livro sobre conchas e outro sobre aves marinhas.

– Custa a acreditar que essa malta elegante das editoras quisesse conhecê-la, mas creio que será bastante fácil de verificar. O que disse Tate sobre as lições de leitura?

– Eu perguntei-lhe como a tinha conhecido e ele disse-me que costumava ir pescar perto de casa dela e quando descobriu que ela não sabia ler, ofereceu-se para a ensinar.

– Ah sim?

Joe disse:

– Seja como for, isto muda tudo. Se ela estava em Greenville, diria que tem um álibi bastante consistente.

– Sim, à primeira vista, talvez seja. Mas tu sabes o que se costuma dizer acerca dos bons álibis. Além disso, aquele pescador de camarão disse que a viu passar de barco em direção à torre de vigia, precisamente na noite em que Chase caiu dela abaixo.

– Pode ter-se enganado. Estava escuro. Não havia luar. Talvez ela estivesse, de facto, em Greenville e ele visse outra pessoa com um barco parecido com o dela.

– Como te disse, não deve ser difícil confirmar essa suposta viagem a Greenville.

A tempestade abrandou e deu lugar aos lamentos do vento e a uma chuva miúda. Mesmo assim, em vez de irem ao restaurante, os dois polícias mandaram um estafeta ir buscar pastéis de galinha, feijão manteiga, gratinado de abóbora, xarope de cana e biscoitos.

Logo a seguir ao almoço, alguém bateu à porta do gabinete do Xerife. A menina Pansy Price abriu a porta e entrou. Joe e Ed levantaram-se. O turbante dela emanava um brilho rosado.

– Bom dia, menina Pansy – disseram-lhe ambos, com um aceno de cabeça.

– Bom dia aos dois. Posso sentar-me? Isto não vai demorar. Creio que tenho informação importante relacionada com o caso.

– Sim, claro. Sente-se, por favor – os dois homens sentaram-se, depois de a menina Pansy se acomodar na cadeira, compondo aqui e ali a indumentária, como uma galinha anafada a ajeitar as penas, de bolsa assente no colo, como um ovo premiado.

O Xerife não resistiu:

– E que caso seria esse, menina Pansy?

– Por amor de Deus, Ed. Você sabe a que caso estou a referir-me – quem assassinou Chase Andrews – esse caso.

– Nós não sabemos se ele foi assassinado, está bem? Agora diga-nos lá que informação tem para nos dar.

– Como sabe, estou empregada no Kress's – Jamais se diminuiria, enunciando o nome completo da loja. Esperou que o xerife reagisse ao seu comentário com um aceno de cabeça, antes de prosseguir, embora todos estivessem carecas de saber que ela trabalhava lá desde a altura em que lhe vendia soldadinhos de plástico, em miúdo. – Suponho que a Miúda do Pantanal é suspeita, certo?

– Quem lhe disse isso?

– Há muita gente que está convencida disso, mas é, principalmente, Patti Love quem o diz.

– Compreendo.

– Eu e outros empregados do Kress's vimos a Miúda do Pantanal entrar e sair do autocarro em dias que demonstram que estava fora da cidade, na noite em que Chase morreu. Poderei atestar horas e datas.

– Ah sim? – Joe e Ed olharam de relance um para o outro. Que horas e datas são essas?

A menina Pansy endireitou-se mais na cadeira.

– Partiu no autocarro das 14:30, no dia 28 de outubro e regressou a 30 de

outubro, às 13:16.

– Diz que há mais quem a tenha visto?

– Sim. Se quiser, posso fornecer-lhe uma lista de nomes.

– Não é necessário. Nós passaremos pelo Five and Dime, se quisermos recolher depoimentos. Obrigado, menina Pansy – O Xerife levantou-se, por isso Joe e a menina Pansy levantaram-se também.

Ela dirigiu-se para a porta.

– Obrigada por me dispensarem o vosso tempo. Como o Xerife disse, sabem onde me encontrar.

Despediram-se.

Joe voltou a sentar-se.

– Aí está. Isto confirma o que Saltos e Tate disseram. Ela estava em Greenville nessa noite. A menos que tenha apanhado o autocarro para outro sítio qualquer.

O Xerife suspirou longamente.

– É o que parece. Mas acho que quem apanha um autocarro para Greenville, à tarde, pode perfeitamente voltar de autocarro à noite, fazer o que tem a fazer, e apanhar o autocarro de regresso a Greenville, sem que ninguém dê por isso.

– Acho que sim, mas parece-me uma teoria um pouco rebuscada.

– Vai buscar um horário de autocarros. Veremos se os horários são compatíveis; se é possível fazer uma viagem de ida e volta na mesma noite.

Antes de Joe sair, Ed continuou:

– Também é possível que ela quisesse ser vista a entrar e a sair do autocarro, em pleno dia. Se pensarmos bem no assunto, ela teve de fazer algo de invulgar, para ter um álibi. Se ela alegasse que estava sozinha na cabana na noite em que Chase morreu – como é costume – não teria álibi nenhum. Nada a que se agarrar. Por isso, planeou algo que muita gente pudesse vê-la fazer, criando um álibi perfeito, diante de todas aquelas testemunhas da Main.

É brilhante.

– Bem visto. De qualquer forma, já não teremos de andar por aí armados em detetives. Podemos ficar aqui a beber café e esperar que as senhoras da cidade cá venham deixar toda a informação necessária. Vou buscar o horário dos autocarros.

Joe voltou quinze minutos depois.

– Tu tinhas razão – disse ele. – Estás a ver aqui? Seria possível apanhar o autocarro de Greenville para Barkley Cove e regressar numa noite. Seria até bastante fácil.

– Sim, há tempo suficiente entre os dois autocarros, para se ir à torre de vigia empurrar alguém. O melhor é irmos buscar esse mandado de busca.

A Cicatriz

1968

Numa manhã de inverno de 1968, Kya estava sentada à mesa da cozinha, a pintar a forma arredondada de um cogumelo com aguarelas em tons de laranja e rosa. Terminara o seu livro sobre aves marinhas e estava agora a trabalhar num manual sobre cogumelos. Também já tinha planos para um livro sobre borboletas e outro sobre traças.

Estava a ferver feijão-frade, cebola roxa e presunto salgado, na sua velha panela amolgada – continuava a preferir cozinhar no fogão a lenha, sobretudo no inverno. Uma chuva miúda tamborilava musicalmente no telhado de zinco. Subitamente, chegou-lhe aos ouvidos o ruído de uma carrinha, a avançar lentamente pelo trilho de areia. Sentindo o pânico crescer, Kya aproximou-se da janela e viu uma *pickup* vermelha avançar pelos sulcos lamacentos do caminho.

O seu primeiro pensamento foi fugir, mas a carrinha já estava muito próxima do alpendre. Agachou-se junto do parapeito da janela e viu um homem de uniforme militar cinzento e verde sair da carrinha. Ficou simplesmente ali parado, com a porta da carrinha escancarada, a olhar para o trilho que dava acesso à lagoa por entre os bosques. Depois fechou a porta da carrinha, devagar, correu à chuva até ao alpendre e bateu à porta.

Kya praguejou. Provavelmente perdera-se, pediria indicações e seguiria caminho, mas ela não queria lidar com ele. Poderia esconder-se ali, na cozinha, e esperar que ele se fosse embora, mas ouviu-o dizer em voz alta:

– Yo! Está alguém casa? Alô!

Irritada, mas ao mesmo tempo curiosa, Kya percorreu a sala recentemente remodelada e aproximou-se do alpendre. O forasteiro alto, de cabelo escuro

estava nos degraus da entrada, a segurar na porta de rede, a cerca de metro e meio dela. O uniforme parecia rígido a ponto de se aguentar em pé, como se o estivesse a amparar. O peito do casaco estava coberto de medalhas coloridas retangulares. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi uma cicatriz irregular, avermelhada, da orelha ao cimo dos lábios, que parecia cortar-lhe o rosto ao meio. Kya arquejou.

Subitamente, viu-se de novo naquele domingo de Páscoa, cerca de seis meses antes de a mãe partir de vez. Ela e a mãe percorreram a sala de estar de braço dado, entraram na cozinha a cantar o *Rock of Ages*, e reuniram os ovos de cores vivas que tinham pintado na noite anterior. Os irmãos tinham ido à pesca, por isso ela e a mãe tiveram tempo para esconder os ovos e meter o frango e os biscoitos no forno. Os irmãos e as irmãs estavam demasiado crescidos para procurarem guloseimas, mas iriam correr de um lado para o outro, à procura delas, fingindo não as encontrar, erguendo, depois, no ar cada tesouro que encontravam, às gargalhadas.

Kya e a mãe iam a sair da cozinha com os cestos de ovos e coelhos de chocolate do Five and Dime, quando o pai apareceu à esquina do corredor.

Arrancou o chapéu de Páscoa da cabeça de Kya, abanou-o pelo ar e gritou à mãe:

– Onde arranjas dinheiro para estes luxos? Chapéus e sapatos de couro brilhante? Ovos frescos e coelhos de chocolate? Fala. Onde arranjaste dinheiro para isto?

– Vá lá Jake. Por favor, acalma-te. Estamos na Páscoa. Isto é para os miúdos.

Ele empurrou a mãe para trás.

– Andaste a prostituir-te lá por fora, é o que é. Foi assim que conseguiste o dinheiro? Diz-me *já*. Agarrou na mãe pelos braços e sacudiu-a tanto, que o seu rosto parecia trepidar em torno de um par de olhos arregalados e fixos. Alguns ovos em tons pastel tombaram do cesto e rolaram vacilantemente pelo

chão.

– Pai! Por favor, para! – gritou Kya entre lágrimas.

Ele levantou a mão e esbofeteou-a com força na face.

– Caluda, meu bebê-chorão mimado! Vai mas é tirar esse vestidinho tonto e descalçar esses sapatos. Isso é roupa comprada com o dinheiro do putedo.

Kya baixou-se agarrada à cara, à procura dos ovos pintados à mão pela mãe.

– Estou a falar contigo, mulher! Onde vais buscar o dinheiro? – Agarrou no atizador e avançou na direção da mãe.

Kya gritou tão alto quanto possível e agarrou-se ao braço dele, ao vê-lo desferir um violento golpe no peito da mãe. O sangue jorrou, salpicando-lhe o vestido florido de verão de pintas vermelhas. Depois, uma figura corpulenta percorreu o corredor. Kya levantou os olhos e viu Jodie agarrar o pai por trás e derrubá-lo, o que os fez cair a ambos no chão. O irmão colocou-se entre a mãe e o pai e gritou à mãe e a Kya que fugissem, e foi o que elas fizeram. Mas antes de se virar, Kya viu o pai erguer o atizador e desferir um golpe no rosto de Jodie, que lhe deslocou grosseiramente o maxilar. O sangue jorrava às golfadas. Parecia estar a ver a cena, agora: o irmão caído no chão, por entre ovos cor de alfavaca e coelhos de chocolate; ela e a mãe a correrem por entre os palmitos, para se esconderem no bosque; o seu vestido ensanguentado; a mãe a dizer-lhe repetidamente que estava tudo bem, que os ovos não se partiriam e ainda poderiam assar o frango. Kya não percebeu por que razão ficaram tanto tempo ali escondidas. Tinha a certeza de que o irmão estava a morrer e precisava da ajuda delas, mas estava demasiado apavorada para se mexer. Esperaram bastante tempo. Depois, regressaram cautelosamente a casa, espreitando pela janela para se assegurarem de que o pai já tinha saído.

Jodie estava caído no chão, inconsciente, com uma poça de sangue à volta. Kya gritou que ele estava morto, mas a mãe reanimou-o e levou-o para

o sofá, onde lhe suturou o rosto com uma agulha de cozer. Quando já tudo estava sossegado, Kya apanhou o chapéu do chão, largou a correr pela floresta, e atirou-o com quanta força tinha, para os juncos.

Kya encarou o forasteiro, agora parado no seu alpendre e disse:

– Jodie.

Ele sorriu, retorcendo a cicatriz no rosto, e respondeu:

– Tinha esperança de te encontrar aqui, Kya. – Olharam-se nos olhos, procurando reconhecer-se na figura mais madura um do outro. Jodie não sabia, mas estivera sempre presente, ao longo de todos aqueles anos. Em inúmeras ocasiões, fora ele que a guiara pelo pantanal e lhe ensinara coisas acerca das garças e dos pirilampos. Era Jodie e a mãe que Kya mais desejava voltar a ver. A sua mente e o seu coração fizeram por esquecer a cicatriz e toda a dor que a acompanhara. Não era de admirar que preferisse enterrar essa memória bem fundo. Não era de admirar que a mãe decidisse partir depois de levar com um atizador no peito. Kya voltou a ver sangue nas manchas esmaecidas do vestido florido de verão.

Jodie queria abraçá-la, aconchegá-la nos seus braços, mas ao avançar para ela, Kya baixou a cabeça e inclinou-a timidamente para o lado, acabando por recuar. Por isso, ele limitou-se a subir para o alpendre.

– Entra – disse ela, conduzindo-o para a pequena sala de estar, agora totalmente preenchida pelos seus espécimes.

– Ah, então és mesmo tu – exclamou ele. – Eu vi o teu livro, Kya. Não tinha a certeza se era mesmo teu, mas agora vejo que sim. – É impressionante. – Caminhou pela sala e olhou para as coleções dela, examinando também a própria sala, com a nova mobília, e os quartos, ao fundo do corredor, sem intenção de bisbilhotar, mas absorvendo tudo o que via.

– Queres um café ou um chá? – Kya não sabia se ele viera apenas visitá-la ou se tencionava ficar. O que pretendaria ele, ao fim de todos aqueles anos?

– Um café seria ótimo, obrigado.

Na cozinha, ele reconheceu o velho fogão a lenha, junto do fogão a gás e frigorífico novos. Passou a mão pela velha mesa de cozinha, que ela mantivera tal como estava antes – com a tinta descascada e toda a sua história intacta.

Kya serviu o café em canecas e sentaram-se os dois.

– Então és soldado.

– Com duas comissões no Vietname. Ficarei no exército durante mais alguns meses. Eles trataram-me bem. Pagaram-me o curso de engenharia mecânica na Georgia Tech. O mínimo que posso fazer é ficar lá mais algum tempo.

A Georgia não ficava assim tão longe. Ele podia tê-la visitado antes. Mas estava ali, agora.

– Todos vocês se foram embora – disse ela. – O pai ficou durante algum tempo, depois de tu te ires embora, mas também acabou por desaparecer. Não sei para onde foi, nem se está vivo ou morto.

– Tens vivido aqui sozinha desde então?

– Sim.

– Eu não devia ter-te deixado com aquele monstro, Kya. Sofri bastante. Senti-me terrivelmente mal durante anos, pelo facto de o ter feito. Fui cobarde. Estupidamente cobarde. Estas medalhas não têm qualquer significado. – Bateu com força no peito. – Eu abandonei-te. Deixei uma rapariguinha à mercê do pântano e de um louco. Não espero que me perdoes. Nem agora nem nunca.

– Está tudo bem, Jodie. Tu também eras apenas um miúdo. O que podias tu fazer?

– Poderia ter voltado alguns anos depois. De início, foi uma luta diária pela sobrevivência, nas ruas secundárias de Atlanta. – Sorriu displicentemente. – Saí daqui com vinte e cinco cêntimos no bolso. Roubei-

os do dinheiro que o pai deixou na cozinha. Tirei-os sabendo que iriam fazer-te falta. Fiz uns biscates, para me desenrascar, até que o exército me aceitou. Depois dos treinos, fui diretamente para a guerra. Quando regresssei, muito tempo depois, calculei que tu tivesses partido há muito, que também tivesses fugido. Foi por isso que não escrevi. Creio que me inscrevi para voltar, para me punir a mim próprio. Por achar que era isso que merecia depois de te abandonar. Depois de me licenciar na Tech, há alguns meses, vi o teu livro numa loja – Catherine Danielle Clark. Senti-me destroçado e radiante ao mesmo tempo. Tinha de te encontrar, por isso achei que o melhor seria começar por aqui e depois tentar localizar-te.

– E aqui estamos nós – disse ela, sorrindo pela primeira vez. Os olhos dele eram os mesmos de sempre. Os rostos mudam com as agruras da vida, mas os olhos continuam a ser uma janela para o passado e Kya conseguia vê-lo neles.

– Lamento que te tenhas preocupado tanto, que te tenhas martirizado por me abandonares. Nunca te culpei por isso. Nós éramos as vítimas e não os culpados.

Ele sorriu.

– Obrigado, Kya – Ambos ficaram de lágrimas nos olhos e desviaram o rosto um do outro.

Ela hesitou, mas depois disse:

– Talvez seja difícil de acreditar, mas o pai tratou-me bem durante algum tempo. Bebia menos e ensinou-me a pescar. Saíamos frequentemente de barco e percorríamos todo o pantanal. Mas depois é claro que voltou à bebida e deixou-me entregue a mim própria.

Jodie acenou com a cabeça.

– Pois. Eu vi esse lado dele algumas vezes, mas ele acabava sempre por voltar ao álcool. Um dia disse-me que tinha a ver com a guerra. Eu também estive na guerra e vi coisas capazes de levar um homem a afogar-se em

álcool. Mas ele não devia ter descarregado isso na mulher e nos filhos.

– O que é feito da mãe e dos outros? – perguntou ela. – Alguma vez tiveste notícias deles ou soubeste para onde foram?

– Não sei nada acerca do Murph, da Mandy ou da Missy. Não os reconheceria se me cruzasse com eles na rua. A estas horas, creio que se dispersaram ao vento. Quanto à mãe... Bom, essa é uma das razões por que queria encontrar-te, Kya. Tenho algumas notícias dela.

– Algumas notícias? Que notícias? Conta-me. – Kya sentiu um arrepio percorrer-lhe os braços, até à ponta dos dedos.

– Não é bom, Kya. Só soube disto a semana passada. – A mãe morreu há dois anos.

Kya dobrou-se pela cintura e amparou o rosto nas mãos. Pequenos gemidos cresceram-lhe na garganta. Jodie tentou abraçá-la, mas ela afastou-se dele.

Jodie prosseguiu:

– A mãe tinha uma irmã. Rosemary. Quando a mãe morreu, ela tentou localizar-nos através da Cruz Vermelha, mas não conseguiu encontrar-nos. Há alguns meses, eles encontraram-me através do exército e puseram-me em contacto com Rosemary.

Kya murmurou, num tom de voz roufenho.

– A mãe estava viva há dois anos. Durante todos estes anos, esperei vê-la percorrer aquele caminho. – Levantou-se e apoiou-se no lava-loiças. – Porque não voltou? Por que razão ninguém me disse onde ela estava? Agora é tarde de mais.

Jodie foi ao seu encontro e embora ela tentasse virar-lhe as costas, ele abraçou-a.

– Lamento Kya. Vem sentar-te. Eu conto-te o que a Rosemary me disse.

Esperou por ela e depois disse:

– A mãe estava com um esgotamento nervoso quando nos abandonou e

foi para Nova Orleães, a terra onde cresceu. Ela estava física e mentalmente doente. Lembro-me vagamente de Nova Orleães. Creio que tinha cinco anos quando partimos. Lembro-me apenas de uma bela casa, com grandes janelas sobre o jardim. Mas depois de nos mudarmos para aqui, o pai não permitia que nenhum de nós falasse de Nova Orleães ou dos avós. Nada que tivesse a ver com eles. Por isso, varremos isso da memória.

Kya acenou com a cabeça.

– Eu nunca soube.

Jodie prosseguiu.

– Rosemary disse que os pais estavam contra o casamento da mãe com o pai, desde o início, mas a mãe partiu para a Carolina do Norte com o marido, sem um tostão em nome de ambos. A dada altura a nossa mãe começou a escrever a Rosemary e revelou-lhe a situação em que estava – a viver numa cabana no pântano, com um alcoólico que batia nela e nos filhos. Anos mais tarde, a mãe apareceu lá. Usava um daqueles pares de sapatos a imitar pele de crocodilo, de que gostava imenso. Não tomava banho nem se penteava há dias.

A mãe passou meses sem dizer uma palavra. Ficou no seu antigo quarto, em casa dos pais, e quase não comia. É claro que mandaram vir médicos, mas nenhum deles conseguiu ajudá-la. O pai dela, nosso avô, contactou o Xerife em Barkley Cove, para saber se os netos estavam bem, mas do escritório do Xerife disseram-lhe que não tentavam sequer vigiar os habitantes do pantanal.

Kya ia fungando, de vez em quando.

– Por fim, quase um ano depois, a mãe ficou histérica e disse a Rosemary que se lembrara que abandonara os filhos. Rosemary ajudou-a a escrever uma carta ao nosso pai, perguntando-lhe se poderia vir buscar-nos para que fôssemos viver com ela, em Nova Orleães. Ele respondeu-lhe que se ela voltasse para casa ou tentasse contactar qualquer um de nós, nos espancaria

até ficarmos irreconhecíveis, e ela sabia que ele era bem capaz de o fazer.

A carta do envelope azul. A mãe perguntava por ela, por todos eles. A mãe queria vê-la. Mas a carta produzira um resultado totalmente diferente. As palavras que continha enfureceram o pai, levaram-no de novo à bebida e ela também acabara por o perder. Kya não revelou a Jodie que ainda tinha as cinzas da carta guardadas num pequeno frasco.

– Rosemary disse que a mãe nunca arranjou amigos, nunca jantava com a família, nem interagia com quem quer que fosse. Não se dava ao direito de ter vida, nem prazer. Algum tempo depois, começou a falar um pouco mais, mas o seu único tema de conversa eram os filhos. Rosemary disse que a mãe nos amou durante toda a vida, mas sentia-se paralisada num terrível impasse, pois acreditava que nos fariam mal se voltasse e que estaria a abandonar-nos se não voltasse. Ela não nos abandonou para ter uma aventura, ela deu em louca e mal se lembrava que partira.

– Como morreu ela? – perguntou Kya.

– Ela tinha leucemia. Rosemary disse que era possível tratá-la, mas ela recusou toda a medicação. Foi ficando cada vez mais fraca e acabou por morrer há dois anos. Rosemary disse que ela morreu da mesma forma que vivera. Na escuridão. Em silêncio.

Ficaram ambos calados e Kya lembrou-se do poema de Galway Kinnel que a mãe sublinhara no seu livro:

*Tenho de confessar que estou aliviado por tudo ter terminado:
No final já só conseguia sentir pena.
Daquele desejo de continuar a viver.
... Adeus.*

Jodie levantou-se.

– Vem comigo, Kya. Quero mostrar-te uma coisa. Conduziu-a à sua

pickup, subiu para a caixa aberta da carrinha e abriu cuidadosamente um grande caixote de cartão, de onde foi tirando pinturas a óleo, por embrulhar, que foi encostando à caixa da carrinha. Uma delas retratava três rapariguinhas – Kya e as irmãs – agachadas junto da lagoa, a observarem as libelinhas. Outra era de Jodie e do irmão a exibirem uma série de peixes pendurados num fio.

– Trouxe-as para o caso de tu ainda cá estares. Foi Rosemary que mas enviou. Disse que a mãe passou anos a pintar-nos, dia e noite.

Num dos quadros viam-se cinco crianças que pareciam estar a observar o artista. Kya olhou fixamente para os olhos dos irmãos, que tinham igualmente os olhos presos nela.

– Quem é quem? – perguntou, num sussurro.

– O quê?

– Nunca se fizeram fotografias, por isso eu não os reconheço. Quem é quem?

Jodie ficou sem fôlego ao ouvir aquilo, mas, finalmente, disse:

– Bom, esta é Missy, a mais velha. A seguir está Murph e Mandy. É claro que este miúdo giro sou eu. E aquela és tu – disse, finalmente.

Deu-lhe algum tempo e depois disse:

– Olha para esta.

Diante dele estava uma pintura a óleo, extraordinariamente colorida, de duas crianças agachadas no meio de redemoinhos de erva verde e flores silvestres. A rapariguinha, de cabelo liso preto, caído sobre os ombros, era ainda bebé. Não devia ter mais de três anos. O rapazinho, um pouco mais velho do que ela, tinha caracóis louros e apontava para uma borboleta monarca, de asas amarelas e pretas abertas sobre uma margarida. Estava com a mão no braço da rapariguinha.

– Acho que esse é o Tate Walker – disse Jodie.

– Acho que tens razão. Parece ser ele. Porque iria a mãe pintar o Tate?

– Ele costumava aparecer frequentemente, para ir pescar comigo. Estava sempre a mostrar-te insetos e coisas do género.

– Porque será que não me lembro disso?

– Eras muito pequena. Uma tarde, o Tate entrou na nossa lagoa de barco. O pai estava muito bêbado, aos puxões ao saco. Tu andavas pela água e ele devia estar a vigiar-te. Subitamente, sem razão aparente, o pai agarrou-te pelos braços e sacudiu-te com tanta força que te atirou com a cabeça para trás. Depois, largou-te na lama e começou a rir às gargalhadas. O Tate saltou do barco e correu ao teu encontro. Tinha apenas sete ou oito anos, mas gritou com o pai. É claro que o pai lhe deu um bofetão e gritou-lhe que saísse das suas terras e nunca mais lá voltasse, de contrário levaria um tiro. Nesta altura, já todos tínhamos corrido até lá abaixo para ver o que se passava, e embora o pai continuasse a praguejar enraivecido, o Tate pegou em ti e entregou-te à mãe, certificando-se de que tu estavas bem, antes de se ir embora. Continuámos a ir pescar juntos, depois disso, mas ele nunca mais voltou a nossa casa.

Exceto no dia em que me guiou até a casa, da primeira vez que levei o barco para o pantanal, pensou Kya. Olhou para a pintura em tons pastel. Era tão serena. A mãe conseguira, de alguma forma, extrair beleza, de toda aquela insanidade. Qualquer pessoa que olhasse para aqueles quadros, julgaria retratarem uma família feliz da zona costeira, a brincar ao sol.

Jodie e Kya sentaram-se na borda da caixa da carrinha, ainda a observarem as pinturas em silêncio.

Depois, Jodie prosseguiu:

– A mãe estava isolada. Sozinha. As pessoas têm formas diferentes de reagir em circunstâncias daquelas.

Kya gemeu baixinho.

– Por favor não me fales em isolamento. Ninguém precisa de me dizer até que ponto o isolamento nos modifica. Eu vivi-o. Eu sou o isolamento em

pessoa – sussurrou Kya, num tom ligeiramente irritado. – Perdoo à mãe por se ter ido embora, mas não entendo por que razão não voltou, por que razão me abandonou. É possível que não te lembres, mas depois de ela partir, tu disseste-me que as raposas-fêmea abandonam, por vezes, as suas crias quando estão famintas ou sob outro tipo de tensão extrema. As crias morrem – como iriam morrer de qualquer forma – mas a raposa sobrevive para voltar a reproduzir, assim que as condições melhorem e ela se sinta capaz de conceber e criar uma ninhada. Tenho lido imenso sobre isso, desde então. Na natureza mais remota – lá longe, onde o vento chora – esses comportamentos, aparentemente impiedosos, acabam, efetivamente, por aumentar o número de crias que a fêmea concebe ao longo da sua vida, levando-a a transmitir à geração seguinte os genes que a compelem a abandonar a sua prole, em momentos de tensão, e esse ciclo vai-se repetindo. Isso também acontece entre seres humanos. Certos comportamentos, que agora nos parecem cruéis, asseguraram a sobrevivência do homem primitivo, qualquer que fosse o pântano em que habitasse, na altura. Sem eles, nós não estaríamos aqui, agora. Nós ainda temos esses instintos guardados nos nossos genes e eles manifestam-se em determinadas circunstâncias. Em parte, seremos sempre o que éramos, o que tínhamos de ser para sobreviver, há muito tempo atrás. Talvez a mãe nos abandonasse movida por um impulso primitivo transmitido por genes remotos, devido à tensão, ao horror e ao perigo real que era viver com o pai, embora isso não desculpe a atitude em si – *ela devia ter decidido ficar* – mas talvez o facto de sabermos que essas tendências estão inscritas na nossa «planta» biológica, nos ajude a perdoar, mesmo a uma mãe fracassada. É possível que isso explique porque se foi embora, mas continuo a não perceber porque não voltou. Porque nem sequer me escreveu. Podia ter-me escrito, cartas atrás de cartas, anos a fio, até que uma delas viesse parar às minhas mãos.

– Creio que há coisas que não se explicam. Ou as perdoamos ou não. Não

sei responder a essa pergunta. Talvez não tenha sequer resposta. Lamento trazer-te tão más notícias.

– Vivi sem família e sem notícias da família durante uma boa parte da minha vida, e agora, em escassos minutos, reencontrei um irmão e perdi a minha mãe.

– Lamento muito Kya.

– Não lamentos. Na verdade, eu perdi a mãe há anos e agora tu regressaste, Jodie. Não há palavras que expressem o quanto desejava ver-te de novo. Este é um dos dias mais felizes e mais tristes da minha vida. – Tocou-lhe no braço com os dedos. Ele conhecia-a suficientemente bem para saber que isso era raro nela.

Voltaram para a cozinha e ele olhou em redor, a apreciar as coisas novas – as paredes acabadas de pintar, os armários feitos à mão.

– Como conseguias safar-te, Kya? Onde ias arranjar dinheiro para comer, antes de o livro ser publicado?

– Isso é uma história um pouco longa e enfadonha. Basicamente, vendia mexilhões, ostras e peixe fumado ao Saltos.

Jodie atirou a cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada.

– Saltos! Há anos que não penso nele. Ainda é vivo?

Kya não se riu.

– Saltos é o meu melhor amigo desde há anos. O meu único amigo. A minha única família, a menos que contes com as gaivotas de arenque.

Jodie ficou com uma expressão séria.

– Não tinhas amigos na escola?

– Só fui à escola um dia – disse ela, rindo baixinho. – Os miúdos riram-se de mim, por isso nunca mais lá pus os pés. Passei semanas a enganar os inspetores escolares, o que não foi muito difícil, depois de tudo o que aprendi contigo.

Ele parecia perplexo.

– Como aprendeste a ler, para escreveres o teu livro?
– Na verdade, foi Tate Walker que me ensinou a ler.
– Continuas a vê-lo?
– De vez em quando. – Levantou-se virou-se para o fogão. – Queres mais café?

Jodie sentia a solidão dela pairar pela cozinha. Estava patente na pequena quantidade de cebolas, no cesto dos legumes, no único prato a secar no escurredouro, no pão de milho cuidadosamente embrulhado numa toalha de chá, tal qual uma velha viúva faria.

– Já bebi café suficiente, hoje, obrigado. E que tal darmos uma volta pelo pantanal? – perguntou ele.

– Claro. Não vais acreditar: tenho um barco a motor novo, mas continuo a usar o mesmo velho esquife.

O sol rompera por entre as nuvens e estava radioso e quente para um dia de inverno. Enquanto Kya conduzia o barco pelos canais estreitos e estuários de águas espelhadas, Jodie deixou escapar uma exclamação ao ver uma saliência de que ainda se recordava, exatamente na mesma, e um dique de castores ainda no mesmo sítio. Ao chegarem à lagoa onde a mãe, Kya e as irmãs tinham encalhado o barco na lama, riram com gosto.

De regresso à cabana, Kya reuniu comida e fizeram um piquenique na praia, com as gaivotas.

– Eu era tão pequena quando eles se foram embora – disse ela. – Fala-me deles. Ele contou-lhe histórias sobre Murph, o seu irmão mais velho, que costumava andar com ela às cavalitas pelos bosques.

– Tu passavas o tempo todo a rir. Ele corria e andava em círculos, contigo às cavalitas. Uma vez riste-te tanto que molhaste as cuecas no pescoço dele.

– Oh não! Não pode ser – disse Kya, recostando-se na cadeira a rir.

– Molhaste sim. Ele gritou um pouco, mas continuou a andar. Depois, foi direito à lagoa, a correr, até ficar debaixo de água, ainda contigo às cavalitas.

Todos nós estávamos a assistir – a mãe, Missy, Mandy e eu. Chorámos a rir. A mãe riu tanto que teve de se sentar no chão.

Kya ia inventando imagens para as histórias que ele contava. Retalhos de uma vida em família que nunca imaginara ter tido.

Jodie continuou:

– Foi Missy que começou a dar comida às gaivotas.

– O quê? A sério? E eu a julgar que fora a única a fazê-lo, depois de todos se irem embora.

– Não. Ela ia alimentar as gaivotas, sempre que podia. Até lhes deu nomes. Lembro-me que chamava *Big Red* a uma delas, por causa daquela pinta vermelha no bico.

– É claro que são outras aves, mas eu própria lhes conheci várias gerações de *Big Reds*. Aquela ali à esquerda é o atual *Big Red*. Tentou ligar-se à irmã que lhe legara as gaivotas, mas apenas conseguiu visualizar o rosto da pintura, o que era mais do que antes conseguia.

Kya sabia que a pinta vermelha no bico das gaivotas de arenque não era apenas decorativa. Só quando as crias lhe tocavam nesse ponto com o bico, é o que progenitor libertava a comida que apanhara para elas. Se a pinta vermelha estivesse oculta e as crias não tocassem no bico do progenitor, este não as alimentava e elas morriam. Mesmo na natureza, a linha pela qual os progenitores se regem é bem mais ténue do que se possa imaginar.

Ficaram sentados durante algum tempo e depois Kya disse:

– É que não consigo lembrar-me de quase nada.

– Sorte a tua. Continua assim.

E ali ficaram, sentados em silêncio, tentando não recordar.

Kya fez um jantar tipicamente sulista, tal como a mãe teria feito: feijão-frade com cebola roxa, presunto frito, pão de milho com pedaços estaladiços de porco, feijão manteiga cozinhado em manteiga e leite, torta de amora com

chantili batido e Bourbon que Jodie trouxera. Enquanto comiam ele disse-lhe que gostaria de lá passar alguns dias, se ela não se importasse, e ela disse-lhe que podia ficar o tempo que quisesse.

– Estas terras agora são tuas, Kya. Bem as mereceste. Eu ainda ficarei mais algum tempo estacionado em Fort Benning, por isso não poderei cá ficar muito tempo. Depois disso, é provável que arranje um emprego em Atlanta, para que possamos manter-nos em contacto. Gostaria de te ver tão frequentemente quanto possível. Saber que tu estás bem sempre foi o meu único desejo na vida.

– Gostaria muito, Jodie. Vem sempre que possas, por favor.

Na noite seguinte, enquanto estavam sentados na praia, com a espuma das ondas a fazer-lhes cócegas nos dedos dos pés descalços, Kya estava invulgarmente conversadora, e Tate parecia surgir em todos os parágrafos. Contou-lhe que se perdera no pantanal, quando era ainda criança, e fora ele que a guiara até casa. Falou-lhe do primeiro poema que ele lhe lera e do jogo das penas. Contou-lhe ainda que ele a ensinara a ler e que trabalhava, agora, como cientista no novo laboratório. Contou-lhe que ele fora o seu primeiro amor, mas que a abandonara quando foi para a universidade, deixando-a à espera dele na margem da lagoa, e por isso tudo terminara.

– Há quantos anos foi isso? – perguntou Jodie.

– Há cerca de sete anos, creio eu. Quando ele foi para Chapel Hill.

– Voltaste a vê-lo desde então?

– Ele voltou para me pedir desculpa. Disse que ainda me amava. Foi ele que sugeriu que eu publicasse livros de referência. Agrada-me vê-lo de vez em quando, no pantanal, mas não voltarei a envolver-me com ele. Não é de confiança.

– Isso aconteceu há sete anos, Kya. Ele era apenas um miúdo. Era a primeira vez que estava longe de casa, com centenas de miúdas giras à volta dele... Se ele voltou, pediu desculpa e diz que te ama, talvez fosse boa ideia

não seres tão dura com ele.

– Grande parte dos homens andam a saltar de uma mulher para outra. Os que menos valem andam por aí a pavonear-se e seduzem-nos com falsidades. Talvez seja por isso que a mãe se apaixonou por um homem como o pai. Tate não foi o único a abandonar-me. Chase Andrews chegou até a falar-me em casamento, mas casou-se com outra pessoa. E nem sequer me disse. Fui eu que vi no jornal.

– Lamento muito, Kya. A sério que lamento, mas não são apenas os homens que são infiéis. Eu próprio fui enrolado, rejeitado e atropelado várias vezes. Encaremos as coisas como são: nem sempre o amor vinga. Porém, mesmo quando falha, liga-te a outras pessoas, e é isso que está, no final – *as ligações*. Olha para nós: neste momento temo-nos um ao outro. Agora pensa: se eu tiver filhos e tu tiveres filhos, criaremos uma linha de relacionamentos inteiramente nova... e por aí adiante. Se amas o Tate, arrisca, Kya.

Kya pensou no quadro que a mãe pintara dela e de Tate, em crianças, de rostos bem juntos, rodeados de borboletas e flores em tons pastel. Afinal, talvez a mãe lhe tivesse deixado uma mensagem.

Na terceira manhã da visita de Jodie, desembalaram as pinturas da mãe – todas, exceto uma com que Jodie quis ficar – e penduraram algumas nas paredes. A cabana ganhou uma luz diferente, como se mais janelas se abrissem. Kya recuou e olhou para elas. Era um milagre poder voltar a ter algumas das pinturas da mãe nas paredes, como que arrancadas da fogueira.

Depois, Kya acompanhou Jodie à *pickup* e deu-lhe um saco com uma merenda que lhe fizera para a viagem. Ambos olharam através das árvores, para o fundo do caminho de areia, evitando a todo o custo olharem-se nos olhos.

Finalmente, ele disse:

– É melhor eu ir andando. Aqui está a minha morada e o meu telefone –

disse ele, retirando um pedaço de papel de um bloco de notas. Ela ficou sem fôlego e amparou-se na carrinha com a mão esquerda, agarrando no papel com a direita. Nada mais simples: a morada de um irmão escrita num pedaço de papel. Saber que tinha uma família e onde a encontrar, ter um número para onde ligar, sabendo que ele iria atender, parecia-lhe simplesmente inacreditável. Quando ele a puxou para si, sentiu a garganta embargada e, finalmente, uma eternidade depois, deixou-se cair nos braços dele e chorou.

– Nunca imaginei que iria voltar a ver-te. Julguei que tivesses desaparecido para sempre.

– Estarei sempre presente, prometo. Sempre que me mudar, enviar-te-ei a minha morada. Se precisares de mim, escreve-me ou telefona-me, ouviste?

– Assim farei. E tu, por favor, volta para me visitar sempre que puderes.

– Vai à procura de Tate, Kya. Ele é bom homem.

Jodie acenou-lhe da carrinha até ao fim do caminho. Ela seguiu-o com os olhos a chorar e a rir ao mesmo tempo. Quando ele virou para a estrada, conseguia ainda distinguir o vermelho da *pickup* e o seu longo braço a acenar-lhe por entre os intervalos das árvores – os mesmos onde em tempos vira desaparecer um lenço branco – até que, finalmente, o perdeu de vista.

Busca à Cabana

1969

– Também não está cá hoje – disse Joe, batendo na estrutura da porta de rede de Kya. Ed estava nos degraus de tijolo e madeira, de mãos em concha, encostadas à rede, tentando ver para o interior. Longas barbas-de-velho pendiam dos gigantescos galhos de um carvalho, projetando sombras nas tábuas envelhecidas e no telhado pontiagudo da cabana. Retalhos de céu cinzento espreitavam aqui e acolá, naquele fim de manhã de novembro.

– É claro que não está cá, mas não tem importância, pois temos o mandado de busca. Basta entrares. Aposto que a porta não está trancada.

Joe abriu a porta e gritou:

– Está alguém em casa? É o Xerife.

Uma vez lá dentro, ficaram de olhos pregados nas prateleiras das coleções.

– Ed, olha só para isto. Continua na sala ao lado e a todo o comprimento do corredor. Dá impressão que a mulher está um bocadinho desaparefusada. Para não dizer completamente chalada.

– Talvez, mas consta que é uma grande especialista na vida do pantanal. Tu sabes que ela publicou aqueles livros. Vamos lá tratar disto. Ok, aqui estão as coisas que é preciso procurar.

Leu uma pequena lista em voz alta:

– Roupa de lã vermelha, que corresponda às fibras vermelhas encontradas no blusão de Chase; um diário, um calendário ou anotações – algo que mencione horas e locais onde tenha estado; o colar com a concha; canhotos dos tais autocarros noturnos. Façamos o possível para não desarrumar muito as coisas dela. Não há motivo para isso. Podemos espreitar por baixo ou por

trás das coisas. Não é necessário estragar nada disto.

– Sim, compreendo. Isto é quase como um santuário. Estou meio-impressionado, meio-arrepiado.

– Vai ser fastidioso, com toda a certeza – disse o Xerife, espreitando, cuidadosamente, por trás de uma série de ninhos de aves. – Vou começar pelo quarto dela, nos fundos.

Os dois homens trabalharam em silêncio, afastando roupa, dentro das gavetas, batendo nos cantos do roupeiro, movendo frascos com peles de cobra ou dentes de tubarão, à procura de provas.

Dez minutos depois, Joe disse em voz alta:

– Anda cá ver isto.

Quando Ed entrou no alpendre, Joe disse:

– Sabias que aves-fêmea só têm um ovário?

– Que conversa é essa?

– Repara: estes desenhos e estas anotações revelam que aves-fêmea só têm um ovário.

– Caramba, Joe. Não estamos aqui para aprender biologia. Toca a trabalhar.

– Dá-me um minuto. Olha para aqui. Isto é uma pena de um pavão macho e a anotação diz que, ao longo dos anos, as penas dos machos cresceram tanto que eles deixaram de conseguir voar. Tudo para atrair fêmeas.

– Já acabaste? Temos um trabalho a fazer.

– É que é muito interessante.

Ed saiu da sala.

– Toca a trabalhar, homem.

Dez minutos depois, Joe voltou a chamá-lo. Quando o Ed saiu da pequena casa de banho e se encaminhou para a sala de estar, disse:

– Deixa-me adivinhar: encontraste um rato empalhado, com três olhos.

Joe não lhe respondeu, mas quando Ed entrou na sala, mostrou-lhe um boné vermelho, de lã.

– Onde encontraste isso?

– Aqui mesmo pendurado neste bengaleiro, junto destes casacos e chapéus.

– Assim mesmo, à vista?

– É como te digo. Aqui mesmo.

Ed tirou do bolso o saco plástico que continha as fibras recolhidas do blusão de ganga que Chase usava, na noite da sua morte, e ergueu-o junto do boné vermelho.

– Parecem idênticas. São da mesma cor, do mesmo tamanho e da mesma espessura – disse Joe, ao estudarem ambos as amostras e o boné.

– É verdade. Ambos têm fios felpudos de lã bege, misturados com a lã vermelha.

– É capaz de ser isto mesmo.

– É claro que teremos de mandar o boné para o laboratório, mas se as fibras forem idênticas, teremos de a levar para a interrogar. Guarda o boné num saco e rotula-o.

Depois de uma busca de quatro horas, os dois homens voltaram a encontrar-se na cozinha.

Ed espreguiçou-se e disse:

– Creio que se houvesse mais alguma pista, já teríamos dado com ela. Podemos sempre voltar. Vamos dar o dia por terminado.

Enquanto conduzia a carrinha pelos sulcos lamacentos do caminho, de regresso à cidade, Joe disse:

– Parece-me que se ela fosse culpada, teria escondido o boné, em vez de o deixar ali pendurado, à vista.

– Provavelmente, não lhe ocorreu que as fibras poderiam soltar-se do boné e cair em cima do blusão dele, nem que o laboratório poderia identificá-

las. Ela não tem a noção desse tipo de coisas.

– Poderá não ter a noção disso, mas aposto que sabe muitas outras coisas. Sabe que os pavões deixaram de voar de tanto se pavonearem e digladiarem pelas fêmeas; sabe que as aves têm apenas um ovário. Não sei ao certo quais as implicações disso, mas deve ter uma razão de ser.

A Bússola

1969

Numa tarde de julho de 1969, mais de sete meses depois da visita de Jodie, o segundo livro de Kya, intitulado *Aves Marinhas da Costa Leste* – um volume de rara beleza, incrivelmente detalhado – apareceu na caixa do correio. Kya passou os dedos pela deslumbrante capa do livro – uma pintura sua de uma gaivota de arenque – e sorriu, dizendo:

– Ena, *Big Red*, conseguiste chegar a capa de livro.

Depois, dirigiu-se silenciosamente para a sombria clareira de carvalhos, perto de sua casa, com o seu novo livro, e foi à procura de cogumelos. Sentiu o solo fresco e empapado por baixo dos seus pés ao aproximar-se de um aglomerado de cogumelos de um amarelo-intenso. Subitamente, parou: um pequeno pacote de leite vermelho e branco, idêntico ao que encontrara há anos, estava poisado sobre o velho toco das penas, o que lhe provocou um inesperado ataque de riso.

O pacote continha uma velha bússola do exército, dentro de um estojo de latão oxidado, coberto de verdete, embrulhado em papel de seda. Kya arquejou ao vê-la. Nunca precisara de uma bússola, porque as direções lhe pareciam óbvias. Mas nos dias encobertos em que sol se tornava evasivo, esta poderia guiá-la.

Num bilhete dobrado lia-se:

Minha amada, Kya,

O meu avô trouxe esta bússola da I Guerra Mundial e ofereceu-ma quando eu era miúdo. Nunca a usei, e achei que tu poderias tirar melhor partido dela. Com amor, Tate. PS: Fico feliz por poderes ler este bilhete!

Kya releu as palavras «*minha amada*» e «*amor*». Tate, o rapaz de cabelo

louro, que a guiara até casa, antes de uma tempestade; que lhe deixara penas num toco carcomido de uma árvore; que a ensinara a ler; o adolescente carinhoso que a ajudara a lidar com o primeiro ciclo de amadurecimento da mulher; o jovem cientista que a encorajara a publicar os seus livros...

Apesar de lhe ter oferecido o livro das conchas, Kya continuava a esconder-se na vegetação rasteira, sempre que o via no pantanal, remando para longe, sem que ele a chegasse a ver. Tudo o que conhecia do amor eram os sinais enganadores dos pirilampos.

Até Jodie lhe dissera que devia dar mais uma oportunidade a Tate. Mas sempre que pensava nele ou o via, o seu coração parecia dividido entre o amor do passado e a dor do abandono. Se ao menos este se decidisse de uma vez.

Alguns dias depois, percorreu os estuários sob a neblina matinal, com a bússola guardada na mochila, ainda que fosse pouco provável vir a precisar dela. Decidira ir à procura de flores silvestres raras, numa língua de areia arborizada, que se estendia mar adentro, mas parte de si esquadrihava os cursos de água, na esperança de ver o barco de Tate.

O nevoeiro insistiu teimosamente em ficar envolvendo as excrescências e os galhos mais baixos das árvores. O ar estava parado: até as aves estavam em silêncio, ao percorrer o canal. Ali perto, ouviu um ruído surdo e ritmado de um remo de madeira a bater ao de leve na amurada de um barco, e viu uma embarcação emergir da neblina, como um espectro.

As cores veladas pela penumbra foram ganhando forma, à medida que o barco se aproximava da luz. Caracóis louros, debaixo de um boné vermelho. Tate avançava pelo canal com a ajuda de um remo, à popa de seu velho esquife de pesca, como que saído de um sonho. Kya desligou o motor do barco e remou para trás, escondendo-se numa moita, para o ver passar.

Na praia, ao pôr do sol, já mais calma e recomposta, Kya recitou:

*Um ocaso nunca é simples.
E a luz refratada pelo crepúsculo
Nunca é verdadeira.
Mesmo o anoitecer é um embuste
Que esconde rastos e mentiras.*

*Não queremos saber
Se o anoitecer nos engana
Pois vemos nele cores brilhantes
E jamais aprendemos a lição.
Quando lhe sentimos o ardor
Já o sol se escondeu sob a Terra.*

*Um ocaso é um engano
Que esconde verdades e mentiras.*

A.H.

Encurrallar a Raposa

1969

Joe entrou pela porta aberta do gabinete do Xerife.

– Ok. Já tenho o relatório.

– Vamos lá ver isso.

Ambos examinaram rapidamente o documento até à última página.

– Cá está. As fibras são perfeitamente idênticas. As fibras do boné dela correspondem às que encontramos no blusão de Chase, depois de morto.

O xerife bateu com o relatório na palma da mão e continuou:

– Vamos lá rever o que já temos. Primeiro: o pescador de camarão irá testemunhar que viu a menina Clark passar de barco em direção à torre de vigia, pouco antes de Chase dar a queda fatal. Os colegas confirmarão o testemunho dele. Segundo: Patti Love disse que foi a menina Clark que fez o colar com a concha a Chase, o mesmo colar que desapareceu na noite em que ele morreu. Terceiro: as fibras do boné dela estavam no blusão de Chase. Quarto: O móbil – a mulher desprezada. E um álibi que podemos refutar. Creio que já temos o suficiente.

– Dava-nos jeito um móbil mais forte – disse Joe. – Ser rejeitada, não me parece o suficiente.

– Não é que a investigação esteja encerrada, mas já temos o suficiente para a interrogarmos. Talvez até o suficiente para a acusarmos. Veremos como as coisas correm depois de a trazermos aqui.

– O problema é esse, não é? Como vamos conseguir trazê-la aqui? Há anos que se esquia de toda a gente – inspetores escolares, funcionários de recenseamento, o diabo a sete. Enganou-os a todos. Até a nós. Se a ideia for persegui-la pela erva alta do pântano, vamos fazer figura de parvos.

– Isso não me intimida. Lá porque ninguém a apanhou, não quer dizer que nós não possamos apanhá-la. Mas essa não seria a forma mais inteligente de o fazer. Que tal montar-lhe uma armadilha?

– Ah pois. Eu tenho alguma experiência em armadilhas – disse o agente – e quando se monta uma armadilha a uma raposa, normalmente é quem a monta que é enganado. Não temos propriamente o fator surpresa do nosso lado. Até um urso pardo se assustaria se lhe batêssemos tantas vezes à porta. E que tal usarmos cães? De certeza que a apanhávamos.

O xerife ficou em silêncio durante alguns segundos.

– Não sei. Talvez esteja a ficar velho e frouxo com os meus respeitáveis cinquenta e um anos, mas não me parece correto perseguir uma mulher com cães, para a interrogarmos. Isso é para criminosos em fuga, para gente já condenada por algum crime. Além disso, ela está inocente até que surjam provas em contrário, como toda a gente. Não me estou a ver a largar cães atrás de uma suspeita. Talvez em última instância, mas para já, não.

– Ok. Que tipo de armadilha?

– É nisso que vamos ter de pensar.

Na manhã seguinte, dia 15 de dezembro, enquanto Ed e Joe discutiam opções para trazer Kya à esquadra, alguém bateu à porta. Por trás do vidro fosco via-se a silhueta de um homem corpulento.

– Entre – disse o Xerife em voz alta.

Quando o homem entrou, Ed disse:

– Viva, Rodney. Em que podemos ajudar-te?

Rodney Horn era um mecânico reformado, que passava grande parte do seu tempo a pescar com o seu amigo Denny Smith. Os aldeões encaravam-no como um tipo calado e calmo. Andava sempre de jardineiras. Nunca faltava à igreja, onde aparecia também de jardineiras e camisa lavada, passada a ferro pela sua mulher, Elsie, que a engomava até ficar tesa como tábua.

Rodney tirou o seu chapéu de feltro, segurando-o em frente da barriga. Ed ofereceu-lhe uma cadeira, mas Rodney abanou a cabeça e disse:

– Isto não vai demorar. Quero apenas falar de uma coisa que poderá ser relevante para o caso do Chase Andrews.

– O que tens para nos contar? – perguntou Joe.

– Bom, isto passou-se já há algum tempo. No dia 30 de agosto deste ano, eu e o Denny tínhamos saído para pescar e vimos algo acontecer em Cypress Cove, que poderá ter interesse.

– Continua – disse o xerife. – Mas por favor senta-te, Rodney. Todos nós nos sentiríamos mais confortáveis se te sentasses.

Rodney aceitou a cadeira que lhe ofereceram e contou-lhes a sua história em cinco minutos. Depois de ele sair, Ed e Joe olharam um para o outro.

Joe disse:

– Agora já temos móbil.

– Vamos lá buscá-la.

Tubarões Cinzentos

1969

Alguns dias antes do Natal, e mais cedo do que era habitual, Kya saiu de barco de manhã, conduzindo-o devagar e tão silenciosamente quanto possível até à loja de Saltos. Desde que o Xerife e o seu adjunto tinham começado a deslocar-se sorrateiramente a sua casa, tentando inutilmente apanhá-la na cabana – incursões essas que presenciara, escondida atrás dos palmitos – passara a comprar a gasolina e provisões, antes do amanhecer, quando apenas os pescadores andavam por perto. Nuvens baixas deslizavam pelos céus, sobre o mar picado. A este, a sombra ameaçadora de uma tempestade retorcia-se como um chicote, junto da linha do horizonte. Teria de se despachar na loja de Saltos e voltar para casa, antes que a borrasca se abatesse sobre o pantanal. A cerca de quatrocentos metros, viu a doca de Saltos envolta em nevoeiro e moderou ainda mais a velocidade, olhando em redor para ver se outros barcos naquele silêncio húmido.

Quando estava a uns quarenta metros, conseguiu, finalmente, distinguir a figura de Saltos, sentado na sua velha cadeira, encostada à parede. Ela acenou-lhe; ele não. Nem sequer se levantou. Limitou-se abanar muito ligeiramente a cabeça. Kya largou imediatamente o acelerador.

Voltou a acenar-lhe. Saltos olhou para ela, mas não se mexeu. Kya girou bruscamente o leme e virou em direção ao mar. Nesse instante, uma lancha enorme emergiu do nevoeiro. Era o Xerife que vinha ao leme. E outras embarcações o seguiam; e atrás deles, a tempestade. Kya acelerou mais o esquife e passou à tangente por entre os barcos, avançando velozmente para mar aberto, com o casco do barco e embater violentamente contra a crista branca das ondas.

A ondulação já não era simétrica, projetando-se caoticamente em todas as direções. Assim que as franjas da tempestade a envolveram, as vagas tornaram-se mais alterosas e, numa questão segundos, gerou-se uma tromba de água. Kya estava encharcada, com madeixas de cabelo coladas ao rosto. Virou o barco contra o vento para que este não se virasse, mas o mar continuava a fustigar a proa, impedindo-a de avançar.

Consciente de que os barcos deles eram mais rápidos, curvou-se para a frente e enfrentou o vento agreste. Talvez conseguisse despistá-los naquele caos ou atirar-se à água e nadar até terra. Avaliou rapidamente essa possibilidade, que lhe pareceu de longe a melhor. Aquela distância da costa iria enfrentar correntes de retorno e agueiros, que a puxariam para de baixo de água e a arrastariam consigo, muito mais rapidamente do que eles a jugariam capaz de nadar. Se viesse à tona de água respirar, de vez em quando, conseguiria chegar a terra e escapar-se deles, numa margem com vegetação rasteira.

Atrás dela, o estrépito dos motores sobrepunha-se ao ruído da tempestade. Estavam a aproximar-se. Como poderia simplesmente parar se nunca antes se dera por vencida? Teria de saltar imediatamente. Mas os barcos rodearam-na, subitamente, como tubarões cinzentos, e pararam junto dela. Um dos barcos atravessou-se à sua frente e ela abalroou-o de lado o que a projetou contra a amurada com uma guinada do pescoço. O Xerife alcançou a amurada do barco e agarrou-a. Todos os barcos boiavam desordenadamente na sua própria esteira. Dois homens saltaram para dentro do seu barco e o Xerife disse:

– Menina Clark está presa pelo homicídio de Chase Andrews. Está no seu direito de permanecer em silêncio...

O resto já não ouviu. Ninguém ouve o resto.

Justiça de Domingo

1970

Kya piscou os olhos e voltou a fechá-los para os proteger da luz intensa das lâmpadas no teto e das janelas altas. Há dois meses que vivia na obscuridade. Voltou a abrir os olhos e teve um vislumbre de um recanto sossegado do pantanal, no exterior. Carvalhos de copa arredondada abrigavam fetos e azevinho do tamanho de arbustos. Tentou demorar um pouco mais o olhar naquele verde revigorante, mas um par de mãos firmes conduziram-na até junto de uma mesa comprida, com cadeiras, onde o seu advogado – Tom Milton – se sentara. Kya estava com os pulsos algemados à frente do corpo o que a obrigava a manter as mãos numa estranha posição de oração. Estava de calças pretas, com uma blusa simples, branca, e o cabelo preso numa trança, caída entre as omoplatas. Não virou a cabeça para olhar para a assistência, mas sentia o calor e ouvia os murmúrios das pessoas que se acotovelavam na sala de audiências, para assistir ao julgamento do homicídio de que fora acusada. Conseguia senti-las a inclinarem os ombros e a cabeça, por entre a multidão, para terem um vislumbre dela – para a verem algemada. A náusea piorou com o cheiro a suor, cigarros apagados e perfume barato. O ruído de pessoas a tossir cessou, mas aumentou o burburinho à medida que se foi aproximando da cadeira. Mas eram sons que surgiam muito distantes, pois só conseguia ouvir a sua própria respiração ofegante. Enquanto lhe tiravam as algemas, olhou para as tábuas do soalho – madeira do cerne do pinheiro bem encerada, pensou – e deixou-se cair pesadamente na cadeira. Eram 9:30 da manhã, do dia 25 de fevereiro de 1970.

Tom inclinou-se para ela e segredou-lhe que ia tudo correr bem. Ela não disse nada, mas perscrutou-lhe o olhar, tentando ver nele sinceridade –

qualquer coisa a que pudesse agarrar-se. Não que não acreditasse nele, mas era a primeira vez que se via obrigada a confiar o seu destino a outrem. Tom era bastante alto para os seus setenta e um anos e o seu cabelo branco e fatos de linho amarrotados conferiam-lhe a elegância accidental, ainda que cliché, de um estadista de província. Movia-se sem pressas e falava num tom de voz brando e pausado, com um sorriso agradável, que parecia habitar em permanência o seu rosto.

O juiz Sims designara um jovem advogado à menina Clark, uma vez que ela não tomara qualquer iniciativa nesse sentido, mas quando Tom Milton soube, decidiu interromper a reforma e pediu para a representar *pro bono*. Tal como todos os outros, também ele ouvira histórias sobre a Miúda do Pantanal, e vira-a de vez em quando, ao longo dos anos, umas vezes de barco, a deslizar suavemente pelos canais, como se fizesse parte da corrente, outras vezes a sair apressadamente do minimercado, como um guaxinim a fugir de um caixote de lixo.

A primeira vez que visitara Kya à prisão, dois meses antes, fora conduzido a uma pequena sala escura, onde ela estava sentada a uma mesa. Kya não levantara os olhos. Tom apresentara-se, informando-a que a iria representar, mas ela nunca falara nem olhara para ele. Tom sentira-se terrivelmente tentado a bater-lhe ao de leve nas costas da mão, mas algo na sua postura – talvez o facto de estar sentada muito direita ou o seu olhar ausente – formava uma espécie de escudo que impedia qualquer tipo de toque. Tom ia movendo a cabeça em ângulos diferentes, tentando captar o seu olhar, enquanto lhe explicava os procedimentos do tribunal e com o que poderia contar, colocando-lhe depois algumas perguntas. Mas ela não lhe respondeu, não se moveu, nem olhou para ele. Quando a levaram da sala, virou a cabeça e olhou brevemente através da pequena janela de onde podia ver o céu. As aves marinhas guinchavam sobre o porto da cidade e Kya parecia atenta ao seu canto.

Na visita seguinte, Tom meteu a mão num saco de papel castanho e tirou um grande livro de mesa, de capa lustrosa, empurrando-o na direção dela. O livro, intitulado *As Conchas Mais Raras do Mundo*, continha reproduções de pinturas a óleo de conchas, das praias mais distantes do mundo, em tamanho real. Ela folheou lentamente as páginas do livro, de boca entreaberta, acenando com a cabeça, ao ver determinados espécimes. Ele deu-lhe tempo. Depois, voltou a falar com ela e desta vez, ela olhou para ele. Ele voltou a explicar-lhe os procedimentos do tribunal, com toda a paciência, chegando mesmo a fazer-lhe um desenho da sala de audiências, com a tribuna dos jurados e o banco onde ela e os advogados iriam sentar-se. Depois, acrescentou figuras estilizadas do oficial de justiça, do juiz e do oficial de registos, explicando-lhe as suas funções.

Tal como no primeiro encontro, tentou explicar-lhe quais eram as provas contra ela, e perguntar-lhe onde estava na noite em que Chase morrera, mas ela voltou a fechar-se na sua concha, assim que ele entrou nos detalhes. Mais tarde, quando se levantou para sair, ela voltou a empurrar o livro na direção dele, mas ele disse-lhe:

– Não. Eu trouxe-o para ti. Agora é teu.

Ela mordeu o lábio e piscou os olhos.

E agora que ela entrara pela primeira vez na sala de audiências, Tom tentava distraí-la do burburinho na galeria, apontando para elementos da sala representados no desenho. Mas era inútil tentar distraí-la. Às 9:45 da manhã, os comentários em voz alta sobre os indícios do crime e a pena de morte eram constantes, na galeria apinhada de aldeões. O pequeno balcão ao fundo da sala tinha lugar para cerca de vinte pessoas e embora não estivesse sinalizado, toda a gente sabia que aquele era o balcão destinado aos negros. Mas hoje os lugares estavam praticamente preenchidos por brancos, apenas com alguns negros a assistir, uma vez que aquele era um caso que envolvia apenas

brancos. Na parte da frente da galeria, separados pelo corredor central, estavam alguns jornalistas do Atlanta Constitution e do Raleigh Herald. As pessoas que já não tinham lugar sentadas estavam agrupadas ao longo da parede dos fundos ou de lado, junto das grandes janelas, a coscuvilhar nervosamente em voz baixa. A Miúda do Pantanal acusada de homicídio? Melhor não podia ser. Justiça de Domingo, o gato do tribunal, de dorso negro, focinho branco e uma máscara negra em torno dos olhos verdes, espreguiçou-se numa poça de sol, num dos parapeitos fundos das janelas. Era como se fizesse parte da mobília e garantia o controlo das colónias das ratazanas na cave e dos ratos na sala de audiências.

Por ser a primeira aldeia a estabelecer-se naquela região fragmentada e alagada da costa da Carolina do Norte, Barkley Cove fora designada sede do condado pela Coroa, que aí erigira o edifício original do tribunal, em 1754. Mais tarde, muito embora outras cidades do condado, como Sea Oaks, se tornassem mais populosas e desenvolvidas, Barkley Cove continuou a ser o centro de decisões do governo do condado.

Em 1912, o edifício original do tribunal foi atingido por um raio, e uma boa parte da sua estrutura em madeira ficou reduzida a cinzas. O tribunal reconstruído no ano seguinte, no mesmo largo, ao fundo de Main Street, era agora um edifício de dois andares, em tijolo, com janelas de três metros e meio de altura e acabamentos em granito. Nos anos sessenta, ervas, palmitos e até algumas taboas avançaram do pantanal e invadiram os terrenos outrora ajardinados do tribunal e uma lagoa afogada em nenúfares, que costumava transbordar na primavera, foi devorando parte do passeio, com o passar do tempo.

A sala de audiências, construída à imagem e semelhança da sala original, pelo contrário, era um espaço imponente. A tribuna elevada, em mogno, com um emblema colorido das armas do condado, embutido, erguia-se sob uma série de bandeiras, incluindo a dos Confederados. A meia parede da tribuna

dos jurados, também em mogno, tinha acabamentos em cedro vermelho, e as janelas que cobriam um dos lados da sala, tinham vista para o mar.

Quando os oficiais entraram na sala de audiências, Tom apontou para as figuras estilizadas no desenho e explicou quem eram.

– Aquele é oficial de justiça, Hank Jones – disse ele. Um homem magro, com uns sessenta anos e umas entradas que lhe chegavam sensivelmente atrás das orelhas e lhe dividiam a cabeça em duas partes iguais – uma calva, outra coberta de cabelo – dirigiu-se para a parte da frente da sala. Usava um uniforme cinzento, com um cinto largo, onde tinha pendurado um rádio, uma lanterna, um impressionante molho de chaves e um coldre com um revólver *Colt*, de seis tiros.

O Sr. Jones dirigiu-se à multidão em voz alta:

– Meus senhores, lamento muito, mas já sabem quais são as regras do Chefe dos Bombeiros. Quem não tem lugar sentado, terá de se retirar.

– Aquela é a menina Henrietta Jones, a oficial de registos, que é filha do oficial de justiça – explicou Tom, referindo-se à jovem tão alta e magra como o pai, que entrara calmamente e se sentara numa mesa, junto da tribuna do juiz. O advogado de acusação, o Sr. Eric Chastain, já sentado, estava a desembalar blocos de notas que tirara da pasta. Eric, um homem ruivo, de peito largo, com cerca de um metro oitenta, usava um fato azul, e uma gravata larga, num tom garrido, comprada na Sears and Roebuck, em Ashville.

O oficial de justiça disse em voz alta:

– Todos de pé. Está aberta a audiência, que será presidida pelo Meritíssimo Juiz Harold Sims. – A sala ficou subitamente em silêncio. A porta lateral abriu-se e o Juiz Sims entrou, acenando com a cabeça, para que todos se sentassem, e pedindo aos advogados de acusação e de defesa que se aproximassem da tribuna. O Juiz Sims era um homem com uma estrutura óssea pesada, de rosto redondo e fartas patilhas brancas. Vivia em Sea Oaks,

mas exercia as funções de juiz em Barkley Cove, há nove anos. Era considerado, pragmático, equilibrado e justo nas suas arbitragens. A sua voz sonora ecoou pela sala:

– Sr. Milton, a sua moção para que este julgamento fosse transferido para outro condado, fundamentada na ideia de que a menina Clark não poderá ser julgada de forma justa devido aos preconceitos que esta comunidade alimenta contra ela, foi indeferida. Aceito que ela tenha vivido em circunstâncias invulgares e sido vítima de algum preconceito, mas não vejo nenhuma indicação de que ela tenha sido alvo de maiores preconceitos do que outras pessoas chamadas a barra dos tribunais em cidades pequenas por esse país fora, e até em grandes cidades, já agora – por conseguinte, prosseguiremos aqui e agora. – Acenos de cabeça aprovadores percorreram a sala, enquanto os advogados regressavam aos seus lugares.

O juiz prosseguiu:

– Catherine Danielle Clark, natural do condado de Barkley, na Carolina do Norte, é acusada de homicídio qualificado de Chase Lawrence Andrews, anteriormente natural de Barkley Cove. O homicídio qualificado configura um ato premeditado, e em casos como este, o Estado está autorizado a requerer a aplicação da pena de morte. A acusação anunciou que o irá fazer, caso a menina seja considerada culpada. – Ouviram-se murmúrios pela sala.

Tom parecia ter-se aproximado um pouco mais de Kya, e ela decidiu não se privar desse consolo.

– Daremos agora início à seleção do júri. – O Juiz Sims virou-se na direção das duas primeiras filas preenchidas por potenciais jurados. Enquanto lia uma lista de regras e condições, Justiça de Domingo desceu do parapeito da janela com um ruído surdo, e saltou agilmente para a tribuna do juiz. O Juiz Sims afagou, distraidamente, a cabeça do gato e prosseguiu:

– Em casos de pena capital, o Estado da Carolina do Norte permite a dispensa de um jurado que não aceite a pena de morte. Se alguém não quiser

nem estiver em condições de impor a pena de morte, caso a ré seja considerada culpada, por favor levante a mão. – Ninguém levantou a mão.

«Pena de morte» foi a única coisa que Kya ouviu.

O juiz prosseguiu:

– Outro motivo legítimo para se ser dispensado do júri é a existência de uma relação próxima passada ou presente, com a menina Clark ou com o Sr. Andrews, que possa comprometer a objetividade do jurado no julgamento deste caso. Se sentirem ser esse o caso, por favor informem-me.

A Sra. Sally Culpepper, sentada ao centro da segunda fila, levantou a mão e disse o seu nome. Tinha o cabelo grisalho firmemente preso atrás, num minúsculo carrapito, e o fato, os sapatos e o chapéu eram no mesmo tom sombrio de castanho.

– Muito bem, Sally, diga-me o que a preocupa – disse o juiz.

– Como sabe, eu fui inspetora escolar em Barkley Cove durante quase vinte e cinco anos. A menina Clark foi um dos meus casos, por isso relacionei-me ou tentei relacionar-me com ela algumas vezes.

Kya não conseguia ver a Sra. Culpepper nem ninguém que estivesse na galeria principal, a menos que se virasse para trás, o que jamais faria, é claro, mas lembrava-se claramente da última vez que tinham tentado apanhá-la. A Sra. Culpepper ficara sentada no carro e o homem de chapéu de feltro fora atrás dela. Kya fora tão condescendente quanto possível com o velhote: primeiro fazendo bastante barulho ao correr por entre os espinheiros, para que ele a pudesse seguir e depois voltando para trás e escondendo-se nos arbustos, ao pé do carro. Ainda assim, o Chapéu de Feltro correria para a praia, na direção oposta.

Kya abanara uma pernada de azevinho contra a porta do carro, acorada nos arbustos, e a Sra. Culpepper olhara através da janela e dera de caras com os seus olhos. Kya ficou com a impressão de que a senhora inspetora lhe esboçara um sorriso, e também não fez nada para a denunciar, quando o

Chapéu de Feltro voltou a praguejar, e se afastou de vez, estrada fora.

A Sra. Culpepper disse ao juiz:

– Bom, não sei se o facto de me ter relacionado com ela será motivo para ser dispensada do júri.

O Juiz Sims disse:

– Obrigado, Sally. Muitos de vós poderão ter-se relacionado com a menina Clark em lojas ou no desempenho de funções oficiais, como é o caso da Sra. Culpepper, enquanto inspetora escolar. A questão que se coloca é a seguinte: sentem que conseguirão decidir se ela é culpada ou inocente, com base nas provas e não nas vossas emoções ou na vossa experiência passada, depois de ouvidas as testemunhas?

– Sim, Meritíssimo. Estou certa de que conseguirei.

– Obrigado, Sally. Pode ficar.

Às 11:30 estavam já sete mulheres e cinco homens na tribuna do júri. Kya olhou dissimuladamente para os seus rostos, pois conseguia vê-los do sítio onde estava. Reconheceu a maior parte deles da aldeia, embora não soubesse o nome de quase ninguém. A Sra. Culpepper estava sentada exatamente a meio da tribuna, o que a reconfortou ligeiramente, mas ao lado dela estava Teresa White, a esposa loira do pastor Metodista que, anos antes, saíra precipitadamente dum loja para evitar que a filha se aproximasse de Kya, que estava no passeio, depois de almoçar com o pai num restaurante, pela primeira e última vez. A mesma Sra. White, que dissera à filha que Kya estava suja, fazia agora parte do júri.

O Juiz Sims anunciou um intervalo para almoço até às 13:00. O restaurante forneceriaatum, salada de frango e sanduíches de presunto aos jurados, que almoçariam na sala de deliberações. Por uma questão de justiça para com os dois restaurantes da cidade, a Cervejaria Dog-Gone entregaria cachorros quentes, chili e sanduíches de camarão, em dias alternados. Também levavam sempre qualquer coisa para o gato. Justiça de Domingo

preferia as sanduíches de camarão.

Encontro Fortuito

1969

O nevoeiro começava a dissipar-se, naquela manhã de agosto de 1969. Kya decidira ir de barco até uma península a que os habitantes locais chamavam Cypress Cove, onde em tempos vira uns cogumelos venenosos muito raros. O mês de agosto era demasiado quente para os cogumelos, mas Cypress Cove era um local fresco e húmido e ela achou que talvez lá voltasse a encontrar essa espécie rara.

A margem estava aninhada sob uma série de árvores cobertas de musgo e os seus galhos baixos, formavam uma caverna à beira da água, pela qual deslizou, à procura dos pequenos cogumelos cor de laranja, por entre as moitas, junto dos talos mais finos. Finalmente viu-os, agarrados aos lados de um velho toco, com o seu tom vivo e arrojado de laranja. Depois de arrastar o barco para terra, sentou-se de pernas cruzadas, a desenhá-los.

Subitamente ouviu passos na areia lamacenta e depois uma voz:

– Vejam só quem aqui está. A minha Miúda do Pantanal. – Kya virou-se, tentando levantar-se ao mesmo tempo, e deu de caras com Chase.

– Olá, Kya – disse ele. Ela olhou em redor. Como teria lá chegado? Não ouvira barco nenhum. Ele apercebeu-se da dúvida dela. – Estava a pescar e vi-te passar. Deixei o barco ali mais adiante, do outro lado.

– Por favor, vai-te embora – disse ela, guardando os lápis e o bloco na mochila, mas ele poisou-lhe a mão no braço.

– Vá lá, Kya. Lamento que tudo tenha acabado assim – disse ele, inclinando-se para ela com um ligeiro hálito a Bourbon, como se o tivesse bebido ao pequeno-almoço.

– Não me toques!

– Eh, eu pedi desculpa. Tu sabias que nós não podíamos casar-nos. Tu jamais conseguirias viver perto da cidade. Mas eu sempre me preocupei contigo. Fiquei sempre perto de ti.

– Ficaste perto de mim? O que quer isso dizer? Deixa-me em paz. – Colocou a mochila debaixo do braço e dirigiu-se para o barco, mas ele agarrou-a firmemente pelo braço.

– Nunca encontrarei ninguém como tu, Kya. Eu sei que tu me amas.

Ela arrancou o braço da mão dele.

– Estás enganado. Nem sei se alguma vez te amei. Mas tu falaste-me em casamento, lembras-te? Falaste em mandar construir uma casa para mim e para ti. Em vez disso, pelo jornal, descobri que *estavas noivo de outra pessoa*. Porque fizeste isso? Porquê, Chase?

– Vá lá Kya. Era impossível. Tu já devias saber que não ia resultar. Que mal tem que as coisas tenham corrido assim? Podemos voltar a ter o que tínhamos. – Agarrou-a pelos ombros e puxou-a contra si.

– Larga-me! – Kya torceu-se e tentou libertar-se, mas ele agarrou-a com ambas as mãos, magoando-lhe os braços e depois beijou-a. Ela levantou bruscamente os braços e afastou-lhe as mãos: depois inclinou a cabeça para trás e disse-lhe num tom ameaçador:

– Nem te atrevas.

– Eis o meu lince. Mais selvagem do que nunca. – Agarrou-a pelos ombros, golpeou-a na parte de trás dos joelhos, com uma das pernas, e empurrou-a para o chão. A cabeça bateu com força no solo – Eu sei que tu me desejas – disse ele, num tom malicioso.

– Não. Para! – gritou ela. Ele ajoelhou-se, assentou um joelho sobre o seu estômago, cortando-lhe a respiração, abriu o fecho dos jeans e puxou-os para baixo.

Ela recuou e ergueu-se, empurrando-o com ambas as mãos. Subitamente, ele esmurrou-a na cara com o punho direito. Um horrível estalido ecoou-lhe

no cérebro. O seu pescoço curvou-se bruscamente e ela foi projetada para trás, caindo desamparada no chão. Tal e qual como a mãe quando o pai lhe batia. Kya sentiu uma dor palpitante e ficou atordoada por instantes. Depois torceu-se e virou-se, tentando sair debaixo dele, mas ele era demasiado forte. Chase prendeu-lhe ambos os braços por cima da cabeça, com uma mão, e abriu-lhe o fecho dos calções, arrancando-lhe as cuecas com a outra, enquanto ela lhe dava pontapés. Kya gritou, mas não estava lá ninguém para a ouvir. Esgravatou com os pés no chão, tentando libertar-se, mas ele agarrou-a pela cintura e virou-a de barriga para baixo, empurrando-lhe o rosto dorido contra a terra. Depois, levou a mão à barriga dela e puxou-lhe a pélvis para cima, ajoelhando-se atrás dela.

– Desta vez, não vou deixar-te ir embora. És minha, quer isso te agrade ou não.

Movida por um qualquer instinto primitivo, Kya conseguiu reunir forças, fincou os joelhos e as mãos no chão e ergueu-se para trás, desferindo-lhe um golpe no queixo, com o cotovelo. Ao vê-lo baloiçar a cabeça para o lado, golpeou-o selvaticamente com os punhos até ele perder o equilíbrio e cair para trás. Depois fez pontaria e pontapeou-o em cheio nas virilhas.

Ele dobrou-se sobre si mesmo e rebolou o corpo para o lado, agarrado aos testículos, contorcendo-se de dor. Por precaução, sabendo bem onde ele tinha os rins, pontapeou-o várias vezes nas costas. Com força.

Puxou os calções para cima, agarrou na mochila e correu para o barco. Ao puxar a corda do motor de arranque, olhou para trás e viu-o erguer-se de gatas, a gemer. Kya praguejou até o motor pegar. Certa de que ele tentaria segui-la a qualquer momento, virou bruscamente o leme e acelerou para longe da margem quando ele se levantou. Puxou o fecho das calças, de mãos trémulas, abraçando firmemente o próprio corpo com um braço. Olhou para o mar, espavorida, e viu um barco de pesca e dois homens a olharem para ela.

Cypress Cove

1970

Depois do almoço, o juiz Sims perguntou ao advogado de acusação:

– Está pronto para chamar a sua primeira testemunha, Eric?

– Estamos sim, Meritíssimo. – Noutros casos de homicídio, Eric começava por chamar o médico legista, porque o seu testemunho envolvia a apresentação de provas materiais, tais como a arma do crime, o local e a hora da morte e as fotografias do local do crime, coisas que causavam um grande impacto nos jurados. Mas neste caso, não havia arma do crime, nem impressões digitais, nem pegadas, por isso decidira começar pelo móbil do crime.

– O Estado chama o Sr. Rodney Horn, Meritíssimo.

Todos os presentes viram Rodney Horn subir para o banco das testemunhas e jurar dizer a verdade. Kya reconheceu-o, embora só o tivesse visto durante alguns segundos, e desviou os olhos dele. Era um mecânico reformado, um dos tais que passava uma boa parte do seu tempo a pescar, a caçar ou a jogar poker no Swamp Guinea. Aguentava mais álcool que um barril de chuva. Naquele dia, como de costume, estava de jardineiras de ganga, com uma camisa lavada e passada a ferro com tamanha quantidade de goma que o colarinho estava rígido. Segurava o boné de pesca com a mão esquerda enquanto prestava juramento com a direita. Depois sentou-se no banco das testemunhas e poisou o boné em cima de um joelho.

Eric aproximou-se descontraidamente do banco das testemunhas.

– Bom dia, Rodney.

– Bom dia, Eric.

– Julgo que estarias a pescar com um amigo perto de Cypress Cove, na

manhã de 30 de agosto de 1969, correto?

– Exatamente. Eu e o Denny estávamos lá a pescar desde o nascer do sol.

– Para que conste; estás a referir-te a Denny Smith?

– Sim. Era eu e o Denny.

– Muito bem. Quero que contes ao tribunal o que viste nessa manhã.

– Bom, como antes disse, estávamos lá desde o nascer do sol. Eram quase onze horas e eu já não comia há algum tempo. Estávamos a ponto de recolher as linhas e ir embora, quando ouvimos uma agitação nas árvores, naquela ponta de terra. Vinha dos bosques.

– Que tipo de agitação?

– Bom, ouvimos vozes, primeiro abafadas e depois mais sonoras. Era um homem e uma mulher, mas não conseguíamos vê-los, apenas os ouvíamos. Pareciam estar a discutir.

– E depois, o que aconteceu?

– Bom, a mulher começou a gritar, por isso aproximámo-nos mais, para vermos melhor. Para percebermos se ela estava em apuros.

– E o que viram?

– Quando lá chegámos, já a mulher estava de pé, junto do homem, a dar-lhe um pontapé nos... – Rodney olhou para o juiz.

O Juiz Sims perguntou:

– Onde lhe deu ela o pontapé? Podes dizer.

– Deu-lhe um pontapé nos tomates e ele caiu de lado, a gemer. Depois deu-lhe uma série de pontapés nas costas, mais furiosa que uma mula com a boca cheia de abelhões.

– Reconheceste a mulher? Está aqui hoje, na sala de audiências?

– Sim, nós conhecíamos-la. É aquela ali, a arguida. Aquela a quem chamam a Miúda do Pantanal.

O Juiz Sims inclinou-se para a testemunha.

– Sr. Horn, a acusada é a menina Clark. Não se refira a ela por outro

nome.

– Então está bem. Foi a menina Clark que vimos.

Eric prosseguiu:

– Reconheceste o homem a quem ela estava a dar pontapés?

– Na altura não o conseguimos ver porque ele estava a torcer-se no chão, mas alguns minutos depois, levantou-se, e nós vimos que era Chase Andrews, o que foi *quarterback* há uns anos.

– E depois, o que aconteceu?

– Ela correu na direção do barco, aos tropeções... Estava seminua, com os calções nos tornozelos e as cuecas à volta dos joelhos. Estava a tentar puxar os calções ao mesmo tempo que corria. Sempre a gritar com ele. Meteu-se no barco e zarpou a toda a velocidade, ainda a puxar os calções. Quando passou por nós olhou-nos nos olhos. Por isso sei exatamente quem era.

– Dizes que ela estava a gritar com ele, enquanto corria para o barco. Ouviste o que ela disse?

– Sim. Conseguíamos ouvi-la claramente porque estávamos muito perto.

– Por favor diz ao tribunal o que a ouviste gritar.

– Estava a dizer: «Deixa-me em paz, desgraçado! Se voltares a importunar-me, mato-te!»

Um ruidoso coro de murmúrios percorreu a sala e não parou mais.

– Aí está. Isto é mais do que suficiente.

O juiz Sims bateu com o martelo.

Eric disse à sua testemunha:

– É tudo, Rodney, obrigado. Acusação não tem mais perguntas a fazer. A testemunha é sua.

Tom passou rapidamente por Eric e subiu para junto do banco das testemunhas.

– Ora bem, Rodney, tu alegaste que quando ouviste as vozes abafadas,

mas ainda assim sonoras, não conseguias ver o que se estava passar entre a menina Clark e o Sr. Andrews, correto?

– Exatamente. Só conseguimos vê-los depois de nos aproximarmos.

– Tu disseste que a mulher, que mais tarde identificaste como sendo a menina Clark, estava a gritar como se estivesse em apuros, correto?

– Sim.

– Não viste beijos nem nenhum tipo de comportamento sexual consensual entre dois adultos. Ouviste sim, uma mulher a gritar como se estivesse a ser atacada, como se estivesse em apuros, não é verdade?

– Sim.

– Assim sendo, não poderia a menina Clark estar a defender-se quando pontapeou o Sr. Andrews? A defender-se de um antigo *quarterback*, extremamente forte e atlético, que a surpreendeu sozinha nos bosques e a atacou?

– Sim, acho que é possível.

– Não tenho mais perguntas a fazer.

– Reencaminho a testemunha?

– Sim, Meritíssimo – disse Eric, levantando-se da mesa da acusação.

– Rodney, independentemente de se tratar de um comportamento consensual ou não, será correto dizer que a arguida estava furiosa com o falecido Chase Andrews?

– Sim, absolutamente furiosa.

– Suficientemente furiosa para lhe gritar que o mataria se ele voltasse a importuná-la, correto?

– Exatamente.

– Não tenho mais perguntas a fazer, Meritíssimo.

A Pequena Manada de Corças

1969

Kya atrapalhou-se com o leme, ao olhar para trás para ver se Chase a vinha a seguir de Cypress Cove. Conduziu velozmente o barco até à sua lagoa e correu para a cabana a coxear, já com os joelhos a inchar. Na cozinha deixou-se cair no chão a chorar, tocou ao de leve no olho inflamado, e cuspiu areia da boca. Depois ficou à escuta, para ver se ouvia o barco dele aproximar-se.

Kya vira o colar com a concha. Ele continuava a usá-lo. Como era possível?

«És minha», dissera ele. Devia estar furioso por ela o ter pontapeado e viria atrás dela. Poderia até vir nesse dia. Ou então esperar pela noite.

Não podia contar a ninguém. Saltos insistiria para que ela chamasse o Xerife, mas as autoridades jamais acreditariam na palavra da Miúda do Pantanal contra a de Chase Andrews. Kya não sabia ao certo o que os dois pescadores tinham visto, mas eles jamais a defenderiam. Diriam que ela estava a pedi-las, porque antes de Chase a abandonar, fora vista aos beijos com ele, durante anos. Um comportamento pouco próprio de uma senhora. «Andava armada em galdéria» diriam eles.

Lá fora, o vento que vinha do mar uivava e ela estava com receio de não conseguir ouvir o barco dele aproximar-se. Assim, movendo-se com dificuldade por causa das dores, colocou biscoitos, queijo e nozes na mochila, e foi a pé até à cabana de leitura, percorrendo os canais por entre espartos, de cabeça baixa, contra ventania desenfreada. A caminhada demorou quarenta e cinco minutos e o seu corpo dorido e rígido estremecia a cada ruído, compelindo-a a virar a cabeça e esquadrihar a vegetação rasteira.

Finalmente, viu a velha estrutura de troncos de madeira, aninhada na margem do riacho, meio-afogada em erva alta. Ali o vento não era tão forte e o prado de erva macia estava silencioso. Ela nunca falara do seu esconderijo a Chase, mas talvez ele soubesse dele. Não tinha a certeza.

A cabana já não cheirava a ratos. Depois do laboratório de ecologia contratar Tate, ele e Scupper tinham reparado a cabana para que ele lá pudesse passar a noite durante algumas das suas expedições. Tinham escorado as paredes e endireitado o telhado, e equiparam-na com algumas peças básicas de mobiliário – uma pequena cama com uma coberta, um fogão para cozinhar, uma mesa e uma cadeira. Havia tachos e panelas penduradas nas traves do teto. Em cima da mesa rebatível estava um microscópio protegido por um plástico, que parecia totalmente deslocado do cenário. A um canto, um velho baú metálico com latas de feijão cozido e sardinhas. Nada que pudesse atrair os ursos.

Mas Kya sentia-se encurralada dentro da cabana, pois não veria Chase se este se aproximasse, por isso sentou-se à beira do riacho e perscrutou as terras alagadas, cobertas de erva, com o olho direito. O esquerdo estava inchado e fechado.

A jusante, Kya viu uma manada de cinco corsas que a ignoraram, e continuaram a mordiscar folhas ao longo da margem do ribeiro. Se ao menos pudesse fazer parte da manada. Kya sabia que a questão não era tanto a manada sentir-se incompleta sem um dos seus veados, mas sim o veado sentir-se incompleto sem a sua manada. Uma das corsas levantou a cabeça e sondou as árvores, a norte, com os seus olhos escuros, batendo com a pata direita no chão e depois com a esquerda. As outras levantaram os olhos e bramiram alarmadas. Kya olhou imediatamente para a floresta, com o seu único olho são, atenta a sinais da presença de Chase ou de outro predador qualquer, mas tudo estava em silêncio. Talvez se tenham assustado com a brisa. As corsas pararam de bater com as patas no chão, mas afastaram-se

lentamente por entre a erva alta, deixando Kya sozinha e inquieta.

Kya voltou a sondar o prado, atenta à presença de intrusos, mas o esforço de escutar e procurar com os olhos, esgotou-lhe toda a energia, por isso voltou para dentro da cabana. Tirou um pedaço de queijo húmido da mochila, deixou-se cair no chão e devorou-o sem pensar, tocando ao de leve na face contundida. Tinha o rosto, os braços e as pernas cortados e sujos de areia ensanguentada, e os joelhos arranhados a latejar. Começou a soluçar, tentando combater a vergonha que sentia, e de repente, cuspiu o queijo, salpicando o ar de cuspo.

A culpa era dela, que se dispusera a conviver com um homem sem qualquer vigilância. Um desejo espontâneo levava-a a hospedar-se com ele num motel barato, ainda solteira, mas nem isso lhe chegara. Tivera de se deixar possuir à luz intermitente de néones. Um ato do qual apenas sobraram manchas de sangue nos lençóis, semelhantes ao rasto de um animal.

Chase deve ter-se gabado da proeza a toda a gente. Não era de admirar que as pessoas a evitassem. Era uma incapaz, uma criatura repugnante.

Quando a meia-lua surgiu por entre as nuvens rápidas, olhou através da pequena janela, para ver se vislumbrava alguma silhueta humana, acorada, à espreita. Por fim, deitou-se na cama de Tate e dormiu debaixo da sua coberta. Acordava frequentemente, para ver se ouvia passos, puxando depois a coberta macia até junto do rosto.

Voltou a comer queijo esborado ao pequeno-almoço. Estava com o rosto verde-arroxado, o olho inchado como um ovo cozido, e o pescoço dorido. Uma parte do lábio superior estava estranhamente deformada. Estava como a mãe, monstruosa, e com medo de ir para casa. Subitamente, Kya percebeu com toda a clareza o que a mãe tivera de suportar, e porque se fora embora.

– Mãe, mãe – sussurrou. – Agora entendo. Finalmente entendo porque tiveste de te ir embora de vez. Desculpa não ter percebido, desculpa não ter

podido ajudar-te.

Baixou a cabeça e chorou. Depois, levantou-a bruscamente e disse:

– Jamais viverei assim. Sempre a pensar quando e onde levarei o próximo murro.

Foi para casa a pé, nessa tarde. Embora estivesse com fome e precisasse de mantimentos não foi à loja de Saltos, com receio que Chase a visse lá. Além disso, não queria que ninguém a visse com a cara feita num bolo, muito menos Saltos.

Depois de uma simples refeição de pão duro e peixe fumado, sentou-se no alpendre. Nesse preciso instante, reparou num louva-a-deus fêmea a caçar num ramo perto do seu rosto. O inseto despedaçava traças com as patas dianteiras, articuladas, e a devorá-las, ainda estas batiam as asas. Um louva-a-deus macho, de cabeça orgulhosamente levantada como um pônei, pavoneou-se perto dela, para a cortejar. Ela parecia interessada, agitando energicamente as antenas. Kya ficou sem saber se o abraço dele fora firme ou terno, o certo é que enquanto ele lhe tocava repetidamente com o órgão reprodutivo, para fertilizar os seus ovos, a fêmea virou o seu longo e elegante pescoço para trás e arrancou-lhe a cabeça. Ele estava tão entretido a copular que nem deu por isso, sacudindo o pescoço sem cabeça, e continuando a fazer o que tinha a fazer. Ela abocanhara o tórax e depois as asas, deixando-lhe apenas uma pata dianteira de fora, mas a parte inferior do corpo do macho degolado, e já sem coração, continuou a copular numa cadência perfeita.

Os pirilampos-fêmea atraíam machos estranhos com sinais enganadores e comiam-nos, mas as fêmeas do louva-a-deus comiam os machos da sua própria espécie. Os insetos-fêmea sabiam muito bem como lidar com os seus amantes, pensou Kya.

Alguns dias depois, foi para o pantanal de barco, explorar zonas que Chase não conhecia, mas esteve sempre inquieta e alerta, e foi-lhe difícil pintar. O olho continuava inchado – mal o conseguia abrir – e o hematoma

alastrara a metade do rosto, tingindo-o com aqueles tons repugnantes. Uma boa parte do seu corpo latejava de dor. Sempre que ouvia o chilreio de um esquilo, virava-se, mantendo-se também atenta aos grasnidos dos corvos – uma linguagem anterior à própria palavra, no tempo em que a comunicação era simples e clara – e para onde quer que fosse, planeava mentalmente uma rota de fuga.

1970

Feixes de luz pardacenta escoavam-se pela pequena janela da cela. Kya observou a dança silenciosa das partículas de pó que pareciam mover-se todas na mesma direção, como que guiadas por um líder sonhador. Quando chegavam às sombras desapareciam. Sem o sol não eram nada.

Agora de fato-macaco cinzento, com as palavras RECLUSO DA PENITENCIÁRIA DO CONDADO escritas nas costas, Kya arrastou o caixote de madeira, que lhe servia de mesa, para junto da janela, a mais de dois metros do chão, e subiu para cima dele, para olhar o mar, que mal se via através das grades de ferro e do vidro grosso. Ondas de crista branca salpicavam o ar de espuma e os pelicanos planavam sobre a rebentação virando a cabeça para um lado e para outro, à procura de peixe. Se esticasse bem o pescoço para a direita conseguiria ver a densa orla do pantanal. No dia anterior, vira uma águia picar voo e torcer-se, de garras esticadas na direção de um peixe.

A prisão do condado era composta por seis celas de três metros por três, num bloco de cimento – um edifício térreo, nas traseiras do escritório do xerife, nos limites da cidade. As celas estavam alinhadas a todo o comprimento do edifício e apenas de um lado, para que os reclusos não se pudessem ver uns aos outros. Três das paredes eram de blocos de cimento húmidos, e a quarta era composta por grades de ferro, inclusive a própria porta. Cada cela tinha uma cama de madeira com um colchão de algodão, aos altos e baixos, uma almofada de penas, lençóis, um cobertor de lã cinzento, um lavatório, um caixote de madeira a servir de mesa e uma sanita. Por cima do lavatório, em vez de um espelho, estava uma imagem de Jesus emoldurada, que lá fora posta pela auxiliar das Senhoras Batistas. A única

benesse que lhe fora concedida, pelo facto de ser a única mulher detida, desde há muitos anos, sem contar com as que lá passavam a noite, era uma cortina cinzenta de plástico, que podia ser corrida à volta do lavatório e da sanita.

Fora presa naquela cela, dois meses antes do julgamento, sem direito a fiança, por ter tentado, inutilmente, fugir do Xerife, no seu barco. Quem teria começado a usar a palavra «cela» em vez de «jaula»? A dada altura, a humanidade devia ter exigido essa mudança. Estava com os braços cheios de arranhões vermelhos de se coçar. Ficava sentada na cama, minutos a fio, a examinar madeixas de cabelo e a arrancá-las como penas. Tal como as gaivotas faziam.

Esticou o pescoço na direção do pantanal, de pé em cima do caixote, e recitou um poema de Amanda Hamilton:

A Gaivota Ferida de Brandon Beach

Oh alma alada que dançaste pelos céus,

E assombraste a aurora com o teu canto

Seguiste navios e desbravaste o mar

E voltaste com a brisa para junto de mim.

Quebraste a tua asa, arrastando-a por terra

E na areia deixaste a tua marca

Quando as penas se quebram deixamos de voar

Mas quem decide a hora de morrer?

Desapareceste, para onde não sei.

Mas as marcas da tua asa continuam lá.

Um coração destroçado deixa de voar

Mas quem decide a hora de morrer?

Embora os reclusos não se pudessem ver uns aos outros, os dois únicos ocupantes da prisão, para além de Kya, passavam grande parte do dia e da noite a tagarelar. Estavam ambos a cumprir trinta dias de prisão por armarem uma briga no Dog Gone, a propósito de uma competição de cuspo, que terminara com alguns espelhos e ossos partidos. Em geral, ficavam deitados na cama a falar em voz alta de uma cela para a outra, como pescadores de corvinas. A maior parte das conversas eram mexericos sobre o caso de Kya, que ouviam da boca das visitas. Sobretudo sobre a possibilidade de vir a ser punida com a pena morte, que há vinte anos não era aplicada no condado, muito menos a uma mulher.

Kya ouvia tudo o que eles diziam. Estar morta não a incomodava – a ideia de pôr fim àquela sombra de vida não a assustava – mas a possibilidade de ser morta por outrem, de forma planeada e agendada, parecia-lhe de tal forma inconcebível, que ficava sem fôlego, sempre que pensava nisso.

O sono evitava-a, acovardando-se pelos cantos e acabando por fugir. A sua mente mergulhava subitamente pelas paredes de um sono profundo, que lhe proporcionava alguns momentos de serenidade, mas o corpo acabava por a arrancar do sono, em sobressalto.

Desceu do caixote e sentou-se na cama, aninhando os joelhos contra o queixo. Tinham-na levado para ali, depois da audiência, por isso deviam ser umas seis horas. Passara apenas uma hora. Talvez nem tanto.

Um Microscópio

1969

No início de setembro, mais de uma semana depois de Chase a atacar, Kya foi a pé até à sua praia. O vento sacudia violentamente uma carta que levava na mão, por isso encostou-a aos seios. O seu editor convidara-a para ir a Greenville, dizendo-lhe que entendia que ela não fosse frequentemente à cidade, mas que gostava de a conhecer, e que a editora pagar-lhe-ia as despesas.

O dia estava luminoso e quente, por isso levou o barco para o pantanal. No final de um estuário estreito, depois de uma curva de erva alta, viu Tate agachado num grande banco de areia e recolher amostras de água em pequenos frascos. A sua lancha de pesquisa estava amarrada a um tronco e estava atravessada no canal, a bloquear a entrada. Kya acelerou. O inchaço e os hematomas que tinha no rosto tinham melhorado, mas ainda tinha horríveis manchas esverdeadas e roxas à volta do olho. Entrou em pânico. Não podia permitir que Tate a visse com o rosto esmurrado, por isso tentou virar rapidamente o barco.

Mas ele levantou os olhos e acenou-lhe.

– Aproxima-te, Kya. Quero mostrar-te o meu novo microscópio.

Kya reagiu da mesma forma como quando a inspetora escolar lhe falara de tarte de galinha. Abrandou, mas não respondeu.

– Anda lá. Não vais acreditar neste poder de resolução. Consegues ver os pseudópodes nas amebas.

Ela nunca vira uma ameba, muito menos partes dela e voltar a ver Tate transmitiu-lhe alguma paz e tranquilidade. Concluiu que podia desviar o rosto contundido dele e arrastou o barco para a areia, caminhando ao encontro do

barco dele, pela água pouco profunda. Ela estava de jeans cortados e *t-shirt* branca, e tinha o cabelo solto. Ele esperou por ela junto da escada da popa, estendeu-lhe a mão e ela agarrou-a, desviando os olhos dele.

O tom suave de bege da lancha conjugava-se com o pantanal. Kya nunca vira nada tão bonito como aquele convés de madeira e aquela roda do leme de bronze.

– Vem cá abaixo – disse ele, descendo para a cabina. Ela examinou a secretária do capitão, a pequena cozinha, mais bem equipada do que a sua, e a área comum que fora convertida num laboratório de bordo, com vários microscópios e suportes de tubos de ensaio. Havia outros instrumentos a zunir e a piscar.

Tate remexeu no microscópio maior e ajustou a lamela.

– Só um minuto. – Deitou uma gota de água do pantanal na lamela, cobriu-a com outra e focou a lente. Depois, levantou-se.

– Dá uma olhadela.

Kya inclinou-se delicadamente sobre o microscópio, como se fosse beijar um bebé. A luz do microscópio refletiu-se nas suas pupilas escuras e ela arquejou de surpresa: um autêntico desfile carnavalesco surgiu diante dos seus olhos. Grinaldas inimagináveis adornavam corpos deslumbrantes, tão desejosos de viver que cabriolavam incessantemente. Dir-se-ia estar a olhar para uma tenda de circo e não para uma simples gota de água.

Kya levou a mão ao peito.

– Não fazia ideia de que eram tantos e tão bonitos – disse ela ainda com os olhos no microscópio.

Ele identificou algumas espécies raras. Depois recuou e ficou a observá-la. *Ela sente a pulsação da vida, porque está em total contacto com o planeta*, pensou.

Mostrou-lhe outras lamelas.

– É como se nunca tivesse visto as estrelas e de repente as visse –

sussurrou ela.

– Queres café? – perguntou ele, brandamente.

Ela levantou a cabeça.

– Não, obrigada. – Depois afastou-se do microscópio, e dirigiu-se para a cozinha, tentando a todo o custo esconder o olho negro.

Tate habituara-se ao comportamento defensivo de Kya, mas sentia-a mais distante e estranha do que nunca, sempre de cabeça virada para o lado.

– Vá lá, Kya, toma um café – disse ele, depois de ir à *kitchenette* pôr água na máquina, de onde já saía um café forte. Ela estava junto da escada para o convés. Tate deu-lhe uma caneca de café e fez-lhe sinal para subir. Convidou-a a sentar-se no banco acolchoado, mas ela ficou junto da popa, como um gato que sabia por onde poderia escapar. O banco de areia branca e luminosa descrevia uma curva sob a sombra acolhedora dos carvalhos.

– Kya... – Ia a fazer-lhe uma pergunta, mas quando ela olhou para ele, reparou no hematoma ainda visível na face dela.

– O que aconteceu à tua cara? – Aproximou-se e levou a mão à face dela, mas ela desviou-se dele.

– Nada. Fui contra uma porta a meio da noite. – Ele percebeu que não era verdade, pela forma como ela levou a mão ao rosto. Alguém a agredira. Teria sido Chase? Será que ela continuava a encontrar-se com ele, apesar de ele ter casado? Tate crispou os maxilares. Kya foi poisar a caneca, como se estivesse de partida.

Ele tentou manter a calma.

– Já começaste a preparar um novo livro?

– Estou quase a terminar o dos cogumelos. O meu editor vai a Greenville em fins de outubro e quer encontrar-se lá comigo, mas eu não sei se vou.

– Devias ir. Vai ser bom conhecê-lo. Todos os dias sai um autocarro de Barkley para lá, e à noite há outro. Não é longe. É uma viagem de uma hora e vinte minutos ou coisa parecida.

– Não sei onde comprar o bilhete.

– O motorista sabe tudo isso. Se estiveres na paragem da Main, ele explica-te o que tens de fazer. Acho que Saltos tem o horário afixado na loja.

– Quase lhe disse que apanhara muitas vezes esse autocarro de Chapel Hill, mas achou melhor não lhe recordar os dias em que ela ficara à sua espera, na praia, no pino de julho.

Ficaram em silêncio durante algum tempo, a beber café e a ouvir os guinchos de dois falcões, que passaram a voar junto de uma nuvem alta.

Ele hesitou em oferecer-lhe mais café, pois sabia que ela se iria embora se ele o fizesse. Por isso questionou-a sobre o livro dos cogumelos e falou-lhe sobre os protozoários que estudara. Usaria qualquer engodo para a convencer a ficar.

A luz do entardecer tornou-se mais suave e levantou-se um vento fresco. Ela voltou a poisar a caneca e disse:

– Tenho de me ir embora.

– Estava a pensar abrir uma garrafa de vinho. Bebes um pouco?

– Não, obrigada.

– Espera um minuto, antes de te ires embora – disse Tate. Desceu até à cozinha e trouxe-lhe um saco com um resto de pão e biscoitos.

– Dá cumprimentos meus às gaivotas.

– Obrigada – disse ela descendo pela escada.

Enquanto ela caminhava em direção ao barco, ele gritou-lhe:

– Está a ficar fresco, Kya, não queres levar um casaco?

– Não. Estou bem assim.

– Pelo menos leva o meu boné. Toma lá – Atirou-lhe um boné de esquí aquático vermelho. Ela apanhou-o e voltou a atirar-lho. Ele voltou a atirá-lo para mais longe e ela correu pelo banco de areia, baixou-se e apanhou-o. Depois, meteu-se no barco a rir, puxou a corda do motor de arranque e voltou a atirar-lhe o boné para dentro do barco, quando passou por ele. Ele sorriu e

ela riu como uma criança. Depois, ficaram ambos sérios, a olhar um para outro e continuaram a atirar o boné para trás para diante, até ela se afastar e desaparecer numa curva. Ela deixou-se cair pesadamente no banco da proa e levou a mão à boca.

– Não – disse, em voz alta. – Não posso voltar a apaixonar-me por ele. Não permitirei que me magoem outra vez.

Tate ficou à popa e cerrou os punhos só de imaginar alguém a agredi-la.

Ela contornou a costa perto da rebentação, em direção a sul. Seguindo aquela rota, passaria pela sua praia, antes de entrar no canal do pantanal, que a levaria à cabana. Geralmente, não parava na praia e seguia diretamente até à lagoa, pelo labirinto de canais, caminhando depois até terra.

Mas quando passou pela praia, as gaivotas viram-na e rodearam o barco. *Big Red* poisou à proa e sacudiu a cabeça. Ela riu.

– Ok, ganhaste. – Atravessou a rebentação, arrastou o barco para a areia, escondeu-o atrás de uns arbustos altos de arroz de costa e ficou à beira-mar, a atirar às gaivotas as migalhas que Tate lhe dera.

Quando o sol tingiu a água em tons de ouro e rosa, sentou-se na areia com as gaivotas à sua volta. Subitamente, ouviu um motor e viu o barco de esqui aquático de Chase passar velozmente em direção ao seu canal. Ele não podia ver o barco dela atrás dos arbustos, mas ela estava bem à vista na areia. Estendeu-se imediatamente na areia e virou a cabeça, para o observar. Ele estava de pé a manejar a roda do leme, contra o vento, de rosto franzido, com uma expressão horrível, mas não olhou na direção dela, ao virar para o canal que conduzia à cabana.

Assim que ele desapareceu de vista, Kya levantou-se. Se não tivesse levado o barco até à praia, ele tê-la-ia apanhado em casa. Ouvira o pai dizer vezes sem conta: os homens daquele tipo querem ter sempre a última palavra. Kya deixara Chase estendido. Provavelmente, os dois velhos pescadores tinham-na visto atirá-lo ao chão. Na perspetiva do pai, Kya teria de levar uma

ensinadela.

Assim que ele descobrisse que ela não estava na cabana, iria a pé até aquela praia. Kya correu para o barco, pôs o motor a trabalhar e voltou para o sítio onde deixara Tate. Mas a vergonha pesava mais do que a razão e ela não queria contar-lhe o que Chase lhe fizera. Abrandou um pouco e deixou-se flutuar ao sabor das ondas até o sol desaparecer. Teria de se esconder e esperar que Chase se fosse embora. Se não o visse ir embora, nunca saberia quando poderia regressar a casa em segurança.

Virou para o canal, cheia de medo que ele avançasse na direção dela a qualquer momento. Manteve o motor em baixa rotação, para poder ouvir o barco dele, e escondeu-se numa moita, com árvores de ramos baixos e arbustos. Fez marcha a ré e embrenhou-se mais na vegetação rasteira, ajeitando os ramos até que as folhas e o anoitecer a encobrissem.

Depois, ficou à escuta, ofegante. Por fim, ouviu o bramido do motor do barco dele rasgar o ar sereno do crepúsculo. Quando ele se aproximou, baixou-se um pouco mais, ocorrendo-lhe, subitamente, que a ponta do seu barco estava à vista. O som chegou bem perto. Segundos depois, viu-o passar velozmente. Ficou ali durante quase meia hora, até anoitecer por completo, seguindo depois para casa à luz das estrelas.

Levou a coberta para a praia e sentou-se na areia com as gaivotas. Elas não lhe deram grande atenção, entretendo-se a cuidar das penas, de asas abertas, antes de se acomodarem na areia como pedras emplumadas. Ao ouvi-las arrulhar baixinho e aninhar a cabeça nas penas para dormir, deitou-se tão perto delas quanto possível. Mas nem mesmo entre os seus arrulhos suaves e as suas penas macias conseguiu pregar olho. Passou grande parte do tempo a remexer-se e a sentar-se, de cada vez que o vento imitava o som de passos.

Ao amanhecer, a rebentação rugia sob um vento agreste, que lhe fazia arder o rosto. Kya sentou-se no meio das aves que vagueavam em redor, a espreguiçar-se e a esgravatar na areia. *Big Red* estava de olhos muito abertos

e pescoço esticado, e parecia ter encontrado algo muito interessante debaixo das asas, o que normalmente a teria feito rir. Mas nem as gaivotas a animaram.

Chase não lhe perdoaria. Estar isolada era uma coisa, viver apavorada, seria outra muito diferente.

Imaginou-se a caminhar para o mar revolto, até mergulhar no silêncio por baixo das ondas – as madeixas ondulantes do seu cabelo suspensas no azul-pálido do mar, como aguarelas negras, e os seus braços e dedos longos esticados em direção à luz, para lá da superfície. Sonhar em escapar – mesmo que através da morte – eleva-nos sempre em direção à luz. A recompensa cintilante da paz, ali suspensa, praticamente ao seu alcance, até que o seu corpo se afundasse, finalmente, nas profundezas do mar e ali ficasse a repousar – a salvo – no silêncio sombrio da areia.

Quem decide a hora de morrer?

O Companheiro de Cella

1970

Kya estava no meio da cela. *E cá estou eu na prisão*, pensou. Se aqueles que amara – pessoas como Jodie e Tate – não a tivessem abandonado, certamente que não estaria ali. Podermos confiar em alguém dá-nos chão.

Antes de ser presa, teve vislumbres de como voltar para Tate, apercebeu-se de uma brecha no seu coração – o amor parecia mas perto da superfície – mas das várias vezes que este viera visitá-la à prisão, ela recusara-se a vê-lo. Kya não sabia ao certo por que razão se fechara ainda mais na prisão, por que razão não aceitara que ele a reconfortasse num sítio daqueles. Parecia-lhe que o facto de estar mais vulnerável que nunca, era um motivo para confiar ainda menos nos outros. Ao ver-se na situação mais delicada da sua vida, socorrera-se da única proteção que conhecia – ela própria.

Ser atirada para trás das grades sem direito a fiança deixara bem claro quão sozinha estava. Quando o Xerife lhe disse que podia fazer um telefonema, encarou a crua realidade: não tinha ninguém a quem telefonar. O único número de telefone que conhecia no mundo era o de Jodie, mas como poderia ela telefonar ao irmão e dizer-lhe que estava presa e acusada de homicídio? Como poderia ela incomodá-lo com os seus problemas, ao fim de todos aqueles anos? Talvez a vergonha fosse, em parte, o obstáculo.

Fora abandonada à sua sorte, forçada a sobreviver e a defender-se sozinha e era sozinha que estava. Pegou mais uma vez no maravilhoso livro das conchas que Tom Milton lhe oferecera, e que considerava, de longe, o mais precioso de todos os seus livros. Tinha alguns manuais de biologia empilhados no chão – fora Tate que lhos levara, dissera-lhe o guarda – mas não conseguia concentrar-se neles. As frases pareciam dispersar-se em

diferentes direções, forçando-a a voltar ao início. Era mais fácil ver ilustrações de conchas.

Kya ouviu passos ressoarem no chão de ladrilhos baratos, e Jacob, um negro baixinho que prestava serviço como guarda, apareceu à porta da cela.

– Desculpe incomodá-la, menina Clark, mas tem uma visita. Terá de me acompanhar.

– Quem é?

– É o seu advogado, o Sr. Milton. – Jacob destrancou a porta com um ruído metálico e entregou-lhe um pacote. – E isto aqui é do Saltos. – Kya poisou a pacote na cama, seguiu Jacob pelo corredor e entrou numa sala mais pequena ainda do que a sua cela.

– Boa noite, Kya.

– Sr. Milton.

– Por favor, trata-me por Tom. O que se passa com o teu braço? Magoaste-te?

Ela ergueu bruscamente a mão, cobrindo os arranhões que fizera nos braços.

– Acho que são apenas picadas de mosquitos.

– Eu falo com o Xerife, não deveria haver mosquitos na tua... sala.

Ela baixou a cabeça e disse:

– Por favor não fale. Não tem importância. Não são os insetos que me preocupam.

– Está bem. Não farei nada que tu não queiras, como é evidente. Quero que saibas que tens alternativas, Kya.

– Que alternativas?

– Eu explico. Nesta altura ainda é difícil de perceber qual a inclinação do júri. A acusação tem um bom caso. Não é de forma nenhuma consistente, mas tendo em conta o grau de preconceito das pessoas desta cidade, tens de te convencer de que não vai ser fácil ganharmos. Poderemos, contudo, negociar

um acordo. Sabes ao que me estou a referir?

– Não propriamente.

– Tu declaraste-te inocente do crime de homicídio qualificado. Se perdermos, perdes tudo: serás condenada a prisão perpétua ou ser-te-á aplicada a pena de morte e a acusação está a apostar nisso, como sabes. A alternativa é declarares-te culpada de um crime menor – homicídio involuntário, por exemplo. Se estiveres disposta a dizer que foste à torre nessa noite, que te encontraste lá com o Chase, que tiveram um desentendimento e que, por fatalidade, ele deu um passo atrás e caiu pela grade, o julgamento poderá terminar imediatamente. Tu não terias de continuar a suportar este drama e nós poderíamos negociar a sentença com a acusação. Como nunca foste acusada de nada antes, apanharias provavelmente dez anos e poderias, talvez, sair daqui a uns seis. Eu sei que parece mau, mas sempre é melhor do que prisão perpétua ou a outra hipótese.

– Não. Não direi nada que indicie culpa. Eu não vou para a prisão.

– Eu compreendo, Kya, mas por favor pensa um pouco nisso. Não te convém passar o resto da vida na prisão, muito menos... enfim... acabares de outra forma.

Kya voltou a olhar pela janela.

– Não preciso de pensar no assunto. Não vou ficar na prisão.

– Bom, não temos de decidir já. Temos ainda algum tempo. Vamos ver como isto corre. Há algum assunto que queiras discutir comigo, antes de eu me ir embora?

– Por favor tire-me daqui... seja lá como for.

– Farei o possível para te tirar daqui Kya, mas não desistas, e por favor ajuda-me. Como te disse antes, tens de te empenhar nisto, olhar para os jurados de vez em quando...

Mas Kya já se tinha virado para sair.

Jacob voltou a conduzi-la à cela e ela pegou no pacote de Saltos, que o

diretor da prisão já desembrulhara e voltara a colar, a esmo, com fita-cola. Ela desembrulhou-o, dobrou o papel e guardou-o. Lá dentro estava um cesto com uns frasquinhos de tinta, um pincel, papel e um saco de papel com os *muffins* de milho de Mabel. O fundo do cesto estava forrado a caruma de pinheiro, algumas folhas de carvalho, meia dúzia de conchas e longas tiras de taboas. Kya cheirou o cesto e crispou os lábios. *Saltos... Mabel...*

O sol já se pusera. Já não havia partículas de pó para seguir com os olhos.

Mais tarde, Jacob veio buscar o tabuleiro do jantar.

– Vejo que não comeu quase nada, menina Clark. As costeletas de porco e os legumes eram do melhor que há. – Ela sorriu-lhe ligeiramente e ficou a ouvir os passos dele enquanto percorria o corredor, antecipando o instante em que a volumosa porta de metal fechar-se-ia pesadamente, como que a pôr ponto final no momento.

Depois viu algo mover-se, no chão do corredor, junto das grades, e olhou para lá. Justiça de Domingo estava sentado sobre os quartos traseiros, de olhos verdes fixos nos seus olhos negros.

Sentiu o coração disparar. Ela ali enclausurada sozinha, há semanas e, de repente, o pequeno feiticeiro, mostrava-lhe que podia passar por entre as grades, para lhe fazer companhia. Justiça de Domingo desviou o olhar para prestar mais atenção à conversa dos dois reclusos, ao fundo do corredor e Kya entrou em pânico, receando que o gato a trocasse por eles. Mas ele voltou a olhar para ela e piscou os olhos, legitimamente entediado, esgueirando-se, sem dificuldade, para o interior da cela.

Kya suspirou e sussurrou:

– Por favor, fica.

Ele cheirou a cela sem pressas, investigou as paredes húmidas de cimento, os canos expostos e o lavatório, fazendo questão de a ignorar, durante o processo. Uma pequena racha na parede pareceu despertar-lhe grande interesse. Kya percebeu porque a cauda do bichano expressava-lhe os

pensamentos. Deu por finda a missão de reconhecimento junto da pequena cama. Depois, saltou inesperadamente para o seu colo, descreveu um círculo, e firmou as suas grandes patas brancas, nas coxas de Kya, como que a massajá-las. Ela ficou paralisada, de braços ligeiramente erguidos, para não interferir com as manobras dele. Finalmente, instalou-se, como se dormisse ali todas as noites. Depois olhou para Kya. Ela tocou-lhe delicadamente na cabeça, coçou-lhe o pescoço e ele começou a ronronar alto, em contínuo. Ela fechou os olhos satisfeita por ter sido tão facilmente aceite. Uma valente pausa numa vida feita de saudade.

Como receava mexer-se, ficou rígida até sentir uma câibra na perna, e mudou ligeiramente de posição para estirar os músculos. Justiça de Domingo saiu do seu colo, sem abrir os olhos, e aninhou-se a seu lado. Ela deitou-se completamente vestida e aconchegaram-se um ao outro. Ela ficou a vê-lo dormir e acabou por adormecer também. Não em queda, a que precede o estremecimento, mas flutuando, até a um vazio tranquilo. Finalmente.

Durante a noite, acordou uma vez e ficou a vê-lo dormir de barriga para cima com as patas dianteiras esticadas para a frente e as patas traseiras para trás. Quando acordou, ao amanhecer, ele já tinha desaparecido. Um gemido contido cresceu-lhe na garganta.

Mais tarde, Jacob apareceu junto da sua cela, com o tabuleiro do pequeno-almoço apoiado sobre uma mão, e abriu a porta com a outra.

– Trouxe-lhe as suas papas de aveia, menina Clark.

Ela agarrou no tabuleiro e disse-lhe:

– Jacob, o gato preto e branco que dorme na sala de audiências, esteve aqui ontem à noite.

– Lamento muito. É Justiça de Domingo. Às vezes escapa-se cá para dentro comigo. Eu não dou por ele porque estou com os tabuleiros dos jantares e acabo por deixá-lo fechado cá dentro, convosco. – Teve a gentileza de não dizer «trancado».

– Não faz mal. Eu gosto de o ter aqui. Não te importas de o deixar entrar quando o vires depois do jantar ou noutra altura qualquer?

Ele fitou-a com um olhar brando.

– Claro que sim. Assim farei, menina Clark, pode ficar tranquila. Estou a ver que vai ser uma excelente companhia.

– Obrigada, Jacob.

Nessa noite:

– Aqui está a sua comida, menina Clark: frango frito com puré e molho, do restaurante. Espero que coma alguma coisa esta noite.

Kya levantou-se, olhou em redor dos pés dele e agarrou no tabuleiro.

– Obrigada, Jacob. Viste o gato?

– Não. Não o vi em lado nenhum, mas vou ficar atento.

Kya acenou com a cabeça, sentou-se na cama – o único sítio onde podia sentar-se – e olhou para o prato. Nunca na vida comera comida tão boa como a que lhe serviam na prisão. Remexeu o frango com o garfo e empurrou o feijão manteiga. Como se o seu estômago não soubesse lidar com tanta comida.

Depois ouviu uma fechadura girar e a pesada porta de metal abriu-se.

Jacob disse ao fundo do corredor:

– Vai lá Sr. Justiça de Domingo, vai lá.

Kya conteve a respiração e ficou a olhar para o chão, do lado de fora da cela. Segundos depois, Justiça de Domingo apareceu. As manchas do seu pelo pareceram-lhe surpreendentemente intensas e suaves ao mesmo tempo. Desta vez não hesitou: entrou na cela e foi ao encontro dela. Ela poisou o prato no chão e ele comeu o frango. Puxou a coxa de frango para o chão e lambeu o molho. Não comeu o feijão manteiga. Ela observou-o com um sorriso nos lábios e limpou o chão com um lenço de papel.

Ele saltou para a cama dela e adormeceram os dois aconchegados um ao outro.

No dia seguinte Jacob apareceu junto da porta dela.

– Tem outra visita, menina Clark.

– Quem é?

– É o Sr. Tate outra vez. Ela já cá veio várias vezes, menina. Ou lhe traz alguma coisa ou pede para a ver. Não o quer ver hoje? Hoje é sábado. Não há tribunal, nada que a possa entreter durante o dia inteiro.

– Está bem, Jacob.

Jacob conduziu-a à mesma sala sombria onde ela se encontrara com Tom Milton. Ao entrar na sala, Tate levantou-se da cadeira e veio imediatamente ao seu encontro. Sorriu-lhe descontraidamente, mas os seus olhos traíam a tristeza que sentia por vê-la ali.

– Estás com boa aparência, Kya. Tenho estado tão preocupado. Obrigado por aceitares ver-me. Senta-te. – Sentaram-se em frente um do outro e Jacob ficou a um canto da sala, concentrando-se gentilmente num jornal.

– Olá, Tate. Obrigada pelos livros que me trouxeste. – Fez por parecer calma, mas estava com o coração em frangalhos.

– O que mais posso fazer por ti?

– Talvez alimentar as gaivotas, se fores para os meus lados.

Ele sorriu.

– Eu tenho-as alimentado mais ou menos dia sim, dia não. – Disse-o como se não fosse nada de mais, mas ia a casa de Kya todos os dias, de carro ou de barco, para as alimentar ao amanhecer e ao pôr do sol.

– Obrigada.

– Eu estava sentado mesmo atrás de ti, na sala de audiências. Tu nunca te viraste por isso eu não sabia se tinhas dado por isso. Mas irei lá estar todos os dias.

Ela olhou através da janela.

– O Tom Milton é um excelente advogado, Kya. Talvez o melhor desta região. Ele vai tirar-te daqui. Aguenta-te.

Como ela voltou a não responder, prosseguiu:

– Assim que saíres daqui, voltaremos a explorar as lagoas como nos bons velhos tempos.

– Por favor, Tate. Tens de me esquecer.

– Nunca te esqueci nem nunca te esquecerei, Kya.

– Tu sabes que eu sou diferente das outras pessoas. Eu não me integro. Não posso fazer parte do teu mundo. Não entendes que eu tenho medo de voltar a envolver-me com alguém? Não consigo.

– Não posso censurar-te por isso, Kya, mas...

– Ouve-me, Tate. Durante anos desejei estar com pessoas e acreditava realmente que alguém acabaria por ficar comigo, que poderia ter amigos e uma família. Integrar-me num grupo. Mas ninguém ficou. Nem tu, nem um único membro da minha família. Agora aprendi finalmente a lidar com isso e a defender-me. Não posso falar sobre isto agora. Fico-te reconhecida por me visitares, a sério que fico, e talvez um dia possamos ser amigos, mas não consigo pensar no que vem a seguir. Não aqui.

– Está bem. Eu compreendo. A sério que compreendo.

Depois de um breve silêncio, prosseguiu.

– Já se ouve o apelo dos grandes machos.

Ela acenou com a cabeça e quase sorriu.

– Ah, é verdade. Não vais acreditar, mas ontem, quando fui a tua casa, um falcão-de-tanoeiro macho poisou nos degraus da frente.

Kya esboçou, finalmente, um sorriso ao recordar *Coop*. Uma das suas muitas memórias pessoais.

– Acredito, sim.

Dez minutos depois, Jacob disse que o tempo de visita terminara e que Tate tinha de sair. Kya voltou a agradecer-lhe por ter vindo.

– Continuarei a alimentar as gaivotas, Kya, e vou trazer-te alguns livros.

Ela acenou com a cabeça e seguiu Jacob.

O Boné Vermelho

1970

Na segunda-feira de manhã, depois da visita de Tate, quando o oficial de justiça a conduziu à sala de audiências, Kya desviou os olhos da assistência, tal como fizera anteriormente, e concentrou-se nas árvores frondosas no exterior: depois, ouviu alguém pigarrear num tom familiar e virou a cabeça. Saltos e Mabel estavam sentados, ali mesmo, na primeira fila, com Tate. Mabel trazia o chapéu ornamentado com rosas de seda que costumava levar à igreja. Sentira-se uma certa agitação na assistência, na altura em que eles entraram com Tate e se sentaram na área destinada aos brancos, mas quando o oficial de justiça informou o Juiz Sims do sucedido, este disse-lhe para anunciar que, na sua sala de audiências, as pessoas sentavam-se onde quisessem, independentemente da sua cor ou credo, e que se alguém se sentisse incomodado com isso, estava no seu direito de se retirar. Na verdade, ele próprio se asseguraria que o fariam.

Kya sentiu-se um nadinha mais encorajada, ao ver Saltos e Mabel, e endireitou ligeiramente as costas.

A testemunha seguinte da acusação era o Dr. Steward Cone, o médico legista. O Dr. Cone tinha cabelo grisalho, cortado à escovinha, e usava uns óculos demasiado descaídos na cana do nariz, um hábito que o forçava a inclinar a cabeça para trás para ver através das lentes. Enquanto ele respondia às perguntas de Eric, Kya pensou nas gaivotas. Sentira muitas saudades delas, durante aqueles longos meses de prisão, mas Tate comprometera-se a alimentá-las durante todo esse tempo. Não tinham sido abandonadas. Pensou em *Big Red*, recordando como ele se passeava sempre junto dos dedos dos seus pés, quando ela lhes atirava migalhas.

O médico legista inclinou a cabeça para trás, para ajustar os óculos, e o gesto trouxe-a de volta à sala de audiências.

– Recapitulando: o doutor declarou que Chase Andrews morreu entre a meia-noite e as duas da manhã, na noite de 29 de outubro ou madrugada de 30 de outubro de 1969, que a morte foi motivada por graves lesões no cérebro e na espinal medula, em consequência de uma queda de dezoito metros, através de uma grelha aberta na torre de vigia, e que ao cair bateu com a nuca numa viga de apoio, como atestam as amostras de sangue e de cabelo recolhidas na viga. Considera tudo isto correto, na sua opinião de entendido?

– Sim.

– Agora, diga-me, Dr. Cone, o que levaria um jovem inteligente e em boa forma, como Chase Andrews, a meter o pé numa grelha aberta e sofrer uma queda fatal? Importa-se de atestar se foi detetado álcool ou qualquer outra substância no sangue, que pudesse comprometer o seu raciocínio, para que possamos descartar essa possibilidade?

– Não, não foi.

– As provas anteriormente mencionadas atestam que Chase Andrews bateu com a nuca e não com a testa na viga de apoio. – Eric colocou-se à frente do júri e deu um grande passo em frente. – Mas quando eu dou um passo em frente a minha cabeça acaba por ficar ligeiramente à frente do meu corpo. Se eu caísse num buraco à minha frente o impulso e o peso da minha cabeça tenderiam a projetar-me para a frente. Correto? Se Chase Andrews estivesse a andar para a frente, teria batido com a testa na trave e não com a nuca. É ou não é verdade que as provas indicam que Chase estava a andar para trás, quando caiu, Dr. Cone?

– Sim, as provas sustentam essa conclusão.

– Portanto, poderemos também concluir que se Chase Andrews estivesse de costas para a grelha aberta e fosse empurrado por alguém, teria caído para trás e não para a frente, não é verdade?

Antes que Tom tivesse hipótese de protestar, Eric acrescentou rapidamente:

– Não lhe estou a pedir que declare que essa é uma prova irrefutável de que Chase foi fatalmente empurrado para trás. Estou simplesmente a deixar claro que, se alguém empurrasse Chase para trás, provocando a sua queda pelo buraco, as lesões decorrentes do impacto da viga na cabeça coincidiriam com as que se verificaram, correto?

– Sim.

– Muito bem, Dr. Cone. Quando examinou Chase Andrews na clínica, na manhã de 30 de outubro, ele usava um colar com uma concha?

– Não.

Kya tentou abstrair-se da náusea que sentia e concentrou-se em Justiça de Domingo, que estava no peitoril de uma janela numa posição de incrível contorcionismo, com uma pata esticada para cima, a lamber a ponta da cauda, extremamente concentrado e entretido com o seu banho.

O advogado de acusação perguntou:

– Chase Andrews usava um blusão de ganga na noite em que morreu, correto?

– Exatamente.

– De acordo como o seu relatório oficial, foram encontradas fibras vermelhas no blusão dele, não é verdade Dr. Cone? Fibras que não pertenciam a nenhuma das peças de roupa que tinha vestidas.

– Sim.

Eric ergueu um saco de plástico transparente, com alguns fragmentos de lã vermelha.

– Foram estas as fibras vermelhas encontradas no blusão de Chase Andrews?

– Sim.

Eric ergueu um saco maior de cima da mesa.

– E não é verdade que as fibras vermelhas encontradas no blusão de Chase são idênticas às deste boné vermelho? – Entregou o saco à testemunha.

– Sim. Estas são as amostras rotuladas por mim. As fibras do boné são absolutamente idênticas às que foram encontradas no casaco.

– Onde foi encontrado este boné?

– O Xerife encontrou o boné na residência da menina Clark. – Esse facto não era do conhecimento geral, provocando murmúrios entre a multidão.

– Foi encontrada alguma prova de que ela usara o boné?

– Sim. Foram encontrados fios de cabelo da menina Clark no boné.

Enquanto Kya observava Justiça de Domingo na sala de audiências, ocorreu-lhe que a família nunca tivera um animal de estimação. Nem cães nem gatos. O único ser vivo semelhante a um animal de estimação que vira lá por casa era uma doninha fêmea que vivia debaixo da cabana, a que a mãe chamava Chanel – uma criatura, atrevida, de pelo sedoso e andar provocador.

Depois de escaparem por pouco aos seus ataques, uma série de vezes, todos ficaram a conhecer-se e Chanel tornou-se muito educada, revelando o seu armamento apenas quando as crianças se tornavam demasiado barulhentas. Ia e vinha, por vezes a escassos metros de quem subia ou descia os degraus de tijolo e madeira do alpendre.

Todos os anos, na primavera, levava as suas crias em excursões aos bosques de carvalhos e ao longo de ribeiros. As crias corriam tropegamente atrás dela, tropeçando umas nas outras, numa barafunda de corpos pretos e brancos.

É claro que o pai estava sempre a ameaçar livrar-se dela, mas Jodie, revelando muito mais maturidade do que ele, replicava-lhe com um ar impassível.

– Acabará por aparecer outra. Sempre achei preferível coexistir com uma doninha conhecida do que com uma estranha. – Kya sorriu ao recordar Jodie, mas depois caiu em si.

– Ora bem, Dr. Cone, na noite em que Chase Andrews morreu, na noite em que caiu para trás e se precipitou pela grelha aberta – o que é conciliável com a possibilidade de ter sido empurrado – as fibras encontradas no seu blusão provinham de um boné vermelho, por sua vez, encontrado na residência da menina Clark, e havia fios de cabelo da menina Clark nesse boné.

– Sim.

– Obrigado, Dr. Cone. Não tenho mais perguntas a fazer.

Tom Milton fitou brevemente Kya que estava a olhar para o céu. Toda a assistência estava fisicamente inclinada na direção da acusação, como se o chão estivesse torto, e o facto de Kya estar rígida e alheada, como uma estátua de gelo, não estava a ajudar nada. Tom sacudiu o cabelo branco da testa e aproximou-se do médico legista para o contrainterrogatório.

– Bom dia, Dr. Cone.

– Bom dia.

– O doutor declarou que o ferimento na nuca de Chase Andrews era consistente com uma queda de costas pelo buraco. É ou não verdade que, se ele recuasse por si próprio e caísse acidentalmente no buraco, as lesões decorrentes do impacto na trave seriam exatamente as mesmas?

– Sim.

– Ele apresentava alguns hematomas no peito ou nos braços, que se concilhassem com a possibilidade de ter sido empurrado?

– Não. É claro que tinha extensos hematomas pelo corpo todo, devido à queda, sobretudo nas costas e nas pernas, mas não se identificaram lesões específicas que indicassem que foi empurrado.

– É ou não é verdade que não há qualquer prova de que Chase Andrews foi empurrado para o buraco?

– É verdade, que eu saiba, não há nenhuma prova de que Chase Andrews foi empurrado.

– Portanto, segundo o seu exame profissional do corpo de Chase Andrews, não há nada que prove que se tratou de um homicídio e não de um acidente.

– Não.

Tom esperou calmamente que o grupo de jurados assimilasse a resposta e depois prosseguiu:

– Em relação a essas fibras de lã vermelha encontradas no blusão de Chase: há alguma forma de determinar há quanto tempo as fibras estavam no blusão?

– Não. Podemos atestar de onde vieram, mas não quando.

– Por outras palavras: essas fibras poderiam estar no blusão há um ano ou até há mais tempo?

– Exato.

– Mesmo que o blusão tenha sido lavado?

– Sim.

– Então, não há provas de que essas fibras ficaram agarradas ao blusão, na noite em que Chase morreu, certo?

– Sim.

– Algumas testemunhas alegaram que a arguida conheceu Chase Andrews dois anos antes da sua morte. Quer isso dizer que é possível que essas fibras tenham sido transferidas do boné para o blusão em qualquer momento, durante o período em que eles se encontraram, com esses artigos de vestuário.

– Pelo que me foi dado ver, sim.

– Portanto as fibras vermelhas não provam que a menina Clark estava com Chase Andrews, na noite em que ele morreu. Há alguma prova de que a menina Clark tenha estado sequer próxima de Chase Andrews nessa noite? Fragmentos da pele dela debaixo das unhas dele; impressões digitais dela nos botões ou molas do blusão dele; fios de cabelo dela, na roupa ou no corpo

dele?

– Não.

– Portanto, se as fibras vermelhas podiam estar no blusão há dois anos, não há nenhuma prova de que a menina Catherine Clark esteve perto de Chase Andrews, na noite da sua morte, correto?

– De acordo com o meu exame, não.

– Obrigado. Não tenho mais perguntas a fazer.

O Juiz Sims anunciou o intervalo para almoço um pouco antes da hora.

Tom tocou delicadamente no cotovelo de Kya e sussurrou-lhe que o contrainterrogatório correria bem. Ela acenou ligeiramente com a cabeça. As pessoas levantaram-se e esticaram as pernas. Quase todos ficaram tempo suficiente para a verem ser algemada e conduzida para fora da sala.

Ao ouvir os passos de Jacob ecoarem pelo corredor, depois de a deixar na cela, Kya sentou-se pesadamente em cima da cama. Na altura em que foi presa, não fora autorizada a trazer a mochila para a cela, mas deixaram-na levar parte do seu conteúdo num saco de papel castanho. Kya foi ao saco e tirou o pedaço de papel com o número de telefone e a morada de Jodie.

Todos os dias olhava para ele e pensava em telefonar ao irmão, desde que lá estava. Mas não o fizera. Como iria dizer-lhe: «Por favor, vem. Estou na prisão e fui acusada de homicídio»?

Guardou cuidadosamente o papel no saco e tirou a bússola da I Guerra Mundial que Tate lhe oferecera. Deixou a agulha deslizar para norte até parar e apertou-a contra o coração. Haveria local onde esta lhe fosse mais necessária?

Depois recitou as palavras de Emily Dickinson,

Varremos o amor

Do coração

E não mais o voltaremos a querer usar.

Dono do Mundo

1969

O céu e o mar de setembro cintilavam em tons de azul-pálido, sob a luz tépida do sol quando Kya foi à loja de Saltos buscar o horário dos autocarros, no seu pequeno barco. A ideia de viajar de autocarro com estranhos até uma cidade estranha estava a inquietá-la, mas queria conhecer o seu editor, Robert Foster. Há mais de dois anos que trocavam breves missivas e até algumas cartas longas, em geral para discutir ajustes editoriais à sua prosa e ilustrações, mas a correspondência tantas vezes composta por frases de natureza biológica misturadas com descrições poéticas, convertera-se num elo selado pela própria linguagem. Queria conhecer a pessoa que estava do outro lado do correio, alguém que sabia que a luz vulgar é decomposta por prismas microscópicos nas penas dos beija-flor, criando os tons iridescentes do seu pescoço vermelho-dourado, e como o dizer por palavras tão surpreendentes como as próprias cores.

Quando subiu para a doca, Saltos cumprimentou-a e perguntou-lhe se precisava de gasolina.

– Não, obrigada. Desta vez não. Preciso de anotar o horário dos autocarros. Tu tens uma cópia, não tens?

– Tenho, pois. Está afixada na parede à esquerda da porta. Fique à vontade.

Depois de ela sair da loja com o horário, ele perguntou:

– Vai viajar para algum lado, menina Kya?

– Talvez. O meu editor convidou-me para ir a Greenville conhecê-lo, mas eu ainda não sei se vou.

– Ah mas isso é muito bom. Não é perto, mas a viagem vai fazer-lhe bem.

Quando Kya se virou para voltar a entrar no barco, Saltos inclinou-se para ela e olhou-a mais atentamente.

– O que aconteceu ao seu olho? Aliás, à sua cara? Parece que lhe deram uma sova, menina Kya. – Ela desviou rapidamente o rosto. O hematoma do murro de Chase, que tinha quase um mês, reduzia-se agora a uma tênue mancha amarelada, e Kya convencera-se de que já ninguém iria reparar nele.

– Não. Fui contra uma porta na...

– Não me conte histórias, menina Kya. Eu não nasci ontem. Quem lhe bateu dessa maneira?

Ela ficou em silêncio.

– Foi o Sr. Chase que lhe fez isso? A menina sabe que me pode contar. Aliás, não saio daqui enquanto não me contar.

– Sim, foi Chase. – Kya mal podia acreditar que o estava a dizer. Nunca imaginara ter a quem contar coisas daquelas. Virou-lhe as costas, tentando conter as lágrimas.

Saltos franziu o rosto todo e ficou em silêncio durante alguns instantes. Depois disse:

– O que mais lhe fez ele?

– Nada, juro. Bem que tentou, Saltos, mas eu enfrentei-o.

– Esse homem precisa de levar umas chibatadas e de ser corrido desta cidade.

– Saltos, por favor. Não podes contar a ninguém. Não podes contar ao Xerife nem a ninguém. Eles vão arrastar-me até ao escritório do Xerife e obrigar-me a contar o que aconteceu, diante de uma série de homens. Eu não vou aguentar isso – disse Kya aninhando o rosto nas mãos.

– Alguma coisa terá de se fazer. Ele não pode fazer uma coisa dessas e depois continuar a andar por aí a pavonear-se no seu belo barco, como se fosse dono do mundo.

– Saltos, tu sabes como as coisas são. Eles vão ficar do lado dele. Vão

dizer que eu estou só a arranjar problemas, para tentar sacar dinheiro aos pais ou coisa parecida. Pensa no que aconteceria se alguma rapariga de Coloured Town acusasse Chase de agressão e tentativa de violação. Eles não fariam nada. Nadinha. – Kya estava a falar num tom de voz cada vez mais estridente. – A rapariga acabaria por ter sérios problemas. Seria criticada nos jornais; as pessoas acusá-la-iam de andar a prostituir-se. Tu sabes muito bem que comigo seria o mesmo. Por favor, promete-me que não contas a ninguém. – Rematou, entre lágrimas.

– Tem razão, menina. Eu sei que tem razão. Não se preocupe. Não farei nada para piorar as coisas. Mas como sabe que ele não vem atrás de si outra vez? A menina não anda sempre sozinha pelo pantanal?

– Eu sempre me soube proteger antes. Só que, desta vez, não o ouvi chegar e escorreguei. Eu vou ser cautelosa, Saltos. Se eu decidir ir a Greenville, talvez possa ficar a viver algum tempo na minha cabana de leitura, quando voltar. Não creio que Chase saiba da sua existência.

– Então está bem. Mas quero que venha aqui mais vezes. Quero que apareça e me diga como estão a correr as coisas. A menina sabe que poderá sempre vir ficar comigo e com Mabel.

– Obrigada, Saltos. Eu sei.

– Quando vai a Greenville?

– Não sei ao certo. A carta do editor falava em fins de outubro. Ainda não tratei de nada. Ainda nem sequer aceitei o convite. – Kya sabia que só poderia ir quando o hematoma desaparecesse por completo.

– Bom, diga-me quando vai e quando volta, ouviu? Se estiver fora da cidade, eu tenho de saber. Porque se eu não a vir durante mais de um dia, eu próprio vou a sua casa e levo comigo um pelotão, se for necessário.

– Eu digo, Saltos. Obrigada.

O Especialista

1970

O advogado de acusação, Eric Chastain, estava a interrogar o Xerife sobre os dois rapazes que tinham encontrado o corpo de Chase Andrews na base da torre de vigia, a 30 de outubro, sobre o exame do médico e sobre a investigação inicial.

Eric prosseguiu:

– Xerife, por favor diga-nos o que o levou a crer que Chase Andrews não caíra acidentalmente da torre. O que o fez pensar que fora cometido um crime.

– Bom, uma das primeiras coisas em que reparei é que, à exceção das pegadas dos rapazes que o encontraram, não havia mais pegadas à volta do corpo do Chase, nem mesmo as dele. Por isso deduzi que alguém as eliminara para esconder um crime.

– Não é igualmente verdade que não havia impressões digitais nem marcas de pneus no local?

– Exatamente. Os relatórios do laboratório diziam que não havia impressões digitais recentes na torre. Nem sequer na grade que alguém teria de ter aberto. Eu e o meu adjunto procurámos marcas de pneus e também não encontrámos nenhuma. Tudo isso parecia indicar que alguém destruía intencionalmente as provas.

– Então, quando o laboratório provou que as fibras de lã vermelhas do boné da menina Clark tinham sido encontradas na roupa de Chase, nessa noite, o senhor...

– Protesto, Meritíssimo – disse Tom. – A acusação está a influenciar a testemunha. Além disso, já se determinou que as fibras vermelhas poderiam

ter sido transferidas da roupa da menina Clark para a roupa do Sr. Andrews, antes da noite de 29 para 30 de outubro.

– Protesto aceite – disse o juiz, num tom de voz sonoro.

– Não tenho mais perguntas a fazer, Meritíssimo. A testemunha é sua. – Eric sabia que o testemunho do Xerife não teria grande utilidade para a acusação – afinal, pouco ou nada se poderia adiantar sem a arma do crime, sem impressões digitais, pegadas ou marcas de pneus. Ainda assim, havia material suficiente para convencer o júri de que alguém assassinara Chase e que esse alguém poderia ter sido a menina Clark, tendo em conta as fibras vermelhas encontradas no corpo.

Tom Milton aproximou-se do banco das testemunhas.

– O senhor ou alguém do seu gabinete consultou um especialista para procurar pegadas ou provas de que estas tinham sido limpas?

– Não foi necessário. Eu sou um especialista e fui oficialmente treinado para examinar pegadas. Não precisava de outro especialista.

– Compreendo. Havia algum indício de que as pegadas tinham sido apagadas do chão? Marcas de uma escova ou de um ramo para encobrir os rastros, por exemplo? Lama arrastada para cima de lama? Há alguma prova ou fotografia disso?

– Não. Estou aqui para testemunhar, enquanto especialista, que não havia pegadas debaixo da torre a não ser as nossas e as dos rapazes. Portanto, alguém terá forçosamente de as ter eliminado.

– Está bem, Xerife, mas uma das características do pantanal é a subida e a descida no nível das águas subterrâneas, com o movimento das marés, o que faz com certas áreas sequem temporariamente e voltem a inundar-se horas depois. Em muitos locais, a subida das águas ensopa o solo, apagando marcas na lama, tais como pegadas, e volta tudo à estaca zero, não é verdade?

– Sim, pode acontecer. Mas não há indícios de que algo desse género tenha sucedido.

– Tenho aqui a tabela das marés da noite de 29 de outubro e manhã de 30 de outubro, Xerife Jackson, e esta indica que a maré baixa ocorreu por volta da meia-noite. Portanto, na altura em que Chase chegou à torre e subiu os degraus, teria deixado pegadas na lama húmida, mas depois, quando a maré encheu e o nível das águas subterrâneas subiu, as pegadas foram apagadas. Por isso os senhores e os rapazes deixaram pegadas profundas e as de Chase desapareceram. Concorda que isso é possível?

Kya acenou ligeiramente com a cabeça, reagindo pela primeira vez aos testemunhos, desde que o julgamento começara. Por diversas vezes, vira as águas do pântano engolirem histórias recentes: pegadas de veados, junto de um riacho, ou o rasto de um lince, junto de um cervo morto.

O Xerife respondeu:

– Bom, nunca o vi a maré limpar tanta coisa junta, por isso não sei.

– Mas o senhor diz-se um especialista treinado para examinar pegadas, e agora alega não saber se isso aconteceu nessa noite, embora se trate de uma ocorrência normal.

– Bom, quaisquer que fossem as circunstâncias, isso não seria difícil de apurar, não é verdade? Bastaria lá ir na maré baixa, deixar algumas marcas e ver se estas desapareciam na maré alta.

– Sim, não seria, de facto, difícil de apurar. Então porque não o fizeram? Agora, aqui estamos nós em tribunal, sem que o senhor nos possa facultar uma única prova de que alguém limpou pegadas para encobrir um crime. Parece-me mais provável que Chase Andrews tenha deixado pegadas por baixo da torre, durante a maré baixa, e que estas tenham sido apagadas aquando da subida das águas subterrâneas. Mesmo que ele estivesse com alguns amigos e tivessem subido à torre por divertimento, as pegadas deles teriam sido igualmente apagadas. Ora, sendo essas as circunstâncias mais prováveis, não há absolutamente nada que indique que tenha havido crime. Não é verdade, Xerife?

Os olhos do xerife saltitaram sucessivamente da direita para a esquerda, como se a resposta estivesse escrita nas paredes. As pessoas remexeram-se nas cadeiras.

– Xerife? – repetiu Tom.

– No meu ponto de vista profissional, parece-me improvável que um ciclo normal de subida de águas subterrâneas tenha apagado pegadas a ponto de as fazer desaparecer por completo, como foi o caso. Contudo, a ausência de pegadas, por si só, não prova, que tenha havido crime, uma vez que não há indícios de encobrimento, ainda assim...

– Obrigado.

Tom virou-se para o júri e repetiu as palavras do xerife:

– «A ausência de pegadas não prova que tenha havido crime.» Mas avancemos um pouco, Xerife. Então e a grade que ficou aberta no chão da torre de vigia? Verificou se esta tinha as impressões digitais da menina Clark?

– Claro que verificámos.

– E encontraram impressões digitais da menina Clark na grade ou onde quer que fosse na torre?

– Não. Mas também não encontrámos mais nenhuma impressões digitais, portanto...

O juiz inclinou-se para ele.

– Limite-se a responder à pergunta, Eric.

– E cabelos? A menina Clark tem cabelo comprido, preto. Se ela tivesse subido até ao cimo da torre e andasse a abrir a grade ou algo do género, teria lá deixado, certamente, alguns fios de cabelo. Encontrou alguns?

– Não. – O Xerife estava com a testa perlada de suor.

– Depois de examinar o corpo de Chase, o médico legista atestou não haver provas de que a menina Clark tivesse estado próxima dele nessa noite; é certo que se descobriram essas fibras, mas podiam lá estar há um ano. O

que o senhor nos está a dizer agora é que não há qualquer prova de que a menina Clark tenha sequer estado na torre nessa noite. Correto?

– Sim.

– Portanto, não há nenhum indício que prove que a menina Clark esteve na torre, na noite em que Chase Andrews morreu, correto?

– Foi isso que eu disse.

– Então a resposta é afirmativa.

– Sim, a resposta é afirmativa.

– É ou não é verdade que os miúdos que iam brincar para a torre, deixavam frequentemente essas grades abertas?

– Sim, às vezes ficavam abertas. Mas como antes disse, normalmente, a grade que ficava aberta era a que tinha de se abrir para subir para a plataforma e não as outras.

– Mas não é verdade que a grade das escadas e as outras ficaram tantas vezes abertas, que o seu gabinete apresentou um pedido escrito aos Serviços Florestais dos Estados Unidos para resolverem o problema, devido ao perigo que representava? – Tom estendeu um documento ao xerife. – Foi este o pedido oficial enviado aos Serviços Florestais em 18 de julho do ano passado? – O Xerife olhou para a folha de papel.

– Foi.

– Quem redigiu este pedido, exatamente?

– Eu próprio.

– Portanto, o senhor endereçou um pedido escrito aos Serviços Florestais, pedindo-lhes que fechassem a torre ou prendessem as grades, para que ninguém se magoasse, apenas dois meses e meio antes de Chase morrer, depois de cair de uma grade aberta. Correto?

– Sim.

– Importa-se de ler ao tribunal a última frase do documento que escreveu aos Serviços Florestais, Xerife? Apenas esta última frase. – Entregou o

documento ao Xerife, apontando para a última linha.

O Xerife leu em voz alta:

– Repito, estas grades são extremamente perigosas e se não forem tomadas providências, alguém acabará por sofrer ferimentos graves ou até morrer.

– Não tenho mais perguntas a fazer.

Uma Viagem

1969

A 28 de outubro de 1969, Kya passou pela doca de Saltos para se despedir, como lhe prometera, seguindo depois para a doca da cidade, onde os pescadores de peixe e de camarões interromperam o seu trabalho para a verem, como sempre. Ela ignorou-os, amarrou o barco e encaminhou-se para Main Street, com uma mala desbotada de cartão, que tirara do fundo do velho roupeiro da mãe. Não tinha mala de mão, mas carregara a mochila de livros, presunto, biscoitos e uma pequena quantia em dinheiro, depois de enterrar grande parte do produto dos seus direitos autorais, perto da lagoa, dentro de uma lata. Por uma vez na vida, estava com uma aparência absolutamente normal, com uma saia castanha da Sears e Roebuck, uma blusa branca e sapatos rasos. Embora atarefados a atender clientes ou a varrer o passeio, todos os funcionários das lojas estavam de olhos pregados nela.

Ela ficou à esquina, por baixo do sinal da paragem até o autocarro chegar. Este parou com uma chiadeira de travões e encobriu o oceano. Ninguém entrou nem saiu do autocarro, quando Kya avançou e comprou o bilhete para Greenville ao motorista. Quando lhe perguntou os dias e as horas de regresso, ele deu-lhe um horário impresso e arrumou-lhe a mala de viagem na bagageira. Ela agarrou-se bem à mochila e embarcou. Antes que tivesse sequer tempo de pensar, o autocarro, que era quase tão comprido como a própria cidade, partiu de Barkley Cove.

Dois dias depois, às 13:16, Kya saiu do autocarro que vinha de Greenville. Agora, havia ainda mais gente na rua a olhar para ela e a sussurrar. Ela sacudiu o cabelo comprido para trás das costas, agarrou na mala que o motorista lhe entregou, atravessou a rua para a doca, entrou no

barco e foi direita a casa. Queria passar pela loja de Saltos para lhe dizer que estava de volta, como prometera fazer, mas havia outros barcos alinhados na doca dele, à espera de gasolina, por isso decidiu que lá iria no dia seguinte. Assim, poderia voltar mais depressa para as suas gaivotas.

Na manhã seguinte, dia 31 de outubro, ao parar na doca de Saltos, chamou-o e ele saiu da sua pequena loja.

– Olá, Saltos. Vim só para te dizer que já regressei. Voltei ontem de manhã. – Ele foi ao seu encontro, mas não disse nada.

Assim que ela subiu para a doca, ele disse:

– Menina Kya, eu...

Ela inclinou a cabeça.

– O que é? O que se passa?

Ele ficou a olhar para ela.

– Já soube das notícias sobre o Sr. Chase, Kya?

– Não. Que notícias?

Ele abanou a cabeça.

– Chase Andrews morreu. Morreu a meio da noite, quando a menina estava em Greenville.

– O quê? – Kya e Saltos olharam-se nos olhos.

– Encontraram-no ontem de manhã, por baixo da velha torre de vigia, com... bem, dizem que partiu o pescoço e estava com o crânio metido para dentro. Açam que ele caiu lá de cima.

Kya ficou de lábios entreabertos.

Saltos continuou:

– Toda a cidade está em alvoroço. Algumas pessoas veem a coisa como um acidente, mas consta que o Xerife não tem tanta certeza disso. A mãe dele está muito perturbada e diz que foi crime. Isto vai dar uma grande confusão.

– Porque acham eles que foi cometido um...

– Alguém deixou uma das grades abertas, no chão da torre. Ele caiu pelo

buraco e eles acham que é suspeito. Algumas pessoas dizem que os miúdos vão lá para cima pintar a manta, estão sempre a deixar as grades abertas e o Sr. Chase podia ter caído por acidente. Mas há pessoas que estão a dizer que ele foi assassinado.

Kya continuou em silêncio, por isso Saltos prosseguiu:

– Um dos motivos foi o facto de ele não estar com o colar da concha que usava há anos, quando o encontraram. A mulher dele disse que ele o usava sempre e que o estava a usar nessa noite, quando saiu de casa.

Kya sentiu a boca seca ao ouvir falar no colar.

– O xerife disse que não havia impressões digitais no local do crime. Nem uma para amostra. Como se alguém as tivesse limpado para encobrir provas. Os miúdos que encontraram Chase ouviram-no dizer isso e andaram pela cidade inteira a contar.

Saltos disse-lhe também quando seria o funeral, mas sabia que Kya jamais iria ao funeral dele. Que espetáculo para o grupo das costureiras e dos estudos bíblicos. Não faltariam mexericos e conjeturas, e Kya seria, com toda a certeza, uma das pessoas a quem apontariam o dedo. *Graças a Deus que ela estava em Greenville na altura em que isto aconteceu, de contrário seria a principal suspeita*, pensou Saltos.

Kya despediu-se de Saltos com um aceno de cabeça e levou o barco até casa. Ficou na margem lamacenta da lagoa e recitou um dos poemas de Amanda Hamilton:

*Nunca se subestime
um coração
Capaz de proezas
inconcebíveis para a mente.
O coração comanda tanto quanto sente
De que outra forma se explicaria*

*O caminho que escolhi,
O caminho que escolheste,
Tão longa jornada por este desfiladeiro?*

Disfarces

1970

A testemunha seguinte, cujo nome era Larry Price – um homem de cabelo branco, curto e encaracolado, com um fato azul barato e lustroso de tão puído – que disse conduzir várias linhas de autocarros, na região da Carolina do Norte, prestou juramento. Quando Eric o interrogou, o Sr. Price confirmou que era possível, fazer a viagem de autocarro de Greenville para Barkley Cove e regressar na mesma noite. Disse também que era ele que conduzia o autocarro que saía de Greenville com destino a Barkley Cove, na noite em que Chase morrera, e que nenhum dos passageiros se parecia com a menina Clark.

Eric disse:

– Sr. Price, durante a investigação, o senhor disse ao Xerife que havia um passageiro magro nesse autocarro, que poderia ser uma mulher alta disfarçada de homem, correto? Por favor descreva esse passageiro.

– Sim, exatamente. Um jovem branco. Acho que tinha cerca de um metro e sessenta e as calças pendiam-lhe das pernas como lençóis pendurados num poste. Usava um volumoso boné azul. Ia de cabeça baixa e não olhava para ninguém.

– E agora que já viu a menina Clark, acha possível que o homem magro do autocarro fosse ela disfarçada? Poderia o seu cabelo comprido estar escondido nesse boné volumoso?

– Acho que sim.

Eric solicitou ao juiz que pedisse a Kya para se levantar e ela assim fez, com Tom Milton a seu lado.

– Pode voltar a sentar-se, menina Clark – disse Eric, dirigindo-se de novo

à testemunha. – Acha que o jovem do autocarro tinha a mesma estatura e constituição que a menina Clark?

– Eu diria que são mais ou menos idênticas – disse o Sr. Price.

– Diria então que é provável que o homem magro do autocarro das 23:50, de Greenville com destino a Barkley Cove fosse de facto a arguida, certo?

– Sim, eu diria que é bem possível.

– Obrigado, Sr. Price. Não tenho mais perguntas a fazer. A testemunha é sua.

Tom ficou em frente do banco das testemunhas e depois de interrogar o Sr. Price durante cinco minutos, recapitulou:

– O senhor acabou de nos dizer o seguinte: primeiro, não havia nenhuma mulher que se parecesse com a acusada no autocarro de Greenville para Barkley Cove, na noite de 29 de outubro de 1969; segundo, ia um homem alto e magro no autocarro, mas na altura não lhe ocorreu que fosse uma mulher disfarçada, embora o visse de perto; terceiro, essa ideia do disfarce só lhe ocorreu quando o Xerife lhe falou nisso.

Tom prosseguiu, antes que a testemunha pudesse responder:

– Sr. Price explique-nos o que lhe dá a certeza de que o homem magro ia no autocarro das 23:50, de 29 de outubro. Tomou notas? Escreveu alguma coisa? Talvez fosse na noite anterior ou na noite a seguir. Tem a certeza absoluta de que foi na noite de 29 de outubro?

– Eu percebo onde está a querer chegar. Quando o Xerife me forçou a puxar pela memória, pareceu-me que esse homem ia nesse autocarro, mas confesso que não tenho a certeza absoluta.

– Além disso, parece que o autocarro estava bastante atrasado nessa noite. Na verdade, estava com um atraso de vinte e cinco minutos e só chegou a Barkley Cove à 1:40 da manhã, correto?

– Sim. – O Sr. Price olhou para Eric. – Estou só a tentar ajudar; a fazer o que devo fazer.

Tom tranquilizou-o:

– O senhor deu-nos uma grande ajuda, Sr. Price. Muito obrigado. Não tenho mais perguntas a fazer.

Eric chamou a testemunha seguinte, o motorista do autocarro das 2:30 da manhã de 30 de outubro, de Barkley Cove para Greenville, um tal John King, que testemunhou que a arguida não ia no autocarro, mas sim uma senhora de idade.

– ... alta como a menina Clark, com cabelo grisalho, curto, com uns caracóis que pareciam de permanente.

– Olhando para a arguida, acha que a menina Clark ficaria parecida com a mulher que ia no autocarro, se se disfarçasse de idosa?

– Bem, é difícil de imaginar, mas talvez.

– Então é possível.

– Suponho que sim.

No contrainterrogatório, Tom disse:

– A palavra *suponho* não é admissível num julgamento de um homicídio. O senhor viu a arguida no autocarro que saiu de Barkley Cove às 2:30 da manhã do dia 30 de outubro, com destino a Greenville?

– Não, não vi.

O Diário

1970

Quando a conduziram à sala de audiências, no dia seguinte, Kya olhou de relance para Tate, Saltos e Mabel e conteve a respiração ao ver Jodie sentado junto deles, de uniforme, com um ligeiro sorriso estampado no rosto marcado pela grande cicatriz. Cumprimentou o irmão com um ligeiro aceno de cabeça. Como teria ele sabido do julgamento? Talvez lesse a notícia num jornal, em Atlanta. A ideia acabrunhou-a.

Eric levantou-se.

– Meritíssimo, peço permissão ao tribunal para chamar a Sra. Sam Andrews. – A sala inteira suspirou, ao ver a mãe enlutada encaminhar-se para o banco das testemunhas. Ao observar a mulher que em tempos esperara que viesse a ser sua sogra, Kya apercebeu-se, enfim, de quão absurda era a ideia. Mesmo naquelas circunstâncias sombrias, a aparência e o estatuto, pareciam ser as maiores preocupações de Patti Love, agora vestida de seda negra da melhor qualidade. Sentou-se muito direita, de bolsa lustrosa apoiada no colo, com o cabelo impecavelmente preso num carrapito, por baixo de um chapéu inclinado a preceito, com os olhos melodramaticamente escondidos atrás de um véu de tule negro. Aquela mulher jamais aceitaria uma miserável habitante do pantanal como sua nora.

– Sra. Andrews, eu sei que este é um momento difícil para si, por isso serei tão breve quanto possível. É verdade que o seu filho, Chase Andrews usava um colar de fio de couro com uma concha pendurada?

– Sim. É verdade.

– E quando... ou melhor, com que frequência usava ele esse colar?

– Sempre. Nunca o tirava. Em quatro anos nunca o vi sem ele.

Eric entregou um diário de capa de couro à Sra. Andrews.

– Importa-se de identificar esse livro ao tribunal?

Kya olhou para o chão e mordeu os lábios, enraivecida, pelo facto de o advogado de acusação ter invadido a sua privacidade, e estar a mostrar o seu diário pessoal a todos os presentes. Escrevera-o para Chase, pouco depois de se conhecerem. Durante uma boa parte da sua vida fora-lhe negada a alegria de oferecer presentes, uma necessidade que poucos entenderiam. Depois de trabalhar dia e noite no diário, embrulhara-o em papel castanho, ornamentara-o com belíssimos fetos e penas brancas de um ganso das neves e entregara-o a Chase enquanto ele saía do barco.

– O que é isto?

– Uma lembrança minha – dissera-lhe ela, com um sorriso.

No interior, Kya pintara a história de ambos. Na primeira ilustração, um desenho a tinta de ambos encostados ao tronco que flutuara até à praia, Chase estava a tocar harmónica; os nomes, em latim, do arroz-de-costa e das conchas dispersas pela areia estavam escritos na letra de Kya. O barco de Chase flutuava ao luar, numa colorida mescla de aguarelas. A ilustração seguinte era uma imagem estilizada de golfinhos curiosos, a nadarem à volta do barco, com as palavras «Michael Row the Boat Ashore» a pairarem nas nuvens. Numa outra, Kya rodopiava no meio de gaivotas prateadas, numa praia de areias prateadas.

Chase folheara as páginas, maravilhado. Passara ao de leve os dedos por alguns dos desenhos e rira-se de outros, mas de uma forma geral, examinara-o em silêncio, a acenar com a cabeça.

– Nunca me ofereceram nada assim.

Inclinou-se para ela, para abraçar e acrescentou.

– Obrigado, Kya. – Ficaram sentados durante algum tempo na areia a conversar de mão dada, embrulhados num cobertor.

Kya recordava-se de sentir o coração bater de alegria, pelo prazer de dar,

convencida de que mais ninguém iria ver o diário, muito menos como prova, no seu julgamento de homicídio.

Não olhou para Patti Love quando esta respondeu à pergunta.

– É uma coleção de pinturas que a menina Clark fez para Chase e lhe ofereceu de presente. – Patti Love recordava-se de encontrar o diário debaixo de uma pilha de álbuns, enquanto limpava o quarto dele, aparentemente escondido para que ela não o encontrasse. Sentara-se na cama de Chase, abrira a pesada capa de couro e deparara-se com uma ilustração do filho encostado a um tronco com aquela rapariga – a Miúda do Pantanal. O seu Chase a conviver com escumalha. *E se as pessoas descobrem?* – pensara, abalada, enquanto sentia arrepios de frio e ondas de calor em simultâneo.

– Importa-se de descrever o que vê nesta imagem pintada pela arguida, Sra. Andrews?

– É uma pintura de Chase e da menina Clark no cimo da torre de vigia. – Um murmúrio percorreu a sala.

– O que mais se está a passar?

– Ela está a dar-lhe o colar da concha. Está ali entre as mãos de ambos.

E nunca mais o voltou a tirar, pensou Patti Love. Eu a achar que ele me contava tudo, que os laços que me uniam ao meu filho eram mais fortes do que os das outras mães. Estava convencida disso, mas afinal, não sabia da missa a metade.

– Então a senhora soube que o seu filho mantinha uma relação com a menina Clark e que ela lhe dera esse colar, através dele e desse diário?

– Sim.

– Quando Chase foi a vossa casa jantar, na noite de 29 de outubro, levava o colar ao pescoço?

– Sim. Ele saiu de nossa casa depois das onze da noite e tinha o colar posto.

– E quando foram à clínica no dia seguinte, para identificar Chase, ele

tinha o colar?

– Não, não tinha.

– Algum dos seus amigos ou qualquer outra pessoa, que não a menina Clark, teria algum motivo para lhe querer tirar o colar?

– Não.

– Protesto, Meritíssimo – disse Tom, prontamente, do seu lugar. – Mexeriquices. A pergunta apela à especulação. A testemunha não pode argumentar sobre o raciocínio de outras pessoas.

– Protesto aceite. Os jurados deverão ignorar a última pergunta e a última resposta. – disse o juiz.

Depois, baixou a cabeça na direção do advogado de acusação, tipo ganso, e acrescentou:

– Por amor de Deus, Eric! Veja se tem mais cuidado. Já tinha obrigação de saber isso.

Eric prosseguiu, imperturbável:

– Muito bem. Sabemos, pelos seus próprios desenhos, que a menina Clark subiu, pelo menos, uma vez à torre de vigia com Chase; sabemos que ela lhe ofereceu o colar da concha e que ele o usou sempre, até à noite da sua morte, altura em que este desapareceu, correto?

– Sim.

– Obrigado. Não tenho mais perguntas a fazer. A testemunha é sua.

– Não tenho perguntas a fazer – disse Tom.

Quarto Minguante

1970

É claro que a linguagem utilizada no tribunal não era tão poética como a do pantanal, mas Kya via algumas semelhanças na natureza de ambas. O juiz – sem dúvida o macho alfa – estava seguro da posição que ocupava, por isso a sua postura era calma, ainda que dominante, como a de um territorial javali macho. Tom Milton emanava também confiança e classe, movendo-se e agindo com a naturalidade de um poderoso cervo, que é reconhecido como tal. O advogado de acusação, por outro lado, valia-se de gravatas de cores garridas e casacos de ombros largos para reforçar a sua posição, erguendo os braços ou levantando a voz, para se impor. Um macho inferior precisa de gritar para se fazer notar. O oficial de justiça representava o macho com a posição mais baixa na hierarquia e socorria-se da pistola cintilante, do ruidoso molho de chaves e do volumoso rádio, que tinha presos ao cinto, para destacar a sua posição. *As hierarquias de dominância reforçam a estabilidade das populações no mundo natural e noutros menos naturais*, pensou Kya.

O advogado de acusação, de gravata vermelha, avançou audaciosamente para a frente da sala e chamou a testemunha seguinte, Hal Miller, um tipo magricela de vinte e oito anos, de cabelo crespo, castanho.

– Sr. Miller, diga-nos onde estava e o que viu, na noite de 29 para 30 de outubro, cerca da 1:45 da manhã.

– Eu e Allen Hunt fazíamos parte da tripulação do barco de pesca de camarão de Tim O’Neal. Estávamos a regressar a Bakley Cove, já um pouco tarde, e vimos a menina Clark passar no seu barco, em direção a nordeste, aí a um quilómetro e meio a leste da baía.

– E aonde a levaria essa rota?

– Direitinha àquela enseada perto da torre de vigia.

O Juiz Sims bateu com o martelo, para pôr cobro ao burburinho que se levantou na sala, durante cerca de um minuto.

– Não poderia ela ir para outro lado?

– Suponho que sim, mas nessa direção há apenas quilômetros de floresta pantanosa. Que eu saiba, o único destino possível é a torre de vigia.

Algumas senhoras abanavam leques de igreja na sala abafada, no meio da assistência inquieta. Justiça de Domingo, que dormia no parapeito da janela, saltou para o chão, foi ao encontro de Kya e roçou-se pela sua perna, acomodando-se depois ao seu colo – era a primeira vez que o fazia, na sala de audiências. Eric parou de falar e olhou para o juiz, talvez a pensar em protestar perante tamanha manifestação de parcialidade, mas não havia nenhum precedente legal para isso.

– Como pode ter a certeza que era a menina Clark?

– Todos nós conhecemos o barco dela. Há anos que anda por aí sozinha de barco.

– Havia luzes no barco dela?

– Não. Não tinha luzes. Podíamos tê-lo abalroado se não a tivéssemos visto.

– Mas não é ilegal andar de barco sem luzes, depois do anoitecer?

– Sim, ela devia ter luzes, mas não tinha.

– Portanto, na noite em que Chase Andrews morreu na torre de vigia, a menina Clark passou de barco exatamente nessa direção, minutos antes da hora da sua morte, correto?

– Sim. Foi isso que nós vimos.

Eric sentou-se.

Tom aproximou-se da testemunha.

– Bom dia, Sr. Miller.

– Bom dia, Tom.

– Sr. Miller, há quanto tempo é membro da tripulação do barco de pesca de camarão de Tim O’Neal?

– Há quase três anos.

– Diga-me por favor: a que horas nasceu a lua na noite de 29 para 30 de outubro?

– Estava quarto minguante e só nasceu depois de atracarmos em Barkley.

– Compreendo. Nesse caso, quando viram o pequeno barco passar perto de Barkley Cove, nessa noite, não havia luar. Devia estar bastante escuro.

– Sim, estava escuro. Havia algumas estrelas, mas estava, de facto, bastante escuro.

– Importa-se de dizer ao tribunal o que a menina Clark levava vestido, quando passou por vocês de barco, nessa noite?

– Bom, não estávamos suficientemente perto para ver o que ela levava vestido.

– Ah não? Não estavam suficientemente perto para ver a roupa dela? – disse Tom, olhando para o júri. – A que distância estavam dela?

– Creio que estávamos a uns sessenta metros dela, pelo menos.

– Sessenta metros. – Tom voltou a olhar para o júri. – É uma distância considerável para se identificar um pequeno barco na escuridão. Diga-me Sr. Miller, que características, que detalhes nessa pessoa, lhe deram tantas certezas de que se tratava da menina Clark?

– Como antes referi, praticamente toda a gente nesta cidade consegue reconhecer o barco dela, seja de perto, seja de longe. Conhecemos a forma do barco e a silhueta alta e magra dela, sentada à proa. É uma figura muito peculiar.

– Uma figura muito peculiar ou qualquer um com uma figura semelhante. Qualquer pessoa alta e magra num barco do mesmo tipo passaria pela menina Clark, correto?

– Suponho que poderia ser alguém parecido com ela, mas nós conhecemos muito bem os barcos e os seus proprietários, pois andamos sempre no mar.

– Recordo-lhe, Sr. Miller, que isto é julgamento de um crime de homicídio. O assunto é muito sério e nestes casos temos de ter absoluta certeza do que dizemos. Não poderemos fiar-nos em figuras ou silhuetas, que avistamos a sessenta metros de distância, no meio da escuridão. Importa-se de dizer ao tribunal se tem a certeza que a pessoa que viu na noite de 29 para 30 de outubro era a menina Clark?

– Não. Não posso dizer que tenho a certeza absoluta. Nunca disse que tinha a certeza absoluta de que era ela. Mas tenho quase a certeza...

– É tudo, Sr. Miller. Obrigado.

O Juiz Sims perguntou:

– Reencaminho a testemunha?

Eric interrogou-a, sentado no seu lugar.

– Hal, você disse que há, pelo menos, três anos que vê a menina Clark no seu barco. Diga-me uma coisa: alguma vez julgou ver a menina Clark, à distância, e percebeu que afinal não era ela, depois de se aproximar? Isso já lhe aconteceu alguma vez?

– Nem uma vez.

– Nem uma vez em três anos?

– Nem uma vez em três anos.

– O Estado nada mais tem a acrescentar, Meritíssimo.

O Motel Three Mountains

1970

O Juiz Sims entrou na sala de audiências e acenou com a cabeça à mesa da defesa.

– Sr. Milton está pronto para chamar a sua primeira testemunha de defesa?

– Estou sim, Meritíssimo.

– Pode prosseguir.

Depois de a testemunha prestar juramento e sentar-se, Tom disse:

– Por favor diga o seu nome e qual a sua ocupação em Barkley Cove. – Kya ergueu a cabeça apenas o suficiente para ver a velhota baixa, de cabelo arroxado, com uma permanente de caracóis miúdos, que há anos lhe perguntara porque ia sempre ao minimercado sozinha. Era bem possível que estivesse mais mirrada, com os caracóis da permanente mais miúdos, mas Kya achou-a surpreendentemente conservada. A Sra. Singletary sempre lhe parecera um pouco metediza e autoritária. Porém, no inverno depois de a mãe de Kya partir, esta oferecera-lhe uma meia de Natal com um apito azul lá dentro. E a isso se resumira o Natal de Kya, nesse ano.

– Chamo-me Sarah Singletary e sou funcionária do minimercado Piggly Wiggly, em Barkley Cove.

– Sarah, consegue ver a paragem do autocarro da sua caixa registadora, correto?

– Sim, vejo-a claramente.

– No dia 28 de outubro viu a menina Catherine Clark, à espera do autocarro na paragem, cerca das 14:30?

– Sim, vi a menina Clark na paragem. – Nesta altura, Sarah olhou

brevemente para Kya e recordou a rapariguinha que vira entrar no minimercado descalça, durante tantos anos. Nunca ninguém viria a saber disso, mas antes de Kya aprender a contar, Sarah dera-lhe troco a mais – dinheiro que, depois, tivera de tirar do seu próprio bolso para fazer a caixa. É claro que Kya começara por fazer compras de pequenos montantes, e Sarah contribuía apenas com meia-dúzia tostões, mas devia ter ajudado.

– Quanto tempo esperou ela? Viu-a, de facto, entrar no autocarro das 14:30?

– Creio que esperou uns dez minutos. Todos nós a vimos comprar o bilhete ao motorista, entregar-lhe a sua mala e entrar no autocarro. Sem dúvida que ia no autocarro quando este partiu.

– Suponho que a viu também regressar, dois dias depois, no dia 30 de outubro, no autocarro das 13:16, correto?

– Sim, dois dias depois, pouco depois das 13:15, levantei os olhos quando o autocarro parou e lá estava a menina Clark a sair. Chamei a atenção para ela às outras funcionárias de caixa do minimercado.

– E depois, o que fez ela?

– Dirigiu-se para a doca, meteu-se no barco e seguiu em direção a sul.

– Obrigado, Sarah. É tudo.

O Juiz Sims perguntou:

– Alguma pergunta, Eric?

– Não, Meritíssimo, não tenho perguntas a fazer. Vejo pela lista de testemunhas que a defesa tenciona chamar vários habitantes da cidade para testemunharem que a menina Clark entrou e saiu do autocarro, nas datas e horas indicadas pela Sra. Singletary. A acusação não refuta este testemunho. Com efeito, a evidência de que a menina Clark viajou nesses autocarros a essas horas é consistente com o nosso caso. Se o tribunal estiver de acordo, dispensamos a audição de mais testemunhas em relação a este assunto.

– Muito bem, Sra. Singletary. Pode descer do banco das testemunhas.

Está de acordo Sr. Milton? Se a acusação aceita o facto de que a menina Clark apanhou o autocarro das 14:30, no dia 28 de outubro de 1969 e regressou cerca das 13:16, no dia 30 de outubro de 1969, considera necessário chamar outras testemunhas para o efeito?

– Não, Meritíssimo. – Tom estava com uma expressão calma, mas praguejou para com os seus botões. O alibi de Kya de que estava fora da cidade à hora da morte de Chase era um dos argumentos mais fortes da defesa, mas Eric conseguira diluí-lo, limitando-se a aceitá-lo, dizendo até que não precisava de ouvir testemunhos de que Kya viajara para Greenville durante o dia. A questão não era relevante para a acusação porque esta alegava que teria regressado a Barkley durante a noite e cometera o homicídio. Tom previra esse risco, mas considerava crucial que os jurados ouvissem os testemunhos, para que interiorizassem a ideia de que Kya abandonara a cidade à luz do dia e só regressara depois do incidente. Agora, iriam pensar que o alibi dela não era suficientemente importante para que fosse sequer necessário confirmá-lo.

– Fica registado. Pode chamar a sua próxima testemunha.

O Sr. Lang Furlough, um homem careca e anafado com o casaco abotoado contra a barriga rotunda, apresentou-se como proprietário e gerente do Motel Three Mountains, em Greenville, e testemunhou que a menina Clark ficara no motel de 28 a 30 de outubro de 1969.

Kya detestou ouvir o homem de cabelo oleoso, que não esperava voltar a ver mais. Mas ali estava ele a falar dela, como se ela não estivesse presente. Explicou que a levava ao quarto, mas omitiu que lá ficara demasiado tempo, e inventara mil e um pretextos para não sair até ela abrir a porta, dando-lhe a entender que queria que ele se fosse embora. Quando Tom lhe perguntou como podia ter a certeza das vezes que a menina Clark entrara e saía do motel, ele riu baixinho e disse que ela era o tipo de mulher em que os homens reparam. Acrescentou que a achava estranha por não saber usar o telefone e

por chegar da paragem de autocarros com uma mala de cartão e o jantar num saco.

– Sr. Furlough, na noite seguinte, dia 29 de outubro de 1969 – a noite em que Chase Andrews morreu – o senhor trabalhou na receção durante toda a noite, correto?

– Sim.

– Quando a menina Clark voltou para o quarto, às 22:00, depois de jantar com o seu editor, viu-a sair de novo? Viu-a sair ou entrar no quarto entre a noite de 29 de outubro e as primeiras horas da manhã de 30 de outubro?

– Não. Estive lá a noite inteira e nunca a vi sair do quarto. Como já disse, o quarto dela ficava mesmo em frente da receção, portanto eu tê-la-ia visto sair.

– Obrigado, Sr. Furlough. É tudo. A testemunha é sua.

Depois de alguns minutos de contrainterrogatório, Eric prosseguiu:

– Muito bem, Sr. Furlough, até agora atestámos que abandonou o balcão da receção duas vezes para ir ao seu apartamento e utilizar a casa de banho; que o estafeta das pizzas lhe trouxe uma piza e que o senhor esteve a pagar-lhe etc.; que registou a entrada de quatro hóspedes e a saída de dois; e que, no meio de tudo isso, esteve a registar faturas. Parece-me, Sr. Furlough, que durante todo esse corruptio, a menina Clark terá tido inúmeras oportunidades de sair silenciosamente do seu quarto e atravessar a rua sem que o senhor a visse ou será isso totalmente impossível?

– Bom, creio que é possível, mas eu não vi. O que eu estou a dizer é que não a vi sair do quarto, nessa noite.

– Eu já percebi, Mr. Furlough. Mas o que eu estou a dizer é que é muito possível que a menina Clark saísse do quarto, fosse a pé até ao terminal de autocarros, viajasse de autocarro até Barkley Cove, assassinasse Chase Andrews e voltasse para o quarto, sem que o senhor a visse, por estar tão ocupado com o seu trabalho. Não tenho mais perguntas a fazer.

Depois do intervalo para almoço, quando já todos estavam instalados e o juiz voltara a ocupar o seu lugar, Scupper entrou na sala de audiências. Tate virou-se e viu o pai percorrer o corredor central da galeria, ainda de jardineiras e botas de pesca amarelas. Scupper dissera-lhe que não iria assistir ao julgamento por causa do trabalho, mas era sobretudo por se sentir desconcertado com a ligação de longa data que o filho mantinha com a menina Clark. Ao que parece, Tate nunca gostara de outra mulher e mesmo depois de adulto, depois de se tornar um cientista, continuava a amar aquela estranha e misteriosa mulher. Uma mulher agora acusada de homicídio.

Mas nesse mesmo dia, por volta do meio-dia, quando estava no barco com as redes de pesca amontoadas à volta das botas, Scupper deu consigo a suspirar e a corar de vergonha ao concluir que também alimentava preconceitos em relação a Kya tal como alguns aldeões ignorantes, apenas pelo facto de ela ter nascido no pantanal. Recordava-se de Tate lhe mostrar orgulhosamente o primeiro livro de Kya, sobre conchas, e como ele próprio se deixara surpreender pelo seu talento científico e artístico. Mais tarde, comprara um exemplar de cada livro dela, mas nunca contara a Tate. Um disparate pegado.

Tinha orgulho no filho, porque este sempre soubera o que queria e como o conseguir, porém Kya fizera o mesmo, enfrentando obstáculos muito maiores.

Como poderia ele deixar Tate desamparado? O importante era apoiar o seu filho. Tudo o mais era secundário.

Posto isto, largou a rede, deixou o barco a chapinhar contra o cais e foi direito ao tribunal.

Quando chegou à primeira fila, Jodie, Saltos e Mabel, levantaram-se para que ele pudesse passar e sentar-se ao lado de Tate. Pai e filho cumprimentaram-se e os olhos de Tate encheram-se de lágrimas.

Tom Milton esperou que Tate se sentasse, com a sala em absoluto

silêncio, e depois disse:

– Meritíssimo, a defesa chama Robert Foster.

O Sr. Foster usava um casaco de *tweed*, gravata e calças caqui. Era um homem elegante, de estatura média, com uma barba muito bem aparada e um olhar gentil. Tom pediu-lhe que dissesse o seu nome e a sua ocupação.

– Chamo-me Robert Foster e sou editor sénior da Harrison Morris Publishing Company de Boston, em Massachusetts. – Kya levou a mão à testa e olhou para o chão. O editor era a única pessoa que conhecia que não a encarava como a Miúda do Pantanal, que a respeitava e se deixara até impressionar pelo seu talento e conhecimentos. Porém, agora, estava a vê-la em tribunal, sentada no banco dos réus, a responder pelo crime de homicídio.

– O senhor é o editor dos livros da menina Catherine Clark?

– Sou, sim. Catherine é uma talentosa naturalista, uma artista e uma grande escritora. É uma das nossas autoras de eleição.

– Importa-se de nos confirmar se viajou para Greenville, na Carolina do Norte, a 28 de outubro de 1969, e se esteve reunido com a menina Clark nos dias 29 e 30 de outubro?

– Exatamente. Estive numa pequena conferência no local e sabia que teria algum tempo livre durante a minha estadia na cidade, embora não o suficiente para me deslocar a casa da menina Clark, por isso convidei-a a vir a Greenville, para que nos pudéssemos conhecer.

– Poderá confirmar-nos a hora exata em que a levou ao motel, na noite de 29 de outubro do ano passado?

– Jantámos no hotel, depois das nossas reuniões e eu levei Kya ao motel, às 21:55.

Kya recordava-se de estar à porta da sala de jantar cheia de mesas iluminadas com velas e cobertas com toalhas brancas, sob a luz suave dos lustres e dos copos altos de vinho. Lembrava-se de comparar a blusa e saia simples que vestira com a roupa elegante dos clientes que conversavam em

voz baixa. Ela e Robert comeram solha panada com amêndoas à moda da Carolina do Norte, com arroz arbóreo, esparregado, e pãozinhos levedados. Kya sentiu-se confortável, porque ele manteve uma conversa agradavelmente espontânea, limitando-se a abordar temas que lhe eram familiares, relacionados com a natureza.

A recordar-se disso agora, ainda lhe custava a acreditar como conseguira. Porém, o restaurante, com todo aquele brilho, parecera-lhe muito menos empolgante do que um bom piquenique. Quando tinha quinze anos, Tate fora de barco até à sua cabana, ao nascer do sol, colocara-lhe um cobertor à volta dos ombros e levava-a por um labirinto de canais, até uma floresta que ela não conhecia. Caminharam mais de um quilómetro até um prado alagado, onde a erva fresca crescia na lama, e ele estendera o cobertor por baixo de uns fetos semelhantes a grandes sombrinhas.

– Agora esperamos – dissera ele, servindo chá de um termo e oferecendo-lhe «pastéis de guaxinim»: uma mistura de massa de biscoito, salsicha quente e cheddar picante que fizera para a ocasião. Mesmo agora, naquele ambiente gélido do tribunal, parecia-lhe ainda estar a sentir o calor dos seus ombros por baixo do cobertor, enquanto desfrutavam daquele pequeno-almoço ao ar livre.

Não tiveram de esperar muito. Momentos depois, um fragor semelhante a tiros de canhões fez-se ouvir a norte.

– Aí vêm eles – disse Tate.

Uma nuvem negra e fina surgiu no horizonte, subindo em direção aos céus, à medida que se aproximava. Os guinchos foram aumentando de intensidade e volume e a nuvem preencheu o céu até não sobrar uma nesga azul. Centenas de milhares de gansos das neves cobriram o mundo, batendo as asas, grasnando, planando, descrevendo círculos em bandos compactos, tentando pousar – meio milhão de asas a baterem em uníssono. Era como um nevão de aves, de patas alaranjadas suspensas no ar, uma tempestade branca

capaz de cobrir todos os locais na Terra. Os gansos foram poisando, primeiro à vez, depois às dezenas e às centenas, reunindo-se a escassos metros do sítio onde Kya e Tate estavam sentados, à sombra dos fetos. O céu esvaziou-se e o prado alagado foi-se enchendo, até ficar completamente coberto daquela neve emplumada.

Nenhuma sala de jantar elegante se poderia comparar àquilo e os «pastéis de guaxinim» ofereciam mais sabor e emoção do que truta panada com amêndoas.

– Viu a menina Clark entrar no quarto?

– Claro. Abri-lhe a porta e certifiquei-me de que ela entrava em segurança no quarto, antes de me ir embora.

– Viu a menina Clark no dia seguinte?

– Tínhamos combinado tomar o pequeno-almoço juntos, por isso fui buscá-la às 7:30. Comemos no Stack'em High – uma casa especializada em panquecas – eu levei-a ao motel às 09:00 e foi a última vez que a vi até hoje.

– Olhou de relance para Kya, mas ela baixou os olhos para a mesa.

– Obrigado, Sr. Foster. Não tenho mais perguntas a fazer.

Eric levantou-se e perguntou:

– Sr. Foster, estava aqui a pensar porque teria o senhor optado pelo Hotel Piedmont, o melhor hotel da região, quando a sua editora se limitou a pagar uma estadia num motel barato como o Three Mountains, à menina Clark, uma autora de grande talento e uma das vossas preferidas, segundo nos disse.

– É claro que lhe oferecemos a estadia no Piedmont e até recomendámos que lá ficasse, mas ela insistiu em ficar no motel.

– Ah sim? E ela sabia o nome do motel? Pediu especificamente para ficar no Three Mountains?

– Sim enviou-me uma missiva a dizer que preferia ficar no Three Mountains.

– Explicou porquê?

– Não. Não faço ideia porquê.

– Eu até sou capaz de saber porquê. Aqui está o mapa turístico de Greenville. – Ao aproximar-se do banco das testemunhas, Eric sacudiu o mapa, para que todos o vissem. – Como poderá verificar, por este mapa, o Piedmont, o hotel de quatro estrelas que ofereceu à menina Clark, fica localizado na baixa da cidade. O motel Three Mountains, por outro lado, fica na Highway 40, perto do terminal de autocarros. Na verdade, se examinar o mapa como eu examinei, verificará que o Three Mountains é o motel mais próximo do terminal de autocarros...

– Protesto, Meritíssimo – disse Tom, em voz alta. – O Sr. Foster não é um conhecedor do traçado de Greenville.

– Pois não, mas o mapa explica-o. Percebo onde está a querer chegar, Eric e vou permitir a pergunta. Prossiga.

– Sr. Foster, se alguém estivesse a planear chegar rapidamente ao terminal, a meio da noite, é lógico que preferiria ficar no Three Mountains, e não no Piedmont. Sobretudo se tencionasse fazer o percurso a pé. Preciso apenas que me confirme se a menina Clark pediu, especificamente, para ficar no Three Mountains e não no Piedmont.

– Como antes disse, ela pediu para ficar no Three Mountains.

– É tudo.

– Reencaminho a testemunha? – perguntou o Juiz Sims.

– Sim, Meritíssimo. Sr. Foster, há quantos anos trabalha com a menina Clark?

– Há três anos.

– Embora só a tenha conhecido pessoalmente na visita a Greenville, em outubro passado, considera que a ficou a conhecer bem, através da correspondência trocada ao longo desses anos? Em caso afirmativo, como a descreveria?

– Fiquei sim. Acho-a uma pessoa tímida e gentil que prefere estar

sozinha, em contacto com a natureza. Demorei algum tempo a convencê-la a ir a Greenville. Sabia que ela evitaria as multidões.

– Multidões como a que encontraria no Hotel Piedmont?

– Sim.

– Diria que não ficou surpreendido pelo facto de a menina Clark, uma pessoa reservada, optar por ficar num motel bastante afastado, e não num hotel movimentado, no centro da cidade? Que essa escolha se coaduna com a sua maneira de ser?

– Sim. Não me surpreendeu.

– Não faz também um certo sentido que a menina Clark optasse por ficar no motel ou hotel mais próximo do terminal de autocarros, por não estar habituada a andar de transportes públicos, e saber que teria de ir a pé, com uma mala, da estação de autocarros para o hotel e vice-versa?

– Sim.

– É tudo. Obrigado.

Depois de abandonar o banco das testemunhas, Robert Foster sentou-se atrás de Kya, junto de Tate, Scupper, Jodie, Saltos e Mabel.

Nessa tarde, a testemunha seguinte de Tom foi de novo o Xerife.

Kya sabia, pela lista de testemunhas de Tom, que não havia muito mais testemunhas a chamar, e sentiu-se nauseada só de pensar nisso. Seguir-se-ia a argumentação final e depois o veredicto. Enquanto tivesse uma torrente de testemunhas a apoiá-la, poderia ter esperança de ser absolvida ou, pelo menos, de ver a sua condenação adiada. Se os procedimentos do tribunal se prolongassem interminavelmente, nenhuma sentença seria proferida. Tentou distrair-se, pensando em gansos das neves, como estava a fazer desde que o julgamento começara, mas só lhe surgiam imagens da prisão, grades de ferro e paredes de cimento húmidas, intercaladas esporadicamente por imagens fugazes de uma cadeira elétrica, cheia de correias.

Subitamente, sentiu que não conseguia respirar, que não conseguia ficar ali sentada mais tempo. A cabeça pesava-lhe tanto que mal conseguia mantê-la direita. Afundou-se ligeiramente na cadeira e Tom desviou a atenção do Xerife para Kya, ao vê-la apoiar a cabeça nas mãos; correu ao seu encontro.

– Solicito um pequeno intervalo, Meritíssimo. A menina Clark precisa de fazer uma pausa.

– Concedido. Está suspensa a audiência para um intervalo de quinze minutos.

Tom ajudou-a a levantar-se e saiu rapidamente com ela por uma porta lateral, que dava acesso a uma pequena sala de reuniões. Ela deixou-se cair numa cadeira. Ele sentou-se a seu lado e perguntou-lhe:

– O que é? O que se passa, Kya?

Ela enterrou a cabeça nas mãos.

– Como podes perguntar isso? Não é óbvio? Como é que alguém consegue sobreviver a isto? Sinto-me demasiado agoniada, demasiado cansada para ficar ali sentada. Tenho de ficar? O julgamento não pode continuar sem mim? – Kya não se sentia em condições de prosseguir. Só queria mesmo voltar para a cela e enroscar-se na cama, com Justiça de Domingo.

– Não. Receio bem que não. Num caso de homicídio como este, a tua presença é exigida por lei.

– E se eu não puder? E se eu me recusar? A única coisa que podem fazer é meter-me na prisão.

– É a lei, Kya. Tens de assistir. Aliás, é preferível que estejas presente. É mais fácil para o júri condenar um réu ausente. Mas não vai demorar muito mais, Kya.

– Não vês que isso não contribui para que eu me sinta melhor? O que vem a seguir é pior do que isto.

– Não sabemos isso. Não te esqueças que poderemos recorrer se isto não

correr como queremos.

Kya não respondeu. A ideia do recurso agoniava-a ainda mais, a mesma marcha forçada por salas de audiência diferentes, cada vez mais distantes do pantanal. Provavelmente em grandes cidades. Um céu sem gaivotas. Tom saiu da sala e voltou com um copo de chá gelado e um pacote de amendoins salgados. Ela bebeu o chá, mas recusou os amendoins. Alguns minutos depois, o oficial de justiça bateu à porta e voltou a conduzi-los à sala de audiências. Kya ora se evadia ora regressava à realidade e ouviu apenas fragmentos do testemunho.

– Xerife Jackson – disse Tom. – A acusação alega que a menina Clark se escapou do seu quarto durante a noite, foi a pé do motel Three Mountains até ao terminal de autocarros – um percurso de pelo menos vinte minutos – e apanhou o autocarro das 23:50 de Greenville para Barkley Cove. Acontece que o autocarro se atrasou, portanto ela não poderia ter chegado a Barkley Cove antes da 1:40. Dizem que da paragem de autocarro de Barkley Cove foi para a doca da cidade – uma caminhada de três ou quatro minutos; depois foi de barco até à enseada perto da torre de vigia – uma viagem de cerca de vinte minutos; foi a pé até à torre – mais oito minutos; subiu à torre numa noite escura como breu – mais uns quatro ou cinco minutos; abriu a grade – mais alguns segundos; esperou por Chase durante tempo indeterminado; e voltou a fazer tudo isto no regresso. Todas estas ações demorariam, no mínimo, uma hora e sete minutos, sem contar com o tempo em que esteve, supostamente, à espera de Chase. Porém, o autocarro de regresso a Greenville, que ela teria forçosamente de apanhar, partiria apenas cinquenta minutos após a sua chegada. É evidente que não havia tempo suficiente para ela cometer o alegado crime, não é verdade, Xerife?

– Teria sido bastante apertado, é certo. Mas se ela tivesse corrido do barco para a torre e vice-versa, poderia ter poupado um minuto aqui e ali.

– Um minuto aqui e ali, não seria o suficiente, pois necessitaria de mais

vinte minutos, pelo menos. Como poderia ter poupado vinte minutos?

– Bom, talvez ela não fosse de barco. Talvez tivesse ido da paragem da Main a andar ou a correr até à torre, pelo trilho de areia. Seria muito mais rápido do que a viagem por mar. – Eric Chastain olhou furioso para o Xerife, da mesa da acusação. Convencera o júri de que Kya tivera tempo suficiente para cometer o crime e regressar ao autocarro, embora não precisasse de muito para os convencer, e tinham uma testemunha de peso, o pescador de camarão, que alegara tê-la visto dirigir-se para a torre de barco.

– Tem alguma prova de que a menina Clark foi para torre por terra, Xerife?

– Não, mas é uma boa teoria.

– *Teoria!* – Tom virou-se para o júri. – Essas *teorias* deviam ter sido elaboradas antes de prenderem a menina Clark, antes de a manterem detida durante dois meses. A verdade é que não conseguem provar que ela foi por terra, e não havia tempo para ela ir por mar. Não tenho mais perguntas a fazer.

Eric virou-se para o Xerife para o contrainterrogar.

– É ou não é verdade que as águas perto de Barkley Cove são dominadas por fortes correntes, agueiros e subcorrentes que podem interferir com a velocidade de um barco?

– Sim, é verdade. Toda a gente que aqui vive sabe disso.

– Alguém que soubesse tirar proveito disso poderia ir rapidamente de barco do porto até à torre e, nesse caso, seria perfeitamente possível cortar vinte minutos à viagem de ida e volta, não é verdade? – Eric estava irritado por ter de sugerir mais uma teoria, mas precisava de um conceito plausível a que os jurados pudessem agarrar-se, para levar a água ao seu moinho.

– Sim, é verdade.

– Obrigado. – Assim que Eric se virou, para se afastar do banco das testemunhas, Tom levantou-se, para voltar a interrogar a sua testemunha.

– Xerife, tem alguma prova da presença de alguma corrente, agueiro ou vento forte que permitissem ir mais rapidamente de barco do porto de Barkley Cove até à torre de vigia, na noite de 29 para 30 de outubro? Ou de que a menina Clark se deslocou à torre por terra? Sim ou não?

– Não, mas tenho a certeza de que há...

– Aquilo de que tem a certeza não modifica absolutamente nada. Tem alguma prova de que havia uma forte corrente de retorno na noite de 29 de outubro de 1969?

– Não, não tenho.

O Elo Perdido

1970

Na manhã seguinte, Tom tinha apenas mais uma testemunha. A sua última cartada.

Chamou Tim O'Neil que, durante trinta e oito anos, governara o seu próprio barco de pesca de camarão, nas águas de Barkley Cove. Tim, que tinha quase sessenta e cinco anos, era alto e robusto. Tinha um cabelo crespo castanho, apenas com algumas brancas, mas a barba farta era quase branca. As pessoas encaravam-no como um homem calado e sério, honesto e amável, que abria sempre a porta às senhoras – o ideal para última testemunha.

– É verdade que na noite de 29 para 30 de outubro do ano passado, estavas a entrar em Barkley Cove, entre a 1:45 e as 2:00 da manhã, ao comando do teu barco, Tim?

– Sim.

– Dois dos membros da tua tripulação, o Sr. Hal Miller, que já testemunhou, e o Sr. Allen Hunt que assinou um depoimento, alegam ter visto a menina Clark a passar no seu barco rumo a norte, aproximadamente a essa hora. Tens conhecimento das suas declarações?

– Tenho.

– Viste esse mesmo barco no local, há mesma hora que o Sr. Miller e o Sr. Hunt o viram?

– Vi, sim.

– E concordas com o seu depoimento? Também achas que foi a menina Clark que viram conduzir o barco em direção a norte?

– Não, não concordo.

– Porquê?

– Porque não havia lua. Estava muito escuro e o barco estava demasiado longe para que se identificasse quem lá ia com alguma certeza. Conheço toda gente que tem barcos desse tipo, nas redondezas. Muitas vezes vi a menina Clark no barco dela e percebia imediatamente quem era, mas naquela noite estava demasiado escuro para se reconhecer o barco ou perceber quem lá ia.

– Obrigado, Tim. Não tenho mais perguntas a fazer.

Eric encaminhou-se para junto do banco das testemunhas.

– Tim, mesmo não conseguindo identificar o barco, nem o seu ocupante, concordas que uma embarcação, mais ou menos das mesmas dimensões e formato que o barco da menina Clark, estava a dirigir-se para a torre de vigia, cerca da 1:45 da manhã, na noite em que Chase Andrews morreu na torre pouco tempo depois?

– Sim, posso dizer que o barco era de dimensões e formato semelhante ao da menina Clark.

– Muito obrigado.

Ao voltar a interrogar a sua testemunha, Tom falou do sítio onde estava:

– Apenas a título de confirmação: tu alegaste que identificaste muitas vezes a menina Clark no seu barco, mas nessa noite não viste nada que te permitisse confirmar que o barco era o da menina Clark e que era ela que o ia a conduzir, correto?

– Correto.

– Podes dizer-nos se há muitos barcos das mesmas dimensões e formato que o da menina Clark a operar nesta área?

– Ah, sim. O barco dela é dos mais vulgares. Há imensos barcos como o dela a operar nas redondezas.

– Então, a pessoa que viste a conduzir o barco nessa noite, poderia ser qualquer um dos proprietários de barcos semelhantes.

– Absolutamente.

– Obrigado. A defesa nada mais tem a acrescentar, Meritíssimo.

O Juiz Sims disse:

– Faremos um intervalo de vinte minutos. Está suspensa a audiência.

Eric levou uma gravata larga, com listas douradas e grená, para a argumentação final. A galeria estava silenciosa e expectante, quando ele se aproximou do júri e parou junto da balaustrada, olhando demoradamente para cada um dos jurados.

– Prezados membros do júri, os senhores fazem parte da comunidade de uma cidade notável, de características únicas, que viu desaparecer, no ano passado, um dos seus filhos. Um jovem que se celebrizou entre nós, e que esperava poder desfrutar de uma longa vida na companhia da sua bela...

Kya mal o ouviu enquanto ele repetia a narrativa do homicídio de Chase Andrews, apanhando apenas fragmentos do seu discurso, de cotovelos apoiados sobre a mesa, com a cabeça aninhada nas mãos.

– ... dois homens bem conhecidos nesta comunidade viram a menina Clark e Chase Andrews nos bosques... e ouviram-na dizer que o matava... Um boné de lã vermelho cujas fibras foram encontradas no seu blusão de ganga... Quem mais poderia desejar tirar-lhe aquele colar?... Vocês sabem perfeitamente que essas correntes e ventos podem aumentar significativamente a velocidade de um... O seu estilo de vida revela-nos que seria perfeitamente capaz de andar de barco à noite e subir à torre na escuridão. Todas as peças se encaixam perfeitamente. Todos os seus movimentos nessa noite são claros. Poderão e deverão, por isso mesmo, julgá-la culpada de homicídio qualificado. Obrigado por cumprirem o vosso dever.

O Juiz Sims acenou com a cabeça a Tom, que se aproximou da tribuna do júri.

– Prezados membros do júri, eu cresci em Barkley Cove e também ouvi todas essas historietas sobre a Miúda do Pantanal, na minha juventude.

Vamos desmistificá-las publicamente, de uma vez por todas. Nós chamávamos-lhe a Miúda do Pantanal. Muitos ainda lhe chamam. Uns diziam que era meio-lobo, outros que era o Elo Perdido entre o macaco e o homem, que os seus olhos brilhavam no escuro, quando na realidade era apenas uma criança abandonada, uma rapariguinha a sobreviver sozinha num pântano, com fome e frio, que nenhum de nós ajudou. Ninguém das nossas igrejas ou grupos comunitários se dignou oferecer-lhe comida ou roupa, a não ser Saltos, um dos seus raros amigos. Em vez disso, rotulámo-la e rejeitámo-la por a acharmos diferente. Pergunto-vos, senhoras e senhores: será que a excluímos por ser diferente ou seria ela diferente por se sentir excluída? Se a tivéssemos acolhido como nossa igual, creio que era isso mesmo que ela seria hoje. Se a tivéssemos alimentado e vestido, se a tivéssemos recebido nas nossas igrejas e nas nossas casas, não alimentaríamos preconceitos em relação a ela, e eu acredito que ela não estaria aqui hoje a ser julgada por um crime. Foram incumbidos do dever de julgarem esta jovem tímida e rejeitada, mas deverão basear esse julgamento nos factos apresentados nesta sala de audiências e não em rumores ou emoções dos últimos vinte e três anos. Quais são os factos concretos?

Tal como no caso da acusação, Kya apanhou apenas fragmentos do discurso de Tom.

— ... a acusação não conseguiu sequer provar que o incidente foi, de facto, um homicídio e não apenas um trágico acidente. Não há arma do crime, não há ferimentos que comprovem que Chase foi empurrado, não há impressões digitais... Um dos factos mais importantes aqui comprovados é que a menina Clark tem um álibi absolutamente inabalável. Nós sabemos que ela estava em Greenville na noite em que Chase morreu... não há qualquer prova de que ela se vestiu de homem para ir a Barkley de autocarro... Na verdade, a acusação não apresentou provas de que ela esteve, efetivamente, em Barkley, nessa noite, tão pouco provou que ela foi à torre. Volto a dizer: não há qualquer

evidência que prove que a menina Clark esteve na torre de vigia, em Barkley Cove, ou que assassinou Chase Andrews... de resto, o Sr. O'Neal, capitão do barco de pesca de camarão, que governou o seu próprio barco durante trinta e oito anos, alegou que estava demasiado escuro para identificar o barco em questão... as fibras encontradas no blusão dele podiam lá estar há dois anos... Tudo isto são factos incontestáveis.... Nem uma das testemunhas de acusação tinha a certeza do que viu. Nem uma. No que diz respeito à defesa, porém, todas as testemunhas tinham a certeza absoluta do que... – Tom parou por instantes diante do júri. – Conheço-vos praticamente a todos muito bem e sei que conseguirão pôr de parte qualquer preconceito que possam ter sentido, no passado, em relação à menina Clark. Alguém que, apesar de ter ido à escola apenas um dia, por ser importunada pelas outras crianças, se educou a si própria e é hoje uma conceituada autora e naturalista. Alguém a quem chamávamos Miúda do Pantanal, mas que é hoje reconhecida como uma entendida da vida do Pantanal por instituições da comunidade científica. Julgo que conseguirão pôr de parte todos os rumores e historietas. Acredito que chegarão a um veredicto baseado nos factos relatados nesta sala de audiências, e não nos falsos rumores que ouviram durante anos. Chegou, finalmente, o momento de sermos justos para com a Miúda do Pantanal.

Vice-versa

1970

Tom apontou para uma série de cadeiras desemparelhadas, numa pequena sala de reuniões e convidou Tate, Jodie, Scupper e Robert Foster a acomodarem-se nelas. Todos se sentaram à volta da mesa retangular, manchada com marcas circulares de canecas de café. As paredes estavam com o estuque descascado e tinham dois tons diferentes: verde-lima, junto do teto, e verde-escuro na base. A sala estava impregnada de um odor a humidade proveniente das próprias paredes e do pantanal.

– Podem esperar aqui – disse Tom, fechando a porta atrás de si. – Há uma máquina de café ao fundo do corredor, em frente ao gabinete do assessor, mas não presta para nada. O restaurante tem um café decente. São agora onze e pouco. Planearemos o almoço mais tarde.

Tate foi à janela protegida por grades brancas cruzadas, como se já alguém tivesse tentado fugir dali, enquanto esperava por um veredicto, e perguntou a Tom:

– Para onde levaram Kya? Para a cela? Ela vai ter de esperar lá, sozinha?

– Sim, ela está na cela. Eu vou lá agora.

– Quanto tempo acha que o júri demorará a tomar uma decisão? – perguntou Robert.

– É impossível de prever. Quando achamos que vão ser breves, demoram dias, e vice-versa. Provavelmente, já quase todos tomaram a sua decisão – e não a favor de Kya. Se alguns dos jurados tiverem dúvidas e tentarem convencer os outros de que a culpa não ficou totalmente provada, temos uma hipótese.

Eles anuíram em silêncio, apreensivos com a palavra «totalmente», como se culpa tivesse sido, efetivamente, provada, apenas não em absoluto.

– Ok – prosseguiu Tom. – Vou falar com Kya e depois vou atirar-me ao trabalho. Vou ter de preparar o pedido de recurso e até um requerimento de anulação do julgamento, por motivo de preconceito. Por favor não se esqueçam que se ela for condenada isto não é, de maneira nenhuma, o fim da linha. Eu andarei dentro e fora, e é claro que vos informarei se houver notícias.

– Obrigado – disse Tate, acrescentando depois –, por favor diga à Kya que nós estamos aqui e que ficaremos junto dela, se ela quiser. – Isto, apesar de ela não querer ver ninguém a não ser Tom, desde há dias, e não ter recebido praticamente ninguém nos últimos dois meses.

– Claro. Eu digo-lhe – disse Tom, antes de sair.

Salto e Mabel tinham de esperar pelo veredicto lá fora, entre os palmitos e os juncos do largo, juntamente com outros negros, mas quando começaram a estender colchas coloridas no chão e a tirar biscoitos e salsichas de dentro de sacos de papel, um aguaceiro forçou-os agarrar em tudo e correr para se abrigarem debaixo do beiral da Sing Oil. O Sr. Lane gritou-lhes que tinham de esperar lá fora – coisa que todos eles sabiam há cem anos – e que não podiam atrapalhar a entrada aos clientes. Alguns brancos reuniram-se no restaurante ou no Dog Gone, a tomar café, e outros ficaram na rua debaixo de guarda-chuvas coloridos. Algumas crianças chapinhavam nas poças de água, que se formaram de repente, a comer pipocas com caramelo, como se estivessem à espera de uma parada.

Depois de passar uma vida inteira sozinha – milhões de minutos a olhar para a velha mesa da cozinha; a espreitar para dentro de quartos vazios; a deambular por extensões imensas de mar e erva, sem ninguém com quem partilhar a alegria de encontrar uma pena ou de terminar uma aguarela; e a

recitar poesia às gaivotas – Kya julgava conhecer bem a solidão, mas depois de Jacob fechar ruidosamente a sua cela, desaparecer no corredor e trancar, finalmente, a pesada porta com um ruído surdo, um silêncio gélido abateu-se em seu redor. Esperar pelo veredicto do seu próprio julgamento de homicídio, parecia implicar um tipo diferente de solidão. A dúvida se iria viver ou morrer não pairava à superfície, estava a tornar-se mais profunda, pelo pavor de estar sozinha naquele momento, e poder vir a ficar sozinha muitos anos. Essa perspectiva estava a empurrá-la para um local sombrio, sem estrelas.

Os irritantes companheiros de cela, ao fundo do corredor, tinham sido libertados, mas Kya quase sentia a falta da sua tagarelice constante – de uma presença humana, por muito reles que fosse. Agora, já só ela habitava aquele longo túnel de cimento, grades e fechaduras.

Tinha plena noção da dimensão dos preconceitos que alimentavam contra ela e sabia que, se o veredicto fosse rápido, teria havido pouca deliberação e a sua condenação seria certa. Lembrou-se de Queixo Preso, a vida tortuosa e martirizante de um condenado.

Kya pensou em arrastar o caixote para junto da janela para tentar ver morcegos sobre o pantanal, mas acabou por ficar onde estava, em silêncio.

Duas horas depois, cerca da uma da tarde, Tom abriu a porta da sala onde Tate, Jodie, Scupper e Robert Foster esperavam.

– Há algumas notícias.

– O quê? – disse Tate, levantando bruscamente a cabeça. – Já é o veredicto?

– Não, não é o veredicto, mas acho que são boas notícias. Os jurados pediram para ver o registo dos testemunhos dos motoristas de autocarro. Isto significa que estão, pelo menos, a pensar nas coisas e não a precipitar-se para um veredicto. É claro que os motoristas são testemunhas cruciais; ambos disseram que tinham a certeza de que Kya não seguia nos respetivos

autocarros, e nenhum dos dois parecia seguro em relação à questão dos disfarces. Por vezes, os testemunhos tornam-se mais decisivos para os jurados, quando lidos no papel. Veremos. Sempre é uma esperança.

– Já é alguma coisa – disse Jodie.

– Oiçam, já passa da hora do almoço. Porque não vão para o restaurante? Prometo ir buscar-vos se alguma coisa se passar.

– Não me parece boa ideia – disse Tate. – Devem lá estar todos a comentar que ela é culpada.

– Compreendo. Que tal eu mandar o meu assistente comprar uns hambúrgueres?

– Acho bem. Obrigada – disse Scupper, tirando algum dinheiro da carteira.

Às duas e um quarto da tarde, Tom voltou para lhes dizer que os jurados tinham pedido para ver o depoimento do médico legista.

– Não sei se isto é vantajoso ou não.

– Merda! – disse Tate. – Como é que alguém sobrevive a isto?

– Tenta descontraí-te. Isto pode demorar dias. Eu mantenho-vos informados.

Tom voltou a abrir a porta às quatro, com uma expressão séria e reservada.

– Meus senhores, o júri já tem um veredicto. O juiz mandou toda a gente voltar para a sala.

Tate levantou-se.

– O que quer isto dizer? Porque foi tão rápido?

– Vá lá, Tate – disse Jodie, tocando-lhe no braço. – Anda daí.

No corredor, juntaram-se à turba de habitantes da cidade que se acotovelava, à entrada da sala. O ar carregado de humidade cheirava a fumo de tabaco, cabelo e roupa molhada.

A sala de audiências encheu-se em menos de dez minutos. Muitos ficaram sem lugar, reunindo-se no átrio ou nos degraus da entrada. Às 16:30 o oficial de justiça conduziu Kya ao seu lugar, vendo-se, pela primeira vez, forçado a ampará-la pelo cotovelo. Na verdade, dava a impressão de que ela cairia se ele não o fizesse. Ela não levantou os olhos do chão. Tate estava ofegante, nunca perdendo de vista todas as reações dela, tentando combater a náusea que sentia.

Jones, a oficial de registos, entrou e sentou-se no seu lugar. Depois, os jurados preencheram a tribuna como um sombrio coro fúnebre. A Sr. Culpepper olhou brevemente para Kya. Os restantes ficaram a olhar em frente. Tom tentou decifrar as suas expressões. Não se ouvia uma mosca na galeria.

– Todos de pé.

A porta do Juiz Sims abriu-se e ele ocupou o seu lugar.

– Queiram sentar-se, por favor. Senhor porta-voz do júri, o grupo de jurados chegou a um veredicto?

O Sr. Tomlinson, o discreto proprietário da sapataria Buster Brown, levantou-se na primeira fila.

– Chegámos sim, Meritíssimo.

O Juiz Sims olhou para Kya.

– Peço à arguida o favor de se levantar para a leitura do veredicto. – Tom tocou no braço de Kya e ajudou-a a levantar-se. Tate apoiou a mão na balaustrada, tão perto quanto possível dela. Saltos pegou na mão de Mabel e aninhou-a na sua.

Nunca numa sala se sentira tamanha falta de ar coletiva, tamanho coro de corações desenfreados, a inquietude, os olhares, as mãos suadas.

Hal Miller, membro da tripulação do barco de pesca de camarão, dava voltas à cabeça, tentando lembrar-se se fora, de facto, a menina Clark que vira naquela noite. E se estivesse enganado? A maior parte das pessoas

estavam de olhos fixos, não na nuca de Kya, mas no chão ou nas paredes. Era como se a aldeia – e não Kya – aguardasse seu próprio julgamento. Poucos pareciam sentir a alegria obscena que esperavam sentir naquela altura.

O Sr. Tomlinson – porta-voz do júri – entregou um pequeno pedaço de papel ao oficial de justiça, que o passou ao juiz. Este abriu-o e leu-o com uma expressão inescrutável. O oficial de justiça voltou a recebê-lo das mãos do juiz e entregou-o a Jones, a oficial de registros.

– Alguém nos lê o veredicto? – disse Tate, irritado.

A menina Jones levantou-se, virou-se para Kya, desdobrou o papel e leu:

– O júri considera a menina Catherine Danielle Clark inocente do crime de homicídio qualificado do Sr. Chase Andrews. – Kya ficou sem forças nas pernas e sentou-se. Tom sentou-se a seguir.

Tate piscou os olhos, Jodie respirou fundo, Mabel soluçou. Ninguém se movia na galeria. Teriam percebido bem? Ela disse inocente? Uma torrente de murmúrios de tom e volume crescentes, deu rapidamente lugar a perguntas furiosas. O Sr. Lane gritou:

– Isto não está certo!

O juiz bateu com o martelo na mesa.

– Silêncio! Menina Clark, o júri considerou-a inocente do crime que lhe foi imputado. É livre de se ir embora. Apresento-lhe as minhas desculpas, em nome do Estado, por ter cumprido dois meses de prisão. Aos jurados agradeço o tempo dispensado e o serviço prestado à comunidade. Está encerrada a audiência.

Uma pequena multidão reuniu-se à volta dos pais de Chase. Patti Love chorava. Sarah Singletary estava de sobrolho franzido, como toda a gente, mas descobriu que estava extremamente aliviada. A Sra. Pansy rezou para que ninguém a visse descontrair os maxilares. Uma lágrima deslizou pela face da Sra. Culpepper e depois a sombra de um sorriso – a pequena fugidia do pântano voltara a escapar-se.

Um grupo de homens de jardineiras reuniu-se ao fundo da sala.

– Os jurados vão ter de nos dar explicações.

– Eric não pode requerer a anulação do julgamento e repeti-lo?

– Não. Não te esqueças que ninguém pode ser julgado duas vezes pelo mesmo crime. Ela está livre. Safou-se do crime.

– Foi o Xerife que estragou o caso a Eric. Não conseguiu manter um testemunho credível. Ia inventando teorias, enquanto falava.

– Tem andado para aí a pavonear-se como se estivesse no Gunsmoke⁵.

Mas o pequeno grupo de descontentes desfez-se rapidamente e alguns deles saíram, argumentando que tinham trabalho atrasado e que a chuva acalmara ânimos.

Jodie e Tate precipitaram-se pelo portão de madeira, em direção à mesa da defesa, seguidos de perto por Scupper, Saltos, Mabel e Robert, e estavam todos à volta de Kya. Não lhe tocaram, mas, ficaram bem perto dela. Ela continuava imóvel, sentada na cadeira.

Jodie disse-lhe:

– Já podes ir para casa, Kya. Queres que eu te leve?

– Sim, por favor.

Kya levantou-se e agradeceu a Robert por ter viajado de Boston até lá. Ele sorriu.

– Vê se esqueces este disparate e continuas o teu maravilhoso trabalho.

Kya tocou na mão de Saltos e Mabel apertou-a contra os seus seios generosos e fofos. Depois, virou-se para Tate:

– Obrigada pelas coisas que me trouxeste. – Ao olhar para Tom, ficou sem palavras. Ele limitou-se a abraçá-la. Finalmente olhou para o pai de Tate. Scupper nunca lhe fora apresentado, mas Kya reconheceu-o pelo olhar e agradeceu-lhe com um aceno de cabeça e um brando «obrigada». Para sua surpresa, ele poisou-lhe a mão no ombro e apertou-o.

Depois, seguiu o oficial de justiça e encaminhou-se para a porta dos

fundos da sala de audiências, na companhia de Jodie. Ao passar pelo peitoril da janela, levou a mão à cauda de Justiça de Domingo e tocou-lhe. Ele ignorou-a e ela admirou a forma brilhante como ele fingiu não precisar de se despedir.

Quando a porta se abriu, Kya sentiu a brisa marinha acariciar-lhe o rosto.

⁵ Série de rádio e televisão do género western, realizada por Norman Macdonnell, baseada na obra de John Meston, estreada em 1952 na CBS. [N. da T.]

Flores do Capim

1970

Assim que a carrinha saiu do asfalto e entrou na estrada de areia do pantanal, Jodie explicou gentilmente a Kya que ela precisaria de algum tempo, mas acabaria por ficar bem. Ela viu taboas, garças, pinheiros e lagos, da janela do carro, e esticou o pescoço para observar dois castores a nadar. Tal como uma andorinha migratória, que voa milhares de quilómetros de regresso à terra onde nasceu, a saudade e a expectativa que sentia eram tão intensas, que mal deu atenção à conversa de Jodie. Se ao menos ele se calasse e escutasse o seu lado selvagem... Talvez então entendesse.

Jodie percorreu uma última curva da sinuosa estrada de areia e Kya conteve a respiração ao avistar, finalmente, a velha cabana, por baixo dos carvalhos. Barbas-de-velho ondulavam delicadamente ao sabor da brisa, por cima do telhado coberto de ferrugem. Uma garça repousava, à sombra da lagoa, equilibrada numa pata.

Assim que Jodie parou, Kya saltou da carrinha e correu para dentro da cabana, passando os dedos pela cama, pela mesa e pelo fogão. Ele já sabia o que ela queria, por isso deixara-lhe um saco cheio de migalhas em cima do balcão da cozinha. Sentindo uma energia renovada, Kya correu para a praia, com o saco. Chorou de alegria, ao ver as gaivotas voarem ao seu encontro, vindas de ambos os lados da praia. *Big Red* poisou na areia e passarinhos à volta dela, baloiçando a cabeça.

Ao ajoelhar-se na areia, rodeada daquele turbilhão de aves, estremeceu.

– Nunca pedi nada a ninguém. Talvez agora as pessoas me deixem em paz.

Jodie levou os poucos pertences de Kya para casa, fez chá no velho bule,

sentou-se à mesa e esperou. Finalmente, ouviu a porta do alpendre abrir-se. Ao entrar na cozinha, Kya disse:

– Ainda cá estás. – É claro que ainda lá estava. A carrinha estava bem à vista, parada junto da porta.

– Importas-te de te sentar um minuto? – disse ele. – Gostava de conversar um pouco.

Ela não se sentou.

– Eu estou bem, Jodie, a sério.

– Isso quer dizer que queres que eu me vá embora? Passaste dois meses fechada naquela cela, sozinha, a acares que tinhas a cidade em peso contra ti. Mal permitiste que alguém te visitasse. Eu compreendo isso, a sério que compreendo, mas acho que não devia ir-me embora e deixar-te sozinha. Quero ficar contigo alguns dias. Importas-te?

– Eu vivi sozinha durante toda a vida e não apenas dois meses! E não *creio* que *estivesse consciente* de que tinha a cidade em peso contra mim.

– Não deixes que esta situação horrível te afaste ainda mais das pessoas, Kya. Passaste por uma terrível provação, mas esta parece ser a tua oportunidade de recomeçares. Talvez o veredicto seja a forma de as pessoas te dizerem que te aceitam.

– A maior parte das pessoas não tem de ser ilibada de um crime para ser aceite.

– Eu sei e tu tens toda a razão para odiar as pessoas. Não te posso censurar por isso, mas...

– É isso que ninguém entende em mim. – Levantou a voz. – Eu nunca odiei ninguém. *Eles é que me odiavam a mim. Eles é que se riam de mim, eles é que me abandonaram. Eles é que me importunaram e me atacaram. É verdade: aprendi a viver sem eles, sem ti, sem a mãe, sem ninguém!*

Ele tentou abraçá-la, mas ela afastou-o.

– Talvez agora eu esteja apenas cansada, Jodie. Na verdade, sinto-me

exausta. Por favor. Eu preciso de ultrapassar tudo isto, sozinha – o julgamento, a prisão, *a possibilidade de ser executada* – porque não conheço outra forma de lidar com as coisas. Não sei deixar que me consolem. Estou demasiado cansada até para ter esta conversa. Eu...

Não terminou a frase, nem esperou que ele lhe respondesse. Saiu da cabana e embrenhou-se na floresta de carvalhos. Ele não foi atrás dela, pois sabia que era inútil. Esperaria por ela. No dia anterior abastecera a cabana de comida, para o caso de ela ser absolvida, e começou a cortar verduras para fazer o seu prato preferido: tarte de galinha caseira. Mas quando o sol se pôs, já não conseguia suportar a ideia de a manter afastada da cabana, por isso deixou a tarte quente e borbulhante em cima do fogão, e saiu. Ela fora até à praia pelos bosques e assim que ouviu a carrinha dele afastar-se lentamente pela estrada de areia, correu para casa.

O ar estava impregnado do cheiro da massa dourada da tarte, dentro da cabana, mas Kya ainda não estava com fome, por isso foi buscar as suas tintas e começou a planear o seu próximo livro sobre as ervas do pantanal. As pessoas nunca reparavam nas ervas a não ser para as cortar, pisar ou envenenar. Kya passou energicamente o pincel pela tela pintando-a num tom mais próximo do negro do que do verde e visualizou imagens sombrias. Talvez prados de capim seco, sob nuvens de tempestade. Era difícil de perceber.

Depois deixou cair a cabeça e chorou.

– Porque estou zangada, agora? Porquê agora? Porque fui tão cruel com Jodie? – Deixou-se cair para o chão como uma boneca de trapos. Ainda a chorar, enrolou-se num novelo e desejou poder aconchegar-se à única criatura que a aceitara tal como ela era. Mas o gato ficara na prisão.

Mesmo antes do anoitecer, Kya voltou à praia onde as gaivotas estavam a limpar as penas e a acomodarem-se para passar a noite. Ao andar pela rebentação, pedaços de conchas e lascas de caranguejos, roçaram-lhe pelos

dedos dos pés, antes de regressarem ao mar. Baixou-se e apanhou duas penas de pelicano, iguais às que Tate pusera na letra «p» do dicionário que lhe oferecera há anos, pelo Natal, e recitou um poema de Amanda Hamilton em voz baixa:

*Voltaste a aparecer
E ofuscaste-me
Como o brilho do sol sobre o mar
Mal volto a sentir-me livre
O luar volta a projetar o teu rosto no parapeito da
janela.
De cada vez que te esqueço
Os teus olhos voltam a assombrar-me o coração
E eu volto a render-me.
Por isso despeço-me
Até que voltes a aparecer
Até que eu deixe, finalmente, de te ver.*

Na manhã seguinte, antes do nascer do sol, Kya sentou-se na sua cama, no alpendre, e encheu o coração dos odores intensos do pantanal. Assim que a luz ténue do amanhecer começou a entrar na cozinha, fez papas de aveia, ovos mexidos, e uns biscoitos tão leves e fofos como os da mãe. Não deixou nada no prato. Depois, quando o sol nasceu, dirigiu-se apressadamente para o barco e atravessou a lagoa, mergulhando os dedos nas suas águas transparentes e profundas.

Ao percorrer o canal, falou com tartarugas e garças e ergueu os braços no ar. *Estou em casa.*

– Vou passar o dia a apanhar o que me der na real gana – disse ela. Lá no fundo alimentava a esperança de ver Tate. Talvez ele estivesse a trabalhar ali

por perto e ela se cruzasse com ele. Poderia convidá-lo para ir à cabana partilhar com ela a tarte de galinha que Jodie fizera.

A pouco mais de um quilómetro, Tate caminhava por águas pouco profundas, recolhendo amostras de água em pequenos frascos. De cada vez que avançava ou enchia um frasco, deixava um rasto de pequenas ondas, atrás de si. Planeava ficar perto da casa de Kya. Talvez ela fosse de barco para o pantanal e se encontrassem. Se não a visse, passaria pela cabana nessa noite. Ainda não decidira, propriamente, o que lhe diria, mas passou-lhe pela cabeça chamá-la à razão, delicadamente.

À distância, ouviu o estrépito furioso de um motor. Era muito mais agudo e ruidoso do que um motor de um barco e abafava todos os ruídos suaves do pantanal. Localizou ruído, ao senti-lo aproximar-se, e de repente, viu um daqueles aerobarcos novos aproximar-se velozmente. Deslizava espalhafatosamente sobre a água e até sobre a erva, projetando um jato curvo de água para trás. Fazia mais barulho do que dez sirenes juntas.

O barco cruzou a sua própria esteira, esmagando arbustos e ervas, e atravessou velozmente o estuário, por entre os guinchos das garças brancas e das garças-reais. Ao verem Tate, os três homens que vinham ao leme, viraram na direção dele. Assim que se aproximaram ele reconheceu o Xerife Jackson, o seu adjunto e outro homem.

A base do espalhafatoso barco voltou a assentar por completo na água, ao abrandar e aproximar-se dele. O xerife gritou-lhe qualquer coisa, mas nem inclinado na direção deles, com as mãos em concha nos ouvidos, conseguiu perceber o que ele estava a dizer-lhe por cima do ruído do barco. Eles aproximaram-se um pouco mais até ficarem junto de Tate, salpicando-lhe as coxas de água. O xerife inclinou-se para ele, a gritar.

Kya estava ali perto e também ouvira o ruído da estranha embarcação. Ao conduzir o esquife na direção do som, viu o aerobarco aproximar-se de Tate. Recuou para uns arbustos e ficou a observar. Depois de ouvir o que o Xerife

lhe disse, Tate ficou imóvel, baixou a cabeça e ficou de ombros caídos, como que rendido. Mesmo àquela distância Kya conseguiu perceber o desespero na postura dele. O Xerife voltou a gritar-lhe e Tate esticou, finalmente, os braços, deixando que o adjunto o puxasse para dentro do barco. O outro homem saltou para dentro de água e subiu para a lancha de Tate. Ele ficou entre os dois homens de uniforme, de queixo e olhos baixos. Eles viraram o barco e voltaram a atravessar velozmente o pantanal, em direção a Barkley Cove, seguidos de perto pelo homem que conduzia o barco de Tate.

Kya seguiu-os com os olhos, até ambos os barcos desaparecerem por trás de uma área de zosteras. Porque teriam levado Tate? Teria a ver com a morte de Chase? Tê-lo-iam prendido?

Foi dominada por uma sensação de agonia. Depois de passar a vida inteira a negá-lo, admitira, finalmente, que era a possibilidade de encontrar Tate, a esperança de percorrer uma curva de um riacho e observá-lo através dos juncos, que a compelia a sair para o pantanal, todos os dias, desde os sete anos. Conhecia as suas lagoas e trilhos preferidos, através de lodaçais perigosos, pois sempre o seguira a uma distância segura, espiando-o e amando-o furtivamente, sem nunca partilhar esse amor com ele. Ninguém se magoa amando alguém do lado oposto do estuário. Só sobrevivera aos anos em que o rejeitara, por saber que ele estava algures no pantanal, à espera. Mas agora, talvez ele deixasse de lá estar.

Ficou a ouvir o ruído do motor do estranho barco afastar-se, de olhos pregados na sua esteira. Saltos estava sempre a par de tudo e devia saber por que razão o Xerife levava Tate, e o que poderia fazer para o ajudar.

Puxou a corda do motor de arranque e percorreu velozmente o pantanal.

A Garça Noturna

1970

O cemitério de Barkley Cove estendia-se por baixo de túneis de carvalhos frondosos. As barbas –de-velho pendiam dos seus galhos, como longas cortinas, criando santuários semelhantes a cavernas, junto das lápides mais antigas – restos mortais de uma família aqui, uma campa isolada acolá, sem qualquer ordem definida. Dedos de raízes nodosas irrompiam por entre as pedras tumulares, rachando-as e deformando-as, até as converterem em formas encurvadas, anónimas. Marcos da morte erodidos e despedaçados pelos elementos da natureza viva. À distância, a melodia do mar e do céu era demasiado alegre para a solenidade daquele lugar.

No dia anterior o cemitério fervilhava de vida, apinhado de aldeões que iam e vinham como formigas, incluindo os pescadores e comerciantes da aldeia que lá tinham ido enterrar Scupper. As pessoas estavam reunidas em grupos, num silêncio confrangedor. Tate deambulava por entre vizinhos conhecidos e parentes desconhecidos. Desde que o Xerife fora à sua procura no pantanal, para lhe dizer que o pai falecera, que caminhava e agia como um autómato, trocando aqui um abraço, acolá um toque amigável. Não se recordava de nada, por isso decidira voltar hoje ao cemitério para se despedir do pai.

Durante todos aqueles meses que passara a penar por Kya e depois a tentar visitá-la na prisão, Tate estivera muito pouco tempo com Scupper. Precisava de se libertar da culpa e do arrependimento. Se não estivesse tão obcecado com os males do seu próprio coração, talvez tivesse reparado que o do seu pai estava a falhar. Antes de ser presa, Kya dera-lhe sinais de que queria reaproximar-se, ao oferecer-lhe uma cópia do seu primeiro livro; ao

subir a bordo do seu barco para olhar através do microscópio; ao devolver-lhe o chapéu a rir, mas assim que o julgamento começara, tornara-se mais distante que nunca. *A prisão, às vezes, tinha esse efeito nas pessoas*, pensou.

Mesmo agora, ao dirigir-se para a campa recente, com um estojo de plástico castanho na mão, parecia estar a pensar mais em Kya do que no pai. Praguejou entredentes. Aproximou-se do amontoado de terra revolvida, por baixo dos carvalhos, com o mar imenso ao fundo. A campa estava entre o túmulo da mãe e o da irmã, dentro de um pequeno muro de pedras e argamassa, com conchas embutidas, e ainda sobrava espaço para ele. Era como se o pai não estivesse realmente ali.

– Devia ter-te cremado como o Sam McGee – disse Tate, quase a sorrir. Depois, olhou para o oceano e rezou para que o pai tivesse um barco, onde quer que estivesse agora – um barco vermelho.

Poisou o estojo de plástico, que continha um gira-discos a pilhas, junto da campa e pôs um disco de setenta oito rotações no prato. O braço da agulha vacilou, desceu sobre o disco e a voz cristalina de Miliza Korjus, elevou-se sobre as árvores. Tate sentou-se entre o túmulo da sua mãe e o amontoado de terra coberto de flores. Estranhamente, o odor adocicado da terra, acabada de revolver, mais parecia um princípio do que um fim.

Depois baixou a cabeça e dirigiu-se ao pai em voz alta, pedindo-lhe perdão por passar tanto tempo longe dele. Sabia que Scupper lhe perdoaria. Recordou a forma como o pai definia um homem: alguém que chora quando tem vontade, sente a poesia e a ópera com o coração e faz o que for necessário para defender uma mulher. Scupper teria entendido a sua busca do amor na lama. Tate ficou ali sentado durante bastante tempo, com uma mão na campa da mãe e outra na do pai.

Por fim, tocou uma última vez na campa, voltou para a carrinha e foi buscar o seu barco à doca da cidade. Voltaria ao trabalho, entregar-se à observação de formas vivas palpitantes. Vários pescadores foram ao seu

encontro, na doca, e ele aceitou as suas condolências, constrangido.

Depois, baixou a cabeça, determinado a sair dali antes que mais alguém se aproximasse, e subiu para o convés, pela popa da lancha. Mas antes de se sentar ao leme, viu uma pena castanha-clara, sobre o assento acolchoado e percebeu imediatamente que era uma pena macia do peito de uma garça noturna fêmea, uma criatura reservada, de pernas longas que vivia sozinha nas profundezas do pantanal. Aquela, porém, estava demasiado perto do mar.

Olhou em redor. Não. Ela nunca estaria ali, tão perto da cidade. Girou a chave na ignição e rumou a sul, pelo oceano, entrando, finalmente, no pantanal.

Percorreu os canais demasiado depressa, arranhando o casco do barco contra os ramos. Ao entrar na lagoa e amarrar o barco, a esteira agitada da lancha desfez-se em pequenas ondas nas margens. Um penacho de fumo ondulava da chaminé da cabana, dispersando-se livremente pelo ar.

– Kya! – gritou ele. – Kya!

Ela abriu a porta do alpendre e ficou debaixo de um carvalho. Estava de saia comprida, branca, e camisola azul-clara – as cores das asas – com o cabelo caído sobre os ombros.

Ele esperou que ela viesse ao seu encontro, agarrou-a pelos ombros e apertou-a contra o peito. Depois, chegou-se um pouco atrás.

– Amo-te, Kya e tu sabes. Há muito tempo que sabes.

– Tu abandonaste-me como todos os outros – disse ela.

– Jamais voltarei a abandonar-te.

– Eu sei – disse ela.

– Tu amas-me, Kya? Nunca mo disseste por palavras.

– Sempre te amei. Mesmo em criança, em momentos da infância de que já mal me lembro. Já então te amava. – Baixou a cabeça.

– Olha para mim – disse ele, brandamente. Ela hesitou, de cabeça baixa. – Preciso de sentir que não vais continuar a fugir e a esconder-te de mim. Que

consegues amar-me sem medo.

Ela ergueu o rosto, olhou-o nos olhos e conduziu-o pelos bosques até à clareira dos carvalhos, o local onde ele lhe deixava as penas.

O pirilampo

Dormiram a primeira noite na praia e ele mudou-se para a cabana no dia seguinte, transportando e descarregando todos os seus pertences, numa única maré, como as criaturas da areia.

Ao percorrerem a rebentação, ao fim da tarde, ele deu-lhe a mão e olhou para ela.

- Casas comigo, Kya?
- Nós já estamos casados, como os gansos – disse ela.
- Está bem. Vivo bem com isso.

Levantavam-se todas as manhãs ao amanhecer. Tate filtrava o café e Kya fritava pastéis de milho na velha frigideira de ferro amolgada e enegrecida da mãe ou mexia papas de aveia e batia ovos. Lá fora, o sol erguia-se lentamente sobre a lagoa e as garças pousavam na bruma, equilibradas numa perna. Percorriam estuários, caminhavam por cursos de água e estreitos riachos, recolhendo penas e amibas. Ao fim da tarde, deixavam-se flutuar ao sabor da corrente, no velho barco de Kya, até ao pôr do sol, e nadavam nus à luz do luar, amando-se em camas frescas de fetos.

O laboratório Archbald ofereceu um emprego a Kya, mas ela recusou-o e continuou a escrever os seus livros. Voltaram a contratar o tarefeiro e ele construiu a Kya um laboratório e um ateliê de troncos de madeira, com postes esmerilados à mão e telhado de zinco, nas traseiras da cabana. Tate ofereceu-lhe um microscópio e instalou bancadas de trabalho, prateleiras, armários para os seus espécimes, e tabuleiros para o material. Depois remodelaram a cabana, acrescentando-lhe mais um quarto e uma casa de banho, e uma sala de estar maior. Ela insistiu em manter a cozinha como estava e o exterior por pintar, para que a cabana, agora mais semelhante a uma casa de campo, mantivesse uma aparência envelhecida e real.

Kya telefonou a Jodie de Sea Oaks e o convidou-o a visitá-los com a sua mulher, Libby. Exploraram os quatro o pantanal e pescaram um pouco. Jodie pescou uma grande dourada e Kya gritou:

– Eh lá! Um peixão do tamanho do Alabama!

Fritaram peixe e pastéis de milho maiores do que ovos de ganso.

Kya não voltou a pôr por os pés em Barkley Cove. Tate e ela passavam grande parte do seu tempo no pantanal, sozinhos. Para os aldeões, era apenas uma silhueta, distante a deslizar pelo nevoeiro. Com o passar dos anos a sua história misteriosa ganhou contornos de lenda, e era repetida vezes sem conta à mesa do jantar, entre panquecas de coalho de leite e salsichas quentes de porco. As teorias e as intrigas sobre a morte de Chase Andrews nunca cessaram.

Com o passar do tempo, quase toda a gente acabou por concordar que o Xerife nunca a devia ter prendido. Afinal de contas, não havia nenhuma prova consistente contra ela, nenhuma evidência real de que tivesse sido cometido um crime. Fora uma verdadeira crueldade tratar uma criatura tímida e selvagem daquela forma. De vez em quando, o novo Xerife – Jackson não voltara a ser eleito – reabria o processo, fazia algumas perguntas sobre outros suspeitos, sem grandes resultados e o caso foi-se tornando também uma lenda, ao longo dos anos. Kya nunca recuperou completamente do escárnio e das suspeitas que recaíram sobre ela, mas uma branda sensação de satisfação, muito semelhante à felicidade, foi-se instalando aos poucos dentro dela.

Uma tarde, enquanto esperava que Tate regressasse de uma viagem para recolha de amostras, deitada na areia empapada, na margem da lagoa, Kya respirou fundo. Sabia que ele voltava sempre, e que pela primeira vez na vida, não seria abandonada. Depois, ouviu o ruído grave do motor da sua lancha a percorrer o canal. Conseguia sentir a sua vibração. Ao ver o barco surgir por entre os arbustos sentou-se e acenou-lhe. Ele acenou também, mas

não sorriu. Kya levantou-se.

Tate amarrou o barco à pequena doca que construía e foi ter com ela à margem.

– Kya, lamento muito trazer-te más notícias, mas Saltos morreu, ontem à noite, durante o sono.

Kya sentiu um doloroso aperto no coração. Sentia-o sempre que alguém a abandonava, mas aquilo era diferente. Não era rejeição. Aquilo era como ver o falcão-de-tanoeiro regressar aos céus. As lágrimas escorreram-lhe pelas faces e Tate abraçou-a.

Tate foi ao funeral de Saltos, tal como quase todos os habitantes da cidade. Kya não foi, mas depois da cerimónia fúnebre foi a casa de Saltos e de Mabel, com um frasco de geleia de amora que há muito lhes devia.

Ao chegar, parou junto da cerca. A família e os amigos de Saltos estavam no pátio de terra batida, imaculadamente limpo. Uns conversavam, outros riam das velhas histórias de Saltos e outros choravam. Quando ela abriu o portão, todos olharam para ela e abriram alas para que ela passasse. Mabel desceu do alpendre, correu ao encontro de Kya e abraçaram-se, embalando-se uma à outra em lágrimas.

– Meu Deus, ele amava-te como a uma filha.

– Eu sei – disse Kya. – Ele era o meu pai.

Mais tarde, Kya foi à sua praia sozinha e despediu-se de Saltos à sua maneira, pelas suas próprias palavras.

Ao percorrer a praia e recordar Saltos, deu consigo a pensar na sua mãe. Era como se tivesse de novo seis anos e estivesse a vê-la caminhar pelo trilho de areia, como os seus velhos sapatos de imitação de pele de crocodilo, tentando equilibrar-se nos sulcos profundos da areia. Mas naquela versão, a mãe parava ao fim do caminho, olhava para trás e acenava-lhe, de braço bem no ar. Depois sorria-lhe, virava para a estrada e desaparecia na floresta. *Assim está bem*, pensou Kya, sussurrando-lhe sem lágrimas nem censuras:

– Adeus, mãe.

Pensou brevemente no pai, no irmão e nas irmãs, mas não lhe sobrava o suficiente da família desaparecida na memória para se despedir deles.

Mas também essa mágoa desapareceu, quando Jodie e Libby começaram a visitá-los várias vezes por ano, com os dois filhos: Murph e Mindy. A cabana voltou a encher-se, com a família reunida à volta do velho fogão de lenha, a comer os pastéis de milho da mãe, com ovos mexidos e tomate, desta vez, com amor e gargalhadas.

Barkley Cove foi mudando ao longo dos anos. Um homem de Raleigh construiu uma elegante marina no sítio onde a cabana de Saltos estivera durante mais de cem anos. Cada lugar para atracar tinha um toldo azul e branco por cima e espaço suficiente para acomodar um iate. Barkley Cove tornou-se um ponto de passagem obrigatório para proprietários de barcos de recreio de toda a costa, que chegavam a pagar três dólares e meio por um café expresso.

Pequenas esplanadas com guarda-sóis coloridos e galerias de arte com paisagens marinhas surgiram por toda a parte, na Main. Uma senhora de Nova Iorque abriu uma loja de souvenirs que vendia tudo o que os aldeões não precisavam, mas todos os turistas queriam ter. Quase todas as lojas tinham uma bancada especial com os livros de Catherine Danielle Clark ~ Autora Local e Bióloga Galardoadada. As papas de aveia apareciam na carta dos restaurantes como «polenta com molho de cogumelos» e custavam seis dólares. Um dia, algumas mulheres de Ohio entraram na Cervejaria Dog-Gone, sem saberem que eram as primeiras mulheres a entrar por aquela porta, e pediram camarões picantes servidos em barcos de papel e cerveja, agora servida à pressão. Todos os adultos de qualquer sexo ou cor podiam agora lá entrar, mas a janela que fora aberta na parede para que as mulheres pudessem encomendar comida do passeio, ainda lá estava.

Tate continuou a trabalhar no laboratório. Kya publicou mais sete livros premiados e, embora recebesse inúmeros louvores – incluindo um doutoramento honorário da Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill – não aceitou um único convite para discursar em universidades ou museus.

Tate e Kya esperavam constituir família, mas nunca tiveram filhos. A decepção pareceu uni-los mais ainda e raramente se separavam por mais do que algumas horas.

Por vezes, Kya ia sozinha à praia, à hora a que o pôr do sol tingia o céu com as suas cores, e sentia as ondas pulsarem no coração. Baixava os braços, tocava na areia, depois esticava-os em direção às nuvens e sentia as *ligações*. Não aquelas de que a mãe e Mabel lhe falavam, pois nunca tivera nenhum grupo de amigos chegados, nem aquelas que Jodie lhe descrevia, pois nunca tivera a sua própria família. Sabia que todos aqueles anos de isolamento tinham alterado o seu comportamento, até se tornar diferente dos outros, mas ela não tinha culpa de ter ficado sozinha. Grande parte do que sabia aprendera-o com a vida selvagem. A natureza ensinara-a, nutrira-a e protegera-a, quando mais ninguém o fizera. Se em consequência disso se comportava de forma diferente, é porque essa era também uma das funções essenciais da vida.

A devoção de Tate acabou por convencê-la de que o amor humano ia além das bizarras competições de acasalamento das criaturas do pantanal, mas a vida ensinou-lhe também que os genes ancestrais da agressividade e da sobrevivência continuam presentes nas sinuosas cadeias do ADN.

Para Kya, ser parte dessa sequência natural, tão certa e sistemática como as marés, era o bastante. Estava ligada à Terra e à sua vida natural, como muito pouca gente está, e firmara raízes sólidas na Terra do ventre da qual nascera.

Aos sessenta e quatro anos o cabelo negro de Kya tornara-se mais branco do que a areia. Uma tarde, não regressou de uma viagem de recolha de amostras e Tate andou pelo pantanal à procura dela. Ao cair da noite, percorreu uma curva e viu-a no seu barco, a flutuar ao sabor da corrente, numa lagoa rodeada de gigantescos plátanos. Estava caída para trás, com a cabeça encostada à velha mochila. Chamou por ela brandamente, mas ela não se mexeu. Chamou-a mais alto e, finalmente gritou por ela. Parou o barco junto do dela, e saltou desajeitadamente para a popa. Alcançou-a com os seus braços compridos, agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a delicadamente. A cabeça dela tombou para o lado. Os seus olhos não viam.

– Kya, Kya, não. Não! – gritou ele.

Era ainda jovem, ainda muito bonita, e o seu coração parara tranquilamente. Vivera o suficiente para assistir ao retorno das águias carecas. Para Kya, isso era o bastante. Aninhou-a nos seus braços, embalou-a e chorou. Depois, embrulhou-a num cobertor e percorreu o labirinto de riachos e estuários, rebocando-a até à lagoa no seu velho barco, passando com ela, pela última vez, junto de garças e veados.

E se acaso ouvir os passos da morte

Esconderei a donzela no tronco de um cipreste.

Foi-lhe concedida uma autorização especial para que ela fosse enterrada nas suas terras, debaixo de um carvalho, com vista para o mar, e toda a cidade veio ao seu funeral. Kya não teria acreditado nas longas filas de enlutados, em marcha lenta. É claro que Jodie apareceu com a família, tal como os primos de Tate. Havia alguns curiosos, mas a maioria das pessoas compareceram por respeito e admiração, pela forma como ela sobreviviera tantos anos sozinha na floresta. Alguns recordavam-se da rapariguinha com um velho casaco maior do que ela, que ia de barco até à doca e caminhava

descalça até ao minimercado para ir comprar aveia. Outros vieram ao seu túmulo porque os seus livros lhes tinham ensinado que o pantanal ligava a terra ao mar e que ambos precisavam um do outro.

Por esta altura já Tate percebera que a sua alcunha não era cruel, pois raras são as que chegam a lenda, e decidiu escrever no seu epitáfio:

Catherine Danielle Clark

«Kya»

A Miúda do Pantanal

1945-2009

Na noite do seu funeral, quando todos se foram, finalmente, embora. Tate entrou no laboratório caseiro de Kya. As amostras cuidadosamente rotuladas que reunira ao longo de mais de cinquenta anos, compunham a mais extensa e completa coleção do género. Ela pedira que a doassem ao laboratório Archbald, e um dia ele iria fazê-lo, mas separar-se dela agora era impensável.

Ao entrar na cabana – como ela sempre lhe chamara – Tate sentiu que as paredes exalavam o ar que ela respirava e pareceu-lhe ouvir tão claramente o murmúrio dos seus passos no soalho, que chamou por ela. Depois encostou-se à parede e chorou, apertando a velha mochila contra o peito.

Os funcionários do tribunal pediram-lhe que procurasse a certidão de nascimento e o testamento dela. Tate vasculhou no roupeiro do velho quarto dos fundos, que fora em tempos o quarto dos seus pais, e encontrou caixas com fragmentos da sua vida. Estavam praticamente escondidas ao fundo do armário, por baixo de uns cobertores. Puxou-as para o chão e sentou-se junto delas.

Abriu a caixa de charutos com todo o cuidado, a caixa onde ela dera início às suas coleções. A caixa cheirava ainda a tabaco adocicado e a criança. Entre algumas penas de aves, asas de insetos e sementes estava o pequeno frasco com as cinzas da carta da mãe dela, e um frasco de verniz rosa da *Revlon*. Pequenos despojos de uma vida, as pedras do seu riacho.

No fundo da caixa estava a escritura da propriedade que ela colocara em servidão de conservação, para que não pudesse ser explorada. Pelo menos aquela parte do pantanal seria sempre selvagem. Não encontrou nenhum testamento nem documentos pessoais, o que não o surpreendeu, pois ela não se preocupava com essas coisas. Tate tencionava viver o resto dos seus dias na casa dela, pois sabia que teria sido essa a sua vontade e que Jodie não se iria opor.

Ao fim do dia, quando o sol se escondia atrás da lagoa, fez papas de milho para as gaivotas e olhou distraidamente para o chão da cozinha. Só então reparou, que o chão não fora forrado com linóleo por baixo da pilha de lenha, nem por baixo do velho fogão. Kya costumava manter a pilha de lenha bem alta, mesmo durante o verão, mas agora havia pouca lenha e ele viu a extremidade de um recorte na tábua do soalho. Desviou os toros e viu a porta de um alçapão no contraplacado. Ajoelhou-se, abriu-o devagar e descobriu um compartimento fechado entre as vigas, que continha, entre outras coisas, uma velha caixa de cartão coberta de pó. Tirou a caixa para fora e viu que continha pilhas de envelopes castanhos e uma caixa mais pequena. Todos os envelopes estavam marcados com as iniciais A. H. e de dentro deles tirou páginas e página de poemas de Amanda Hamilton, a poetisa local que publicara alguns poemas simples em revistas da região. Tate achava os poemas de Hamilton bastante fracos, mas Kya guardara sempre os recortes dos poemas publicados, e ali estavam envelopes cheios deles. Algumas das páginas manuscritas eram de poemas completos, mas a maioria deles estavam inacabados, com algumas linhas cortadas e palavras rescritas nas margens, na

caligrafia da poetisa – *na caligrafia de Kya*.

Amanda Hamilton era Kya. A poetisa era Kya.

Tate franziu o rosto, incrédulo. Deve ter andado anos a guardar poemas na caixa de correio ferrugenta, para apreciação de publicações locais – bem protegida por um pseudônimo. Talvez fosse uma forma de comunicar, uma forma de expressar as suas emoções a alguém mais que não apenas as gaivotas, para dar um destino às suas palavras.

Olhou para alguns dos poemas, a maioria deles sobre a natureza ou sobre amor. Um deles estava muito bem dobrado dentro do seu próprio envelope. Tate tirou-o e leu-o:

O Pirilampo

*Atraí-lo foi tão fácil
Como seduzi-lo com mensagens de amor
Mas tal como os sinais da dama pirilampo
Estes escondiam uma chamada para a morte*

*Um toque final
Inacabado
Um último passo – a armadilha
E ei-lo a cair dali abaixo
De olhos ainda presos nos meus
Até a um outro mundo
Eu vi-os mudar:
Primeiro a pergunta
Depois a resposta
E, finalmente, o fim.*

*E o próprio amor a regressar
Ao que era antes de ser. A. H.*

Voltou a ler o poema, ainda ajoelhado no chão e apertou o papel contra o coração palpitante. Olhou pela janela para se assegurar que ninguém estava a aproximar-se. Não é que alguém lá fosse. Porque haveriam de lá ir? Mas para ter a certeza. Depois abriu a pequena caixa, sabendo o que lá ia encontrar. Lá dentro, cuidadosamente aninhado num pedaço de algodão, estava o colar com a concha, que Chase usara até à noite da sua morte.

Tate ficou sentado à mesa da cozinha durante bastante tempo, a interiorizar aquilo e a visualizar tudo: Kya a viajar de autocarro durante a noite, a apanhar uma corrente de retorno, antes de a lua nascer, a chamar Chase de mansinho, na escuridão, a empurrá-lo para trás. Depois a agachar-se na lama, na base da torre, a erguer-lhe a cabeça pesada e inerte, a arrancar-lhe o colar, e a cobrir meticulosamente o seu rasto.

Partiu alguns gravetos em pedaços e ateou o fogo dentro do velho fogão de lenha, queimando um por um, todos os envelopes com os poemas. Talvez não precisasse de os queimar todos – podia ter destruído apenas um – mas não estava a pensar com clareza. As velhas folhas amarelecidas incendiaram-se rapidamente produzindo chamas de quase meio metro e desfizeram-se em cinzas incandescentes. Retirou a tira de couro da concha, atirou-a para o fogo e voltou a colocar as tábuas do soalho no sítio.

Depois, pouco antes do anoitecer, foi à praia, e parou junto de uma cama de conchas partidas e pedaços de caranguejo. Olhou, por breves instantes, para a concha de Chase, na palma da sua mão, e atirou-a para a areia. Esta desapareceu no meio das outras, pois pareciam todas iguais. A maré estava a encher. Uma onda cobriu-lhe os pés, levando consigo centenas de conchas de regresso ao mar. Kya fora parte daquela terra e daquela água e agora ambas a levariam consigo, mantendo os seus segredos bem guardados.

E depois vieram as gaivotas. Assim que o viram, voaram em círculos sobre a sua cabeça. Chamando, chamando por ele.

Quando a noite caiu, Tate voltou a pé para a cabana, mas quando chegou à lagoa, parou debaixo das copas frondosas das árvores e viu centenas de pirilampos flamejarem até às profundezas mais remotas do pantanal.

Lá longe, onde o vento chora.